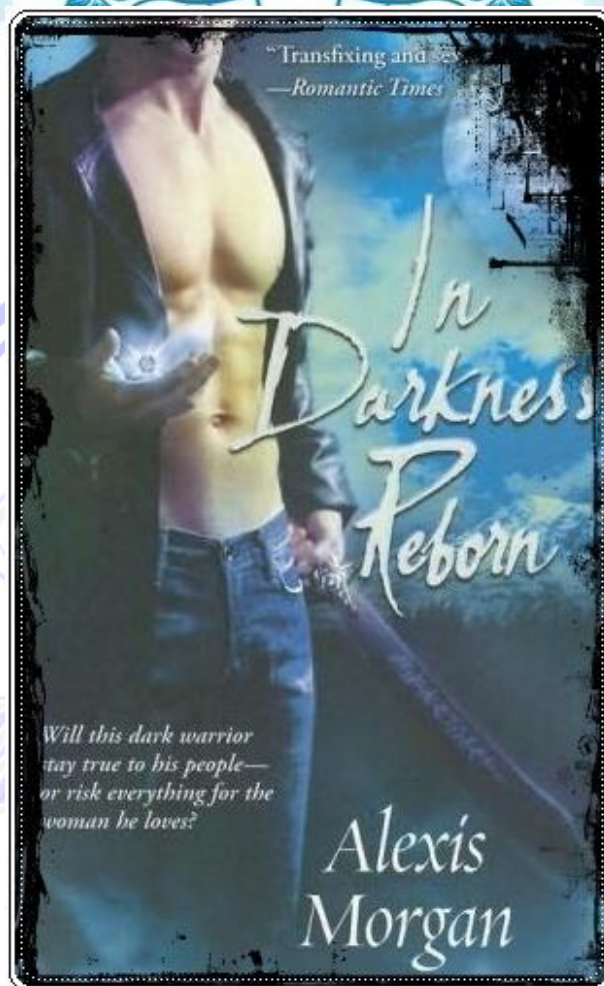


Renascido da Escuridão

Alexis Morgan

Paladinos 03



Barak Q'Young. Antigo guerreiro dos Outros está dividido entre dois mundos... Exilado de sua pátria, agora vive entre seus inimigos, os Paladinos. Enquanto dá caça a um traidor que está vendendo as preciosas pedras azuis que iluminam o mundo de Os Outros, Barak ajuda à geóloga Lacey Sebastian em sua investigação dos Paladinos. Barak se sente poderosamente atraído pela apaixonada e formosa mulher, apesar de que Lacey o despreza em princípio. Mas não demora em ver além de seu violento passado, encontrando ao escuro guerreiro fascinante... E extremamente sexy.

Embora nenhum dos dois pode resistir à paixão que arde entre eles, Barak se vê dividido entre lealdades, ocultando um dom que poderia resultar útil para a busca de Lacey, ante o sacrifício de sua própria gente. Mas quando Lacey é seqüestrada, Barak compreende que fará qualquer coisa para salvá-la... Inclusive arriscar sua própria vida.

Disp/ Tradução: Karyne Nobre
Revisão Inicial: Karyne Nobre
Revisão Final: Luciana Avanço
Formatação: Dyllan Lira



Nota da Revisora Karyne Nobre: Barak é do outro lado da barreira. Ajudou Laurel no primeiro livro e agora vive na Terra. Imagine viver cercado por seus inimigos, sendo odiado, sofrendo preconceitos... É assim a vida dele... Até conhecer Lacey Sebastian.

Lacey é irmã de um paladino e trabalha como geóloga para a instituição que os recruta. Conhece Barak - que representa tudo que sempre temeu e odiou - e começa a sentir uma atração por ele... Uma paixão proibida, envergonhada, escondida...

Esse livro traz uma história de amor, lutas, intrigas, preconceitos... Uma história que vale a pena ser lida e relida!

Nota da Revisora Lu Avanço: Sem dúvida na minha opinião, o melhor Paladino mocinho kkkk é meu diga de passagem Barak é tudo de bom , bom moço, bom amigo, leal , e bom amante e que amante que calor, a mocinha é forte e decidida e eu adorei ela os dois fazem um lindo par e mostram como vencer o preconceito pois um casal que tinha tudo pra não dar certo mostra que nada é maior que o Amor leiam e me digam se tenho razão.

*Revisoras
Independentes*

Capítulo 1

– Leve a esse maldito monstro longe daqui!

O Paladino ferido disse em voz alta, mas suas palavras estavam carregadas de veneno. Ignorando seus insultos, Barak segurou com calma uma bandeja de instrumentos esterilizados e a pôs a um lado da maca. Depois de ordenar o equipamento exatamente como gostava à doutora Young, passou junto ao Paladino e o olhou fixamente aos olhos. Seu orgulho de guerreiro lhe inchou o peito ao comprovar que não era ele quem piscava primeiro.

O Paladino estava consciente, um pouco mais de uma hora e se passou todo o tempo insultando ao Barak. Os Paladinos não eram uns pacientes fáceis, e ter a um de seus inimigos mortais perto fazia que ainda fossem menos. Barak odiava o suficiente aos Paladinos para desfrutar vendo seu inimigo acorrentado enquanto ele caminhava com liberdade. Inspirou fundo e saboreou o doce sabor que lhe produzia a raiva daquele homem.

Quando cruzou a este mundo, esperava morrer ao afiado final da espada de um Paladino. Mas isso não tinha acontecido e agora ele estava sozinho e confuso naquele lugar. Como não podia derrotar o seu inimigo em combate, ao menos o tiraria do gonzo com sua contínua presença entre eles.

A doutora Laurel Young estava concentrada nos monitores que controlavam o progresso do Paladino. A julgar pela ruga de seu sobrecenho, não se sentia muito satisfeita.

Consciente do que estava acontecendo Barak saiu do laboratório.

Os guardas estavam no escritório levantaram a vista ao ver o Barak, que teve que conter-se para não ferir o punho com a parede. Qualquer ação deste tipo seria informada ao doutor Neal, o chefe local de Investigação, quem, a sua vez, informaria aos Regentes. De momento toleravam a presença do Barak, mas só se ele não arranjasse muitos problemas. E, pelo bem de Laurel, ele se comportava adequadamente a maior parte do tempo.

Era por ela que tinha saído do laboratório. Carregado de raiva, decidiu desafogar-se no ginásio.

Apertou o botão do elevador, maravilhado por todos os confortos dos humanos. Às vezes, seu uso despreocupado com a energia scandalizava. Não tinham nem idéia de quão prósperos eram. Ou de quão esbanjadores eram.

As portas do elevador se abriram e dois guardas fizeram em seguida a um lado, como se queriam lhe deixar espaço para entrar. Embora o mais provável fosse que tentassem evitar qualquer possível contato com ele.

Barak esboçou um sorriso forçado em reconhecimento a sua falsa cortesia. Enquanto o elevador os transportava, cercados de um incômodo silêncio, Barak perguntou se não estaria equivocado ao pensar que todo mundo tinha uma dupla intenção. Possivelmente aqueles homens tinham problemas próprios e não tinham pretendido fazer um desprezo. Entretanto, até que compreendesse melhor aos humanos e como funcionavam suas mentes, só podia confiar em seus instintos, e era mais seguro supor que os Paladinos eram inimigos não arriscaria ser apunhalado pelas costas por um falso amigo.

Segundos mais tarde abandonou os estreitos limites do elevador. Deteve-se frente ao vestiário aguçou seus sentidos para verificar se havia alguém no interior. Os deuses estavam do seu lado: o vestiário estava vazio. Uma vez dentro, Barak se despiu e vestiu as calças esportivas que guardava no armário que tinham atribuído. Depois de amarrar o cabelo, que lhe chegava até os ombros, entrou no ginásio.

Fechou os olhos e procurou em seu interior o silêncio que lhe permitiria liberar-se das frustrações do dia. Começou a mover-se com lentidão e se perdeu no há'kai, a dança da morte de sua gente. Graças ao ritmo familiar daqueles movimentos, quase conseguiu imaginar-se que estava de volta em casa. A origem da dança se perdia na antigüidade, mas os que aprendiam seus movimentos graciosos e letais mantinham viva sua prática no mundo dos Outros. Mas ali, naquela terra de luz excessiva, o há'kai era uma arte desconhecida. Havia tanta confusão em sua nova vida que ter aquela pequena parte de seu mundo lhe proporcionava certo consolo. Mas sua tranqüilidade durou pouco, pois quatro Paladinos entraram no ginásio com gestos arrogantes. Deixaram as capas de suas armas no chão, e seguravam suas espadas.

O que estava mais perto do Barak grunhiu:

– Demônio não sabia que deixassem perambular esse bastardo de cabelo cinza! Né, Roy, acreditei que em Seattle as leis eram mais estritas!

O Paladino mais corpulento soltou uma gargalhada escandalosa e declarou:

– Deveríamos chamar o canil para que o levem como a um cão raivoso.

Barak realizou um último giro e um movimento de ataque antes de reagir à presença dos intrusos. Agarrou uma toalha, secou-se a cara e sorriu ante a perspectiva de ensinar a mostrar respeito pelos que eram como ele.

– É melhor ter como companhia um cão que a uns covardes de duas patas. Ou acaso consideram que quatro contra um é honorável? – declarou Barak, com ironia.

A resposta dos Paladinos não se fez esperar. O mais corpulento deu um passo em direção ao Barak.

– Escuta, seu filho da puta, eu não iria por aí chamando covardes os Paladinos. A única razão de que siga com vida é que a boba da doutora Young sentiu pena de você e te permitiu esconder debaixo de suas saias.

Aquilo foi à gota que encheu o copo. Referir-se de forma desrespeitosa à doutora Young era transpassar a linha. Mas, agora,

Faria pagar sua ousadia com dor e sangue. E se seus insultos chegavam aos ouvidos do Devlin Bane, teriam sorte se quão único perdiam era uma vida cada um.

Barak cruzou a sala com calma até a prateleira onde guardavam as espadas para realizar treinamento. Depois de afastar muitas espadas, decidiu-se pela que mais recordava à sua, que tinha perdido ao chegar a este mundo.

O Paladino mais corpulento se adiantou uns passos a seus companheiros. Sem dúvida planejava ser o primeiro em enfrentar-se ao Barak.

Barak brandiu um par de vezes a espada no ar antes de tocar sua frente com a lâmina para indicar que estava preparado para a luta. A julgar pela postura de seu oponente, o jovem louco confiava mais em seu tamanho que em sua habilidade para ganhar. Isso podia lhe funcionar em um enfrentamento com os punhos, mas logo compreenderia quão equivocado estava neste caso.

Barak estendeu a espada em posição de ataque e, com a outra mão, animou a seu oponente a aproximar-se dele.

– Dançamos Paladinos? É hábil com a espada ou só a utiliza como enfeite?

O rosto do Roy se acendeu de raiva.

– Estarei preparado quando você o estiver.

Os outros Paladinos se alinharam junto à parede e disseram exclamações de ânimo a seu amigo.

– Muito bem, Roy! Ensine a respeitar os seus superiores!

Tal como esperava Barak, o jovem Paladino arremeteu contra ele brandindo sua espada com força, mas desgracioso. Se tivesse acertado o golpe, teria acertado a cabeça de Barak, mas Roy passou a seu lado dando tropeções enquanto tentava não perder o equilíbrio. Barak não demorou

em encurralá-lo contra a parede, com a ponta da espada pega a sua garganta. O brilho de medo que apareceu nos olhos do Paladino proporcionou um sabor doce.

— O que dizia a respeito de me ensinar a respeitar os meus superiores? — Barak aproximou mais ao Roy — Estou escutando.

Como o outro não respondia, Barak se permitiu dar saída para sua irritação realizando um corte superficial, embora doloroso, na bochecha do Paladino. Barak se manteve firme em sua posição, ignorando o sangue que escorregava pela bochecha do Roy, e lhe ofereceu a oportunidade de reagir.

Mas o Paladino permaneceu quieto. Barak se inclinou para ele para que visse toda sua fúria, esboçou uma careta e mostrou os dentes.

— Se voltar a ouvir uma só palavra desrespeitosa em relação a doutora Young dará-me o prazer de te cortar em minúsculos pedacinhos. Depois enviarei ao Devlin Bane e Blake Trahern e deixarei terminar o trabalho. Ficou claro?

Roy assentiu lentamente com a cabeça. Os dois Paladinos mais temidos de Seattle, Devlin e seu amigo Trahern, eram autênticas lendas. Possivelmente Roy e seus amigos ainda não se inteiraram de que a doutora Young e Bane era casal, mas não correspondia a ele informá-los. Era suficiente com que defendesse sua honra.

— Saiam daqui! — Sem acrescentar palavra, Barak deu as costas aos Paladinos, indicando que não os considerava uma ameaça real. — E a próxima vez que cruzem comigo, sugiro-lhes que passe por outro caminho. Ou, melhor ainda, que se ponham a correr.

Outra voz interveio na conversação:

— Há algum problema?

— Nada que não possa resolver sozinho. — Barak se afastou do Roy e agarrou uma toalha para limpar a ponta de sua espada. — Só estava ensinando ao jovem Roy, aqui presente, que o tamanho nem sempre determina quem será o ganhador.

A corpulência do Devlin Bane fazia que Roy parecesse um pouco menor.

— De verdade? Eu nunca considerei que o tamanho seja um inconveniente. — Devlin se dirigiu despreocupadamente até a estante das espadas e agarrou uma ao azar. A seguir examinou ao Roy avaliado seu valor. — Vejamos, nós somos dois e vocês, quatro. O que me diz Barak, a proporção te parece justa?

Barak refletiu a respeito da questão.

— Possivelmente, se prometemos usar só a mão esquerda...

Devlin esboçou um sorriso ameaçador enquanto empunhava a espada com a mão esquerda.

— Eu gosto da idéia.

Barak fez o mesmo e se colocou junto a seu inimigo mortal.

— Acredito que não deveríamos feri-los com gravidade-disse.

— Não tenho vontade de limpar o chão de sangue.

— De acordo. — Devlin se voltou para os companheiros de Roy, quem parecia estar a ponto de sair correndo pela porta. — Vamos cavalheiros, agarrem suas armas. Tenho o tempo justo de ensinar como brigar no mundo real.

Barak observou como seus exaustos oponentes saíam dando tropeções do ginásio, contentes de escapar com apenas o orgulho ferido. Bane não tinha perguntado qual era a causa da confrontação inicial. Provavelmente tinha deduzido que a só presença do Barak seria suficiente para despertar a necessidade congênita de luta dos Paladinos. Barak, por sua parte, não lhe deu nenhuma explicação que desmentisse esta hipótese.

— Estava-me procurando? — perguntou o corpulento Paladino, com voz neutra e os olhos

fixos em sua espada.

— Laurel me disse que era provável que estivesse aqui.

Bane voltou a colocar a espada na estante com mais força da necessária. Resultava evidente que seguia alterado depois da briga e que tinha os nervos a flor de pele.

— Não deveria te mandar para me vigiar-repôs Barak. «Embora isso seja típico dela», acrescentou.

— preocupa-se com você.

— E você odeia que o faça.

Como médico e tutora, Laurel Young demonstrava um profundo interesse pessoal por todos seus pacientes, embora um deles exceto o inimigo eterno de seu casal.

Devlin Bane encolheu de ombros.

— Como eu me sinto não tem importância.

Barak compreendia a evidente frustração que experimentava o Paladino. Os que eram como ele e os Paladinos tinham nascido para odiar-se mutuamente. Por desgraça, Laurel Young não aceitava a forma normal de ser das coisas. Como tanto Barak como Devlin se preocupavam com ela, ambos se viam obrigados a deixar seu ódio de lado e encontrar um terreno comum, e as práticas no ginásio cumpriam esta necessidade. Se não podiam matar-se na vida real, ao menos podiam desafogar-se simulando que o faziam.

— Quer praticar um pouco mais? — perguntou Barak. A pequena ação com os jovens Paladinos tinha despertado suas ânsias de violência, e ter uns golpes com o Bane o ajudaria a aplacar parte de seu mau humor.

Devlin agarrou várias espadas da estante calibrando seu peso com a mão.

— Facas ou espadas?

— Espadas.

E começou o baile.

No passado, Barak e Devlin Bane tinham sido inimigos mortais e jurado matar-se, sem hesitações, na guerra que vinha livrando-se desde tempos imemoriais. O jovem, Barak jurou, junto ao resto dos Outros de sua geração, seguir mantendo aquele ódio pelos Paladinos. Durante os anos seguintes, o número dos Outros diminuiu. A muitos os levou a morte, mas muitos mais foram vítimas da loucura.

Quando Barak quis encontrar respostas a toda aquela demência, aquele único encontrou foram portas fechadas e acusações de covardia. Ele argüiu, apaixonada e longamente, que não lhe importava morrer, que só queria conhecer a causa do que estava ocorrendo. Ao final deixou de perguntar... Deixou de brigar... Deixou tudo.

Como muitos de seu mundo, quis acabar com sua dor encontrando uma morte honorável ao final da espada de um Paladino. Mas, em lugar disso, encontrou e salvou a uma mulher humana que estava sendo atacada por um dos de sua espécie, um homem que fedia a cobiça e covardia. Laurel Young se ofereceu para curar ao Barak e também lhe ofereceu sua amizade. Para surpresa do Barak, inclusive o mais forte dos Paladinos tinha aceitado ceder ao desejo de Laurel de perdoar a vida ao Barak.

Mas isso não significava que aos Paladinos gostasse da idéia.

Devlin arremeteu com ímpeto contra o Outro e sua espada passou incomodamente perto da garganta do Barak, quem retrocedeu uns passos e sorriu a seu oponente.

— Isto é o melhor que sabe fazer? — perguntou.

— Vai ao inferno!

Bane voltou a carregar contra seu oponente e, nessa ocasião, o propenso ao Barak um golpe nas costas que, sem dúvida, deixaria-lhe rastro.

A dor do Barak se desvaneceu em seguida quando, utilizando um de seus movimentos de

há'kai favoritos, enviou ao Bane ao chão. O ruído surdo da queda foi seguido por palavras de maldições que Devlin soltou quando conseguiu tomar o ar suficiente para falar. Barak lhe ofereceu a mão para ajudá-lo a levantar-se, mas Devlin a afastou com rudeza, e Barak retrocedeu para dar ao Paladino a oportunidade de reincorporar-se à batalha.

— Tenho que deixá-lo . — disse Devlin.

— por que, se estou ganhando?

Nessa ocasião foi Barak quem caiu ao chão. Inclusive a lâmina de uma espada se via afiada quando alguém a sustentava junto a sua garganta.

— Não me refiro à briga-prosseguiu Devlin. — Tem que deixar o trabalho com Laurel.

Bane retrocedeu uns passos enquanto Barak se limpava com o dorso da mão um fio de sangue que emanava de sua boca. Não estava de humor para receber ordens de um Paladino, nem sequer de um que se havia interposto entre ele e uma morte segura. Lentamente ficou em pé e voltou a adotar a posição de luta.

— Não penso deixá-lo só porque não queira que esteja perto de sua mulher.

Barak respaldou sua afirmação com uma série de embates aos que Bane respondeu com um ímpeto de ataque renovado.

— Nunca gostei que estivesse perto dela, estúpido bastardo — disse o Paladino — Não é isso o que alterou.

— Então, o que é?

Um náuseas desagradáveis se instalaram no mais profundo do Barak. Se os Paladinos jovens murmuravam a respeito de Laurel, possivelmente o resto da organização também o fazia.

Barak retrocedeu uns passos e deixou cair à ponta da espada para o chão em sinal de rendição. Ao menos Bane respirava com tanta dificuldade como ele. Em uma luta contra o melhor, um empate não era algo do que alguém devesse envergonhar-se.

— Ela sabe que outros estão murmurando de nós? — perguntou Barak.

Esperava que não, pois sabia que ela se sentiria obrigada a sair em sua defesa. Que ela o defendesse enquanto estava ferido e sangrando era uma coisa, não necessitava que ela liberasse suas batalhas por ele.

— É provável que o suspeite, mas de momento ninguém teve coragem de dizer nada à cara. — repôs Devlin.

Os dois sabiam que Bane mataria a qualquer que se atrevesse a ferir Laurel e que Barak o ajudaria.

— Deixarei seu departamento imediatamente. — Caminhou para a estante, Barak teve a sensação de que sua espada pesava o dobro. — Não demorarei muito em empacotar minhas coisas.

Barak se encaminhou ao vestuário, mas Bane o agarrou por braço. Barak se desfez da mão do Bane de uma sacudida, embora detivesse para escutar o que tinha que lhe dizer.

— Ela me obrigaria a te arrastar de volta, por muito que resistisse - disse Devlin.

— te explique. Primeiro me diz que tenho que ir e agora que tenho que ficar.

A menos que se equivocasse, Barak acreditou perceber certa simpatia no olhar do Bane.

— Estou elaborando um plano. Laurel só te deixaria partir se acreditasse que seria mais feliz indo.

Isso era pouco provável, pois Laurel era a única amiga verdadeira que Barak tinha; mas por ela estaria disposto a fingir. Barak assentiu com lentidão.

— Me conte seu plano.

— Volta a me explicar como ocorreu esta idéia.

A doutora Laurel Young pôs os braços cruzados e lançou um olhar irado aos dois homens. Barak experimentou certo alívio ao perceber que a maior parte de sua ira ia dirigida ao Devlin e não a ele. Resultava lógico que Laurel questionasse os motivos do Devlin para encontrar um novo trabalho para o Barak dentro da organização dos Regentes. Por isso ela sabia, Barak se sentia feliz trabalhando a seu lado no laboratório. Mas, de repente, e sem prévio aviso, Devlin, quem não se podia dizer que fora um grande fã do Barak, afirmava que o que mais desejava Barak no mundo era trabalhar no departamento de Geologia.

Ao ver que Devlin não fazia mais que repetir-se, Laurel se voltou para o Barak:

– Nunca me tinha comentado nada sobre isto.

O Outro fixou o olhar em Laurel e fez o que pôde por parecer sincero e inocente.

– Não acreditava que fosse possível, mas enquanto estávamos em St. Louis ajudando ao Trahern, Devlin se inteirou de que o estudo das pedras era um de meus interesses principais. Não quis dizer nada até saber com certeza que podiam me transferir ao departamento de Geologia.

Bane não sabia que o estudo das pedras interessasse realmente ao Barak, mas pensava guardar esse segredo até a tumba.

– Se estiver seguro... – disse Laurel. A rapidez com a que aceitava o traslado confirmou ao Barak o difícil que se converteu para ela o ter no laboratório. Sentiu desejos de sacudi-la por não haver contado, mas isso arruinaria o plano que ele e Devlin tinham elaborado com tanto cuidado.

– Estou seguro, Laurel. – Barak se aproximou da doutora para lhe agarrar a mão sem fazer caso da sensação de desgosto que percebeu no Devlin. – Preciso me sentir útil. Você me deste tempo para aprender como funciona este mundo, mas minha utilidade no laboratório é limitada. Chegou a hora de que explore meu próprio caminho e assim é como posso ser mais útil.

Laurel entreabriu os olhos. Depois de lançar um largo olhar a seu apaixonado, como se quera advertir o de que não dissesse nada, jogou para lhe dar um abraço. Barak sabia que não devia prolongar o abraço, mas tinha passado tanto tempo desde que alguém tinha querido abraçá-lo...

Entretanto, em lugar de pôr à prova a paciência do Bane, Barak rompeu o abraço e pôs certa distância entre Laurel e ele. Quando percebeu a pequena lágrima que escorregava pela bochecha da doutora, permitiu-se o privilégio de secá-la com a gema de seu polegar.

– Não há lugar para as lágrimas, Laurel – disse – Não se pode dizer que vá muito longe. O departamento de Geologia está no subsolo de Seattle, perto do escritório do Devlin.

Devlin voltou a intervir na conversação.

– Sim, e me deixe te dizer, Laurel, que todos estamos encantados ao saber que Barak estará tão perto de nós. Trahern está organizando uma reunião para tomar o chá em honra do Barak, e Brenna lhe está ensinando a beber em taças com o dedo mindinho estirado.

A imagem do frio Trahern servindo chá e bolinho fez com que Laurel sorrisse, o que, sem dúvida, era a intenção do Devlin. Nem ele nem Barak suportavam vê-la triste.

– Bom, ao menos estará em boa companhia. – Nessa ocasião, o sorriso de Laurel foi mais puro. – E já sabe que sempre será bem-vindo, se alguma vez decidir a voltar comigo.

Pelo Bane não seria bem vindo ao laboratório, pensou Barak, mas guardou esta idéia para si mesmo.

– E uma merda vai vir aqui!

Penn Sebastian deu um empurrão ao carro da compra enviando-o até a parede de tijolos. A nova raura apenas se notou, mas Lacey se perguntou quantos golpes mais agüentaria o carro antes que seu irmão tivesse que arrumar um novo.

– Nem sequer me perguntaram a opinião, Penn – Lhe disse.

Ter um gênio vivo era algo habitual nos Paladinos, mas o do Penn tinha piorado ultimamente. Desde que o feriram de gravidade na mão direita no transcurso de uma cruel batalha, tornou-se mais e mais volúvel.

Penn cruzou os braços sobre o peito e impediu que Lacey entrasse no Centro.

— E por que carregam esse Outro assassino?

Embora os dois compartilhassem a mesma opinião, ela era capaz de dominar seu próprio temperamento. Se ao Penn dava de brigar outra vez, os Regentes podiam prendê-lo ou, pior ainda, decidir que era muito instável para seguir atuando como Paladino; e os de sua espécie não se retiravam para desfrutar da aposentadoria.

Ou morriam em combate ou eram encadeados a uma maca de aço para ser executados.

— Evidentemente, não ia bem ao laboratório médico — explicou Lacey — Segundo Devlin Bane, o Outro sente um interesse especial pela geologia. Em troca de uns importantes incrementos nas subvenções, o chefe de meu departamento acessou a adotá-lo como assistente de laboratório em fase de prova.

Segundo ordens do chefe de Lacey, o Outro devia ser tratado como igual, mas ela não pensava contar-lhe ao Penn. A Lacey, esta idéia a punha absolutamente furiosa, assim não queria nem imaginar que reação provocaria em seu irmão.

— E isso o que significa? — inquiriu Penn. — Que por uns quantos dólares Bane conseguiu que Barak deixe de farejar ao redor de sua garota? Mas, em troca, essa escória estará pego a minha irmã.

Resultava evidente que, em curto prazo, Penn não ia tranquilizar se.

— trata-se de algo mais que uns quantos dólares — prosseguiu Lacey — Além disso, irá bem dispor de ajuda. Conduzir meu equipamento de um lado a outro não é tarefa fácil, sobre tudo quando tenho que subi-lo pelas ladeiras mais levantadas. — Esboçou um forçado sorriso de confiança. — Me certificarei de que saiba que tenho um Paladino mau e grande como irmão. Isso o fará comportar-se.

— Já não o tem. — Penn tentou, sem êxito, flexionar sua mão direita. — Não poderia sustentar uma espada o tempo suficiente para assustar a ninguém.

Os doutores tinham advertido ao Penn de que não havia garantia de que pudesse recuperar a total mobilidade de sua mão. Outro tinha estado a ponto de lhe cortar a mão por completo e o processo de reabilitação estava sendo lento e doloroso. Lacey não podia recordar a última vez que Penn tinha sido realmente feliz.

— Você não é um inútil, Penn. Se fosse, não teriam colocado você, a vigilância da entrada do Centro.

Isso era certo, mas sustentar uma pistola ou um fuzil não era o mesmo que lutar com uma espada. Enquanto não pudesse sustentar uma espada, não poderia proteger a barreira nos túneis que havia debaixo da cidade e em seus arredores. O desejo de servir perto da barreira ardia com intensidade no coração dos Paladinos, e Penn podia sentir as flutuações da cortina de energia de formosas cores que separava seu mundo da escura loucura do outro lado. Até que pudesse realizar o trabalho para o que tinha nascido, Penn se sentiria desgraçado.

— Bom, tenho que entrar se não chegarei tarde ao trabalho-adicionou Lacey.

Teria dado a seu irmão um rápido abraço, mas Penn tinha posto seu habitual disfarce de vagabundo. Aproximava-se muito a ele, parte da sujeira e o fedor que tanto esforço lhe custava conseguir ao Penn se pegariam a sua roupa.

Penn esboçou um sorriso zombador.

— O que? Não me dá um beijo de irmã antes que te deixe passar? Que tal um abraço?

Lacey pôs-se a rir, levantou as mãos e se separou do Penn.

— De maneira nenhuma, irmãozinho. A menos que esteja disposto a me pagar os gastos da

tinturaria.

– Está bem, deixarei-te passar – concedeu, ficando outra vez sério.

– Mas se esse tal Barak te causar algum problema, quero ser o primeiro em sabê-lo. Embora eu não possa conduzir uma espada, os de sua espécie não são imunes às balas. E estarei encantado de recordar-lhe isto.

– Obrigado...

Depois de teclar o código de segurança, Lacey entrou na penumbra do Centro. Apoiou-se na fria parede ladrilhada e esperou a que seu pulso se acalmasse. Já lhe resultava bastante difícil ter que dirigir suas próprias frustrações sem ter que agüentar, além disso, as do Penn.

Seu chefe lhe tinha advertido que não entrasse na reunião ressentidamente. Supunha-se que, de algum modo, teria que esconder seus sentimentos de seu chefe, do Devlin Bane e do mesmo Outro. Como podia fazê-lo quando odiava e desprezava todo o relacionado com os Outros e os estragos que causavam sempre que a barreira se apagava?

Ao menos, o doutor Louis a tinha advertido com antecipação. Tinha telefonado a sua casa a noite passada para lhe dar a notícia, pois sabia que, esperava até que chegasse ao trabalho, o mais provável era que se largasse imediatamente. Lacey tinha necessitado mais de uma hora para relaxar as mandíbulas. Como supunham que poderia trabalhar cotovelo com cotovelo com um dos monstros que não só tinham matado a seu irmão em duas ocasiões, mas também, virtualmente, também o tinha deixado aleijado?

Havia alguma quantidade de dinheiro que merecesse que ocasionaria ter a um monstro entre eles? Por que não, simplesmente, alguém lhe cravava uma espada ao Outro e terminava com o problema? Ela estaria encantada de lhe proporcionar a espada a esse alguém.

Lacey separou da parede e empreendeu o comprido caminho que conduzia a seu departamento, enquanto repassava mentalmente o equipamento que necessitavam e que a presença daquele tal Barak poderia facilitar. Embora o doutor Louis empregasse a maior parte do dinheiro em seus projetos preferidos, a pequena fração que lhe tinha prometido ao Lacey seria uma boa contribuição aos recursos dos que dispunha.

Quando esteve segura de poder comportar-se civilizadamente, tentou sem êxito telefonar a Laurel Young para falar do Barak com ela. Depois, enviou-lhe um correio eletrônico lhe perguntando se estaria disposta a responder a um par de perguntas enquanto comiam juntas um desses dias.

Até que Laurel obrigou ao Devlin Bane a perdoar a vida ao Barak, todo mundo a respeitava, mas naqueles momentos corriam muitos rumores a respeito da tutora. Possivelmente essa era a razão de que tivessem procurado um novo destino para o Outro. E, certamente, dentro da organização, o departamento de Geologia ocupava um lugar menos relevante que o departamento Médico.

Lacey comprovou a hora. Dava-se pressa, poderia registrar as últimas leituras do monte St. Helens antes de apresentar-se no escritório de seu chefe para a reunião oficial. Centrar-se no trabalho podia lhe proporcionar a calma que necessitava para passar o dia.

Por outro lado, possivelmente fizesse um favor a todos e matasse ao Outro ela mesma.

Capítulo 2

Barak observou ao Bane, quem passeava de um extremo a outro da residência, enquanto o doutor Louis, o chefe do departamento de Geologia, olhava alternativamente ao Barak e ao Paladino.

Qual dos dois inquietava mais ao velho professor? Devlin Bane, o mais temível dos Paladinos, ou Barak? Como o professor nunca tinha visto antes a alguém da espécie do Barak, o mais provável era que esperasse que o Outro babasse e emitisse sons animais. Se a existência do Barak não dependesse de seu contínuo bom comportamento, teria se permitido montar algum número para ver a reação daquele homem. Possivelmente Bane também o encontraria divertido.

Ou não. O Paladino fez o impossível para organizar aquela reunião e não receberia com agrado nada que pusesse em perigo seu êxito.

Ouviram-se uns passos no corredor e os três homens olharam para a porta para ver se os passos passavam reto ou se o misterioso quarto membro da reunião tinha chegado por fim. O trinco da porta começou a girar, e Barak se reclinou na cadeira tentando mostrar um desinteresse total.

A porta se abriu. Por que Bane não lhe tinha contado que seu novo colega de trabalho não era um professor velho e poeirento a não ser uma moça bonita? Uma mulher com o cabelo da cor do sol e uns enormes olhos azuis que denotavam uma brilhante inteligência e uma fúria logo que controlada? Barak sentiu nos ouvidos o martelar do rápido pulso de Lacey e percebeu que sua respiração era agitada; suas bochechas estavam acesas e se notava que estava fora de si.

Depois de uma leve hesitação, Barak ficou em pé e esperou a que alguém os apresentasse. Mas a mulher humana tomou a iniciativa e saudou o Devlin Bane e o seu chefe com um leve movimento de cabeça.

– Devlin... Doutor Louis...

Ao princípio, Barak acreditou que ia ignorá-lo, mas uma vez mais ela o surpreendeu, aproximando-se dele e estendeu também a mão. Barak estava familiarizado com o costume de dar a mão, mas até então nenhum ser humano a tinha oferecido a ele.

A mão quase lhe tremia, mas conseguiu encaixá-la com a dela com certa graça. Ela a apertou brevemente e declarou:

– Meu nome é Lacey Sebastian. Doutora Lacey Sebastian.

Sua ligeira ênfase no tratamento deixava claro quem estava à chefia. Barak a olhou aos olhos e apartou a vista antes que ela tomasse como uma provocação a sua autoridade. Não formava parte de sua natureza ser servil, mas preferia fazer as coisas fáceis e não buscar-se mais complicações.

– Meu nome é Barak. Barak Q'Young.

Quase sorriu quando viu que Devlin se estremecia para ouvir seu recém adquirido sobrenome. Laurel lhe tinha permitido utilizá-lo para preencher uns papéis oficiais. Esse era outro dos privilégios que recebia da mulher do Bane, e secretamente desfrutou da contrariedade que sentia o Paladino.

Lacey retirou sua mão e sorriu exageradamente a seu chefe.

– Começamos senhor? A montanha está retumbando outra vez e eu gostaria de voltar para os monitores. – Lhe disse.

– Sim, claro, doutora Sebastian. – O doutor Louis pinçou entre o montão de papéis que tinha diante, como se estivesse procurando algo importante. Ao final decidiu entrelaçar os dedos e apoiar as mãos em cima dos documentos – Todos sabemos que o senhor... Isto... Q'Young

aceitou trabalhar no departamento de Geologia. Aqui, no Centro.

Por sua expressão parecia como se tragou algo amargo. A mulher se sentia de um modo similar, só que era melhor escondendo seus sentimentos. Ali estava com o sangue fervendo justo por debaixo da superfície da pele.

Barak estudou o perfil da mulher e o que viu gostou. Em seu rosto havia força, e também inteligência. Mas foi sua energia o que chamou mais sua atenção. Ainda experimentava um comichão na mão por seu breve toque. Que intensa sensação experimentaria se a abraçasse ou beijasse seus lábios? Lacey Sebastian tinha uma reserva de paixão profunda que mantinha cuidadosamente escondida, igual aos vulcões que estudava escondia sua verdadeira natureza debaixo de capas de neve e gelo. Pela primeira vez, Barak sentiu verdadeiro interesse por seu novo trabalho.

– Qual será meu trabalho? – perguntou, sentando-se outra vez na cadeira.

O doutor Louis removeu de novo os papéis e, finalmente, respondeu:

– Trabalhará com a doutora Sebastian ajudando-a em seus estudos.

O sorriso da doutora Sebastian se crispou.

– Ainda estou trabalhando nos detalhes . – disse ao Barak

– Quando souber quais serão suas funções, o farei saber.

Barak não pressionou para obter uma resposta mais exata. Não se precisava ser um adivinho para saber que a doutora Sebastian necessitava mais tempo para adaptar-se à situação que acabavam de jogar em cima. Além disso, Barak não estava de humor para uma confrontação, sobre tudo com ela. A menos que esta implicasse despir-se e queimar sua raiva com sexo quente e apaixonado. Mas as possibilidades de que uma mulher humana queria deitar-se com ele, sobre tudo uma que soubesse quem e o que era, eram bastante escassas. Barak se revolveu levemente na cadeira para esconder sua resposta física à doutora.

– Então tudo está pronto e já posso ir, não? – perguntou Devlin, com a mão posta no trinco da porta.

Barak se levantou e ofereceu a Lacey sua saudação mais formal.

– me faça saber quando e onde devo me apresentar para começar a trabalhar, doutora Sebastian. Meu número está no expediente que Devlin preparou para você.

Barak saudou com frieza ao doutor Louis e saiu detrás do Devlin ao corredor.

Quando se tinham afastado o suficiente, Devlin diminuiu o passo.

– Olhe, Barak . – Lhe disse – sei que para você isto é ruim, mas é o melhor. Nos dois sabemos.

– Estou de acordo.

Bane olhou ao Barak como se tivesse esperado mais oposição por sua parte, mas ao parecer não estava de humor para brigas. Trabalhar no departamento de Geologia sem dúvida entranhava um considerável risco para ele, mas nesses momentos Barak pensou que valeria a pena. Conforme passassem os dias, isso poderia mudar, mas ao menos no momento estaria trabalhando com uma das poucas mulheres humanas que, aparentemente, não tinha medo de tocá-lo, embora no fundo o odiasse.

Pela primeira vez em dias, Barak sentiu desejos de sorrir. Possivelmente fora oportuno celebrá-lo de algum jeito.

– Não sei você, Devlin, mas eu tenho sede – disse ao Paladino. – O que te parece se formos a algum lugar e, como você diria, tomamos umas birras?

Devlin não hesitou.

– Feito!

Encerrar-se no escritório não a tranquilizou. E uma taça de chá quente tampouco ajudou. Ao final, Lacey tirou o chocolate. Meia dúzia de barrinhas de chocolate, os nós do estômago e a pressão que sentia nas órbitas dos olhos começaram a relaxar-se. Reclinou-se na cadeira de seu escritório, fechou as pálpebras e saboreou as duas barrinhas que ficavam.

Prometeu-se que dedicaria dez minutos extra a caminhar na esteira mecânica por seus pecados, mas não se arrependia absolutamente. Tinha problemas muito mais importantes pelos que preocupar-se que umas quantas calorias a mais. Como pensar no que ia fazer com um Outro pego a seus calcanhares durante todo o horário de trabalho. Tinha crescido ouvindo os relatos do Penn sobre seus enfrentamentos com os monstros do mundo que existia ao outro lado da barreira, e se sentia traída a certo nível instintivo no que a confiança dificilmente voltaria a estabelecer-se.

Ninguém lhe tinha contado que o aspecto dos Outros fora tão similar ao dos humanos e que algum deles pudesse ser tão bonito. Não recordava com exatidão o que era o que esperava quando entrou na sala de reuniões, mas certamente o que não esperava era ver o Barak Q'Young.

Seus olhos cinza prata não mostravam o menor sinal de loucura, só uma inteligência serena que parecia analisar tudo. Se seu sentido da honra não a obrigasse a odiar a aquele homem e a todos os de sua raça, inclusive poderia havê-lo considerado atrativo, apesar da palidez de sua pele.

Resultava difícil adivinhar sua idade, pois seu cabelo moreno estava salpicado de mechas prateadas. Trinta? Quarenta? Possivelmente os de sua espécie envelheciam muito devagar, como os Paladinos. Mas tudo isso não importava. Não tinha nenhuma razão para pensar tanto no Barak, ajudar para decidir as tarefas para as que seriam mais indicados.

Tirar o lixo? Esfregar o chão? Limpar os banheiros?

Sentiu certo prazer perverso ao pensar nessas possibilidades, mas sabia que seu chefe não lhe permitiria fazer semelhante tolice. Se for verdade que o Outro sabia um pouco de geologia, ela se aproveitaria de seus conhecimentos tanto como pudesse. Jogo de dados os limitados recursos com os que contavam o departamento, não podia permitir-se atuar de outra forma. Já era bastante difícil conseguir que o professor Louis financiasse suas investigações, pois ele não acreditava que ela conseguisse chegar a adivinhar as erupções dos vulcões ou os terremotos. A única razão de que, até certo ponto, apoiasse-a era que seu irmão era um Paladino. Esta relação tinha um peso considerável dentro da organização dos Regentes.

A porta exterior do laboratório se abriu e voltou a fechar-se de uma portada. Endireitando-se em sua cadeira, Lacey se limpou a boca com um guardanapo para ocultar as provas que demonstravam que se permitiu celebrar uma farra autocompasiva de proporções descomunais. O suave rangido do calçado esportivo sobre o chão de cimento lhe permitiu seguir a aproximação de seu visitante e Lacey sorriu com antecipação. Não demorou em ouvir um golpe na porta.

— Olá, Ruthie, entra!

Ruth Prizzi, a secretária do departamento a madrastra extra-oficial de todos, entrou no escritório como o torvelinho que era. Ninguém sabia com exatidão que idade tinha, mas nenhum membro do departamento podia seguir seu ritmo.

Apoiando-se na cadeira mais próxima ao escritório de Lacey, perguntou:

— Então, conheceste-o?

Não tinha sentido andar-se com evasivas. Alguns dos mais duros policiais podiam aprender um par de coisas de Ruthie sobre procedimentos de interrogatório.

— Sim, apresentaram-no. — respondeu a doutora.

Ruthie franziu o sobrecenho por cima dos óculos.

— Detalhes, querida, quero os detalhes.

Quanto podia contar Lacey a sua amiga sem tirar à luz a confusão que ainda lhe encolhia o estômago? Mas era preferível arriscar-se a revelar muito a que Ruthie percebesse que tentava lhe

ocultar algo.

– Chama-se Barak Q'Young – explicou – Ao ir se despediu de mim com uma inclinação de cabeça, embora não se mostrou tão respeitoso com o doutor Louis.

– Menino preparado. Nos duas sabemos quem é o cérebro do departamento.

– Ruthie! Não diga essas coisas. O doutor Louis é uma autoridade em seu campo.

Isso era certo, mas ele só tinha em conta o que podia medir-se e quantificar. O processamento dos dados constituía uma parte importante de qualquer estudo científico, mas Lacey não recordava a última vez que o doutor tinha feito trabalho de campo. A Terra era um ser vivo que se movia e trocava continuamente. Em sua opinião, se esperavam descobrir algum dia uma forma de prever os terremotos e a atividade vulcânica, tinha que sujar as mãos de vez em quando.

– Não me importa quão bom seja – repôs Ruthie – nos duas sabemos que não está preparado para dirigir problemas desta magnitude. Se o estivesse, não te teria ligado a esse... Outro a você.

– Eu sou o membro mais jovem da equipe.

Ruth agitou um dedo artrítico para Lacey e acrescentou:

– Muito bem, discutiremos a respeito disso mais tarde. Agora mesmo quero saber que aspecto tem esse tal Barak para poder reconhecê-lo quando o vir. Não queria pôr em evidência ao departamento submetendo a nosso novo empregado a uma revista por parte dos guardas.

Lacey não pôde evitar tornar-se a rir.

– É tão má, Ruthie...!

– Só tento realizar meu trabalho, doutora Sebastian.

O brilho de seus olhos azuis contradizia a seriedade de suas palavras.

– Certamente, não quereríamos nos arriscar a que se produzisse um incidente – admitiu Lacey.

Tranqüilizou-se um pouco e Ruthie tomou assento disposta a escutar. Lacey sabia que tinha atrasado sua explicação o máximo possível. Quanto mais evitasse as perguntas de Ruthie, mais levantaria as suspeitas daquela mulher perspicaz.

– É alto, um metro noventa mais ou menos . – prosseguiu.

– Musculoso sem chegar a ser corpulento. Já sabe mais como Cullen Finley que como Devlin Bane. Seus olhos são de um curioso prateado com um aro negro ao redor da íris. Tem o cabelo comprido. Sua cor é peculiar, negro com mechas prateadas. Resulta estranho em um homem que, em minha opinião, deve ter uns trinta anos.

– Só me está dando dados, Lacey, mas nenhum contexto. É atrativo ou não?

– Não dei atenção a isso.

Fixou-se perfeitamente, mas ainda não tinha assimilado a forte reação que lhe tinha produzido o contato de sua mão. Aquele simples e formal apertão de mãos a tinha açoitado da breve reunião que tinham mantido.

Por sorte, o celular da Ruthie escolheu aquele momento para tocar. Depois de cortar a comunicação, a mulher de meia idade ficou em pé.

– Sua majestade me chama. Provavelmente perdeu um clipe ou algo de similar importância.

– Lançou ao Lacey um olhar penetrante. – Este bate-papo não terminou.

– Sim, senhora! – exclamou Lacey, parodiando uma saudação ao estilo militar.

– Não te faça a graciosa comigo. Não se quer voltar a receber sua subvenção.

Quando Ruthie saiu do escritório, Lacey fechou as pálpebras e escutou o chiado, cada vez mais longínquo, de seu calçado. Depois, a porta exterior voltou a fechar-se e Lacey desprendeu o telefone. Estava decidida a atuar de uma posição de poder tanto como o fora possível. Esperar a

que Barak não pudesse agüentar mais e telefonasse seria tanto um sinal de debilidade como um ato patético.

Marcou o número que Barak tinha deixado e cruzou os dedos. Com um pouco de sorte, ouviria sua secretária eletrônica, com o que poderia lhe deixar uma direta mensagem. Entretanto, depois de só duas chamadas, Barak respondeu.

— Barak Q'Young à falar.

Sua voz acariciou levemente as terminações nervosas da Lacey enviando um estremecimento a seu coração. Aquela inquietante sensação lhe deixou a boca tão seca como o algodão, com o que se produziu um longo silêncio enquanto Lacey procurava, com estupidez, uma garrafa de água.

— Doutora Sebastian, encontra-se bem? — acrescentou Barak.

Lacey se obrigou a tragar um sorvo de água a pesar do nó que tinha na garganta.

— Como soube que era eu? — perguntou.

— Ninguém mais me telefonaria. — Barak pronunciou estas palavras com uma plaina sinceridade.

— Ah... Compreendo. — Lacey se certificou de não mostrar nenhuma simpatia por ele. — Queria examinar suas tarefas com você. Quando pode começar?

— Se não for muito incomodo para você, doutora Sebastian, estou disponível agora mesmo. Mas se não vai bem, podemos deixar para mais tarde quando resultar conveniente.

— Que tal dentro de uma hora? Assim terei tempo de terminar uns assuntos.

Como determinar que tarefas confiar a um inimigo. Depois de tudo, ninguém sabia com exatidão o que tinha pensado fazer depois de cruzar a barreira.

— Esta certo-repôs Barak. — Doutora Sebastian?

— Sim?

— Obrigado por não recusar a oferta de minha ajuda.

Era melhor começar desde o começo com a pura verdade.

— Não tive opção. — respondeu a doutora.

O suspiro do Barak chegou até ela alto e claro.

— Isso eu temia. Falarei com o Devlin Bane imediatamente.

Havia um ligeiro deixo de dor em sua voz?

Lacey se apressou a acrescentar:

— Não, não o faça. A verdade é que sua ajuda irá bem.

Nesta ocasião o silêncio se produziu ao outro extremo da linha.

— Está segura? Está segura de que minha ajuda irá bem? — perguntou Barak.

— Não posso jurar-lhe senhor Q'Young, mas asseguro que em meu departamento há mais trabalho do que uma pessoa só pode realizar.

— Então estarei ali dentro de uma hora. E, por favor, me chame Barak. Ainda não acostumei a meu novo sobrenome.

— Esperarei-o na entrada do beco e o acompanharei ao departamento.

Lacey cortou a comunicação antes de ceder à tentação de desistir da idéia.

Barak percorreu o perímetro do ginásio desejando com todas suas forças que os ponteiros do relógio avançassem com mais rapidez. Se não soubesse que era impossível, teria jurado que tinham permanecido inertes durante horas. Duas voltas mais e já poderia sair para o Centro. Possivelmente o tempo teria transcorrido mais depressa se tivesse apresentado no laboratório de Laurel e se ofereceu para ordenar seus fornecimentos, mas não queria que a doutora o visse naquele momento.

Ela era a única pessoa que o conhecia tanto como para perceber seu estado de ânimo.

Suspeitava-se que suas razões para deixar seu laboratório não eram estritamente pessoais e egoístas, por citar uma das expressões mais elegantes dos Paladinos.

Uma volta mais e já poderia percorrer a curta distância que o separava do Centro para encontrar-se com Lacey Sebastian. Enquanto a imagem da Lacey ocupava sua mente, seus passos se aceleraram. Gostava de como a cor de seu cabelo transmitia a calidez do sol e a forma em que seus brilhantes olhos azuis, surpreendidos, quando o viu pela primeira vez. Era como se, ao vê-lo, tivesse reagido como reagiam às mulheres ao ver um homem que consideravam atrativos, não como se tivesse visto alguém a quem considerasse seu inimigo. Possivelmente estava deduzindo mais do devido de sua reação, mas sempre havia lugar para a esperança. Com esforço, Barak reduziu a velocidade de seus passos, e quando voltou a passar junto à porta saiu do ginásio.

Como era habitual, os guardas ignoraram sua presença de forma deliberada enquanto abandonava o edifício. Barak colocou os óculos de sol, pois ainda não se adaptou a brilhante luz deste mundo. Gostava da sensação de calidez que o sol lhe produzia na pele, embora sempre estivesse com o protetor solar, pois não tinha nem idéia de que efeito poderia produzir uma exposição prolongada a aquela luz tão intensa.

O passeio cai bem. Passava tanto tempo só que desfrutou perdendo-se entre a multidão de habitantes e turistas que enchiam as calçadas daquela cidade.

Como reagiriam se soubessem a verdade a respeito dele? Com pânico? Com ódio? Ainda maravilhava saber que os Regentes e seus guerreiros, os Paladinos, tinham conseguido manter a existência de sua gente e seu mundo em segredo. Devlin tinha contado que, na antigüidade, tinha-lhes resultado mais fácil, mas que, conforme os avanços tecnológicos diminuía o mundo, resultava cada vez mais difícil. Mesmo assim, Devlin insistia em que a maioria das pessoas não acreditaria o que tinham diante dos olhos a menos que se vissem obrigados a aceitá-lo.

Ao Barak isso já ia bem. Não atraía absolutamente ser utilizado por alguma agência governamental para seus experimentos. Quão único queria era que lhe permitissem viver sua solitária vida em paz. Embora fora em solidão.

Ao voltar à última esquina antes de chegar ao Centro, diminuiu o passo. Durante a visita em companhia do Devlin aquela mesma manhã tinha conseguido não tropeçar com nenhum Paladino, mas nesta ocasião era pouco provável que conseguisse acessar ao edifício sem enfrentamentos. Preparou-se para o pior e entrou no beco que ocultava a entrada secreta ao labirinto subterrâneo que alojava o quartel geral de seu inimigo mortal.

Enquanto observava a zona em busca de possíveis ameaça, passou junto a um dos numerosos sem teto que vagavam pelas ruas de Seattle. O estalo inconfundível de uma pistola indicou que acabava de cometer um engano. Possivelmente, um fatal.

— Aonde que vai, merda alienígena? — O homem fedia a ódio e sujeira — Um passo em falso e é homem morto, coisa que já seria faz tempo se Bane tivesse pensado com o cérebro em lugar do pênis!

O homem enfatizou o ódio de sua voz cravando dolorosamente o canhão de sua pistola nas costas do Barak. Ao mesmo tempo, agarrou-o pelo pescoço da camisa com sua imunda mão.

Houve um tempo em que Barak tinha desejado a morte, inclusive à mãos de um daqueles Paladinos aos que odiava, mas isso tinha mudado. Barak se preparou para lutar, mas então ouviu uma voz familiar:

— Penn, solta-o agora mesmo!

— Não te misture, Lacey! — disse o falso vagabundo. — Ele estava farejando pelos arredores do Centro. Nem sequer Devlin Bane pode protegê-lo agora.

Lacey se aproximou deles e seu aroma feminino alagou os sentidos do Barak. Atacavar ao tal Penn nesse momento, ela podia resultar ferida.

— te afaste dele, Penn! — insistiu a mulher — E não me diga que tinha esquecido que Barak

devia trabalhar comigo no laboratório.

— Ninguém me disse que ia vir hoje.

Penn soltou o pescoço da camisa do Barak e o empurrou para diante.

Barak se voltou para ele e lhe devolveu o empurrão.

— Não informo meus movimentos aos que são como você, Paladino.

Apesar das capas de sujeira, era indisputável que aquele homem era um guerreiro. Penn se equilibrou sobre ele com a morte no olhar, e Barak adotou a postura de ataque, disposto a enfrentar-se às balas com os punhos nus se era necessário.

Mas Lacey Sebastian se interpôs entre eles. Acaso tinha perdido o julgamento? Barak a agarrou pelo braço para colocá-la detrás dele, mas então se deu conta de que seu adversário tratava de fazer o mesmo.

— Solta-a, Paladino! Ou é que os de sua espécie se escondem detrás de suas mulheres para lutar? — espetou-lhe. Agora era seu temperamento o que falava.

— Não necessito sua ajuda para te ensinar maneiras, escória! — replicou o Paladino.

Penn conseguiu rodear a Lacey enfiou um murro na mandíbula, jogando a cabeça para trás, mas Barak contra-atacou deu um soco no estômago de Penn.

— Basta!

Lacey os agarrou pela lapela da camisa e utilizou o impulso de ambos os homens para lançá-los ao chão. A seguir ficou de pé junto a eles e os olhou com indignação.

— Maldita seja, Penn, quer acabar na prisão outra vez? Devlin disse que à próxima vez deixaria que te apodrecesse ali dentro. E você! — exclamou dirigindo sua irritação contra Barak vai ocorrer com muita frequência? Se for assim, já pode ir procurando outro trabalho. Eu não necessito desta merda.

— Mas Lacey...

— Não tire a paciência, Penn Sebastian. Sabe que posso me cuidar sozinha. Você mesmo me ensinou!

O nome daquele homem chamou a atenção do Barak.

— Penn Sebastian?

— Sim, é meu irmão — Lacey lançou ao Penn um olhar raivoso —

— Nesse caso, ofereço-lhe minhas condolências, doutora Sebastian.

Barak ficou em pé e se sacudiu a camisa.

— Vai para o inferno, Outro! — Penn também se levantou, embora sem fazer caso da nova capa de sujeira que havia em sua roupa. — Não quero que os de sua espécie se aproximem de minha irmã.

— Isso não é de sua incumbência — replicou Barak com desdém — por que não volta para o lixo, que é onde pertence?

— te cale, Outro, eu deixarei limpando o chão do laboratório com uma escova de dente durante um mês! — soltou Lacey, e contemplou ao Barak uns segundos, zangada e em silêncio, antes de dar um passo atrás — Espero que estejam dispostos a deixar de agir como meninos de cinco anos, porque não tenho tempo para isto. Os dois são bastante mais preparados.

Barak retrocedeu um passo para demonstrar seu desejo de terminar com a confrontação.

— Desculpo-me, doutora Sebastian.

Penn lançou ao Barak um último olhar desafiante antes de fazer o próprio.

— A próxima vez me avise quando ele vira, Lacey — disse — Se apresenta sem prévio aviso, está acabado. E a merda com os Regentes!

Penn pôs-se a andar com indignação enquanto introduzia a pistola na cintura de sua calça.

— Penn... — chamou-o sua irmã.

— Agora não, Lacey. Leve isso e deixe de uma vez.

Lacey ficou olhando com expressão de tristeza a seu irmão enquanto se afastava. Barak afastou o olhar, pois sabia que ela se sentiria incômoda se ele presenciava aquele momento particular entre os dois irmãos.

— Vamos, Barak. Chegamos tarde ao trabalho — Lhe disse Lacey, voltando-se e pondo-se a caminhar na direção contrária.

Barak se acomodou ao passo da Lacey, desejando poder fazer algo para rebater aquele infeliz começo. Amaldiçoado a si mesmo. Devlin Bane por não advertir o de que a doutora Sebastian tinha um irmão Paladino. Não sentia saudades que ela não se sentisse entusiasmada quando o arrumaram como ajudante.

Avançaram em silêncio durante um par de minutos até que ela disse:

— Suponho que deveria me desculpar pelo ocorrido, Barak.

Barak se sobressaltou para ouvir seu comentário.

— Não foi você quem, comportou-se como um menino de cinco anos.

— Não, mas sabia que hoje meu irmão estava de guarda. Ele é... bom, seu caráter é digno de um Paladino. Se tivesse chegado a tempo, nada disto teria acontecido.

E se Lacey tivesse sido sua irmã e um Paladino se aproximasse dela, ele teria reagido da mesma forma que Penn; embora não gostasse de ter nada em comum com ele. Mas por que um Paladino realizava o trabalho de um guarda? O resto dos guardas que tinha visto eram mortais.

Barak tentou animar a conversação.

— Então, além de limpar o chão com a escova de dente, que trabalhos me atribuíram?

O sorriso da Lacey foi um pouco forçada, mas, ao fim foi, um sorriso.

— Hoje tenho planejado te ensinar os equipamento que utilizamos para monitorar os vulcões de nossa região. Já sabe, sismógrafos e aparelhos pelo estilo. — Franziu o sobrecenho — Embora possivelmente não saiba. Sempre me esquece o estranho que lhe deve parecer tudo isto. Sabemos tão pouco a respeito de seu mundo...!

E no que a ele concernia, seguiria assim. Qualquer conhecimento que os Paladinos obtiveram só se utilizaria como arma contra os de sua espécie.

— Apesar das diferenças, doutora Sebastian, também existe muitas semelhanças — repôs Barak. — Estou seguro de que poderei realizar as mudanças necessárias.

Como tantos outros que já tinha realizado naquele complexo e brilhante mundo.

Lacey abriu uma porta entre muitas outras iguais em um comprido corredor e Barak tomou nota, mentalmente, de que se tratava da terceira contando desde o começo. Naqueles instantes, não tinha nem idéia se a doutora permitiria entrar no Centro sozinho, ou teria que acompanhá-lo ao laboratório todos os dias. Isto último resultaria incomodo tanto para ele como para a doutora Sebastian.

— Bem-vindo a minha pequena parte de mundo. — disse a doutora, fazendo-se a um lado para deixá-lo entrar.

O Laboratório estava abarrotado de máquinas cuja finalidade Barak só podia supor. Fechou os olhos e permitiu que o constante zumbido da eletricidade circulasse por seu sistema nervoso. Esperava que Lacey lhe concedesse o tempo suficiente para compreender o que aqueles balcões gráficos e assobios dos computadores mediam.

Lacey se deteve para estudar uma série de instrumentos com agulhas que realizavam traços com tinta sobre um papel. Para ele, aqueles traços se pareciam muito aos que produziam os batimentos dos corações dos pacientes de Laurel.

— Imagino que estas máquinas registram os movimentos subterrâneos dos vulcões — avaliou Barak — Os do monte St. Helens e o monte Rainier, possivelmente?

Enquanto falava, uma das agulhas começou a mover-se de forma descontrolada realizando um padrão bicudo no papel. Ao princípio, Barak pensou que Lacey não o tinha visto. Ela

contemplava um monitor situado no outro extremo da sala, cujas leituras apareciam agora de uma cor vermelha como o sangue. O estômago do Barak deu um tombo, como se o chão se sacudiu sob seus pés. Com esforço, Barak ignorou a imperiosa necessidade que experimentou de agarrar-se a algo para manter o equilíbrio. Os tremores se produziam muito longe para afetar à zona de Seattle, mas ele os sentia nas vísceras e nos ossos. Por sorte, Lacey não percebeu sua exaltada reação ao som dos alarmes.

Apesar de tudo, Lacey o olhou sorrindo.

— Imagina bem. Esse é o monte St. Helens nos saudando. — Assinalou outra tela. — E essa é a barreira, que se apagou.

O que significava que sua gente e a dela estavam lutando nos túneis, onde os dois mundos chocavam, enquanto eles só podiam contemplar as marcações iluminados e perguntar-se quantos dos seus morreriam.



Capítulo 3

Barak exalou um suspiro tremente enquanto apertava o punho vazio da mão com a que segurava a espada. Possivelmente, se os Paladinos voltavam a conectar com rapidez a barreira, ninguém ficaria ferido. Muitos da sua espécie tinham morrido já e não podia desejar a morte daqueles que se viam empurrados a ir em busca da luz.

E, o que era ainda pior, agora que os Paladinos tinham cara e nome para ele, resultava-lhe impossível desejar que morressem na eterna batalha que se livrava entre os dois mundos. A confusão que experimentava encolheu o estômago.

Lacey estava ao seu lado, olhando alternativamente a máquina que registrava os batimentos do coração do inquieto vulcão e a que marcava as flutuações da barreira. As emoções que refletia sua expressiva cara eram fascinantes: dor, medo e pura determinação.

Quando as leituras do vulcão se estabilizaram, Lacey concentrou sua atenção nas barreiras. Finalmente, depois de dois longos minutos contados por relógio, as leituras se estabilizaram e o dial voltou a adquirir sua cor verde habitual. O alívio se estendeu pelas facções da doutora.

— Agora que terminou, podemos voltar para trabalho.

Seu alvo de parecer forte e profissional teria tido êxito de não ser pelo ligeiro tremor de sua voz.

Barak deixou que ela acreditasse que ele não se deu conta desse detalhe.

— Suponho que monitora você todos os vulcões e os enguiços-disse.

Lacey assentiu com a cabeça.

— Por isso estamos aqui.

A doutora o dirigiu a seu escritório, que estava repleto de coisas, e indicou que se sentasse. Barak apanhou um montão de livros técnicos de uma cadeira e os deixou bem empilhados sobre o chão para procurar um assento. Lacey procurou entre uma série de expedientes até que encontrou o que estava procurando.

— preparei um programa para você para os próximos quinze dias.

— entregou uma folha de papel. — Até que saibamos com exatidão no que consistirão suas tarefas, fiz que coincidissem seus turnos de trabalho com os meus. Quando souber o que é o que pode fazer. Eu gosto que tenha alguém por aqui às vinte e quatro horas do dia.

Ao Barak a experiência tinha ensinado que a confiança era um presente que só se concedia com moderação. Ela podia acreditar que ele estava ali para demonstrar que podia resultar útil ao departamento, mas essa via tinha dois sentidos.

— O que você diga doutora Sebastian.

Lacey acomodou-se em seu assento e estudou ao Barak com olhos de preocupação.

— Possivelmente deveria me chamar Lacey, certo? Depois de tudo, já viu o pior dos Sebastian; brigando no meio da rua. Volto a me desculpar em nome do Penn. Seu ataque era injustificado.

Se tivesse sido à inversa, os de sua espécie não teriam tolerado que um Paladino perambulasse sozinho por suas ruas.

— Não tem por que se desculpar por seu irmão, Lacey. — Pensava saborear o presente que lhe tinha concedido permitindo utilizar seu primeiro nome — E importante que me permita trabalhar aqui. Estarei bem ao, voltar a me sentir útil.

Lacey pareceu intrigada.

— E o que tem a doutora Young? — perguntou. — Acreditei que tinha estado trabalhando em seu laboratório.

– Sim, ela teve a amabilidade de me manter ocupado.

Lacey em seguida compreendeu ao que Barak se referia.

– Ah, ocupado, mas não especialmente produtivo! Bom, meu pressuposto é tão reduzido que me vejo obrigada a espremer cada minuto do dia ao máximo, sobre tudo em épocas como esta, quando o vulcão está tão ativo. Alegro-me de ter a alguém que me ajude a levar minha responsabilidade. Tenho programado realizar um pouco de trabalho de campo esta semana. Podemos ir amanhã?

– eu vou adorar passar algum tempo na natureza.

Sobre tudo, estar sozinho com essa mulher, ao ar livre e ao calor do sol. Sozinhos os dois, longe dos olhos da organização dos Regentes. Possivelmente, durante um momento, Lacey conseguisse esquecer-se do que era e desfrutar como um homem qualquer da companhia de uma mulher atrativa. Além disso, saber como se sentiria seu irmão Paladino ao respeito fazia que desfrutasse ainda mais da idéia.

– me dê seu endereço e te apanharei amanhã pela manhã-acrescentou Lacey. – Digamos... Às seis?

– Estarei preparado.

Lacey sabia que Barak o estava passando mal depois de um dia tão extenso, mas, embora era mesquinho por sua parte, não diminuiu a exaustiva caminhada de volta à caminhonete até que a sede a obrigou a fazê-lo. Quando se deteve para tomar um gole de água, Barak não demorou em desabar-se sobre uma rocha; outro sinal de que se arrependia de ter ido com ela a aquela pequena expedição.

Pois bem, pior para ele! Ela tinha estado subindo e baixando equipamentos daquelas montanhas só durante anos. E, enquanto o fazia, a quantos Paladinos tinha matado Barak? Já era hora de que a montanha se vingasse dele.

Lacey reconheceu a inapetência que Barak fazia tudo o que lhe tinha pedido sem queixar-se. Enquanto examinavam o equipamento de campo que monitorava os movimentos terrestres que se produziam perto do monte Rainier, as poucas perguntas que Barak formulou foram inteligentes e diretas. Ultimamente, o monte St. Helens tinha monopolizado quase toda a atenção do departamento, mas como o monte Rainier estava muito perto de Seattle, era melhor não confiar. Se a grande montanha decidia entrar em erupção, milhares de pessoas podiam ser vítimas da destruição.

Lacey trocou sua mochila de posição para que as correias não lhe cravassem nos ombros. Conforme o dia avançava, o calor ia aumento e as costas ardiam, mas isso era mais fácil de suportar que o frio intenso da montanha no inverno.

Guardou de novo o cantil na mochila e voltou a explorar o caminho. Barak não foi tão rápido como ela em ficar em marcha, mas quando a alcançou, Lacey ouviu o rangido das pedras a suas costas.

– Quase chegamos.

– Isso é boa notícia.

Ao Barak parecia faltar um pouco o fôlego. Possivelmente, se ela perguntava a respeito do que tinha aprendido durante a excursão, distrairia-se e não pensaria em seus doloridos pés e seu nariz queimado pelo sol.

O caminho se abriu assim Lacey esperou a que Barak chegasse a seu lado.

– me fale dos dados que recolhemos. – Lhe disse.

Barak manteve o olhar fixo no caminho e começou a repassar os dados. Embora Lacey não o desejasse, suas respostas a impressionaram. E a repentina quebra de onda de compaixão que experimentou para ele tampouco a agradou. Além disso, a julgar pelo firme perfil de sua

mandíbula, ele tampouco agradeceria nenhum sinal de compaixão.

O início da estrada estava mais ou menos ao meio quilômetro de distância. Embora Lacey desejasse livrar do peso da mochila, não lhe atraía a idéia de estar encerrada na cabine da caminhonete com o Barak durante o longo percurso de volta à cidade. Normalmente, ela se detinha comer pelo caminho, mas isso não faria mais que prolongar o tempo que tinham que passar juntos.

Quando tomaram a última curva do caminho, Lacey lançou uma olhada a seu silencioso companheiro. Sua palidez habitual se acentuou, assim Lacey diminuiu os passos, pois preocupava que Barak não conseguisse chegar à caminhonete. Quão último queria era ter que chamar uma ambulância porque, de uma forma mesquinha, tinha desfrutado com a desgraça de seu novo ajudante.

— Quando bebeste pela última vez? — perguntou-lhe.

— A água acabou pouco depois de que nos detivêramos no último ponto de coleta de dados. Seus pálidos olhos se encontraram com os do Lacey.

Isso fazia mais de duas horas. Lacey não sabia qual dos dois era mais estúpido, se Barak por não queixar-se ou ela por não haver-se preocupado por ele. Barak tropeçou e deu uns passos hesitantes enquanto tentava não perder o equilíbrio. Lacey soltou uma maldição e o agarrou entre seus braços. Barak tentou resistir e ela o sujeitou com mais força, mas Lacey se deu conta de seu engano quando, ao aproximarem-se, seus corpos despediram uma inesperada quebra de onda de calor. Lacey levantou o olhar para as atrativas facções do Barak e seus pulmões se esqueceram de como respirar. Os olhos do Barak se encontraram brevemente com os da Lacey antes de dirigir-se para sua boca. Acaso ia beijá-la?

— Barak... — sussurrou Lacey.

Barak se inclinou para ela, mas de repente sacudiu a cabeça, como querendo esclarecer suas idéias, e retrocedeu um passo. Temendo que voltasse a perder o equilíbrio, Lacey agarrou o braço do Barak e o apoiou sobre seus ombros sem fazer caso da reação de seu próprio corpo à cercania do Outro. Uma dor repentina no peito recordou que era o momento errôneo, o lugar errôneo e, sem lugar a dúvidas, o homem errôneo. Certamente, o que sentia não era decepção, a não ser alívio.

Barak tentou afastar seu braço dos ombros do Lacey.

— Não resista Barak . — repreendeu — Estamos chegamos à caminhonete. Ali tenho mais água.

— Conseguirei-o.

Barak falou arrastando as palavras, mas ao menos seguia caminhando.

Conseguiram percorrer a distância que faltava em uma série de etapas curtas, detendo-se com frequência para que Barak recuperasse o fôlego antes de seguir avançando com dificuldade. A Lacey, sua pequena caminhonete nunca tinha parecido tão perfeita, com amassados e tudo.

Ajudou ao Barak a deixar sua mochila no chão e virtualmente o empurrou ao interior da caminhonete. Então esticou uma garrafa de água e ordenou:

— Bebe devagar.

Depois de guardar os bens de ambos na parte de atrás, Lacey pôs em curso o motor e o ar condicionado para ajudar ao Barak a recuperar-se.

Ele se tinha reclinado no assento com os olhos fechados. De vez em quando levantava a garrafa com lentidão e bebia um sorvo de água. Lacey verteu um pouco de sua água em um pano limpo que guardava no porta-luvas e o ofereceu.

— Toma. Ponha o na testa.

Barak obedeceu e, quando notou o contato da água fresca na pele, suspirou de alívio.

— Obrigado.

Ela não queria sua gratidão, sobre tudo porque, em parte, era a culpado de seu estado.

– Assim que a cabine se refresque e tenha tomado um pouco de líquido, encontrará-te melhor – Lhe disse.

Conforme desciam da montanha, a cor da pele do Barak foi melhorando de forma gradual. Possivelmente os de sua espécie eram mais sensíveis à altitude.

– Encontra-te melhor? – perguntou a doutora.

Lacey acreditou que Barak não responderia, mas por um momento ele a olhou com a extremidade do olho e respondeu:

– Sim.

– Estupendo. Suponho que, por ser a primeira vez, nos excedemos.

Bom, a ela em realidade a excursão não tinha parecido excessiva, claro que estava acostumada à montanha e seus efeitos.

– Pelo visto terei que me esforçar mais para me aclimar-sentenciou Barak, e fechou os olhos dando por finalizada a conversação.

Se não tivesse sido seu inimigo, Lacey teria formulado um montão de perguntas. Para começar, teria perguntado por que tinha cruzado a barreira. E como era seu mundo. O que havia nele de tão terrível para que merecesse a pena arriscar-se a morrer na fuga?

O cansaço fez que seu indesejado companheiro caísse em um profundo sono, assim, de momento, suas perguntas ficariam sem resposta. Durante o caminho de volta a Seattle, Lacey conduziu montanha abaixo com uma estação de rádio de velhos êxitos como única companhia.

Se Barak tivesse domínio de levantar a cabeça do tapete sem que voltasse a cair de novo, teria pedido aos deuses que acabassem com sua desgraça ali mesmo e naquele instante. Ao menos, antes de derrubar-se, tinha conseguido conservar certa dignidade enquanto percorria a distância entre a caminhonete da Lacey e seu apartamento sem ajuda. Mas agora, horas mais tarde, não podia concentrá-lo suficiente para ver o relógio. A julgar pelo brilho das luzes que se filtrava pela janela devia ser de noite.

Contou até dez e ficou de joelhos com esforço. Esperou a que a cabeça deixasse de dar voltas, exalou um suspiro e ficou em pé apoiando-se no sofá. A seguir fechou os olhos e esperou a que o mundo se estabilizasse antes de arriscar-se a dar um passo em direção à cozinha.

Deu um passo... dois... e, depois, três e quatro. Tinha cruzado o salão, e agora estava na cozinha. Abriu com ânsia a porta da geladeira, apressado pela fome e a sede, embora recordasse que fazia dias que não ia à compra. Em geral comia fruta e vegetais, mas naquele momento nada do que havia na geladeira resultava tentador.

Agarrou uma bebida isotônica e despreendeu o telefone. Não sabia o que indicava sobre sua vida nova o fato de que o número da pizzeria estivesse entre os de marcação rápida. Depois de encarregar sua habitual pizza vegetariana, sentou-se em sua poltrona favorita e contou os minutos até que chegasse a pizza.

Só tinham transcorrido cinco minutos quando alguém bateu na porta. Ainda não era a comida, assim agarrou o sólido pau que escondia junto à porta. Não o protegeria de uma pistola ou um rifle, mas era o único que tinha. Depois de dar uma rápida olhada pelo ponto, voltou a guardar o pau e abriu a porta para deixar entrar seu inesperado visitante.

– O que quer?

Devlin o olhou de cima abaixo e declarou:

– Parece uma merda.

– Obrigado. Se só vieste a me insultar, o bate-papo terminou.

Barak se dispôs a fechar a porta ao Devlin no nariz, mas o Paladino a empurrou com o

ombro e entrou no apartamento.

– Para que vieste? – grunhiu Barak.

Chegando até a cozinha, Devlin agarrou uma das três cervejas que havia na geladeira.

– Queria saber como tinha ido o primeiro dia de trabalho completo.

Barak se deu conta de que não se livraria do Paladino em curto prazo. Agarrou sua bebida e voltou a sentar-se na poltrona.

– por que te interessa sabê-lo? – perguntou.

Devlin se acomodou no sofá e abriu a lata de cerveja.

– Porque se este acerto não funciona temos que começar a fazer outros planos.

– Posso elaborar meus próprios planos, Bane. Não é minha babá. – Uma quebra de onda de raiva ardente percorreu o corpo de Barak – Agora me conte a verdadeira razão de que tenha vindo. Nos dois sabemos que não é porque desfrutes de minha companhia.

– Laurel queria que comprovasse como estava. – Devlin curvou a comissura dos lábios em um gesto desdenhoso. – Está preocupada.

Pela primeira vez em horas, Barak sentiu desejos de sorrir. Apesar da reputação do Devlin de ser um frio assassino, seu casal o conduzia com um fio. Possivelmente tivessem travas em sua relação, mas, certamente, a sua era uma relação de amor.

– diga que estou estupendamente – replicou Barak.

Devlin o contemplou uns segundos em silêncio.

– E por isso que parece uma merda? O que aconteceu?

Barak não pensava contar ao Devlin a verdade, assim utilizou o término que Lacey tinha usado para descrever sua reação adversa à montanha:

– Mal de alturas. Hoje, a doutora Sebastian e eu visitamos o monte Rainier. É evidente que ainda não me adaptei o suficiente a este mundo para suportar as grandes altitudes. Assim que tenha comido, estarei bem.

Como se suas palavras tivessem feito aparecer ao entregador de pizzas por arte de magia, o timbre da porta voltou a soar, e Barak se resignou a ter a um Paladino como companheiro de jantar. Por sorte tinha encomendado uma pizza extragrande, pois pensava ir-se alimentando das sobras durante um ou dois dias.

Naquele mundo, as boas maneiras exigiam que lhe perguntasse:

– Quer ficar para jantar?

Devlin contemplou a enorme caixa e respondeu:

– Que sabor é?

– De vegetais.

Barak ocultou um sorriso antecipando a reação do Devlin.

Como esperava, o Paladino pareceu sentir-se enojado.

– Sem dúvida, Laurel constituiu uma má influência para você – disse – mas poderei me abocanhar um pouco de sua pizza. Hoje não comi e Laurel teve que cancelar nosso encontro para jantar.

Barak deixou a caixa da pizza em cima da mesa que havia frente ao sofá e apanhou dois pratos da cozinha.

– te sirva você mesmo.

Nenhum dos dois sentiu necessidade de manter uma conversação formal enquanto engolia a totalidade da saborosa pizza menos uma porção. Devlin contemplou a porção e sorriu ao Barak.

– Como é sua pizza, esta lhe deixo para você. – Lhe disse.

– Que generoso! Agora vai, quero me deitar.

O sorriso do Devlin desapareceu.

– Necessita ajuda?

– Não, posso conseguir isso sozinho.

Embora morresse no intento!

– Amanhã trabalha? – perguntou Bane, enquanto agarrava a caixa da pizza e os pratos e levava tudo à cozinha.

Qualquer outro dia, Barak teria protestado, mas necessitava toda a energia que ficava para chegar à cama sem ter que arrastar-se pelo chão. Enquanto Bane estava fora de sua vista, levantou-se da poltrona com dificuldade.

– Sim, esperam as dez – disse – A doutora Sebastian quer que faça o mesmo horário que ela até que aprenda minhas responsabilidades.

Os olhos verdes do Bane viam muito. Dispôs-se a oferecer apóio ao Barak, mas, no segundo último, conteve-se.

– A doutora Sebastian te contou que seu irmão é um Paladino? – perguntou.

Barak se esforçou em manter um tom de voz neutro.

– Ontem nos conhecemos.

O Paladino franziu o sobrecenho.

– Deduzo que a experiência não foi o que se diz divertida.

– Não, se eu gostar que um sem teto me enfie uma pistola nas costas e me dê um murro na mandíbula! Estou desejando voltar a conversar com ele amanhã.

Devlin exalou um suspiro.

– Esse louco não facilita as coisas – disse – Falarei com ele.

– Não será necessário. Ele só tentava proteger a sua irmã. Eu teria feito o mesmo.

– Você tem uma irmã?

Barak chiou os dentes por ter deixado entrever aquele detalhe.

– Eu disse isso, só queria dizer que, se um Paladino a quem não conhecesse se aproximasse de uma mulher a que eu quisesse, teria reagido da mesma maneira.

– Se Penn continua sendo um problema faça-me saber.

Mas isso não aconteceria. Ou Penn Sebastian aprendia a aceitar ao Barak ou voltariam a enfrentar-se com os punhos. Barak não podia permitir que Bane ou Laurel resolvessem sempre seus problemas. Isso só pioraria as coisas para ele.

Ocultando o esforço que custava, Barak seguiu ao Devlin até a porta.

– tinha esquecido te perguntar... – disse Barak. – Qual é a causa de que Laurel cancelasse o jantar?

– A um dos Paladinos novos lhe cravaram uma espada nas vísceras ontem, quando a barreira se apagou. É a primeira vez que recebe uma ferida grave e não esta muito bem. Laurel não queria deixá-lo sozinho.

– eu o conheço?

Claro que, no fundo, não lhe importava. Ao menos, não muito.

– Sim, trata-se do jovem ao que fez um corte na cara o outro dia. Acredito que Laurel me disse que se chama Roy. Um dia mais estará bem, mas a primeira vez que lhe ferem dessa forma é duro. – Devlin abriu a porta do apartamento. – Mantém informado de seus progressos. E tome cuidado com o Penn. Possivelmente não possa conduzir uma espada, mas é um atirador de primeira.

– Obrigado, agora me sinto muito mais tranqüilo!

Devlin sorriu com malícia.

Barak apareceu na janela e contemplou ao Devlin até que desapareceu de sua vista. O imponente Paladino já não era seu inimigo, mas tampouco era exatamente seu amigo. Viver naquele mundo estranho já era, por si, bastante difícil, mas o pior era não ter a ninguém em quem poder confiar. Embora, em realidade, deveria estar acostumado a esse fato, porque em seu

próprio mundo também estava sozinho. Seu mundo era um lugar escuro e os segredos constituíam uma forma de vida.

Entretanto, neste mundo a maioria da gente parecia viver rodeada da ruidosa camaradagem dos colegas do trabalho, a família e os amigos. Salvo poucas e notáveis exceções, as conversações terminavam bruscamente quando ele se aproximava e só se reiniciavam quando estavam fora do alcance de seu ouvido, ou ao menos isso acreditavam outros. Pois bem, deixaria que os humanos acreditassem que, porque seu aspecto era similar ao deles, seus sentidos também eram.

Embora sua vista não fosse mais aguda que a da média dos humanos, seu ouvido e seu olfato estavam muito mais desenvolvidos. Se a tivesse empreendido a golpes cada vez que tinha ouvido um comentário malicioso, teria estado brigando de sol a sol. Aqueles mesquinhos não o mereciam. Além disso, os de sua própria espécie odiavam a todos os humanos, como se não houvesse diferenças entre eles, assim não podia culpar aos humanos por pensar igual.

Estava desejando deitar-se. Quanto antes se deslizesse entre os lençóis, antes se recuperaria daquele doloroso cansaço.

Pela primeira vez em muito tempo havia algo que fazia ilusão, e isso eram trabalhar ao dia seguinte com Lacey Sebastian. Tinha que agradecer sua inesperada ajuda enquanto desciam da montanha. Sem ela teria falecido ali acima, nas encostas ingrimes. Com segurança, ela acreditava que seu mal-estar se devia à altitude. Possivelmente tivesse razão em parte, embora o certo fosse que os fenômenos geológicos de todo tipo afetavam profundamente.

Seu corpo ainda não se ajustou à pulsação das montanhas locais e custava acostumar-se inclusive a um vulcão relativamente tranquilo, como era o monte Rainier. À larga poderia sentir suas mudanças sem encontrar-se mau. Só esperava poder seguir ocultando sua afinidade aos estados das montanhas.

Com este pensamento otimista na mente, apagou as luzes e procurou refúgio em sua cama desejando sonhar com o que tinha sentido ao abraçar ao Lacey.

Embora esperasse a chamada, o estridente assobio do telefone sobressaltou ao Ben. Este deixou que soasse várias vezes mais antes de responder.

– Diga?

– A próxima vez que a barreira se apague, chegará outro carregamento.

Ben fez girar sua cadeira para contemplar a porta. Era pouco provável que alguém entrasse em seu escritório sem uma entrevista prévia, mas não tinha chegado tão longe sendo pouco cuidadoso.

– diga a seu amigo que a qualidade da última entrega era desastrosa – disse ao telefone – As malditas pedras se desagregaram poucas horas depois das receber.

A voz do telefone soou totalmente indiferente:

– O direi, mas não sei até que ponto ele controla o material que lhe trazem.

O homem de mais idade sacudiu a cabeça.

– Seus problemas não me importam uma merda! – espetou – Já, quem arrisca o pescoço sou eu. Se Devlin Bane ou Blake Trahern conseguem seguir a pista do Ritter, sou homem morto. Se não conseguir que me compense em me arriscar.

Um silêncio gelado chegou até ele através da linha Telefônica.

– Acredito que já disse que não cite nomes. E eu não gosto de ter que repetir.

– Sinto muito, não pensava no que dizia.

– Sim que pensava – corrigiu a voz – , mas só em si mesmo e não no plano global. Estamos todos juntos nisto. Se você se fuder, aí estamos todos perdidos. E não permitirei que isso aconteça. Ficou claro?

Merda teria que haver-se retirado dois anos atrás! Teria que haver-se negado a participar quando o abordaram pela primeira vez! Teria que haver-se mantido à margem! Eram muitas as coisas que teria que ter feito. Mas agora quão único podia fazer era dizer:

– Sim, senhor, muito claro.

– Estupendo. Agora que esclarecemos este ponto, há algo mais que deva saber? O que acontece com esse Outro pestilento?

– Seguem mudando o de um lugar a outro, certamente porque ninguém quer ter a essa merda perto durante muito tempo.

– Conforme ouvi viajou ao Centro do Missouri com o Bane, mas ninguém parece conhecer a razão.

Uma vez mais, o silêncio pesou sobre eles.

– Eu não ouvi nada a respeito – disse Ben – Suponho que poderia fazer algumas indagações, mas isso chamaria uma atenção indesejada sobre nós. Sei que esta no departamento de Geologia. Possivelmente agora possa verificar seus movimentos.

– Estupendo. Esse Outro é uma complicação, eu odeio as complicações.

– Sim, senhor. Como se lançasse um osso a uma mascote, o homem que tinha realizado a chamada acrescentou:

– Já transferimos o dinheiro a sua conta. O dígito é ligeiramente superior à esperada.

Ben assumia todos os riscos e, mesmo assim, supunha-se que tinha que agradecer as escassas migalhas que lançavam.

– Obrigado, – respondeu.

– certificado de fazê-lo.

A comunicação se cortou.

Ben esperou uns segundos e marcou um número que se sabia de cor.

– Quero realizar uma aposta para a passagem do sábado.

À manhã seguinte, cedo, Barak estava em um extremo da rua que conduzia ao Centro. Sustentava uma taça de café do Starbucks em uma mão e tentava confundir-se na enchente de cidadãos que se dirigiam a seus lugares de trabalho. Alguns se queixavam em voz baixa de que estivesse parado ali no meio, mas ele tinha coisas mais importantes nas que pensar que preocupar-se porque alguém chegasse tarde ao trabalho.

Como podia entrar no Centro sem ter que enfrentar-se de novo ao Penn Sebastian? O Paladino não lhe importava absolutamente, mas depois do desastre do dia anterior na montanha, não queria dar a Lacey Sebastian outra razão para rebater sua ajuda.

Por desgraça, Penn Sebastian estava firmemente plantado perto da entrada. Barak se preparou, terminou seu café e jogou a taça em um cesto de papéis. Se tiver que brigar, queria ter as duas mãos livres.

Ajustou seu passo ao de várias pessoas que caminhavam na mesma direção esperando que aquele grupo de desconhecidos o cobrisse até que chegasse ao beco que conduzia à entrada do Centro. De momento, seu artifício pareceu funcionar, pois Penn olhava para o outro extremo da rua.

Sua sorte durou o tempo suficiente para permitir cruzar a rua sem que Penn o visse, mas então o Paladino voltou com lentidão à cabeça em sua direção e fixou o olhar nele. Acaso tinha sido consciente de sua presença durante todo o tempo? A julgar por sua expressão de suficiência, era muito possível. Barak abandonou toda intenção de esconder-se entre a multidão e olhou de frente ao anti-social Paladino.

Penn se adiantou uns passos sem fazer caso do fato de que o andante se apartasse para evitar qualquer contato com ele. Mais de um tirou seu celular, possivelmente para pedir ajuda aos 911 no caso de que Penn realizasse um gesto ameaçador. Os pobres loucos não sabiam aquele perigoso era Penn em realidade, ou que Barak era, como mínimo, igual de perigoso.

— Por isso vejo que retornaste — disse Penn, e os brancos dentes destacaram em sua pele suja.

— Esperam-me. — «Embora pouca falta faz», acrescentou Barak para seus pensamentos.

— Isso me disse minha irmã. — Penn adotou um ar depreciativo — Pelo visto tem o costume de deixar que as mulheres lutem suas batalhas por você, Outro. Primeiro a doutora Young, e agora Lacey.

Aquilo foi o detonante. Barak deixou a um lado qualquer comportamento civilizado e se lançou diretamente ao pescoço do Penn.

— Mantém seus nomes fora disto, Paladino! — gritou.

Penn agarrou o pulso de Barak tentando apartar-lhe do pescoço. Sua cara estava adquirindo um peculiar tom avermelhado quando outro par de mãos apareceu detrás do Barak e o separou do Penn.

O Paladino aproveitou para recuperar o fôlego.

— Matarei-te por isso! — ofegou — E o que eu disse eu sustento. Deixa de utilizar a minha irmã para te esconder detrás dela.

Trahern sacudiu a cabeça com irritação.

— te cale, Penn! Como de costume, não sabe o que diz.

Barak se deslocou até o meio-fio da calçada e olhou irado ao Blake Trahern. De onde tinha saído? A julgar pela expressão do Penn, ele tampouco se deu conta de que Trahern se aproximava deles.

— Vai ao inferno, Trahern! Isto não te interessa-soltou Penn.

Obviamente, Barak não era o único que tirava o pior do Penn.

– Eu já estive ali e retornei. Todos estivemos ali. – Trahern desviou seu frio olhar em direção ao Barak – Bane enviou para te buscar. Tem algo que quer que veja.

– diga que, agora mesmo, estou ocupado.

Se os dois Paladinos não se separavam de seu caminho, chegaria tarde ao trabalho. Barak deu as costas e se preparou a entrar no Centro.

A enorme mão de Trahern o agarrou pelo ombro e o fez retroceder um passo, com o que o mau humor do Barak reacendeu. Se tinha que brigar com os dois Paladinos para que o deixassem tranquilo, faria-o. Barak se equilibrou com rapidez sobre o Trahern, quem conseguiu esquivá-lo no ultimo segundo, enviando-o por sua própria inércia sobre o Penn. Os dois homens mantiveram o equilíbrio com muita dificuldade.

Trahern voltou a separá-los e lançou um olhar irado ao Barak.

– Escuta, Outro – Lhe disse – se quer brigar comigo, por mim não há problema, mas aqui não!

– Seguro que não te custará muito vencê-lo, Trahern; não depois de que eu tenha acabado com ele – interveio Penn, e tentou afastar ao Trahern de seu caminho; mas o corpulento Paladino se manteve firme em sua posição.

Antes que Barak e Penn submetessem ao Trahern, uma voz feminina juntou à briga:

– Maldita seja, Penn, disse-te que deixasse tranquilo ao Barak!

Barak aproveitou a intervenção da Lacey para empurrar ao Penn e o enviou cambaleando-se à rua. Um táxi tocou a buzina com estridência enquanto o esquivava e Barak tentou dominar sua raiva para não dizer algo a Lacey do que, mais tarde, pudesse arrepender-se.

Trahern interveio antes que Barak pudesse dizer nada coerente:

– Doutora Sebastian, precisamente estava procurando. Ao Devlin Bane gostaria de tomar emprestado Barak durante uns minutos. Um de nós o acompanhará a seu laboratório quando tivermos terminado.

– Vá, obrigado por me perguntar isso Trahern! – Lacey lançou um olhar irado aos três homens – Conhecendo o Bane, seguro que te pediu que apanhasse ao Barak antes que entrasse em seu posto. Leve-lhe se tiver que fazê-lo, mas diga ao Devlin que temos trabalho que realizar, assim vá rápido.

Depois de lançar outro olhar reprovar, Lacey se afastou.

– Pois sim que foi bem a coisa. Estou seguro de que estará de muito bom humor o resto do dia.

O seco comentário do Trahern aliviou a tensão que experimentava Barak e lhe permitiu recuperar o controle de seu temperamento. Barak obrigou a si mesmo a deixar de admirar o feminino rebolado dos quadris da Lacey enquanto se afastava. Embora desfrutava muito da vista, estava seguro de que Penn Sebastian não apreciaria que contemplasse daquela maneira a sua irmã.

– vamos ver o Devlin? – perguntou – Tenho a sensação de que quanto mais tempo estejamos fora, pior será o humor da doutora.

Penn já se estava sentando de novo sobre as sujas mantas que tinha no chão.

– Lacey também é bastante rancorosa. Com um pouco de sorte, estará-lhes esperando com uma de minhas velhas espadas para cravar nas suas vísceras. – disse.

Fechou os olhos e simulou ficar dormido.

Trahern assinalou o extremo do beco com a cabeça.

– Vamos!

Barak ajustou seu passo ao do Trahern.

– Se não te importar que pergunte isso – Lhe disse – , a senhora Nichols está adaptando

bem à vida daqui, em Seattle?

A expressão do Trahern suavizou uns quantos graus para ouvir o nome de sua mulher.

— Eu diria que melhor que você.

Considerando o fato de que Brenna só mudou de uma grande cidade a outra, sem dúvida aquilo era certo. Barak, por sua parte, tinha cruzado uma fronteira para entrar em um universo novo para ele. Tinha que questionar o gosto da Brenna quanto a sua eleição de casal, mas o que era indubitável era a profundidade dos sentimentos do Trahern para ela. E, por isso Barak tinha ouvido, poucas pessoas tinham visto sorrir ao duro Paladino até que Brenna Nichols o fez entrar em vereda. Embora Barak só a tinha conhecido levemente, estava convencido de que era uma mulher forte, igual à doutora Young.

Trahern teclou o código de entrada ao edifício e se fez a um lado para deixar que Barak entrasse primeiro. Uma vez no interior, Barak deixou passar ao Trahern para que o guiasse até o despacho do Devlin Bane. Surpreendeu-lhe poder entrar na fortaleza dos Paladinos sem que ninguém disparasse o alarme.

— Para que me necessita Bane? — perguntou.

Trahern se encolheu de ombros.

— Disse-me que fosse te buscar e o tenho feito. Isso é tudo o que sei.

A forma cortante com que pronunciou aquelas palavras não animava a continuar a conversação, por isso Barak não teve mais eleição que seguir caminhando ao lado do Trahern em silêncio. Em lugar de preocupar-se com o que Devlin queria, concentrou-se no entorno. Era razoável que localizasse qualquer via potencial de fuga do Centro. Estava bastante seguro de que nem Bane nem Trahern constituíam uma ameaça real para ele, mas não podia dizer o mesmo do resto da organização dos Regentes.

— O despacho do Devlin está mais adiante, à esquerda — indicou Trahern. Efetuou um giro brusco e se afastou por onde tinham chegado, deixando que Barak percorresse o resto do caminho sozinho.

Cullen Finley levantou brevemente a vista do teclado computador e lançou um olhar de poucos amigos em direção ao Barak antes de voltar a centrar sua atenção na tela cheia de números. DJ estava sentado ao lado do Cullen e nenhum parecia haver-se dado conta de que Barak se aproximava, ou não se importava.

Isso ao Barak já ia bem. Já tinha bastante que lutar contra os Paladinos para o resto de sua vida. Além disso, queria retornar ao laboratório de Geologia para estar junto a Lacey Sebastian. Possivelmente caísse tão mal a ela como a aqueles tios, mas, decididamente, ela era muito melhor ver que eles, por utilizar uma das expressões do Devlin.

Bateu na porta do despacho do Devlin. Ouviu que ele falava, certamente, através do telefone, pois só percebeu os batimentos docoração de uma pessoa ao outro lado da porta. Embora Barak não podia ouvir o que dizia a pessoa que havia o outro lado da linha, era evidente que ao Devlin não gostava. Barak voltou a bater na porta.

— Maldita seja, deixa de golpear a porta e entra! — rugiu Devlin do outro lado.

— Obrigado, como sempre, por sua amabilidade-murmurou Barak enquanto entrava e se sentava em uma das cadeiras que havia frente ao escritório do Devlin.

Devlin lançou um olhar irado enquanto caminhava de um lado a outro do escritório com o celular na mão. Então assinalou umas bolsas pequenas que estavam amontoadas sobre o escritório.

Barak não necessitava que as assinalasse, pois tinha sentido sua fria atração nada mais cruzar a porta. Em lugar das examinar imediatamente, permaneceu imóvel na cadeira e fechou as pálpebras ignorando as leves quebras de onda de energia que percorriam sua pele.

Salvo por algum resíduo, as bolsas estavam vazias, mas era indubitável que alguém as tinha

utilizado para transportar pedras azuis de seu mundo. Os roubos seguiam. Ele tentou advertir ao Grêmio dos Anciões, mas eles não quiseram escutá-lo. Em lugar de vigiar a barreira, disseram-lhe que ninguém seria tão perverso para roubar a seu escuro mundo a pouca luz da que dispunham.

Outra mentira entre tantas outras.

Não pensava mostrar temor diante do Devlin Bane, assim que se inclinou para frente e examinou as bolsas. Por sorte continham tão pouco pó que o brilho que se gerou quando ele as tocou quase não se viu. Quando Devlin pendurou o telefone, Barak deixou as bolsas e voltou a reclinar-se na cadeira desejando que as pequenas faíscas de luz se desvanecessem antes que o Paladino as visse.

Embora Devlin já tinha visto como Barak iluminava uma daquelas pedras, não sabia quão estranha era essa habilidade entre os que eram como Barak, ou o que outros dons foram associados a ela.

— São de seu lado da barreira. — disse Devlin.

Barak não estava seguro de se Devlin tinha manifestado algo que considerava certo ou se estava formulando uma pergunta. Em qualquer caso, decidiu responder:

— Assim é, são-o.

— E o pó azul que há no interior das bolsas procede de pedras similares a que Jarvis nos mostrou no Missouri.

Outra pergunta.

— Suponho que sim. — repôs Barak.

— Não utilize comigo a estratégia enigmática dos imigrantes, Barak. Recorda que fui eu quem te trouxe para este mundo e que posso voltar a te tirar dele. — Esboçou um sorriso zombador — Morria de vontades de dizer isso.

Havia muitas coisas no senso de humor dos humanos que Barak não entendia, assim permaneceu em silêncio e esperou a que Devlin voltasse para assunto que concernia.

— Está bem, agora a sério. — prosseguiu —, queria saber se as bolsas por elas mesmas tinham um valor especial em seu mundo.

Barak negou com a cabeça.

— Não especialmente. Frequentemente se usam para transportar objetos pessoais. Possivelmente, se as analisássemos quimicamente, poderíamos determinar se todas foram fabricadas ou não pela mesma pessoa, mas sem um padrão com o que as comparar, isso não nos levaria a nenhuma parte.

Devlin se deixou cair na cadeira, a qual produziu um rangido de protesto.

— O que eu temia, estamos voando as cegas, — disse.

Outra expressão que, para o Barak, não tinha sentido palavra por palavra, mas a frustração que refletia a voz do Devlin falava por si mesmo.

— Posso levar um par de bolsas para ver se averiguo algo? — perguntou Barak.

O Paladino contemplou o montão de bolsas que havia sobre o escritório durante uns segundos antes de levantar o olhar para o Barak. Agarrou um par de bolsas ao azar e as lançou ao Outro.

— por que não? — disse-lhe, e olhou além do Barak, para a porta que havia a suas costas. — Mas não comente a ninguém que lhe dei isso.

Barak compreendeu as razões que tinha Devlin para ser prudente, embora não gostou de sua atitude. Ser sempre um marginalizado, primeiro em seu mundo e agora no dos humanos, estava-lhe cansando.

— Não, claro não queria que ninguém acreditasse que me pediste um favor...

Sua raiva logo que reprimida sobressaltou ao Devlin, quem se endireitou no assento.

— Maldita seja, Barak, não é isso o que queria dizer! Tentamos manter todo este animo em

segredo. Só um punhado de pessoas desta zona e Jarvis, no Missouri, sabem que suspeitamos o que está ocorrendo. Até que saibamos em quem podemos confiar e em quem não, não devemos falar deste assunto com ninguém.

Barak não sabia o que era mais surpreendente, se o fato de que Devlin Bane se desculpou ou que confiasse nele.

— Verei o que posso investigar sobre as bolsas e lhe direi . — declarou Barak com rapidez, e introduziu as pequenas bolsas no bolso do jeans —

Agora tenho que retornar ao laboratório.

Antes que Devlin pudesse responder, o telefone começou a soar. Devlin contemplou a tela do dial, despreendeu o celular com brutalidade e grunhiu:

— Queira o que queira, pode esperar. — Então assinalou a porta com a cabeça — Averigua se Cullen ou DJ podem te mostrar o caminho. Se estiverem ocupados, já te acompanharei eu quando tiver acabado de falar com o idiota do ajudante do coronel Kincade.

Barak não tinha a menor intenção de pedir a um daqueles Paladinos que lhe mostrasse o caminho ao laboratório. Além disso, Cullen já não estava em seu escritório, e DJ contemplava a tela de seu computador com um amplo e zombador sorriso na cara. Barak esperou até que DJ murmurou umas palavras e seus dedos voaram pelo teclado antes de passar com sigilo por detrás dele.

Em lugar de voltar pelo caminho que Trahern tinha utilizado, Barak seguiu seus instintos. Como supunha, tinham dado várias voltas desnecessárias antes de chegar ao despacho do Devlin, e Barak se perguntou se teria sido idéia do Devlin ou do Trahern. Mas não importava. Necessitava-se algo mais que um par de rodeios para desorientá-lo. A diferença dos Paladinos, quem só baixava ao subsolo quando se viam obrigados a fazê-lo, em seu mundo orientar-se constituía uma forma de vida.

Barak seguiu caminhando até que chegou à entrada do beco, onde se deteve para respirar o ar. Fechou os olhos e inalou com lentidão captando os distintos aromas. Percebeu o leve rastro da loção pós-barba do Trahern. Penn Sebastian tinha deixado seu particular fedor no vestibulo. Seu aroma conduzia ao lavabo dos homens, que estava ao final do corredor, assim Barak se importou com ele. Outro homem tinha entrado pela porta que comunicava com o exterior, mas era alguém a quem Barak não conhecia.

Barak inclinou a cabeça à esquerda e inspirou de novo saboreando a doce fragrância da Lacey Sebastian. Lacey cheirava a flores e a sol e despedia um aroma que se correspondia com tudo o que era feminino e desejável para ele. Embora seu corpo estremecesse em resposta a aquele aroma, Barak fez caso omissivo a sua reação. Voltou-se em direção ao laboratório de Geologia e se perguntou como se sentiria Lacey se soubesse que Barak poderia segui-la em uma escuridão total pela forma em que aromatizava o ar.

Mas, como à maioria dos humanos o conheciam, tinham ensinado a vê-lo como a um inimigo. Chamavam-no o Outro sem perguntar qual era seu verdadeiro nome. Sua própria gente era tão deplorável como eles, ignoravam o fato de que os humanos eram primos irmãos dos de sua espécie e que existiam só pequenas diferenças entre eles. A frustração e a raiva, companheiras constantes do Barak durante muito tempo, arderam em suas vísceras.

Tragou-se uma maldição lançada aos deuses enquanto se esforçava para dominar o desejo de ferir a alguém. Encontrou-se justo na porta do laboratório sem recordar como tinha chegado até ali. Como estava acostumado a fazer, voltou para respirar o ar. Ali, o aroma da Lacey era mais intenso fazendo que seu sangue se esquentasse e se acelerasse por suas veias com antecipação. Barak sorriu. A desconfiança que Penn experimentava para ele por estar tão perto de sua irmã estava bem formada.

Abriu a porta e entrou no laboratório.

Lacey tinha desprendido o telefone disposta a repreender ao Devlin Bane por entreter a seu ajudante durante tanto tempo quando ouviu que a porta do laboratório se abria. Já era hora de que Barak aparecesse. No que a ela respeitava, quando os Paladinos despediram ao Barak perderam todo direito sobre o tempo do Outro.

E pensava assegurar-se de que ele soubesse.

Simulou estar interessada nas leituras do monitor do monte Rainier, deixando ao Barak plantado a suas costas. Depois de um momento, olhou para ele por cima do ombro.

— Me alegro de que por fim te tenha dignado aparecer. — disse secamente.

Barak entreabriu os olhos e seus lábios se curvaram, como se queria sorrir. Entretanto, seu rosto permaneceu impassível.

— Sinto-o — declarou — Se soubesse que Devlin Bane queria bater um papo teria chegado antes.

Merda odiava ter toda a razão do mundo para estar indignada e que o objeto de sua indignação se mostrasse amável e arrependido!

— Sim, bom, espero que não volte a repetir-se — prosseguiu a doutora — Uma ajuda com a que não pode contar é pior que nenhuma ajuda.

Barak assentiu com a cabeça.

— Comprometo a não voltar a chegar tarde nunca mais, doutora Sebastian.

Aí estava outra vez, mostrando-se amável quando o que ela queria era brigar! O que havia nele que a fazia sentir-se tão irascível? Não podia dizer-se que a perseguisse, mas era assim como ela se sentia. Anotou umas cifras que, em realidade, não necessitava e se deslocou ao longo da mesa. Barak a seguiu, mas mantendo certa distância.

— Como te encontra hoje? — perguntou Lacey.

Barak franziu o sobrecenho.

— Bem.

O tom de sua voz indicava às claras que não queria falar do assunto. Pior para ele.

— os de seu tipo sempre se enjoam nos lugares altos? — prosseguiu Lacey.

Agora os olhos claros do Barak mostraram claramente sua irritação.

— os de meu tipo, como você diz, reagimos de forma distinta ante as distintas circunstâncias, exatamente igual aos de seu tipo.

Assim que havia tocado uma veia sensível!

— Sinto muito. — Embora em realidade não o sentia — Deveria ter perguntado se sempre enjoa nos lugares altos.

— Não sei. É a primeira vez que subo a uma montanha. Tem alguma outra pergunta desrespeitosa que queira me formular?

Barak se aproximou de Lacey, como se tentasse intimidá-la com sua estatura.

Graças ao Penn e a seus amigos, ela tinha aprendido fazia tempo a fazer caso omisso desse tipo de comportamento. Lacey pôs os braços de lado e lhe aproximou invadindo seu espaço pessoal.

— Não pergunto isso para ser desrespeitosa, Barak, mas se for ser uma responsabilidade para mim, preciso sabê-lo.

Ao estar tão perto dele, Lacey se sentiu dolorosamente consciente de sua presença, como ocorreu no dia anterior na montanha. Passou-se a vida rodeada dos Paladinos, que eram os caras mais fortes e duros do mundo, e o tamanho e a corpulência significava pouco para ela.

Entretanto, algo no Barak fazia que parecesse sexy e viril. Lacey retrocedeu um passo, horrorizada de ter sequer pensamentos como aqueles a respeito dele. Embora vestisse roupa

humana e tivesse aprendido alguns dos costumes dos humanos, seguia sendo um Outro, alguém que tinha matado a sua gente e invadido seu mundo. Ele deveria ter morrido ou retornado com os de sua espécie.

Barak parecia perceber parte de seus pensamentos, porque voltou aproximado dela e a encurralou contra a mesa sem sequer tocá-la.

— Não penso ser uma responsabilidade para você, Lacey — Lhe disse.

Sua voz áspera e sua estranha entonação fizeram que o nome dela soasse como uma carícia e enviaram um profundo estremecimento por seu corpo.

Tinha que recuperar o domínio da situação.

— Olhe, Barak — começou. — Sinto que a intromissão do Devlin faça que hoje comecemos com mau pé. Por que não segue lendo os manuais das máquinas enquanto termino de calibrá-las? Quando tiver acabado, comentaremos as dúvidas que tenha.

Deslizou-se a um lado e deu as costas ao Barak. Ainda sentia o calor de seu corpo atrás do dela, mas Barak não disse nada durante vários segundos. Finalmente separou dela. Lacey exalou um suspiro e desejou que suas mãos deixassem de tremer.

Durante vários minutos se concentrou em sua investigação, até que, de uma forma gradual, foi consciente de que Barak a olhava fixamente com uma expressão intrigada no rosto. Quando dirigiu a vista para ele, Barak afastou o olhar.

— Há algo que queira me perguntar? — disse a doutora.

Barak franziu o sobrecenho.

— Perguntava-me se alguém mais esteve no laboratório esta manhã.

— Que eu saiba não, mas é habitual que outros membros do departamento passem por aqui para comprovar as leituras. Inclusive alguns Paladinos fazem o mesmo quando os vulcões estão ativos. Por que o pergunta?

— Algumas de minhas notas estão bagunçadas.

Lacey deixou sua tabuleta e rodeou a mesa até onde estava Barak.

— Possivelmente fez você mesmo quando as revisou a última vez — disse — Me acontece continuamente.

— Talvez tenha razão. — respondeu Barak, embora, a julgar pela ruga de seu sobrecenho, era evidente que não acreditava.

— Se notas que alguma outra coisa estiver errada, diga-me isso.

Nem sempre fecho o laboratório com chave quando tenho que sair a toda pressa, mas poderia fazê-lo. — A maior parte de seu trabalho não constituía um segredo; entretanto, não gostava da idéia de que alguém bisbilhotasse em suas coisas — Também me encarregarei de conseguir uma cópia da chave para você. Não é má idéia reforçar um pouco as medidas de segurança.

Não tinha que recordar ao Barak que algumas pessoas podiam não apreciar sua repentina incorporação ao pessoal de Geologia. Provavelmente, a intrusão do Barak em sua fechada comunidade tinha contrariado a mais de um.

Quando ficou em contato com o departamento de Informática para permitir o acesso do Barak aos programas do departamento, eles se negaram em redondo. Pediu a seu chefe que interviesse, mas este reagiu mais ou menos igual. Finalmente abriram uma conta de correio eletrônico restringida para o Barak, mas isso foi tudo o que conseguiu.

Como se supunha que trabalharia Barak sem poder utilizar os computadores? Lacey tinha pensado falar com o Devlin Bane para perguntar se Cullen Finley ou DJ estariam dispostos a realizar algum de seus truques para ajudar ao Barak. Se não, consideraria a possibilidade de deixar utilizar sua contra-senha, embora a idéia não gostasse muito.

Enquanto se afastava de Barak, Lacey teria jurado que o ouvia respirar. Possivelmente estava

desenvolvendo uma alergia a este mundo. Se era assim, esperava que esta o fizesse sentir-se tão mal que queria retornar a sua casa. Em tal caso, todos estariam melhores.

Salvo, possivelmente, o mesmo Barak, coisa que a preocupava mais do que estava disposta a admitir.

No que pensavam esses malditos Paladinos? Uma coisa era ter a um monstro esvaziando vasilhas urinárias para a doutora Young, e outra que tivessem dado ao Outro um trabalho de verdade no departamento de Geologia. Ben não acreditou até que o comprovou pessoalmente e, além disso, o mesmo Trahern tinha escoltado a aquele bastardo de aspecto horripilante ao interior do edifício.

Penn Sebastian parecia ser o único a quem preocupava realmente a decisão de permitir ao Outro acessar ao Centro, claro que não gostava que ninguém se aproximasse de sua irmã. Penn tinha deixado de sair com sua irmã, e isso que eram humano! O fato de que seu inimigo mortal estivesse trabalhando com ela devia ter ao lesado Paladino subindo pelas paredes.

Possivelmente pudesse explorar essa debilidade. Ofereceria-se para levar ao Penn um sanduíche. Teria que ser cuidadoso na forma de aproximar-se dele, mas umas quantas comidas e uma que outra taça de café quente constituiriam um pequeno investimento no que podia ser uma relação frutífera. No pior dos casos, Penn podia mostrar-se arisco, mas inclusive as bestas mais selvagens podiam domar-se com paciência.

Penn se moveu tentando encontrar uma posição mais confortável. As horas passavam com lentidão enquanto vigiava o beco que conduzia diretamente ao Centro. Em estranhas ocasiões tinha que fazer algo mais que, simplesmente, estar sentado sobre seu montão de imundície. A maioria dos refinados cidadãos de Seattle aceleravam ligeiramente o passo quando passavam junto a ele atuando como se não existisse.

Uns poucos deixavam cair alguma moeda na oxidada lata de pêssegos que tinha diante de sua manta. Penn supunha que deveria sentir-se culpado por aceitar seu dinheiro, mas não era assim. Demônios, o mais provável era que salvasse o dia permitindo sentir-se bem por ajudar aos menos afortunados! Além disso, tendo em conta tudo o que tinha arriscado e perdido lutando em uma guerra invisível, o menos que podiam fazer era comprar uma ocasional taça de café.

Duvidava de que Lacey aprovasse sua atitude, mas ele tampouco estava muito contente com ela ultimamente. No que estava pensando, trabalhando com o Barak? Quando se inteirou de que ela tinha passado todo um dia com aquele bastardo na montanha sem ninguém que a protegesse, ficou feito uma fúria. Depois, quando tentou falar com ela, bom, lhe gritar pela estupidez que tinha feito, ela pôs os olhos em branco e partiu deixando-o plantado.

O que mais preocupava era aquela obstinada determinação da Lacey de cuidar de si mesma. Entendia sua necessidade de independência, mas ela não era como ele. A ela podiam matar com muita facilidade. Ao flexionar a mão e sentir a dor que o produzia, Penn recordou que inclusive ele não era completamente imune a resultar ferido.

O ruído de uns passos fez que deslizasse a mão por debaixo da manta para agarrar a Glock que guardava ali. Nunca tinha necessitado utilizar as armas para defender a entrada do Centro, mas sempre havia uma primeira vez. Sobre tudo agora que Devlin permitia que um maldito Outro rondasse pelas ruas de Seattle como se pertencesse a aquele lugar.

— Relaxe, Penn. Sou eu, Ben Jackson.

Penn lançou um olhar de poucos amigos ao intruso, cujo rosto, ao ter o sol poente às costas, permanecia em sombras. Penn relaxou o dedo do gatilho, mas não soltou a pistola.

— O que quer? — perguntou.

– Vou à cafeteria da esquina a comprar um sanduíche. Esta saída fica mais perto.

– A próxima vez me avise com antecedência, ou poderia te voar a cabeça.

Penn só falava em brincadeira pela metade.

– Por descontado, Penn; teria que havê-lo pensado. — Ben avançou um par de passos e se voltou. Voltarei por aqui, quer que te traga algo?

Normalmente, Penn teria aceito imediatamente, mas as palavras do Ben pareciam estudadas. Perguntou-se se o motivo de sua saída não seria o de realizar esse oferecimento. Mas com que finalidade? Penn assentiu com a cabeça a inapetência.

– Sonha bem — disse.

– O que quer?

Uma vez mais sua voz continha uma leve nota de ansiedade.

– O que você tome irá bem.

– Estupendo.

Penn se apoiou na parede e manteve um olho fixo no especialista tecnológico até que desapareceu à volta da esquina. Possivelmente só pretendia ser amável. Como Lacey tinha indicado inúmeras vezes, ultimamente seu estado de humor era bastante mau. Não iria mal relaxar-se um pouco.

Penn se dispôs a agarrar sua carteira; por ato reflito utilizou a mão direita e uma careta de dor apareceu em seu rosto. Não estava realizando os exercícios que tinha recomendado o médico com a frequência devida. Os exercícios eram dolorosos, assim que a mobilidade de sua mão logo que tinha melhorado. Entretanto, se queria retornar aos túneis algum dia, tinha que superar a dor e exercitar seus tendões lesados. Mordeu-se o lábio inferior e começou a realizar, com lentidão, uma série dupla de exercícios.

Justo quando estava acabando chegou sua comida. Depois de dar as graças ao Ben entregou um bilhete de dez dólares, Penn aceitou o sanduíche e o refresco. — Não te esforce — Lhe disse — Isto é muito melhor que o que eu teria comido. Agradeço-lhe isso.

– Como quer. — Ben consultou seu relógio. — Será melhor que vá, quero terminar a palavra cruzada da manhã antes de voltar para trabalho.

Penn lhe sorriu.

– Se verificar qual é a oito horizontal, faça-me saber. Devo ter posto algumas letras equivocadas, porque não consigo resolver essa parte.

Ben se afastou pelo beco enquanto Penn dava uma dentada a seu sanduíche. Depois de tragar-lhe com um gole comprido de seu refresco, voltou a concentrar-se na palavra cruzada esperando que chegasse a inspiração antes de acabar de comer.

Capítulo 5

Barak estava intranquilo durante todo o dia devido ao tênue aroma que percebia. Podia ou não estar desconjurado, mas não levava suficiente tempo neste mundo para saber como tinham que ser as coisas. Até que o fizesse, só podia confiar em seus sentidos para manter-se a salvo.

E seu olfato dizia que não era uma coincidência que o homem cujo aroma tinha recebido

pela manhã na entrada do Centro fora o mesmo que tinha embaralhado suas notas as deixando um pouco desordenadas. Tinha-o feito a propósito, como uma advertência? Possivelmente simplesmente estava esperando para falar com Lacey e tinha olhado os papéis só por curiosidade.

Mas Barak tinha suas dúvidas, se não, não teria feito o possível para que Lacey não o visse. O mais provável era que alguém estivesse tentando verificar o que Barak fazia no laboratório de Geologia, possivelmente alguém que acreditasse que ele podia constituir uma ameaça.

No aroma daquele homem não existia rastro das pedras azuis, mas isso não significava grande coisa. A menos que as pedras estivessem em contato direto com alguém que tivesse o dom das manipular, atuavam como qualquer outra pedra preciosa, refletindo qualquer fonte de luz próxima e pouca coisa mais.

Provavelmente, os Regentes não permitiriam seguir o rastro daquele homem pelos despachos subterrâneos, assim teria que confiar na sorte para encontrar a sua elusiva presa.

— por que não faz uma pausa para comer, Barak?

Lacey saiu de seu escritório e realizou uns estiramentos laterais para desentorpecer as costas. Essa ação enfatizou a suavidade de suas curvas e a estreiteza de sua cintura, e o corpo do Barak se acendeu e endureceu por causa da necessidade. Desde que a conhecia, suas noites estavam povoadas de sonhos com ela na cama, com seus resplandecentes olhos azuis cheios de turvo desejo e suas largas pernas rodeando-o pelos quadris. Barak voltou a dirigir a vista para suas notas para evitar que Lacey percebesse a paixão em seu olhar.

Lacey apoiou uma mão no ombro do Barak e, com a outra, fechou o livro que ele estava lendo. O Outro esteve a ponto de cair da cadeira.

— Vamos, Barak — Lhe disse —, leva quase quatro horas seguidas lendo estes manuais. Nem sequer eu poderia estudá-los durante tanto tempo sem que me desse dor de cabeça.

— Devo admitir que minha concentração se debilitou um pouco durante os últimos minutos.

— Compreendo-o. Inclusive me surpreende que possa manter os olhos abertos.

Lacey se afastou um pouco e ele pôde ficar em pé.

— Acredito que sairei para comer algo. Quer vir comigo? — perguntou Barak.

O convite escapou de seus lábios antes que pudesse evitá-lo.

Durante um momento, Barak acreditou que Lacey estava considerando a possibilidade de aceitar seu convite, mas então ela franziu o sobrecenho e sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado, mas te agradeço o convite. Trouxe-me um pouco de casa.

A idéia de sair a comer perdeu seu encanto, mas Barak não podia trocar de opinião sem que ela suspeitasse algo. Além disso, o fato de que tivesse que enfrentar ao Penn Sebastian ao sair e ao entrar do edifício aumentava sua reticência a comer fora.

Barak se dirigiu à porta desejando encontrar uma desculpa acreditável para ficar. Uma vez na porta, deteve-se para lançar um último olhar à doutora. Para sua surpresa, ela o estava observando. Lacey se ruborizou quando ele a saudou com a cabeça antes de sair ao corredor. Pela primeira vez em horas, Barak teve vontades de sorrir.

Seu sorriso só durou até que chegou à porta que comunicava com o beco. Preferia não ter que brigar com o Penn Sebastian, mas o beco era a única via de entrada e saída que conhecia no Centro. E era pouco provável que permitissem um acesso livre ao resto do complexo para procurar outra porta de saída.

Mas isso não era o único que preocupava. Aquele aroma elusivo estava de novo ali. Barak girou pouco a pouco sobre si mesmo cheirando o ar em todas as direções. O nauseante e doce aroma de loção para depois do barbeado combinado com o aroma de suor masculino procedia da direção oposta a do laboratório de Geologia, o que reforçava a convicção do Barak de que o homem tinha estado bisbilhotando pelo laboratório em lugar de ir ali por uma causa legítima.

A questão era por que.

Para sua surpresa, o aroma também era intenso no beco. O mais fácil seria perguntar ao Penn quem tinha passado por ali ultimamente, mas o difícil seria conseguir que o irascível Paladino lhe oferecesse uma resposta clara. Até no caso de que caísse bem ao Penn — o que não era assim —, o Paladino perguntaria por que Barak queria sabê-lo. Até que não tivesse provas mais concretas a respeito de que algo ia mal, teria que guardar-se suas preocupações para si mesmo.

Nem sequer a doutora Young ou Devlin Bane suspeitavam do que era capaz graças a seus sentidos, ou que tinha um ou dois de presente. E Barak queria que isso seguisse assim.

Enquanto avançava pelo beco se assegurou de fazer suficiente ruído para alertar ao Paladino de que se aproximava. Entretanto, quase chegou ao extremo que dava à rua antes que Penn se desse conta de sua presença, pois estava muito ocupado comendo um sanduíche.

Barak passou junto a ele sem pronunciar palavra enquanto pensava que aquela seria a primeira vez que se cruzasse com ele sem brigar. Entretanto, sua sorte terminou quando ouviu o martelar de uma pistola. Barak ficou paralisado. Procurando não realizar um movimento brusco, voltou-se com lentidão.

— Pensei que isto chamaria sua atenção. — Os dentes do Penn resplandeciam com toda sua brancura — Ninguém me informou que fosses sair sozinho do edifício.

— É minha pausa para comer.

— Mesmo assim está saindo sozinho.

Barak estava cansando de que vigiassem todos seus movimentos.

— E?

— Que eu não gosto da idéia de que polua algum dos restaurantes da zona. Terá que voltar para trabalho com fome. — Penn assinalou com a cabeça para o beco — Embora eu adoraria te pegar um tiro aqui mesmo preferiria não ter que realizar toda a papelada necessária para explicar por que merecia morrer.

Aquilo foi o cúmulo. Barak tinha que acatar as ordens do Devlin e inclusive as do Trahern, mas não pensava em obedecer Penn Sebastian. Podia ter direito a sentir-se amargurado pela ferida de sua mão, mas não tinha por que recrear-se em sua miséria e, muito menos, desafogar-se com todos os que estavam a seu redor.

Não mataria ao odioso indivíduo pela Lacey, mas, sem dúvida, desfrutaria deixando-o maltratado e arroxado.

— E quem me vai impedir? Penn apontou diretamente ao peito do Barak — Um disparo desta pequena e pulverizaremos suas tripas por toda a calçada.

E, a julgar pela expressão de sua cara, desfrutaria fazendo-o.

— Utiliza o mesmo encanto com todo mundo que passa por aqui ou só o reserva para mim? — disse Barak, e conteve o fôlego esperando obter a resposta que necessitava.

— Só para você, monstro. Quando um dos membros do departamento de Informática passou por aqui faz um momento, eu era a imagem mesma do encanto. Agora, volta dentro ou morre. Você escolhe.

Isso não ocorreria não. A contra gosto, Barak avançou um par de passos para o outro extremo do beco sendo consciente de que Penn seguia todos seus movimentos e o apontava com a pistola.

Mas, no último segundo, Barak se voltou e carregou contra Penn. Como acreditava, o Paladino não pensava usar a pistola em um lugar público, mas, não obstante, levantou-se com ímpeto de sua manta para enfrentar-se ao Barak cara a cara, os dois dispostos a ferir ao outro até deixá-lo sem sentido.

Barak não tinha intenção de resultar vencido. Utilizou todos os movimentos de há'kai que pôde para desconcertar ao Penn enquanto, ao mesmo tempo, esquivava todas suas táticas de luta

suas.

Barak deu um murro ao Penn no estômago enquanto este conseguia encaixar um golpe tremendo na mandíbula. O sabor de seu próprio sangue encheu a boca do Barak, quem cuspiu enquanto rodeava com as mãos o pescoço do Penn e o apertava. Só a idéia de que Lacey o odiaria para sempre evitou que cortasse a respiração ao Penn de uma forma permanente. Assim decidiu deixá-lo sem fala o tempo suficiente para que o escutasse.

— Se quer voltar a respirar, Paladino, será melhor que me escute — Lhe disse — Eu sou a matéria da que parecem seus pesadelos. Segue me incomodando e farei que a ferida de sua mão pareça uma tolice.

Barak aliviou a pressão de suas mãos.

A raiva e a vergonha dos olhos do Penn falavam por si só.

— me solte... agora... mesmo!

As palavras do Penn soaram tão ofegantes como sua respiração.

Barak se afastou um pouco para permitir que Penn recuperasse parte de sua dignidade, mas não tanto como para que escapasse a seu controle. Penn não se lançou a murros imediatamente, assim Barak se separou dele por completo. Olharam-se com fúria sem que nenhum dos dois quera ser o primeiro em piscar. Penn perdeu. O sorriso do Barak mostrou uma boa dentadura e nenhum senso de humor.

— Tem toda a razão do mundo para me odiar, Paladino, mas não me importa se foda — disse — Tenho planejado construir uma vida aqui. Interfere em meus planos e morrerá. Outra vez. Mas nesta ocasião, para sempre.

Barak resmungou todas e cada uma de suas palavras com tanto veneno como pôde reunir.

As fossas nasais do Penn se expandiram e seus olhos se entreabriram com uma fria raiva.

— os de sua espécie já o tentaram e falharam — replicou. — Vêem por mim e já veremos quem dos dois tem que partir.

Barak se endireitou.

— Agora sou eu quem parte, mas depois voltarei. — Então agarrou a pistola do Penn — E trarei isto. Só me olhe mal, fudido bastardo, e não titubearei em apertar o gatilho.

Penn não pensava acovardar-se.

— Tenho mais no lugar de onde tirei esta.

— As balas constituem uma forma rasteira de matar, mas as espadas demonstram a verdadeira valia de um guerreiro. Quando quiser te enfrentar a mim, faça-me saber.

Continuando, Barak se afastou, perguntando-se a cada passo se uma bala penetraria em suas costas para explodir em seu peito. Mesmo assim, avançou com passo firme recusando mostrar qualquer sinal de debilidade diante de seu acérrimo inimigo. Quando tomou a esquina ao final do beco, sentiu-se como se tivesse estado correndo durante horas em lugar de ter percorrido uma quadra de edifícios caminhando.

Barak introduziu a pistola na parte traseira de sua calça e a tampou com sua jaqueta. De momento, seu único problema consistia em decidir onde comer. Vislumbrou sua imagem em uma cristaleira. Tinha manchas de sangue seca na cara e a camisa. Se alguém o via assim, em lugar de anotar seu pedido, o mais provável era que chamasse à polícia.

Barak se esfregou o queixo com a mão esperando poder eliminar a maior parte das manchas. A Lacey daria um ataque se retornava ao laboratório com aquele aspecto. Porque não queria era que ela tivesse que escolher entre ele e seu irmão, sobre tudo porque sabia a quem escolheria.

Dirigiu-se a seu apartamento para trocar-se de roupa. Por sorte, a maioria de suas camisas eram negras, assim era pouco provável que Lacey se desse conta de que a tinha trocado. De todos os modos, se formulava alguma pergunta, contaria-lhe parte da verdade: que se tinha salpicado com algo.

Depois e antes de subir as escadas que conduziam a seu apartamento, tirou as chaves de seu bolso. Preferia não entreter-se no patamar mais tempo do estritamente necessário. Até o momento, nenhum de seus vizinhos se queixou de que vivesse no edifício. A crescente quebra de onda de imigrantes no país tinha monopolizado os titulares da imprensa ultimamente, mas ele se esforçou em mostrar-se amável e discreto, pois não desejava chamar a atenção.

A tênue luz do interior do apartamento acalmou sua vista. Pouco a pouco se estava adaptando a brilhante luz daquele mundo, mas tanta luz produzia dor de cabeça. Devido a sua fisiologia, que era distinta a dos humanos, a doutora Young lhe proporcionar os analgésicos habituais, ao menos até que dispusera de mais tempo para investigar os efeitos que podiam produzir.

Embora suas intenções fossem boas, Barak temia que qualquer informação que ela obtivera entrasse em formar parte da base de dados dos Regentes. E isso era a última coisa que ele queria. Os Paladinos do mundo inteiro explorariam qualquer debilidade que ela descobrisse para utilizá-la como arma contra sua gente. Assim, embora respeitasse a Laurel, não desejava confiar seus segredos.

Em consequência, sua vida era muito solitária. Depois de lavar o rosto com água fria, Barak se secou e agarrou uma camisa negra de seu armário. Se der pressa, poderia comprar um pouco de comida para levar na loja que havia mais abaixo, na mesma rua. Uma salada e uma bebida energética ajudariam a agüentar o resto da tarde.

Uma vez na loja de comestíveis, Barak agarrou antes de sair uma segunda bebida. Albergava sérias dúvidas de que Penn aceitasse sua oferenda de paz, mas experimentou a inesperada necessidade de tentá-lo.

Trahern estirou suas largas pernas frente ao escritório do Devlin.

– Seu mascote te contou algo interessante sobre as bolsas?

Devlin lançou um olhar irascível a seu amigo. Estava-se cansando de que seus colegas provocassem em relação com o Barak, mas se agora se gozavam dele, isso não seria nada comparado com o que fariam se ele mordida o anzol.

– Não – respondeu com calma – Barak me disse que as fabricam em seu mundo e que as utilizam para transportar pequenos objetos pessoais.

– Acredto que sabe mais do que nos conta?

– Como não sabemos uma merda, eu diria que sim. – A frustração fazia que ao Devlin formasse um nó no estômago – Deixei que levasse um par de bolsas se por acaso pode nos contar algo mais depois das examinar, embora não tenho grandes esperança a respeito.

Os olhos do Trahern se voltaram um pouco mais frios.

– Crie que cruzou a este lado para conseguir sua parte no comércio das pedras? – prosseguiu.

Devlin se encolheu de ombros.

– Oxalá soubesse. Ele não podia saber que não o mataríamos, dissesse o que dissesse Laurel. E, embora não o estripássemos nos túneis, os acidentes ocorrem continuamente.

Trahern esboçou um sorriso malvado.

– E, se for necessário, ainda pode ocorrer – disse – Mas, por isso eu sei, desde que perdoamos a vida Barak se comportou corretamente. Teve um par de roce com alguns dos recrutas novos, mas isso era de esperar. Segundo as informações, é um trabalhador responsável e, a maior parte do tempo, não se mete com ninguém.

Devlin se beliscou a ponta do nariz desejando que aquela interminável dor de cabeça desaparecesse.

— Sim, eu opino o mesmo, mas desejaria saber mais a respeito dele e das razões pelas que cruzou a este lado. Embora não forme parte da rede de contrabando, apostaria que sabe mais a respeito das pedras do que nos contou.

— Sempre poderíamos persuadi-lo para que nos contasse isso. — Trahern se voltou para a coleção de espadas e facas que penduravam da parede do despacho do Devlin — Estou seguro de que não demoraríamos muito em convencê-lo.

— Possivelmente não, mas suspeito que, em tal caso, Brenna e Laurel utilizariam nossas vísceras como ligas.

E eles estariam encantados. Devlin nunca acreditou que chegasse o dia em que duas mulheres soubessem o que ele e Trahern eram e, assim e tudo, amassem-nos. Antes que Brenna o conhecesse e o arrastasse de novo à normalidade, Trahern tinha estado a ponto de cruzar a linha da loucura.

— Voltarei a telefonar ao Jarvis para averiguar se na sua investigação encontrou mais pedras azuis — acrescentou Devlin — Não quer arriscar-se a me enviar a que tem; claro que não o culpo. Prometeu me enviar uma cópia da informação que obtivera sobre a maldita pedra e eu contava recebendo notícias suas faz tempo.

Trahern enrugou o sobrecenho.

— por que não me deixa perguntar-lhe? É possível que se mostre mais predisposto a responder a minhas perguntas.

Devlin esboçou um leve sorriso.

— Agradeço-lhe isso. O coronel Kincade me pediu outro programa revisado de nosso trabalho e, como não! Quer para ontem. Não sei o que tem de mau o último que lhe enviei. Além disso, pela forma em que a barreira esteve atuando ultimamente, não tem sentido planejar nada. Assim que o envio um programa, o vulcão volta a cuspir lava e tudo vai pra merda.

Trahern esboçou um sorriso rápido de poucos amigos antes de poder dissimulá-la. Todos os da organização odiavam ao coronel Kincade, especialmente os Paladinos. Resultava difícil dizer se o homem era um incompetente ou se, em realidade.

Trahern se levantou, e bocejou.

— Será melhor que vá antes que caia redondo — anunciou — Mantem os dedos cruzados para que a montanha dita comportar-se durante um par de dias.

— Sim, vá dormir. A chamada ao Jarvis pode esperar até manhã. Já te informarei do que me diga.

Devlin contemplou a seu amigo enquanto saía pela porta. A noite anterior, a barreira tinha flutuado como um ioiô, assim não era estranho que Trahern tivesse um aspecto de mil demônios. Mas resultava agradável vê-lo atuar como era em realidade, lucro que se devia ao reaparecimento da Brenna Nichols em sua vida. Trahern era um homem com sorte. Os dois o eram.

Justo quando começava a revisar o programa para o Kincade, ouviu-se um golpe suave na porta. Devlin levantou a vista aliviado ante a oportunidade de distrair-se de seu trabalho.

— Entre!

Uma cara familiar apareceu pela porta.

— Interrompo algo importante?

Sem esperar uma resposta, Laurel se deslizou dentro da habitação e fechou a porta com chave atrás dela.

O estado de ânimo do Devlin melhorou imediatamente, sobre tudo depois de ver a bolsa que ela transportava.

— O que é isso? — perguntou-lhe à doutora.

— Seu jantar.

Laurel deixou a bolsa sobre o escritório, rodeou-o até o Devlin e se desabotoou a bata do

laboratório. Debaixo não levava grande coisa, e as tiras de encaixe lhe sentavam diabolicamente bem. O sorriso que esboçou Laurel enquanto sentava escarranchado sobre o colo de Devlin fez que o sangue do Paladino se dirigisse à parte inferior de seu corpo.

— O que quer que seja, o aperitivo ou a sobremesa? — disse a doutora.

— Os dois. Despertou-me um apetite enorme.

Laurel deslizou as mãos pelos ombros do Devlin.

— Ontem de noite senti falta de você meu amor.

Devlin aproximou de seu corpo.

— Eu também senti sua falta. — respondeu. — Foi uma noite dura.

Aproximou-a mais a ele para lhe dar um beijo profundo e ela se balançou sobre seu regaço.

Devlin separou os montões de papéis que havia em cima do escritório, fazendo-os voar pelo ar, e sentou a Laurel no bordo da mesa. O programa para o Kincade flutuou até o chão, onde Devlin tinha planejado deixá-lo até que todos seus apetites ficassem satisfeitos.

— Quero ir contigo.

Barak utilizou um tom de voz respeitoso, mas firme.

Lacey acabava de anunciar, de forma inesperada, que pensava instalar vários sensores no labirinto de túneis que serpenteava ao longo das linhas de enguiços e perto dos vulcões da região. Seu propósito era comparar as leituras a distintas distâncias do monte St. Helens, o mais ativo dos vulcões locais. Os túneis que se estendiam por debaixo de Seattle eram o lugar lógico para que colocasse os sismógrafos.

Os túneis também eram o último lugar do mundo pelo que uma mulher devia andar sozinha, e ela deveria sabê-lo. Os Paladinos eram os guerreiros melhor treinados do mundo e, de uma forma rotineira, morriam nesses túneis cada vez que a barreira se apagava. Em tal caso, Lacey estaria indefesa frente à quebra de onda de loucos congêneres do Barak quando estes cruzassem a barreira com as espadas em alto e a morte nos olhos.

Como mínimo, necessitava que alguém lhe cobrisse as costas. Mas, para começar, nem sequer tinha pedido permissão para utilizar os túneis em sua investigação, de modo que não valia à pena pedir ajuda aos Paladinos, pois sabia que se negariam a permitir o acesso.

Lacey deixou no chão seu equipamento de instrumentos e lançou um olhar irado ao Barak.

— Não necessito uma babá — Lhe espetou. — Só estarei fora um par de horas. Você pode ficar aqui e vigiar as leituras. Se começarem a voltarem-se loucas, me chame. Levarei o celular.

Barak se interpôs em seu caminho.

— Os celulares não funcionam perto da barreira — advertiu.

Ele não sabia com certeza, mas suspeitava que fosse assim. Além disso, fazia tempo que queria passar algum tempo abaixo, nos túneis, e aquela podia ser sua única oportunidade.

Os olhos azuis da Laceyse encontraram diretamente com os do Barak.

— Devlin me cortará a cabeça se te levar ali abaixo comigo.

— E seu irmão me cortaria isso se lhe ferissem, ou algo pior, e eu não tivesse feito nada para evitar.

— Nem sequer Penn poderia te culpar.

Barak arqueou uma sobrancelha e esperou a que ela reconhecesse que se ocultava detrás de sua afirmação. Penn culpava ao Barak por respirar o mesmo ar que ela. Se permitir que se metesse em uma situação perigosa ela sozinha, o Paladino desfrutaria despedaçando ao Barak em pedacinhos minúsculos. E o mais provável era que Devlin e Trahern o ajudassem.

Lacey voltou a agarrar seu equipamento e rodeou ao Barak.

— Vou, te afaste de meu caminho — ordenou.

— Não!

— Barak, saia do meu caminho ou procura outro trabalho!

Barak tinha visto a teimosa elevação de queixo na cara de seu irmão muitas vezes para saber que brigaria antes de render-se, embora isso implicasse um risco para sua vida.

Pois pior para ela! Barak se colocou diante da porta, disposto a apresentar batalha se era necessário.

— Me leve contigo ou telefonarei ao Devlin . — disse — Ou, melhor ainda, a seu irmão.

Lacey não aceitava uma derrota com facilidade.

— Não vejo que leve nenhuma arma. O que vais fazer se nos tropeçamos com algum de seus amigos? Olhá-los com fúria até matá-los? Ao menos eu levo uma pistola.

— Não pode usar armas de fogo perto da barreira. Que entrada aos túneis tem planejado utilizar?

— A que está debaixo do posto da chefia dos Regentes.

— Estupendo. Deteremo-nos no ginásio para agarrar uma espada.

As espadas de práticas não estavam desenhadas para ser utilizadas em um combate real, mas era o melhor que podia conseguir naquelas circunstâncias.

Barak soube que tinha ganhado quando esticou a caixa que continha a o equipamento.

— De acordo — disse Lacey. — Você leva esta e eu apanharei o resto dos instrumentos.

De momento, tudo ia bem. Lacey e Barak tinham conseguido chegar ao posto de mando dos Regentes, agarraram uma espada e deslocaram-se até a boca das escadas que conduziam à sala dos arquivos sem que ninguém os impedissem. Barak tinha demorado muito tempo em escolher uma espada, mas quando Lacey se queixou indicou que suas vidas podiam depender de sua escolha.

A barreira junto à que Lacey tinha planejado instalar seu equipamento tinha um longo histórico de estabilidade. Entretanto, não havia nenhuma garantia de que seguisse assim, sobre tudo depois de que um guarda traidor fizesse o possível por apaga-la de forma definitiva. Os Regentes tinham tentado, sem êxito, manter essa informação em segredo, sobre tudo porque Barak constituía uma prova vivente de que algo tinha ido muito mal.

Lacey começou a descer pelas escadas com o Barak pego a suas costas.

— Acreditava que os Regentes montariam algum tipo de sistema de segurança para proteger seus arquivos. — disse em voz baixa.

— Em geral, têm-no.

Não obstante, ela tinha conseguido averiguar o horário de trabalho da Brenna Nichols na sala dos arquivos dotada de sensores ambientais e que estava situado mais abaixo. Lacey contava com que Brenna era nova e não estaria familiarizada com os protocolos. Se Lacey e Barak atuavam como se utilizassem habitualmente aquela sala para acessar aos túneis, o mais provável era que Brenna não suspeitasse nada. E, embora o fizesse, Lacey pensava estar no elevador a caminho dos túneis antes que pudesse dar o alarme.

Quando chegaram ao final das escadas, Lacey sentiu aliviada ao ver que o dispositivo de segurança da parede estava às escuras, ou seja que estava desligado. A porta se abriu com facilidade. Não havia ninguém à vista, mas isso não significava nada. Como as luzes se acendiam com o movimento, o foco de luz que havia no extremo direito da sala indicava a localização da Brenna.

Lacey olhou por cima de seu ombro para o Barak, quem estava detrás dela com sua habitual atitude de calma. Mas sua expressão estóica e seu silêncio não enganavam nem por um segundo a Lacey. Quando o provocavam, Barak era capaz de reagir de forma muito violenta. Lacey se

perguntou, e não pela primeira vez, por que esse rasgo seu não a preocupava como deveria. Os de sua espécie eram conhecidos por serem uns loucos assassinos. Os poucos que tinham conseguido escapar dos túneis à superfície seguiam matando indiscriminadamente, sem respeitar aos meninos e, muito menos, às mulheres. Mas ela confiava no Barak tanto como nos Paladinos com os que tinham crescido. Seus instintos indicavam que não lhe faria mal, ao menos não de uma maneira intencionada.

— Vamos! — disse.

Lacey entrou na sala dos arquivos com seu equipamento e um montão de nervos no estômago. Os planos do edifício que tinha encontrado espionando o sistema informático dos Regentes indicavam que o elevador se encontrava na esquina do extremo esquerdo da sala.

Nem ela nem Barak falaram enquanto atravessavam as salas e as tênues luzes se acendiam e apagavam a seu passo. Os arquivos eram muito altos para que Lacey percebesse as idas e vindas da Brenna e, de momento, quando único ouvia eram os fortes batimentos do coração de seu coração e o suave roce de seus passos e os do Barak.

Quase tinham chegado ao elevador quando Trahern saiu de detrás da última fila de arquivos. Tinha restos de batom na bochecha, embora isso não suavizava sua expressão de receio. Lacey teria capacidade de convencer ao Devlin para que a deixasse continuar com sua missão, mas nada faria trocar de opinião ao Trahern se ele decidia que os planos da Lacey não eram oportunos.

— Olá, Blake! — saudou-o Lacey em um intento por ganhar sua simpatia.

O fato de que utilizasse seu primeiro nome não suavizou a expressão do Trahern absolutamente. Em lugar das dúvidas, tinha decidido adotar a atitude de um guerreiro.

— Doutora Sebastian - disse — , que demônios está fazendo aqui com ele?

Trahern lançou um olhar furioso além da Lacey, em direção ao Barak.

— Estou fazendo meu trabalho — repôs a doutora, sugerindo o fato de que era pouco provável que ao Trahern tivessem atribuído vigiar a sala dos arquivos.

— Quão único há por aqui é o elevador que conduz aos túneis — repôs o Paladino.

— Sim. Vou instalar o equipamento para monitorar as áreas que o sargento Purefoy danificou. É importante para nós sabermos se conseguiu que a zona fora menos estável.

— E por que não ouvimos nada sobre esta questão?

— Que questão? — Brenna Nichols saiu detrás do Trahern. Quando lhe tocou o braço, ele baixou a vista para ela e seu olhar se suavizou — Acreditei que era a única que estava tão louca para querer ficar horas aqui embaixo!

Lacey lhe estendeu a mão.

— Sou Lacey Sebastian, a irmã do Penn Sebastian. Trabalho como investigadora no laboratório de Geologia. E ele é Barak Q'Young.

Brenna sorriu amplamente antes de responder:

— Barak e eu já nos conhecemos. Como vai em seu novo lar?

— Vai bem, senhorita Nichols - repôs o Outro. — Sinto que tenhamos interrompido enquanto trabalhava.

Lacey conteve o impulso premente de soltar uma risada quando viu que Brenna se ruborizava e entrelaçava os dedos de sua mão com os do Trahern.

— Não passa nada. Necessitava um descanso, mas agora tenho que voltar para trabalho.

Brenna jogou do braço do Trahern e ele sacudiu a cabeça.

— Em seguida vou — disse o Paladino a sua companheira.

O ardente olhar que lançou a Brenna estava tão carregada de apaixonadas promessas que ao Lacey surpreendeu que o alarme contra incêndios não se disparasse. Não pôde evitar sentir-se um pouco ciumenta, pois fazia tempo que a ela ninguém a olhava daquela maneira. Bom, salvo no

momento ardente que tinha compartilhado com o Barak na montanha.

Então Trahern voltou a converter-se no temível Paladino.

— me deixe ver sua autorização para andar pelos túneis. — soltou ao Barak.

Barak respondeu antes que a doutora pudesse pensar em uma resposta acreditável:

— Por desgraça, deixei-me esse documento no laboratório. Não tínhamos nenhuma razão para acreditar que nossa presença nos túneis se questionasse.

Trahern entreabriu os olhos.

— Embora tenham uma permissão para baixar aos túneis. — replicou Trahern com um tom de voz que questionava às claras este fato —, estou convencido de que não o tem para levar uma espada em nenhum lugar salvo o ginásio.

Barak se colocou com sutileza diante da Lacey.

— Ninguém me disse o que devo ou não devo fazer, Trahern-disse — Levo a espada para proteger à doutora Sebastian e a devolverei ao ginásio assim que tenhamos terminado. Terá que te contentar com isso.

Trahern o olhou larga e intensamente antes de voltar a centrar sua atenção na Lacey.

— Necessita que te acompanhe? — perguntou-lhe.

Barak se surpreendeu a si mesmo esperando que ela rechaçasse a oferta de ajuda do Trahern. Contendo o fôlego, esperou para ver se Lacey confiava em que ele sozinho pudesse protegê-la ou se sentiria melhor ao ter a um Paladino como escolta.

— Estaremos bem, Blake — respondeu a doutora. — Não tenho planejado estar por aí abaixo muito tempo, e a zona permanece estável inclusive depois de que Purefoy manipulasse a barreira.

A tensão dos ombros do Barak se relaxou, mas não toda. Era provável que Trahern insistisse em ir com eles ou que chamasse o Devlin Bane para lhe pedir sua autorização. Barak estava disposto a transmitir qualquer informação que descobrisse nos túneis a respeito das bolsas ou as pedras azuis, mas só até certo ponto.

Ao final, Trahern pareceu tomar uma decisão:

— Quanto tempo tem planejado estar aí abaixo?

Lacey sorriu, pois sabia que acabava de ganhar a batalha.

— Uma hora mais ou menos. Seguro que menos de duas. — disse.

O Paladino assentiu com a cabeça.

— Está bem. Chamarei o elevador para você, mas, se necessitar ajuda, envia-me o de volta. Se te encontrar com problemas, utiliza os telefones de cabo dos túneis, porque os celulares não funcionam perto da barreira.

— Sei — Lacey passou o equipamento de uma mão a outra. — De todas as maneiras, obrigado, Blake.

Trahern voltou a desviar seus olhos cor gelo para o Barak.

— Traz a de volta dentro de duas horas, se não, irei por você. — Entreabriu as pálpebras e acrescentou — : E não levarei uma espada de praticar comigo.

Farto de que todo mundo o manipulasse, Barak apertou o punho da espada.

— Não ameace, Trahern. — Disse. — Se acredita que pode me derrotar, faz-o. Do contrário, nos deixe passar, que chegamos tarde.

Capítulo 6

Sem esperar resposta do Trahern, Barak se afastou deixando que Lacey o seguisse como pudesse. O Paladino os alcançou junto à porta do elevador, teclou uma série de números e se fez a um lado.

Lacey deslocou o peso de um pé a outro, a única amostra de que a tensão que reinava entre os dois homens a preocupava. Claro que ela estava mais familiarizada que a maioria das pessoas com o temperamento explosivo dos Paladinos.

As portas do elevador se abriram e Trahern colocou a mão frente ao sensor para contê-las.

— Você primeira, doutora, e fica ao fundo-ordenou.

Evidentemente, a Lacey gostava tão pouco como ao Barak receber ordens.

— Deste modo — explicou Trahern —, se algum dos velhos amigos do Barak está esperando aí abaixo, ele poderá atuar sem ter que te esquivar. Ele sabe como lutar, assim, se der o caso, deixa que o faça.

A explicação do Trahern aplacou o mau humor da Lacey, embora se sentiu algo mais preocupada com os riscos que estavam a ponto de assumir.

— Não me colocarei em seu caminho — disse ao fim.

— vejo vocês dentro de um par de horas.

Trahern pulsou o botão interior que fechava as portas e os enviou em uma descida em profundidade dos túneis. A última visão que Barak teve do Trahern indicou que o Paladino realizava uma chamada com seu celular, e teve a certeza de que Devlin estava a ponto de ser advertido sobre seu paradeiro atual.

Embora odiasse que o vigiassem continuamente, nessa ocasião não constituía uma má idéia. Se a barreira, ao fim e ao cabo, era instável, preferia que alguém soubesse que Lacey e ele estavam ali abaixo.

O estômago lhe deu um ligeiro tombo por causa da inesperada velocidade do elevador; outra maravilha construída por aquela gente. Em seu mundo, só utilizavam escadas devido ao elevado custo da energia requerida para fazer funcionar a maquinaria.

Sentia o calor do corpo da Lacey diretamente detrás dele, e seu aroma dominava o ar viciado do pequeno espaço. Barak se deu conta de que ser consciente dela de tantas formas o acalmava em certos aspectos e o excitava em outros.

O que diria ela se soubesse que podia ouvir os rápidos batimentos do seu coração e a forma em que respirava pela boca quando estava nervosa? A necessidade de tranquilizá-la-o embargava, mas sabia que lhe incomodaria que ele acreditasse que era uma pessoa débil.

— O que fará se algum de vocês... Isto...? — murmurou Lacey.

Sua voz se foi apagando à medida que se esforçava por encontrar uma forma adequada de formular a pergunta.

Barak lhe economizou o problema:

— Eu te protegerei Lacey. Inclusive de minha própria gente.

Lacey se ruborizou.

— Não pretendia te ofender, Barak, é só que nunca ouvi que ninguém chame de outra forma que não seja os Outros. E suponho que não lhes referem a vós mesmos desta forma.

— É a primeira pessoa que tira reluzir essa questão diante de mim.

Lacey pareceu genuinamente surpreendida.

— Nem sequer a doutora Young lhe perguntou isso? — disse — Acreditei que vocês dois tinham convertido em... Isto... Bons amigos.

Que idéia tinha passado por sua cabeça? Barak se voltou para olhar ao rosto .

— A doutora Young e eu temos uma relação trabalho muito parecida com a que temos você e eu. — asseverou, o qual não era de tudo certo. Ele nunca tinha desejado encerrar a Laurel contra a parede e beijá-la até que perdesse o sentido. Entretanto, esta idéia cruzava por sua mente cada vez que via Lacey. Barak esforçou em falar com voz acalmada.

— Laurel foi muito amável comigo e me ensinou os costumes deste mundo com a ajuda do Devlin eles formam um casal bonito.

Lacey soltou uma risada.

Um grande casal!!

— Como se não o chamaria? O vínculo que os une é poderoso, como o que existe entre o Trahern e Brenna Nichols.

A faísca nos olhos da Lacey se desvaneceu.

— Os Paladinos não são famosos por sua fidelidade, sobre tudo quando já levam umas quantas mortes sobre suas costas — comentou.

— Eu não imagino ao Devlin olhando a outra mulher como olha à doutora Young. A gente percebe a força de seu vínculo quando estão juntos.

Nada mais pronunciar aquelas palavras, Barak se deu conta de que tinha cometido um engano. Estava bastante seguro de que os humanos não percebiam as emoções de outros da mesma forma que ele.

Lacey arqueou uma sobrancelha.

— E você sabe que é um casal porque percebe esse vínculo? Já não tinha sentido negá-lo, embora possivelmente pudesse suavizá-lo.

— Forma parte de sua linguagem corporal; sua postura e a forma como se olham — explicou.

— Sim, sei.

Barak percebeu certo tom em sua voz que não soube identificar.

Antes que pudesse indagar sobre esta questão, o elevador chegou ao final de seu longo trajeto. Barak em seguida deixou de lado todos seus pensamentos, salvo o de proteger a Lacey.

Com a espada a ponto, esperou a que as comporta se abrissem. Inclusive antes que o fizessem, fechou os olhos e aguçou todos seus sentidos. O leve ranger das máquinas dificultava que percebesse se algum coração inesperado pulsava na zona mais próxima ao elevador, mas não acreditava.

Enquanto as comporta se abriam, Barak inspirou fundo, mas só percebeu o aroma de pedra e umidade do túnel. De momento, tudo ia bem. Barak saiu do elevador e repetiu sua sondagem ignorando quão estranho devia lhe resultar a Lacey. Notou que ela se colocava a sua esquerda, com cuidado de não paralisar sua espada.

Durante vários segundos, os dois permaneceram em silêncio: ele porque ainda estava inspecionando a zona para assegurar-se de que estavam sozinhos nos túneis e para comprovar o estado da barreira; e ela porque era a primeira vez que baixava aos túneis.

Ao ter ao Penn como irmão, seguro que tinha ouvido múltiplas histórias a respeito das batalhas a vida ou morte que se livravam ali. Provavelmente, quão último teria esperado era que sua primeira olhada ao mundo de seu irmão a realizasse em companhia de seu inimigo de toda a vida. Aos deuses adoravam as ironias.

— Que direção tomamos? — perguntou Barak.

O túnel não diferia muito em um ou outro sentido. Lacey girou imediatamente à esquerda.

— Por aqui — repôs. — Antes de baixar estudei os mapas. Quero instalar o equipamento em uma pequena derivação do túnel principal. O suficientemente perto da barreira para obter leituras desta e o suficientemente longe para que sua energia não interfira no funcionamento dos

aparelhos.

Barak franziu o sobrecenho, introduziu a espada em sua vagem e agarrou parte do equipamento. Lacey tinha começado a andar, de modo que Barak apurou o passo para alcançá-la.

— Como sabe que, estando tão perto da barreira, as leituras serão acertadas? — perguntou-lhe.

Mas Lacey não o escutava. Acabavam de tomar a primeira curva do túnel e a barreira zumbia e resplandecia frente a eles com suas cores sempre cambiantes. Barak tentou vê-la através dos olhos de Lacey, com a inocência da primeira visão de sua incrível beleza.

Ele odiava aquela barreira por ser tão inconstante.

Lacey exalou um suspiro extasiado.

— Ninguém me disse que era formosa — declarou.

— Certamente porque os passam à vida defendendo-a ou tentando cruzá-la tínhamos outras coisas nas que pensar para não sentir se poéticos a respeito dela.

Lacey enrugou o sobrecenho e abriu a boca como se fora a formular uma pergunta, mas o pensou melhor.

— Vamos, pergunta o que queira, Lacey — Lhe disse Barak. — Se posso te responder, farei-o.

— por que cruzam a este lado?

Barak reparou em que se referiu aos Outros sem incluí-lo. Significava isso que o tinha aceitado como parte de seu mundo e que, em certo modo, confiava nele? Estaria louca se o considerasse tão inofensivo, mas Barak não pensava lhe abrir os olhos.

Então se deu conta de que ainda não tinha respondido a sua pergunta. Depois de procurar uma versão da verdade que ela compreendesse, decidiu-se a responder:

— Porque têm que fazê-lo.

Antes que ela pudesse pedir uma resposta mais específica, chegaram a outra bifurcação do túnel, o que distraiu a Lacey.

— Aqui é onde queria instalar o primeiro grupo de sensores - anunciou.

Barak tinha estado desejando que acertasse a zona em que se encontrou pela primeira vez com Laurel Young e o sargento Purefoy, quem tinha a intenção de apagar aquela parte da barreira para sempre. Por sorte, Devlin Bane matou ao traidor antes que pudesse obter seu objetivo.

Durante aquele encontro, Barak tinha perdido a espada de sua família. Certamente alguém a teria encontrado, já fora algum dos seus ou um dos Paladinos, embora nenhum destes, além do Devlin, tinha chegado tão abaixo nos túneis, pois normalmente acessavam a eles pelo outro extremo.

Possivelmente, depois de que ele e Lacey tivessem instalado e posto em marcha a equipamento, pudessem explorar o túnel um pouco mais. A espada era o único que ficava dos pertences de seu pai.

O ancião não aprovava as crenças do Barak, mas nunca negou a seu filho o direito a utilizar o símbolo da família. Seu pai teria odiado saber que Barak tinha abandonado a espada sem vacilar para proteger a uma mulher humana, lhe oferecendo uma razão mais para amaldiçoar o seu filho por ser um louco.

— Me passe a chave de fenda grande — disse Lacey. Estava inclinada e equilibrava um aparelho com forma de aranha. Seus Jeans marcavam as curvas femininas de seu traseiro com um detalhe maravilhoso fazendo que ao Barak resultasse difícil entender sua simples petição. Lacey levantou o olhar para ver por que demorava tanto e então caiu na conta da vista que tinha estado lhe oferecendo. Depois de agarrar ela mesma o chave de fenda, transladou-se em seguida ao outro lado da aranha.

Ao ver que Lacey se ruborizava, Barak conteve os desejos de sorrir. Assim Lacey não era

imune à admiração aberta de um homem, inclusive a dele! Por muito que lhe tivesse gostado, em lugar de ficar ali contemplando-a Barak agarrou outro dos sensores miniaturizados e começou a desdobrar suas patas. As pequenas máquinas eram todo um tributo à ingenuidade de Lacey.

— Onde quer que ponha esta? — perguntou Barak.

Mas antes que ela pudesse lhe responder, ele levantou a mão para fazê-la calar.

Lacey se incorporou pouco a pouco e voltou à cabeça a um e outro lado tentando descobrir o que tinha chamado a atenção do Barak.

Ele baixou a voz para que só ela o ouvisse:

— Alguém vem para aqui.

— Mas quem...?

Não havia tempo para explicações, não se queriam ocultar sua presença aos inesperados intrusos. As luzes do túnel se ativavam com o movimento. Se ficavam quietos o tempo suficiente, as luzes se apagariam ocultando-os nas sombras. Barak alargou o braço e tampou a boca ao Lacey com a mão.

— Permanece em silêncio ou morreremos — sussurrou. — Se suas intenções fossem boas, não amorteceriam o som de seus passos nem fariam em sussurros.

Os olhos azuis da Lacey brilharam com uma faísca de irritação. Obedeceu ao Barak à contra gosto, com a velada promessa de que mais tarde as veria com ele. Conforme os intrusos se aproximavam, Barak encurralou a Lacey contra a parede mais próxima e cobriu seu corpo com o seu. A seguir tirou silenciosamente a espada e se voltou para encarar-se ao inimigo. Manteve o olhar fixo no extremo do passadiço e tentou ignorar a deliciosa sensação que lhe produzia o calor do corpo da Lacey apanhado entre ele e a fria parede de pedra.

O inimigo se aproximava e Barak percebeu o sabor de sua avareza. Se tivesse tido a um Paladino a seu lado, não teria titubeado em enfrentar-se aos intrusos, fossem do lado que fossem. Entretanto, não arriscaria a segurança da Lacey pela oportunidade de descobrir quem podia estar envolto no comércio ilegal da luz azul. Seus dedos se curvaram no punho da espada imaginando o prazer que lhe produziria fazê-los sangrar pela espoliação de seu mundo. Lacey se estremeceu detrás dele, um aviso de que não era o momento de atuar. Ao menos podia escutar e possivelmente averiguar o suficiente para ajudar ao Devlin a rastrear aos traidores até seu líder.

Barak se inclinou para trás e sussurrou ao ouvido do Lacey:

— Morrerei antes de permitir que alguém te faça mal.

Lacey acreditou na promessa do Barak, embora ainda não estivesse convencida de que estivessem em perigo. As luzes mais próximas a eles por fim se apagaram deixando-os sob o amparo da escuridão que reinava mais à frente do resplendor da barreira. Lacey fechou os olhos tentando ouvir o que tinha convencido ao Barak de que estavam em perigo.

Então, enquanto esperavam em completo silêncio, ouviu algo, embora possivelmente só se tratasse dos batimentos do coração de seu coração. Aí estava esse ruído outra vez, o roce de uns sapatos de sola de borracha no chão do túnel. Tratava-se de dois, ou possivelmente de três homens caminhando. Homens que não tinham uma razão legítima para estar nos túneis.

Os Paladinos caminhavam com arrogância; não importava absolutamente que o mundo inteiro os ouvisse chegar. Esse detalhe deixava claro que se tratava de uns Outros ou de alguém que não tivesse direito a estar ali abaixo. Se estivessem levando a algum tipo de trabalho de manutenção, os Regentes teriam dado aviso, mas, por isso ela sabia, esse aviso não se produziu.

Conforme seus olhos se foram acostumando à tênue luz da barreira, Lacey viu que Barak tinha a cabeça inclinada para o outro extremo do túnel. Sentiu desejos de perguntar o que estava escutando com tanta atenção, mas suspeitou que ele não apreciaria que ela interferisse em sua concentração.

Ao final, três homens passaram pela boca do passadiço. Embora não pôde distinguir suas

facções com clareza, Lacey estava segura de que eram uns perfeitos desconhecidos para ela. O que realmente chamou sua atenção foi às armas de alta tecnologia que tinham penduradas do ombro com toda naturalidade.

Inclusive ela sabia que as balas podiam produzir um grande estrago na barreira. Ou esses homens não eram conscientes dos riscos, ou estes não importavam absolutamente. Um daqueles homens se deteve para acender um cigarro e, depois, continuou seu caminho. Durante um segundo a pequena chama do fósforo pareceu iluminar toda a área, fazendo que Lacey se sentisse exposta na escuridão.

A doutora conteve o fôlego, consciente do perigo que corriam. Como se tivesse notado seu repentino medo, Barak agarrou a mão, oferecendo em silêncio o conforto de seu contato. Lacey sabia que seu irmão e seus amigos se sentiriam horrorizados se vissem que aceitava de bom estado o apoio de seu pior inimigo, mas para ela Barak já não era um inimigo.

Naquele momento devia preocupar-se mais dos homens que acabavam de passar pela boca do passadiço. Poucos segundos depois, Lacey já não pôde suportar aquele silêncio; inclinou-se levemente para diante e sussurrou:

— Já se foram?

Barak negou com a cabeça e lhe apertou a mão, o que voltou a tranquilizá-la. Ao final, a maior parte da tensão desapareceu de Barak. Voltou a embainhar a espada e se voltou com lentidão para Lacey. Seu movimento acendeu as luzes mais próximas. A repentina clareza fez que Lacey afundasse de forma instintiva a cara no ombro do Barak, quem imediatamente a rodeou com seus braços e a embalou contra seu peito.

Enquanto esperava a que seu coração se acalmasse, Lacey se deu conta de que queria muito mais que consolo do homem que a estava abraçando com tanta doçura. Pouco a pouco se obrigou a levantar a vista. Os olhos pálidos do Barak agüentaram o olhar da Lacey enquanto apoiava a mão em sua bochecha. Os joelhos da doutora fraquejaram quando teve o convencimento de que ele ia beijá-la.

Tinha esperado toda sua vida a que um homem a olhasse exatamente como Barak a estava olhando, como se ao contemplar seus olhos tivesse descoberto a resposta a todas suas perguntas. Lacey lhe ofereceu um leve sorriso e seguiu a masculina linha de sua mandíbula com seus trementes dedos.

Barak adiantou a cabeça e ela fechou as pálpebras esperando sentir o roce de seus lábios nos dela e sabendo, sem lugar a dúvidas, que sua vida estava a ponto de trocar para sempre.

Seus fôlegos se mesclaram quando ele posou com suavidade seus lábios sobre os dela, fazendo que o desejo feminino crescesse no interior dela como uma espiral. Ela subiu as mãos até os largos ombros do Barak desejando sua fortaleza e seu calor.

Lacey suspirou e separou os lábios como um convite a aprofundar o beijo. Barak a apertou contra ele lhe permitindo sentir como seu poderoso corpo encaixava com o dela e uniu sua língua a de Lacey, cuja pele ansiava livrar-se das capas de roupa que os separavam, por diminuta que fora a distância. Lacey mordiscou o carnudo lábio inferior do Barak, e com sua perna rodeou a dele. Barak exalou um grunhido e voltou a beijá-la.

Um grito os sobressaltou e se separaram de repente, fazendo que Lacey se sentisse culpado e decepcionado de uma vez. Penn Sebastian, Trahern e Devlin se dirigiam para eles e a doutora não estava segura de se acabavam de salvá-la ou a tinham privado de algo precioso que podia não voltar a experimentar.

Capítulo 7

Barak a empurrou com suavidade para a caixa que continha os sensores.

— Segue trabalhando — Lhe ordenou. — Eu os distrairei.

Normalmente, a Lacey teria sentido mal que ele tomasse o comando, mas naquele momento se sentiu agradecida.

Antes de centrar-se de novo nos aparelhos, viu que Barak se afastava para interceptar o passo aos Paladinos. Barak os deteve pouca distância dali enquanto ela realizava os últimos ajustes. A caixa continha as distintas peças do equipamento que utilizaria para controlar e registrar os movimentos do subsolo naquela zona. Nas montanhas utilizava aparelhos maiores e baterias de maior tamanho que os alimentavam.

Lacey tinha modificado o desenho original para construir aparelhos de tamanho reduzido que se adaptassem melhor a espaços mais protegidos, como eram os túneis. Se aquele protótipo funcionava tão bem como ela esperava, sua intenção era instalá-los por todo o sistema de túneis que os Paladinos tinham que vigiar.

Lacey queria chegar a predizer os terremotos e as erupções vulcânicas que faziam que a barreira se apagasse. Inclusive uns poucos minutos de antecipação podiam ajudar a salvar a vida de muitos Paladinos. Ela os tinha visto sacrificar tanto... Inclusive sua prudência, em uma guerra que nunca poderiam ganhar por completo.

Perguntou-se o que pensaria Barak a respeito de sua investigação. Se tiver êxito, ela ajudaria a salvar seriam a costa de sua espécie.

— Te aparte de meu caminho! — grunhiu Penn enquanto tentava passar junto ao Barak, quem se havia interposto com firmeza em seu caminho.

Estupendo, outra briga de merda carregada de testosterona!

Devlin lançou um olhar furioso ao Penn.

— Retrocede! — disse-lhe.

— E uma merda, Bane! Isto é tua culpa.

— É culpa minha que esteja atuando como um autêntico filho da puta? — Devlin se colocou junto ao Barak para impedir que Penn entrasse no túnel. — Ninguém te deu permissão para estar aqui embaixo, maldito idiota! Se os de acima se inteiram, porão-lhe a trabalhar na lavanderia durante os próximos seis meses.

Como se os insultos e as ameaças fossem acalmá-lo! Lacey fechou a tampa da caixa e se ocupou da outra. Barak já tinha realizado a maior parte do trabalho, assim só necessitou um par de segundos para pôr o aparelho em funcionamento.

Depois de limpar as mãos, voltou a empacotar o resto do equipamento.

— Se tiverem acabado de atuar como uns idiotas, viria-me bem um pouco de ajuda - lhes espetou.

Barak deixou que Devlin e Trahern se encaregassem do Penn e retornou com ela. Enquanto se inclinava para agarrar uma das caixas, cravou seu olhar na doutora e, com voz suave, sussurrou:

— Sinto tudo isto.

Suas palavras a sacudiram como um jarro de água fria. O que era o que sentia? Que seu irmão estivesse atuando outra vez como um imbecil ou que sua decisão de monitorar os túneis tivesse armado semelhante revôo? Ou que se beijaram? Ainda recordava a sensação que lhe tinha produzido estar em seus braços e o sabor de seus lábios.

Naqueles momentos, este último a assustava no mais fundo de seu ser. Barak representava

tudo o que tinham ensinado a odiar; entretanto, ele não tinha nada que ver com os monstros que Penn e o resto dos Paladinos lhe tinham feito acreditar que eram os Outros.

Devlin colocou diante da doutora com as mãos apoiadas nos quadris e com o aspecto mais terrível que lhe tivesse visto.

— Lacey, que demônios está fazendo aqui embaixo? E quem te autorizou a baixar? — perguntou.

Ela não se amedrontou.

— Estou realizando meu trabalho. Assim, assim que separarem de nosso caminho, Barak e eu poderemos acabá-lo e partir daqui.

— Maldita seja, Lacey — replicou Devlin —, temos boas razões para não permitir que pessoas passeie por aqui embaixo! O que teria passado se a barreira se apagasse?

— Eu a teria protegido.

Barak havia retornado a deixar a caixa no chão e tinha uma mão apoiada no punho de sua espada.

Lacey estava cansada de que discutissem por ela como um par de cães brigando por um osso puído.

— De fato, já me salvou a vida, Devlin — explicou. — Três homens armados com fuzis passaram por aqui faz menos de dez minutos. Se Barak não os tivesse ouvido aproximar-se, sem dúvida teriam descoberto.

Os olhos verdes do Bane se deslocaram para Lacey ao Barak.

— Quando tinha pensado em me contar isso — ok, eu estou ouvindo Barak lhe devolveu uma olhar com paciência.

— Não estava seguro de que quisesse que Penn e Trahern soubessem. Teria contado isso assim que tivéssemos estado sozinhos.

Parte do aborrecimento do Devlin desapareceu de sua expressão.

— Está bem, escuto-te — disse.

— Ouvi suas vozes aproximar-se pelo túnel. Empurrei a Lacey ao fundo do túnel secundário e lhe disse que ficasse quieta para que as luzes se apagassem. Desembainhei a espada e esperei a que aparecessem.

— Eram membros do Guarda Nacional?

— Não vestiam uniformes, mas isso não significa nada. Embora levassem armas, pareciam relaxados, como se acreditassem estar sozinhos nos túneis. Não perceberam nossa presença. — Filhos da puta! — Devlin se passou os dedos pelo cabelo — Transportavam algo que não deversem?

— Como o que? — interveio Lacey, que tinha estado seguindo a conversação. — Levavam armas automáticas. Parece-te pouco?

Barak e Devlin trocaram olhares, mas nenhum pareceu disposto a lhe dar explicações.

Nesse momento, Trahern se aproximou deles.

— Onde quer instalar a equipamento, doutora Sebastian? — Lhe perguntou. — Posso levar isso enquanto estes dois acabam de esclarecer seus assuntos.

Trahern tentava distraí-la e ela não podiam fazer nada a respeito. Os Paladinos não mostravam suas cartas e, naquele momento, ela se sentia muito confusa para discutir.

— Esta pode ficar aqui — respondeu Lacey, assinalando a caixa que tinha mais perto. — A outra quero levá-la mais abaixo do túnel para poder comparar os dados de ambos os instrumentos.

Por uma vez, ninguém discutiu seu plano, o que indicava quão ocupados estavam Devlin e Barak tentando manter em segredo sua conversação. Lacey agarrou suas ferramentas e seguiu ao Trahern. Barak a contemplou enquanto se afastava, embora isto Lacey possivelmente só o tivesse

imaginado.

— O que têm feito com o Penn? — perguntou a doutora.

Deveria ter perguntado antes sobre o paradeiro de seu irmão.

Trahern se encolheu de ombros.

— Devlin ordenou que retornasse ao elevador. Por um momento acreditei que teria que lhe dar um bom murro e levá-lo a rastros até ali. — O alto Paladino baixou a vista para ela. — Não estava muito contente sabendo que tinha baixado aqui só com o Barak.

— Então, por que Bane e você o disseram? Tinham que saber como reagiria.

Trahern se deteve de repente.

— Nós não o dissemos — disse. — Eu contei ao Devlin, mas nenhum de nós falou com o Penn. Acreditei que tinha visto sair do laboratório.

— Eu nunca teria deixado que ele se inteirasse. Se não, não nos teria deixado baixar. Saímos pela outra porta e cruzamos o edifício sem nos deter a falar com ninguém.

Seu companheiro murmurou algo que, soava como uma maldição.

— O contarei ao Devlin para que ele fale com o Penn — disse logo.

— Resultará interessante saber quem te estava vigiando, ou possivelmente é ao Barak a quem vigiavam.

Lacey suspirou. Já era bastante molesto que seu irmão seguisse tratando-a como a uma menina a maior parte do tempo para que encarregasse a outros que o ajudassem a espia-la.

— Se tiver encarregado a algum de seus amigos que me vigie, matarei-o — declarou. — Levo anos ameaçando fazê-lo, possivelmente chegou à hora de demonstrar que falo a sério.

Trahern pôs-se a rir, embora sua risada soasse afetada.

— Eu adoraria vê-lo — disse com ironia. — Se te consolar, eu apostaria em você.

Lacey o olhou com receio.

— Devido à lesão de sua mão? — perguntou molesta.

Trahern pareceu surpreso.

— Não, é só que aprendi a sentir um franco respeito pelo que uma mulher forte pode conseguir. — Trahern voltou à vista para o Devlin, que seguia falando com o Barak. — Quem teria pensado que ao Bane poderia dominá-lo uma mulher?

Lacey não teve mais remedeio que tornar-se a rir.

— Alguns poderiam ter pensado o mesmo de você — Lhe disse. As duras facções do Trahern se suavizaram um pouco.

— Não estamos falando de mim.

Mas tampouco o negou. Brenna Nichols tinha operado milagres com o Blake Trahern e Lacey se sentia sinceramente feliz pelos dois.

Chegaram a outro passadiço secundário.

— Instalemos os sensores aqui — sugeriu a doutora.

— Não, aqui não!

Trahern tentou detê-la, mas ela já tinha entrado no passadiço e as luzes se acenderam. Nada diferenciava aquele curto túnel do anterior, até que Lacey vislumbrou uma mancha de cor marrom escura no chão. Parecia... Então recordou as histórias que tinha ouvido sobre o dia em que Barak cruzou a barreira e Devlin matou ao guarda traidor. Santo céu! Tratava-se de sangue, sangue velho e seco, mas sangue ao fim e ao cabo. A mancha tinha a forma de um atoleiro e chegava até o pequeno segmento da barreira que cruzava o passadiço, finalizando abruptamente ao bordo da barreira.

— Blake, é aqui onde...?

— Sim — admitiu Trahern a contra gosto. — Aqui é onde o sargento Purefoy prendeu a Laurel e ao Barak e esperou a que a barreira se acendesse. Poderia havê-los matado aos dois.

Mas Devlin, com a ajuda do Barak, tinha podido matar ao sargento.

Parecia apropriado instalar o equipamento justo onde Barak se ganhou o direito a viver em seu mundo. Lacey tragou saliva com força e deixou no chão a caixa das ferramentas.

— Ponhamos mãos à obra — disse.

O frio dos túneis tinha intumescido os dedos e lhe resultou difícil ajustar as peças que faltavam. Mas, ao final, o pequeno aparelho funcionou corretamente.

— Importa-te se inspecionar um pouco mais os arredores? — adicionou a doutora. — Não demorarei mais de um par de minutos em encontrar algum outro lugar para instalar mais equipamentos a próxima vez que venha.

Trahern franziu o sobrecenho.

— Pode olhar — repôs —, mas isso não garante que, a curto prazo, permitam-lhe voltar a baixar.

Lacey levantou o olhar para o teto. Tinha conseguido baixar uma vez, assim voltaria a fazê-lo. Em lugar de discutir sobre essa questão, realizou uma inspeção rápida de várias centenas de metros. Só havia outro túnel secundário que valesse a pena considerar. Depois de agitar as mãos para acender as luzes, Lacey piscou devido ao repentino resplendor.

Salvo por uma cama oxidada, o túnel estava vazio e serviria como estação de controle. Se Devlin não permitia voltar a baixar, possivelmente Trahern queria acompanhar ao Barak para instalar o equipamento. Quando estava a ponto de perguntar ao Trahern, viu com a extremidade do olho algo que brilhava e se aproximou para ver o que era.

Tratava-se de uma espada, mas distinta a todas as que tinha visto até então. Lacey se aproximou com precaução, pois sabia que devia proceder do outro lado da barreira.

— Blake, vêem ver isto! — disse por cima do ombro.

Trahern se aproximou para examinar a espada. Os dois a observaram durante vários segundos antes que ele alargasse o braço, com cautela, para separar a da parede e vê-la melhor.

— Deveria pertencer a um Outro — observou.

— Mas, segundo os arquivos, não produziu nenhuma batalha nesta zona há anos! — As palavras saíram antes que pudesse evitá-lo. Só podia conhecer essa informação Por ter acessado aos arquivos secretos dos Paladinos. — Quero dizer que...

Trahern a olhou lhe dando a entender que já sabia.

— Não sofra. Devlin já deduziu que estiveste consultando nossos arquivos. Encarregou ao DJ que te vigiasse.

Lacey teria sorte se, ao inteirar-se, seu chefe não a submetia a medidas disciplinadoras.

— Necessitava de informação! — alegou.

— A próxima vez, simplesmente, pede-a. Todos temos um interesse pessoal em seu trabalho.

— Obrigado, a próxima vez, pedirei — respondeu isso Lacey, surpreendida pela resposta do Trahern.

— Não prometo que Devlin te permita um acesso livre a tudo, mas se consegue convencer o de que o que precisa saber está justificado, escutará-te.

Trahern tirou um lenço e o utilizou para agarrar a espada pelo punho.

— Nunca tinha visto incrustações como estas. — Disse. — Eu diria que esta beleza pertence a seu amigo.

— Ao Barak está permitido levar uma arma?

Trahern arqueou uma sobrancelha.

— Agora mesmo leva uma espada, não? Deduzo que foi tua idéia.

Lacey se ruborizou.

— Não. De fato, foi idéia dele vir comigo, se por acaso me encontrava com algum problema. Disse-me que as espadas de praticar do ginásio eram as únicas às que tinha acesso.

— Bom, vamos ver o que tem que dizer sobre esta.

Trahern se afastou a um lado permitindo que Lacey abrisse caminho.

Devlin, com as mãos apoiadas nos quadris, lançou um olhar furioso ao Barak.

— Maldita seja, Barak, não posso permitir que passeie por toda parte! Os Regentes me cortariam a cabeça se inteirassem.

Barak franziu o sobrecenho. Ainda estava aprendendo a interpretar o significado de algumas expressões que utilizavam os Paladinos e outros humanos com os que tinham estado em contato. Segundo sua experiência, nada o fazia acreditar que os Regentes fossem matar a um de seus guerreiros mais bravos por sua causa.

Não, por lógica, o mais provável seria que ordenassem sua morte em lugar do Devlin. Bane estava exagerando outra vez.

— Então, supõe-se que deveria ter deixado que a doutora Sebastian baixasse sozinha aos túneis? — conseguiu dizer Barak com um tom de voz suave, embora estava cansando de ter que justificar todas suas ações.

— Demônios, não, mas teria podido me chamar em lugar de permitir que se passeasse por aqui como se nada! — Devlin agitou uma mão com gesto ameaçador. — A barreira poderia haver-se apagado!

— Isso você já disse.

— Pois parece que ainda não o entendeste, não? Aqui está você, discutindo comigo enquanto ela segue atuando como se tivesse todo o direito do mundo para utilizar os túneis como se fosse seu laboratório de geologia particular.

Barak pensou que se Devlin não parava de destrambelhar seria porque estava preocupado pela Lacey e por ele.

— Sinto ter te preocupado — Lhe disse. — A próxima vez avisaremos.

— A próxima vez? Não me estiveste escutando ou o que? Demônios, se não tivesse ouvido por acaso que aqueles bastardos se aproximavam poderia haver-se produzido um açougue!

— Não! Eu a teria protegido!

Barak se endireitou quão comprido era e cravou seu furioso olhar no igualmente furioso olhar do Devlin. Estava disposto a agüentar que Devlin descarregasse nele seu mau humor, mas era consciente de suas capacidades. Lacey teria estado a salvo e ele teria sacrificado sua vida por ela.

— Com o que? Com esta espada de praticar? — burlou-se Devlin.

Pelo visto, Devlin não ia tranquilizar se tão facilmente.

— É a única arma que me permitem utilizar — replicou Barak. — Se quer estar seguro de que a mantereí a salvo, me permita dispor das ferramentas para realizar meu trabalho! — Barak raramente gritava, mas ter que tratar com um Paladino que não atendia a razões, sem dúvida requeria uma demonstração de força. — Me de uma espada e a utilizarei. Pode que você seja um Paladino, Bane, mas, em meu mundo, a mim consideravam um guerreiro formidável. E também posso sê-lo neste.

Antes que Devlin pudesse lhe responder, Trahern, com seus olhos frios como o gelo, voltou a aparecer. Sem necessidade de olhar, Barak soube que Lacey estava detrás dele. Tinha percebido seu aroma e algo mais. Algo que ressonava no interior de sua cabeça e seu coração. Antes que pudesse dizer nada, Trahern falou:

— Se for lhe dar uma espada, Bane... — Trahern lançou ao Devlin um olhar com a que o desafiava a contradizê-lo — , possivelmente queira lhe dar uma que saiba utilizar.

Lacey saiu de detrás do Trahern e mostrou a espada. Não era uma espada qualquer, a não ser a espada do pai do Barak, e o Outro teve que fazer um esforço para não soltar um grito de

alívio. Alargou os braços e o sorriso da Lacey se iluminou enquanto entregava a espada com delicadeza.

— Nunca tinha visto uma folha tão larga nem com uma curvatura como a desta. — Disse. — É formosa, Barak. Quase uma obra de arte.

Barak supunha que o era, mas, para ele, seu autêntico valor residia no fato de que tinha passado de pais a filhos em sua família durante gerações. Ele seria o último de sua linhagem em possuí-la.

— Onde a encontrastes? — perguntou com a voz áspera.

Trahern se inclinou para ele para examinar a arma.

— Perto de onde cruzou a barreira, suponho. — Disse. — Lacey a encontrou enquanto procurava mais lugares onde instalar seus brinquedos.

Trahern obteve uma previsível reação de Lacey.

— Esses brinquedos poderiam te salvar a vida um destes dias, Blake Trahern.

Devlin, evidentemente, tinha superado sua irritação.

— Sim que poderiam. — Lacey se aproximou para admirar a espada. O trabalho dessas incrustações é distinto a tudo o que tinha visto até agora.

— Para já! — Lacey apartou a mão do Devlin de sua cabeça e voltou a centrar-se na espada. — Esse encaixe azul fica muito bonito em contraste com o escuro metal.

E assim era. Só alguém com o dom para manipular as pedras azuis podia ter embutido a pedra no metal daquela maneira. Se Barak concentrava o suficiente, podia fazê-la brilhar, mas não tinha nenhuma vontade de compartilhar aquela habilidade com ninguém.

— Obrigado por encontrá-la, Lacey. — Disse. — É uma parte de meu lar que sentia falta.

Barak lhe ofereceu um breve sorriso. Se Devlin lhe exigia que a entregasse para guardar-lhe faria-o, mas com grande dor.

— Será melhor que saíamos daqui antes que aqueles homens retornem — atravessou Devlin, alargando o braço. — Me devolva a espada de praticar para que não tenha que informar que a roubaram.

Pela primeira vez desde sua chegada a aquele mundo, Barak se sentiu equilibrado, com o peso familiar de sua espada na mão. Se ele e Lacey continuavam com seu trabalho no campo e nos túneis, ele levaria a espada de um guerreiro que os manteria aos dois a salvo.

Assinalou em direção aos elevadores com um movimento da cabeça e disse:

— Sugiro que vamos, já tivemos bastante sorte evitando a esses pistoleiros em uma ocasião.

Enquanto os quatro caminhavam em um amigável silêncio, Devlin olhou a Lacey.

— A próxima vez que queira baixar aos túneis me comunique isso lhe sussurrou. — Enviarei ao DJ ou ao Cullen contigo para instalar alguma câmara na zona. Eu gostaria de ver aos caras que viram antes.

— Barak e eu podemos instalar as câmaras, Devlin. Não necessitamos que seus moços viessem a nos fazer de babás.

— Maldita seja, Lacey! Também tinha que herdar a obstinação de seu irmão? Se os envio para que conectem as câmeras aos nossos computadores. Você fará o teu, e eles, o seu, mas eu gostaria de saber que há mais de uma espada a seu lado em caso de que te cruze de novo com esses indivíduos.

Barak tinha contado ao Devlin tudo o que recordava a respeito dos desconhecidos ele e Lacey tinham visto. Tanto ele como o Paladino suspeitavam que pudessem estar envolvidos no roubo das pedras azuis. O problema estava em pega-lós com as mãos na massa, porque não sabiam a frequência com a que passavam por ali.

Um som familiar chamou a atenção do Barak, que inclinou levemente a cabeça para diante e fechou os olhos.

— Devlin, vêm de volta por este caminho — alertou.

Nenhum dos Paladinos pôs em dúvida sua palavra. Todos os guerreiros aprendiam a confiar em seus instintos; não ser assim, não sobreviviam durante muito tempo. Devlin levantou a espada de praticar em posição de ataque enquanto Barak desenbanchava a de seu pai.

— Estão muito longe?

— Pelo eco dos túneis, não posso dizer isso com segurança. — Barak se concentrou em seu interior e escutou com toda atenção. — Eu diria que não estão longe, mas, se correremos, poderemos chegar ao elevador.

O grupo pôs-se a correr. De forma automática, os três homens compassaram seus passos aos da Lacey para protegê-la. Quando se aproximavam do elevador, Trahern se adiantou para teclar o código.

— Maldita seja, Penn o deixou acima! — exclamou.

Colocaram a Lacey detrás deles e contaram os segundos enquanto o elevador realizava a longa viagem de volta ao subsolo. Devlin se colocou ao lado do Barak e de cara ao túnel, que estava às escuras.

— Não posso acreditar que fora tão estúpido para baixar desarmado — declarou Trahern, zangado consigo mesmo.

Lacey deixou no chão sua caixa de ferramentas, levantou a bandeja superior, tirou uma pistola e a estendeu ao Trahern.

— Desembrulha-te bem com uma destas? — perguntou-lhe.

Ele não se dignou responder a sua provocação, limitando-se a comprovar o estado da pistola com uma eficácia que falava de anos de prática.

— Obrigado — disse secamente.

Podiam ouvir claramente as pisadas dos intrusos. Se o elevador não chegava em uns segundos, os quatro se veriam apanhados desprotegido.

— Eu os distrairei — ofereceu Barak, separando-se de outros.

— Vou contigo — disse Devlin, e se dispôs a segui-lo. Mas Barak fez gestos para que não o fizesse.

— Acreditarão que sou um atrasado da última batalha — Lhe disse — Se lhe vêem é mais provável que entre em pânico e comecem a disparar.

Seu plano era o mais sensato, e todos sabiam.

— Mantém Lacey a salvo — acrescentou Barak.

— Barak, não!

Lacey tentou afastar ao Trahern de seu caminho, mas era como tentar mover uma montanha.

— Não deixe ir, Blake! Poderiam matá-lo! — rogou-lhe ao Paladino.

A dor que refletia sua voz reconfortou ao Barak como nada o tinha feito em muito tempo, pois sabia que significava que ela se preocupava com ele. Saber que, se morria, não passaria ao mundo dos defuntos sem ninguém que chorasse sua morte, suavizou a amargura que reinava em sua alma.

Não tinha percorrido mais de cinqüenta metros quando ouviu que as portas do elevador se abriam. Lançou um rápido olhar para ali e comprovou que Trahern colocava Lacey ao interior do elevador enquanto Devlin os cobria como podia. O Paladino fez um gesto ao Barak para lhe indicar que retrocedesse e fora com eles ao amparo do elevador.

Entretanto, antes que Barak pudesse reagir, os três homens que tinham visto antes apareceram à vista. Se suas armas lhe pareceram mortíferas quando as tinham penduradas com despreocupação à costas, isso não foi nada comparado com o que sentiu agora que apontavam diretamente a ele.

Barak soltou um grito de batalha e arremeteu contra eles, surpreendendo-os com seu ataque

direto. O mais próximo retrocedeu um passo tropeçando com um de seus companheiros. Evidentemente, tinham-lhes advertido a respeito dos perigos de disparar suas armas perto da barreira, porque não abriram fogo imediatamente.

Barak se deslocou para manter a barreira as suas costas e tirar proveito de sua posição. Produziu-se um disparo e o homem que estava mais longe do Barak se cambaleou para trás enquanto um círculo de cor vermelha brotava em seu peito estendendo-se com rapidez.

Uma a menos graças ao Trahern; já só ficavam dois. O ruído do disparo tinha distraído o suficiente a seus oponentes o tempo suficiente para permitir ao Barak atacar de novo. Nessa ocasião, experimentou o intenso prazer de sentir como sua espada atravessava a carne humana. O grito do homem se viu afogado pela exclamação triunfante do Barak. Sua espada, gotejando brilhante sangue vermelho, ansiava mais do mesmo, e Barak se voltou para a esquerda enquanto a folha atravessava o ar caminho do seguinte objetivo.

O último dos três homens teria gritado se não acabassem de cortar o pescoço. O único som que produziu foi o de um gorgolejar enquanto tentava conter seu sangue e o ar de seus pulmões só com as mãos. Os perplexos olhos do homem se encontraram com os do Barak um breve instante antes que a vida se fluísse deles, igual ao sangue se escorria pelo corte de sua garganta.

Barak permaneceu imóvel esperando que seu coração recuperasse um ritmo próximo ao normal. Tinha passado algum tempo da última vez que tinha reclamado uma vida humana como prêmio por uma briga bem executada. O sabor da vitória pareceu doce até que se deu conta de que tinha permitido que o ardor da batalha o dominasse uma vez mais.

Embainhou a espada e a deixou pendurar a seu lado enquanto a sensação familiar do arrependimento invadia seu coração. Tinha que reconhecer que aqueles homens não tinham deixado nenhuma escolha e que, se não tivesse lutado contra eles, poderiam ter ferido com gravidade, a ele e os seus companheiros. Matar em defesa própria não era mau, isso já sabia.

Mas sentir prazer por fazê-lo sim que o era.

Um gemido atravessou seus pensamentos com tanta acuidade como sua espada tinha atravessado a seus inimigos. Pouco a pouco se voltou para o elevador, consciente do sangue que com seu aroma acre e metálico se encharcava no chão do túnel. Todo o horror que deveria sentir e que não sentia estava nos brilhantes olhos azuis do Lacey, transbordantes de lágrimas.

Presa de um ataque de pranto, Lacey se voltou e afundou a cara no torso do Trahern.

— Tira a daqui! — exclamou Barak pouco menos que com um grunhido.

No que estava pensando Trahern mantendo a porta aberta? Finalmente as portas do elevador se fecharam, ocultando à vista do Barak a dor do Lacey.

— Vai superar. É uma mulher forte.

Barak deu um salto. Quase se tinha esquecido do Devlin.

— Quanto viu?

— O suficiente — Devlin se ajoelhou junto ao homem ao que Trahern tinha disparado e comprovou seu pulso. — Este ainda está vivo. Pressiona sua ferida enquanto chamo à cavalaria.

Barak deduziu que ia pedir ajuda.

— Lamento não ter feito prisioneiros — declarou.

Devlin dirigiu seus olhos verdes de olhar duro como o jade para o Barak.

— Pois eu não. Eles o buscaram. — Devlin esboçou um sorriso maligno. — Agora que este sabe que nós não gostamos de fazer prisioneiros, soltará a língua.

Barak fincou um joelho no chão e apertou o lenço que Devlin lhe tendeu contra a ferida de bala. Não sentia absolutamente nada por aquele homem e não lhe importava que seu olhar estivesse carregado de medo e de dor. Aquele filho da puta tinha posto a Lacey em perigo; se morria o mundo não seria um lugar pior.

O fato de que Devlin o tivesse incluído ao falar em plural o fez sentir-se orgulhoso. Mas isso

não ajudaria a restaurar a inocência perdida da Lacey quando o olhou e percebeu que era um assassino.

Capítulo 8

Merda! Penn enviou uma lata o mais longe que pôde de um chute. Esse pequeno ato de violência logo que conseguiu acalmar sua necessidade de bater em alguém, a quem fora, mas sobre tudo a aquele fudido Outro. Penn tinha posto feito uma fúria quando se inteirou de que aquele animal tinha baixado com sua irmã aos túneis.

O que teria ocorrido se não lhes tivesse interceptado? Todos viam no Barak o mascote de Laurel Young, mas Penn era mais preparado que tudo isso. Ele tinha percebido o mesmo ódio nos estranhos olhos do Barak que nos de todos os Outros contra os que tinham esgrimido a espada ao longo dos anos. O muito bode podia ter enganado ao Bane e Trahern, mas a ele não.

E se o plano do Barak consistia em levar a uma mulher humana ao mundo de pesadelo de que procedia? Não o tinha podido conseguir com Laurel Young, mas agora tinha Lacey, a outra candidata. Pois bem, isso não ia acontecer, não se ele podia evitá-lo.

O suave zumbido de uma câmera vigiando o beco lhe recordou que não estava realmente sozinho. Não, O Grande Irmão não descansava nunca. Seguia-se mostrando agitado, podiam enviar a alguém a ver o que lhe passava. Em lugar de arriscar-se a que o relevassem de seu posto, reduziu a velocidade de seus passos e retornou a seu montão de mantas.

Depois das arrumar um pouco, sentou-se sobre elas. De momento cumpriria com seu trabalho enquanto contava os minutos para a substituição. Então se iria a sua casa, daria-se uma ducha quente comeria um bife enorme e sanguinolento para jantar e, depois, realizaria uma visita de cortesia a sua irmã para transmitir uma simples mensagem.

Ou jogava a aquele rato de laboratório que era o Outro ou ele estaria encantado de jogá-lo em seu nome.

Duas taças de chá e um punhado de barras de chocolate tinham feito pouco para tranquilizar os exaltados nervos de Lacey. Ao final tinha acrescentado algo muito mais forte que uma colherada de açúcar à terceira taça de chá para ver se assim se acalmava. Mas de momento isso só tinha calmo mais seu agitado estômago.

Teria posto-se a dormir, mas cada vez que fechava os olhos a única coisa que via era sangue, atoleiros de sangue estendendo-se ao redor daqueles cadáveres. Estremeceu-se e bebeu outro sorvo de seu chá adulterado.

O timbre da porta não fez pressagiar nada bom. Só podia tratar-se de duas pessoas, e ela não desejava ver nenhuma delas, assim ignorou a chamada. Entretanto, entre timbre e timbre, ouviu a voz de uma mulher que a chamava por seu nome.

Lacey se levantou com esforço do sofá deixando que sua manta de ponto caísse ao chão. Seu velho moletom não era exatamente o que estava acostumado a vestir para receber visitas, mas naquele momento isso não lhe importava.

Depois de dar uma rápida olhada através da mira, soltou com estupidez a corrente de segurança e abriu o fecho. Que fazia a doutora Young no alpendre dianteiro de sua casa? Lacey

deslizou os dedos por seu cabelo, que ainda estava úmido, tentando arrumar um pouco seus cachos antes de abrir a porta.

Um frio temor pela saúde de seu irmão a invadiu.

– Doutora Young? Penn está bem? – perguntou com ansiedade na voz.

Ao princípio, Laurel pareceu confusa e depois, horrorizada.

– Céus não me tinham ocorrido que pensasse nessa possibilidade! Penn está bem, doutora Sebastian. Vim porque Devlin me pediu que o fizesse. – Laurel cruzou a soleira da porta e apoiou as mãos nos ombros do Lacey .

– Sinto havê-la assustado.

Como irmã de um Paladino, Lacey tinha convivido a maior parte de sua vida com a ameaça de que seu irmão pudesse morrer em qualquer momento e sem prévio aviso. Os olhos escuros de Laurel Young refletiram solidariedade lhe recordando que, devido ao Devlin, ela também vivia com a alma em velo. E o que era ainda pior: ela podia ser a pessoa que tivesse que matar ao homem ao que amava.

Suas vidas eram duras, mas nenhuma delas renunciaria à sua nem por um minuto.

– me chame Lacey.

– E você a mim Laurel, por favor. Já me chamam bastante pelo tratamento no trabalho.

Lacey esboçou um leve sorriso e se fez a um lado.

– Entra. Acabo de preparar chá – disse a seu visitante. – Quer uma taça?

– Se não for incômodo, eu adoraria. Foi um dia realmente difícil.

Lacey lhe indicou que se sentasse à mesa da cozinha. Serviu-lhe uma taça de chá e preparou uma baixela com bolachas caseiras.

– tiveste problemas no laboratório? – perguntou.

– Sim, por dizer o de uma maneira suave. – Laurel bebeu um sorvo de chá e suspirou de prazer.

– Meu favorito. Mas não vim para me queixar do dia que tive. Devlin me contou o que ocorreu hoje nos túneis. Estamos preocupados com você, como podia ter afetado. Está bem?

Como podia responder a essa pergunta? Estava viva e não tinha sofrido nenhum dano, ao menos físico. Quando baixou aos túneis sabia que corria certo perigo, mas nunca pensou que sua expedição científica acabaria em morte e violência. Ou em um momento de paixão. Faria algo mais que beijar ao Barak se não os tivesse interrompido? Temia que sua resposta fosse um fim terminante.

– Estou bem ou, ao menos, estarei-o. – Não pôde ocultar o estremecimento que percorreu seu corpo, nem evitar justificar-se.

– Aqueles homens morreram por minha culpa.

– Não! Não! – A expressão de Laurel se voltou furiosa. – Em primeiro lugar, aqueles homens não tinham por que estar ali. Devlin me contou isso tudo e nada do que me há dito reflete que você tivesse nenhuma culpa. Só estava um pouco aborrecido pelo fato de que tivesse baixado aos túneis sem permissão – declarou Laurel suavizando suas palavras com um ligeiro sorriso. – Mas, embora tivesse pedido isso não troca o fato de que aqueles homens podiam ter matado a vocês.

– Entretanto, Barak e Trahern os mataram e isso não teria ocorrido se eu não tivesse arrastado ao Barak ali abaixo.

Nos túneis, as portas do elevador havia tornado a abrir-se depois de fechar-se. Naquele momento, já tinham morrido dois homens, mas ela viu como Barak matava ao terceiro. O Outro nem sequer notou o jorro de sangue que salpicou sua roupa, e ela teria jurado que o viu sorrir. Como podia alguém alegrar-se de matar a uma pessoa, embora esta merecesse morrer? Antes que Barak levantasse o olhar e visse Lacey, suas facções refletiram uma alegria selvagem.

Alexis Morgan – Renascido da Escuridão – Série Paladinos 03

— Barak salvou vidas ali abaixo, Lacey. Isso é o que tem que recordar — apontou Laurel.
Lacey desejou conhecer melhor a Laurel, porque tinha a imperiosa necessidade de confiar-se a alguém.

— A verdade é que não entendo ao Barak — disse ao fim.

Laurel suspirou e bebeu um gole comprido de chá.

— Não acredito que alguém o entenda, Lacey. Eu, certamente, não o entendo. Desde que comecei a trabalhar para os Regentes, sempre ouvi que os Outros eram uns monstros, mas nunca percebi nada semelhante no Barak.

E Lacey tampouco. Até então.

— Conheço os Paladinos de toda a vida. — Disse. — Todos eles são uns lutadores. E bem sabe Deus que Penn, meu irmão, goza reputação de ser genioso. Suponho que nunca os tinha visto atuar antes.

Laurel assentiu com a cabeça.

— A primeira vez é duro. Eu os curei a todos. Curei feridas que teriam enviado a qualquer mortal à tumba uma dúzia de vezes. Entretanto, até que o sargento Purefoy me seqüestrou nunca tinha visto a expressão de guerra do Devlin. Para então, já éramos amantes, assim que me resultou um pouco inquietante, por dizer pouco. Mas, apesar de tudo, eu sabia que ele nunca me faria mal.

— Devlin fez o que fez porque me amava. — Laurel voltou a abrir a mão para tocar a Lacey no braço. — Mas Barak quase morreu nos túneis comigo. Deixou cair sua espada e recebeu um tiro que ia dirigido a mim quando não conhecia nada. Recorda que sua gente nos odeia tanto como nos ensinaram a odiá-los. Mesmo assim, ele pôs em perigo sua vida não uma, a não ser duas vezes, para evitar que nos fizessem mal a você e a mim.

Sim, mas Lacey apostaria algo a que Barak não tinha beijado a Laurel.

— Agradeço-te que me recorde — repôs. — Suponho que não esperava que minha expedição terminasse dessa maneira.

Lacey voltou a estremecer-se, pois seguia sem poder esquecer os atoleiros de sangue do chão. Tinha a sensação de que a acossariam em sonhos durante muitas noites.

Laurel se serviu outra taça de chá e prosseguiu:

— Devlin também me pediu que te diga que é possível logo passe algum tempo antes de que resulte seguro para você voltar a baixar aos túneis; inclusive com escolta. Até que saibam o que faziam aqueles homens ali abaixo, ninguém estará seguro.

— Já me imaginava, mas me dá raiva. Por fim tenho a possibilidade de realizar autênticos progressos em minha investigação e tem que acontecer isto.

Lacey se serviu meia taça de chá e deixou o resto para Laurel.

— Sei como se sente — continuou Laurel. — Devlin me há dito que buscas a forma de predizer os terremotos e as erupções vulcânicas com mais exatidão.

— Sim. De momento sem muito êxito, mas estou tentando desenvolver um sistema de monitorização mais sensível. Este é o primeiro passo lógico no processo. Meu chefe não acredita que seja possível, assim só me concede um orçamento muito reduzido. Por isso desejava tomar ao Barak como assistente. O dinheiro extra que tem suposto para meu departamento foi como uma bênção.

Laurel deixou sua taça com tanta brutalidade que fez vibrar o pires.

— De que dinheiro fala?

Ups! Acaso se supunha que não devia mencionar a contribuição econômica que Devlin ofereceu ao departamento de Geologia? Se for assim, Devlin deveria havê-la advertido.

— Eu... Isto... Quero dizer que, ao ter atribuído ao Barak a meu departamento, disponho de mais tempo para minha investigação — explicou Lacey.

Laurel entreabriu os olhos, como indicando que não acreditava totalmente na explicação de Lacey, mas que tampouco pensava pedir uma explicação.

No que a Lacey respeitava se Laurel tinha perguntas que formular sobre o dinheiro, podia formular ao Devlin. E, em caso de que Devlin não tivesse uma resposta adequada a suas perguntas, não gostaria de estar em seus sapatos.

A idéia de que a noiva do corpulento Paladino lhe apertasse as porcas uma ou duas voltas animou a Lacey.

— Agradeço-te de verdade que tenha vindo esta noite — Lhe disse.

— Ajudou-me muito poder falar com outra mulher.

Laurel lhe sorriu com calidez.

— De nada. Deveríamos repeti-lo logo. As duas viveram rodeadas de homens duros e grandes. Embora não me queixo, sério. Ao menos não muito. Eles necessitam mulheres como nós e Brenna Nichols para conservar os pés no chão. Estou convencida de que sinto muito bem que estejamos aí.

— Eu diria que sim, porque hoje Trahern quase estava brincalhão. Inclusive me perguntou a respeito de meu trabalho. — Em realidade, Lacey não havia tornado a pensar nisso, mas era certo que Trahern tinha parecido distinto. Outra lembrança foi a sua mente — : Quando encontrou ao Barak e a mim na sala dos arquivos, a caminho do elevador tinha uma mancha de batom na bochecha!

As duas sofreram um ataque de riso.

— Aonde iremos parar? — brincou Laurel. — Se não fora a envergonhar a Brenna, a próxima vez que me encontrasse com o Blake faria passar um mau momento. Tem sorte de que não vá diretamente a contar-lhe ao Devlin.

Consultou seu relógio e acrescentou:

— Bom, será melhor que vá. Deixei uma nota ao Devlin, mas já sabe como são os Paladinos. Se chegarmos cinco minutos tarde, chamam à cavalaria.

Lacey sabia exatamente a que se referia, pois ela tinha crescido com um Paladino como irmão. Se não tivesse aprendido, tempo atrás, a lhe pôr limites, Penn a teria dominado para o resto de sua vida.

Depois de acompanhar a Laurel até seu carro, e quando estava a ponto de apagar as luzes do alpendre, Lacey viu que Penn se dirigia para sua casa. Esteve tentada de fechar a porta e fazer ver que estava dormindo ou que não estava; algo com tal de não discutir com ele. Mas Penn tinha uma chave da casa, assim não podia deixá-lo fora, a não ser atarracar a porta de dentro.

Como não queria que pensasse que era bem-vindo, deixou a porta entre aberta e voltou a entrar na casa. Depois de encher a pia com água quente, ficou a esfregar os pratos. Então entrou Penn com determinação.

— Lacey!

Antes que soltasse o que tinha vindo a lhe dizer, Lacey levantou um dedo para interrompê-lo.

— Não estou de humor para um de seus sermões, Penn — advertiu.

— Se não tiver jantado, esquentarei-te umas sobras. Ou, se preferir algo doce, há bolachas recém feitas no pote.

Então lhe deu as costas e ficou a esfregar a frigideira. Penn murmurou algo e agarrou o pote das bolachas. Deixou-se cair na cadeira em que Laurel tinha estado sentada uns minutos antes e se preparou para esperar. Pois bem, teria que esperar um bom momento.

Depois de limpar a mesa, em lugar de deixar os pratos no escorregador até a manhã seguinte, Lacey decidiu secá-los à mão. Continuando, como não, teve que preencher o açucareiro, e também o saleiro, e a pimenta. Estava a ponto de ordenar alfabeticamente os frascos das

especiarias quando Penn se cansou e decidiu falar:

— Está bem, Lacey, este é o X da questão: não quero que vá por aí só com esse...

Lacey lançou um olhar por cima do ombro para lhe advertir que medisse suas palavras.

Penn voltou a tentá-lo:

— Não quero que vá por aí só com o Barak.

De todas as maneiras, Penn conseguiu pronunciar o nome do Barak como se fora um palavrão. Lacey levantou o olhar para o teto e se preparou para a batalha que sabia que ia se produzir. Embora era pouco provável que seu irmão se emprestasse a ser razoável, de todos os modos o tentaria.

Voltou-se para ele, mas não aceitou sentar-se na cadeira que o Paladino lhe ofereceu empurrando-a com sua bota. Como todos os Paladinos, ultrapassava-a em estatura e, se ficava de pé enquanto ele estava sentado, ao menos disporia de certa vantagem.

— Penn, compreendo que esteja preocupado — disse —, mas eu não te digo como tem que realizar seu trabalho. Assim não quero que me diga como tenho que realizar o meu. Embora o dia de hoje não desenvolvesse exatamente como tinha planejado, não foi por culpa do Barak. De fato, se eu não tivesse encontrado sua espada, não sei o que teria ocorrido.

A julgar pela expressão atônita de seu irmão, Penn não sabia o que tinha ocorrido depois de ir-se no elevador. O Paladino se endireitou na cadeira e apertou os punhos.

— Rebobina e me conte com exatidão de que demônio me está falando.

Lacey pensou que era o momento de sentar-se. Não tinha sentido que tentasse minimizar os fatos, pois Penn podia perguntar ao Devlin e ao Trahern o que tinha ocorrido e averiguar a verdade.

— Depois de que fosse, e enquanto Devlin falava com o Barak, Trahern e eu terminamos de instalar o equipamento — explicou. — Verá, quando Barak e eu começamos a instalar o primeiro sensor, uns homens armados passaram pelo túnel principal, mas nos ocultamos na escuridão até que desapareceram da vista.

— Estava apanhada em um túnel às escuras com um Outro.

Penn resmungou cada uma daquelas palavras por separado, como se estivesse falando com alguém que tinha dificuldades em compreender seu idioma.

Em realidade, suas palavras não constituíam uma pergunta, mas Lacey assentiu de todas as maneiras.

— Antes que retornássemos ao elevador, Devlin e Trahern apareceram — disse — Claro que isto já sabe, porque você vinha justo detrás deles. Quando foi, Trahern me ajudou a instalar o resto do equipamento. — Lacey repetiu este dado esperando que Penn se sentisse mais relaxado ao saber que ela tinha estado com um Paladino em lugar de com o Barak. — Mas quando os quatro já iam, aqueles homens armados retornaram. Trahern disparou a um deles com minha pistola, e Barak matou os outros dois com sua espada.

— E você viu tudo?

O tom do Penn seguia sendo forçadamente tranquilo.

— Não — respondeu Lacey —, estava no elevador quando mataram ao segundo homem, mas ouvi o disparo e vi como Barak cravava sua espada no último homem. Trahern me tirou dali no elevador enquanto Barak e Devlin esperavam a que chegasse a ajuda. Não sei se o terceiro homem morreu ou não. Espero que não.

Embora suas razões para estar no túnel fossem turvas, não merecia morrer. Já era bastante mau que tivessem matado aos outros dois, embora fosse em defesa própria.

Penn permaneceu em silêncio durante um momento antes de explodir de raiva. Depois de soltar uma réstia de maldições, ficou a enumerar com os dedos as transgressões que Lacey tinha realizado.

— Baixou aos túneis com um Outro. — Disse. — Te escondeu na escuridão com um Outro enquanto uns assassinos armados passavam junto a você. Viu morrer a dois homens e, se não me equivocar, não crê ter feito nada mal.

Tecnicamente, só tinha visto morrer a um homem, mas Lacey pensou que esse não era o momento oportuno para esclarecê-lo.

— Admito que deveria ter avisado ao Devlin antes de baixar aos túneis — concedeu.

Penn golpeou a mesa com o punho com tanta força que as janelas vibraram.

— Maldita seja, Lacey, tem menos cérebro que um mosquito! Poderia ter morrido ali abaixo, à mãos daqueles homens ou do Outro. O que teria passado se ele tivesse decidido que já estava cansado deste mundo e te tivesse arrastado ao outro lado da barreira com ele? Em algum momento pensaste nessa possibilidade?

Lacey não estava de humor para aquilo.

— Não, não o tinha pensado nunca, porque ele não faria algo assim — replicou.

— Como sabe?

Porque ela confiava no Barak, mas Penn não queria ouvir a verdade. Estava farta de discutir com seu irmão, sobre tudo porque não chegavam a nenhum lado.

— Tem que ir, Penn — Lhe disse — Quero-te porque é meu irmão, mas não é meu tutor. Sou uma mulher adulta e capaz de tomar minhas próprias decisões. Até que o entenda, sugiro-te que não volte por aqui.

Lacey se levantou, dirigiu-se à porta e a abriu para enfatizar sua declaração.

— Já tenho dito ao Devlin que não baixarei aos túneis sem dizer-lhe com antecipação — acrescentou. — Ele me pediu que não baixe até que averigüe algo a respeito dos homens com os que tropeçamos. Sua petição é razoável, assim acessei a esperar até que ele me diga que os túneis são um lugar seguro para realizar meu trabalho. Agora vai.

Parecia que Penn queria discutir um pouco mais, mas, em lugar de fazê-lo, estudou com o olhar a sua irmã.

— Tem um aspecto de mil demônios, assim que irei. — Disse. — Mas este assunto não terminou.

Lacey suspirou.

— Sim que terminou, Penn. Não me importa discutir contigo, mas já está bem de ultimatoss. Boa noite.

Lacey fechou a porta com um pouco mais de ímpeto do necessário.

O céu noturno estava nublado, mas umas quantas estrelas apareciam entre as nuvens. Barak estava no pequeno balcão de seu apartamento e contemplava a escuridão. Tinha que comprar um livro sobre as estrelas para aprender seus nomes. As ver o reconfortava, porque qualquer tipo de luz esquentava sua alma.

O dia tinha sido um autêntico desastre. Aquela tinha sido sua primeira oportunidade de demonstrar sua valia a Lacey Sebastian, e o que tinha feito? Tinha-a encurralado em um túnel às escuras e a tinha beijado. Depois de horas de lhe dar voltas na cabeça, ainda não tinha decidido se sentia aliviado ou contrariado pelo fato de que os tivessem interrompido antes de ter ido muito longe.

Em mais ocasiões das que podia contar tinha tido a tentação de agarrar o telefone e chamar Lacey para assegurar-se de que estava bem. Ela tinha passado por um mau momento nos túneis, mas parecia havê-lo superado bem. Ao menos não se havia... Como o havia descrito Devlin? Ah, sim, não se tinha vindo abaixo! Uma imagem muito apropriada.

Mas ao Barak custaria esquecer sua expressão quando o viu matar a aquele último bastardo.

Ele meio esperava que, ao chegar ao laboratório ao dia seguinte, jogassem-no. Possivelmente para sempre.

E então, aonde iria?

Tinha conseguido economizar uma pequena quantidade de dinheiro, mas só o suficiente para alimentar-se e pagar o aluguel durante um mês. Era bastante bom começando do zero, mas tinha jogado raízes em Seattle, estava aprendendo a mover-se pela cidade e inclusive tinha conseguido alguns amigos. Para começar, Laurel era minha amiga, Devlin dava a impressão de que já não o odiava e Trahern se mostrava civilizado com ele a maior parte do tempo. Esperava acrescentar a Lacey Sebastian a essa lista, mas só o tempo o diria.

E só esperando à manhã seguinte saberia com certeza se ainda tinha um trabalho.

O cansaço se hospedou com pesadez sobre seus ombros lhe indicando que tinha chegado a hora de retirar-se a dormir. Embora não resultaria fácil conciliar o sono.

As batalhas sempre o deixavam intranquilo e brincalhão, outra expressão divertida que tinha aprendido escutando falar com o DJ e ao Cullen. Não deduzia o significado da palavra e considerava que descrevia com sua exatidão estado. Durante os últimos anos tinha escolhido levar uma vida de celibato por diversas razões. Brincalhão, assim é como estava.

Recordou aqueles preciosos segundos durante os que sustentou a Lacey entre seus braços e, enquanto roçava sua suave cútis com a mão, contemplou seus olhos azuis. O resto do mundo desapareceu na distância deixando-os a eles dois sozinhos, rodeados só pelo ansia de sentir e de saborear um beijo.

Barak amaldiçoou o pouco oportunos que foram Devlin e Trahern. Se não tivessem chegado naquele momento, teria desfrutado da doçura do beijo da Lacey e da sensação de tê-la em seus braços. Inclusive naquele momento, horas mais tarde, podia fechar os olhos e recordar com exatidão como tinha encaixado seu corpo com o dele.

Como seria senti-la debaixo dele, acolhendo-o na calidez de seus braços e o calor de seu corpo? Barak desejava com todas suas forças conhecer a resposta a essa pergunta. Fazia tanto tempo que ninguém o tocava, nem sequer por amizade...! As mulheres de seu mundo tinham dado as costas tempo atrás, pois não compreendiam o caminho que tinha decidido empreender.

Mas Lacey o tinha deixado meio doido com tanta delicadeza com os sensíveis dedos...! Seu cabelo dourado se deslizou entre seus dedos como a seda, e seus peitos pressionados contra seu torso lhe tinham produzido uma sensação muito agradável.

Tinha sido só um momento de debilidade por sua parte ou ela sentia a mesma fascinação por ele? Barak tinha pouca experiência quanto à sedução em seu mundo e nenhuma naquele. Possivelmente uma visita à biblioteca poderia lhe proporcionar um pouco de informação útil a respeito. Possivelmente ao dia seguinte, depois do trabalho...

O estridente som do telefone o devolveu à realidade de seu pequeno apartamento. Seu telefone estranha vez soava, a não ser que alguém se equivocou de número. A maior parte das vezes deixava que soasse sem responder à chamada, mas a necessidade de ouvir outra voz, embora fora a de um desconhecido, ou de algo que apartasse a Lacey Sebastian de sua mente, fez que desprendesse o telefone.

— Sim?

— Barak? Sou Lacey. Lacey Sebastian.

Como se ele não soubesse quem era ela.

— Ocorre algo mau? — perguntou.

Lacey sorriu com nervosismo.

— Não, não ocorre nada mal. Só queria me assegurar de que está bem.

— Sim, estou bem.

Salvo pelo fato de que seu corpo ansiava deitar-se com ela. Inclusive o som da respiração da

Lacey estremecia seu corpo preparando-o para o ato sexual.

— Estava preocupada — prosseguiu a doutora. — A experiência dos túneis foi horrível.

Sua voz refletia o medo que tinha passado, e Barak sentiu pena por ela.

— Lamento que visse o que ocorreu com aqueles homens — Lhe disse.

— Sim, bom, melhor eles que você, Devlin ou Trahern. — Lacey se interrompeu. — Ou eu.

Só queria que soubesse que te agradeço que insistisse em baixar comigo aos túneis. Sinto que terminasse daquela forma tão horrível.

— Sinto-me honrado por te ter servido de guarda-costas. — Barak aproximou uma cadeira ao telefone para sentar-se. A escuridão da habitação outorgava certa intimidade a sua conversação. — E te agradeço que encontrasse minha espada. Estou muito contente de ter recuperado.

— Eu me alegro de que a encontrássemos.

Produziu-se um silêncio e, durante uns instantes, a única conexão que houve entre eles foi o zumbido elétrico da linha Telefônica. Barak não era um homem de palavra fácil, mas não queria que Lacey acreditasse que não desejava falar com ela. Além disso, algo na voz da doutora lhe indicou que estava pior do que admitia.

— O incidente teve repercussões? — perguntou ele. A necessidade de protegê-la fervia em suas veias.

Lacey titubeou antes de responder:

— Em realidade, não. Não é de sentir saudades que Devlin haja dito que não podemos voltar para os túneis até que tenha investigado o que faziam ali aqueles homens. E Laurel Young passou por minha casa para assegurar-se de que me encontrava bem. Foi um gesto muito amável por sua parte.

— Laurel é muito amável. Ajudou-te falar com ela?

— Sim, até que meu irmão passou por aqui para me gritar. Mande-o a passeio.

Sua voz estava carregada de raiva e dor.

— Me teria gostado de vê-lo, mas já sabe que só quer proteger a sua irmã. — Barak refletiu antes de pronunciar as seguintes palavras — : Suponho que não deseja que experimente a violência que constitui a maior parte de sua vida.

— Não sou uma menina.

— Não, não o é, e Penn sabe. Se não soubesse, não me odiaria por passar tanto tempo contigo. Aos irmãos maiores freqüentemente não aceitas que outros homens desejem as suas bonitas irmãs, tenham a idade que tenham. E o fato de que me considere seu inimigo faz que resulte ainda mais difícil.

Lacey inspirou fundo. Barak sabia qual era a pergunta que ela não se atrevia a formular. E também conhecia a resposta.

— Lacey — disse — , desejei te beijar desde que apareceu naquela primeira reunião, disposta a apresentar batalha. Entretanto, estreitou-me a mão.

Barak ainda recordava a quebra de onda de prazer que lhe tinha produzido esse ato.

— Só foi um apertão de mãos — alegou Lacey.

Assim que ela também o havia sentido, se não, não estaria tentando convencer-se do contrário.

— Mas hoje, no túnel, foi muito mais que um simples apertão de mãos — prosseguiu Barak.

O Outro estava jogando com fogo. Ou Lacey admitia a poderosa atração que ambos experimentavam ou o jogaria de seu laboratório por sua presunção.

— Sim, mas não deveria ter chegado tão longe — asseverou a doutora.

Barak percebeu arrependimento em sua voz. Devia-se ao que tinha acontecido entre eles ou porque lamentava que os tivessem interrompido? Antes que pudesse pensar em uma resposta, ela

bocejou de forma ruidosa e suspirou.

– Sinto muito, Barak – disse – , fui uma mal educada. Foi um dia muito longo para ambos. Será melhor que pendure e vá.

«À cama.» Barak apartou a um lado a interessante imagem que esta idéia suscitou em sua mente.

– Obrigado por chamar, Lacey – Lhe disse.

– Era o menos que podia fazer. Depois de tudo, arriscou sua vida por nos manter a outros a salvo.

– A outros não. – a corrigiu Barak.

Ela ignorou seu comentário.

– Vejo-te pela manhã. Boa noite, Barak.

– Boa noite, Lacey.

Barak esperou até que ela desligou o telefone, pois não queria perder o contato com ela nem um segundo antes do inevitável. A seguir cruzou seu escuro apartamento até a solidão de sua cama.

Possivelmente agora pudesse dormir.

*Revisoras
Independentes*

Capítulo 9

Os golpes na porta igualavam aos que Penn sentia no interior de sua cabeça. Deu uma olhada ao relógio que tinha na mesinha de noite e soltou uma maldição enquanto separava a roupa da cama. A bata estava no chão, a seus pés, mas não tinha a menor intenção de inclinar-se para agarrá-la, não com o revolto que tinha o estômago.

Entreabriu os olhos pela resplandecente luz do sol que alagava sua cozinha e voltou a destrambelhar quando viu que Devlin o observava através do cristal da porta traseira de sua casa. Que demônios queria Devlin? Embora o relógio quase marcava meio-dia, Penn não começava sua guarda até as duas. Tinha tempo suficiente para assentar seu estômago e esclarecer sua mente.

Depois de abrir o ferrolho, Penn retrocedeu um passo e atalhou a seu visitante:

– antes que comece a gritar pelo motivo que seja, quero que saiba que necessito de um café. Devlin o olhou com indignação.

— Sente-se antes que caia — repôs. — Eu prepararei o café.

Penn teria se queixado, mas pensou que isso só serviria para envergonhá-lo ainda mais.

— Em seguida volto — disse, e saiu da sala.

Se Devlin desejava falar com ele tanto como para ir a sua casa, podia esperar a que Penn tomasse banho e se vestisse. Além disso, ia chutar seu traseiro, queria ter posto algo mais que as cueca do dia anterior.

Dez minutos mais tarde, Penn entrou na cozinha sentindo-se muitíssimo melhor.

— Sinto te ter feito esperar.

Devlin já tinha servido café para ambos. Inclusive tinha conseguido encontrar um par de aspirinas e as tinha posto junto à taça do Penn. Penn o agradeceu com um movimento da cabeça e as tragou a pau seco, bebendo a seguir um sorvo de café. Era tão forte para despertar a um morto e acabou de limpar sua mente.

Penn esvaziou a taça e voltou a deixá-la sobre a mesa.

— Vamos, me grite, já estou preparado — disse.

Devlin esboçou um sorriso nada agradável.

— Penn, um fodido ultimamente tanto que deveria te arrancar a sua cabeça. Só Deus sabe a quantidade de vezes que te adverti que não brigue. E não estaria mal que seguisse as ordens de vez em quando, sabe? Além disso, está o desastre de ontem nos túneis.

Maldição, ele não era o único que a tinha cagado no dia anterior!

— Não era sua irmã que estava ali abaixo com aquele filho da puta que podia ter a levado a outro lado da barreira! — protestou.

— Já falei com sua irmã sobre seu desajuizado, assim deixa-o estar. Entretanto, você não te incomodou em nos enviar de volta o elevador. Se o tivesse feito, poderíamos ter retornado à superfície sem que aqueles bodes soubessem sequer que tínhamos estado ali. Mas como tinha que ser um idiota, Lacey viu como Trahern disparava a um homem enquanto Barak cortava aos outros como se fossem melões amadurecidos.

Penn empalideceu.

— Não pensei nisso.

— Merda! Esse é exatamente seu problema, Penn! — Bane se inclinou para diante. — Que não pensa!

Penn não podia alegar grande coisa em sua defesa.

Devlin o contemplou durante uns segundos, reclinou-se no assento e bebeu um gole comprido de café.

— Embora, em realidade, não vim aqui para te gritar... muito — acrescentou. — Quero te fazer uma pergunta e não quero fazê-lo no Centro.

Ao Penn lhe fez um nó no estômago de apreensão.

— Do que se trata? — perguntou.

— Como vai sua mão?

Não era momento de mentir. Penn alargou a mão e a flexionou apertando o punho, embora não pôde ocultar o esforço que lhe custou.

— Está melhor, mas não está bem de tudo.

— Que tal lutas com a mão esquerda?

Aonde ia exatamente aquela conversa?

— Nunca o tentei a sério, mas sou bom disparando com ambas as mãos — respondeu Penn.

— Isso é bom. — O cenho do Devlin se suavizou um pouco. — Muito bom. Quanto ao dia a dia, já não tem que voltar a montar guarda no beco. Em troca quero que trabalhe a sério com o fisioterapeuta para fortalecer sua mão direita. E quero você todos os dias ao ginásio comigo ou com o Barak para praticar na luta com a mão esquerda.

O bom humor do Penn desapareceu imediatamente.

— Com o Barak? Por que demônio teria que praticar com ele? — ofegou.

— Porque eu não tenho tempo para praticar contigo todos os dias e o estilo de luta do Barak parece mais ao teu que o do Trahern ou Cullen. — Devlin terminou seu café. É sua melhor oportunidade de voltar a lutar, Penn. Depois de tanto tempo resulta difícil saber se sua mão direita recuperará a funcionalidade alguma vez. E se tivermos sido tão condescendentes contigo é porque sabemos quão difícil deve resultar estar tão perto da barreira e não poder lutar.

— Não sabem. Ninguém sabe.

Se suas palavras soavam a queixa, não importava.

— Possivelmente seja verdade — prosseguiu Devlin, olhando-o desafiante. — Não estrague esta oportunidade, Penn, se não terei que mover seu lastimoso traseiro o mais longe possível da barreira para impedir que nos volte loucos a todos, incluído a você mesmo. — levantou-se e lhe estendeu uma mão. — Necessito-te de volta, Penn. E aos cem por cento.

Minutos mais tarde, Penn observava como Devlin se afastava em seu carro. Maldição, Sempre soube que chegaria o dia em que decidiriam se voltava para a luta ou o mandavam a realizar um trabalho inútil. De acordo, tinham procurado não ferir sua dignidade, mas todos sabiam que um Paladino que não podia lutar, à vontade, desmoronaria-se. De fato, alguns dos Paladinos já o evitavam porque recordava quão precárias eram suas próprias vidas.

Ao menos Devlin lhe tinha devotado uma oportunidade. Penn voltou a entrar na casa e flexionou as mãos enquanto pensava na ironia de sua situação. Um Outro lhe tinha privado da capacidade de lutar e agora dependia de outro para recuperá-la.

Uma sensação de calma percorreu suas veias enquanto agarrava suas chaves e se preparava para ficar em forma a fim de brandir uma nova espada. Uma arma nova, uma vida nova e um velho inimigo ao que enfrentar-se.

— Né, Penn, vem muito bem barbeado para ter que estar todo o dia sentado na calçada!

Penn apertou as mandíbulas. Ben Jackson era ao menos a sétima pessoa que fazia um comentário igual ou similar desde que tinha chegado ao Centro.

— Já não estou destinado à vigilância da entrada — respondeu.

E, se dava pressa em afastar-se, Ben não teria tempo de lhe perguntar se isso significava que retornava aos túneis. Os Paladinos nem sequer se incomodavam em perguntar-lhe, pois se o houvesse resignado o seu posto anterior, a notícia se teria estendido como um rasteiro de pólvora.

— Vá, felicidades, Penn! É uma notícia estupenda. Imagino que deve estar ansioso por voltar para a batalha. — Ben lhe deu uma palmada nas costas com entusiasmo exagerado. — Que tal se convidar a uma cerveja para celebrá-lo?

Penn teve que esforçar-se, mas conseguiu sorrir ao especialista em informática.

— Não rechaço seu convite — Lhe disse — , mas a verdade é que ainda não estou na lista de voltas. Entretanto, Devlin tem pensado algo para mim que não seja estar todo o dia sentado sobre meu traseiro no maldito beco. Suponho que isso é boas notícias.

O entusiasmo do Ben não fraquejou nem um ápice, o que fez que Penn suspeitasse dele mais que nunca. Por que tinha decidido lhe emprestar tanta atenção? Cada vez que Penn estava de guarda no beco, Ben se detinha falar com ele. Como se o estivesse procurando. Possivelmente não deveria ser tão desconfiado, mas tampouco era famoso por sua encantadora personalidade, nem sequer antes que o ferissem. Agora logo que conseguia atuar de uma forma civilizada com ninguém, nem tão somente com sua própria irmã.

O comportamento do Ben o estava enfurecendo, mas, mesmo assim, ainda não queria lhe dar uma surra. Ultimamente tinha ouvido rumores a respeito de um assunto muito turvo

relacionado com o guarda renegado e toda aquela história. Possivelmente Ben estava comprometido naquele assunto. Mas Penn não contaria nada ao Devlin até que tivesse algo mais sólido no que apoiar-se, além de seu instinto.

— Direi-te o que faremos — disse ao Bem. — Se puder, depois do trabalho passarei pelo bar que há ao final da rua, está ali, deixarei-te me convidar a essa cerveja.

Penn conseguiu esquivar o intento do Ben de lhe dar outra palmada nas costas.

— Estupendo! Vejo-te então — repôs Ben.

Penn dirigiu ao despacho do Devlin, mas se deteve um instante para observar a aquele homem. Sim, algo se levava entre mãos, e ele tinha que averiguar do que se tratava.

Lacey sacudiu a cabeça para assegurar-se de que tinha ouvido bem.

— Está seguro de que disse Penn? Ou seja, meu irmão, que não te pode nem ver?

Barak levantou a vista dos dados que estava introduzindo para o Lacey no computador e assentiu com a cabeça.

— Sim, esta tarde, quando tiver acabado aqui, tenho que me encontrar com seu irmão no ginásio — respondeu.

— Mas por que demônio Devlin te escolheu precisamente a você para praticar com o Penn?

A que estava jogando Devlin? Acaso queria que Penn matasse ao Barak por ele, porque ele não podia fazê-lo pessoalmente? Não, isso não tinha sentido. Devlin Bane não era conhecido exatamente por suas sutilezas.

Barak se encolheu de ombros e disse:

— Acredito que está relacionado com a mão de seu irmão.

OH, não! Embora ela suspeitasse que Penn não tivesse estado fazendo todos os exercícios que o fisioterapeuta lhe tinha indicado, acreditava que sua mão tinha melhorado. Embora, se tinha que confiar em crescente mau humor de seu irmão, possivelmente estava equivocada.

— Mas você não é nem um médico nem um fisioterapeuta — declarou Lacey, dando-se conta de repente do pouco que sabia a respeito de seu novo ajudante.

Salvo que tinha a facilidade de despertar seus hormônios e ativar-lhe cada vez que entrava no laboratório. Ou quando a olhava com seus arrepiadores olhos claros. Ou quando...

— Não, não o sou. — Barak se voltou para ela. — Pelo que Devlin me disse, que não foi muito, seu irmão precisa aprender a utilizar a espada com a outra mão, se é que pode. Como Devlin, eu sei lutar com ambas as mãos. Possivelmente é isso o que ele acredita que posso ensinar a seu irmão.

— Ao Penn não gostará.

Barak tentou sem êxito ocultar um sorriso malicioso.

— Em efeito, não gostará — repôs.

Lacey cruzou os braços sobre o peito e o olhou com desaprovação.

— Sei que se levou como um autêntico imbecil contigo, mas passou muito mal com a ferida.

— O que seu irmão precisa é uma boa patada no traseiro, por utilizar uma das vistosas expressões do Cullen. Penn não é o único Paladino que sofreu uma ferida desse tipo, e sentir lástima por si mesmo não ajudará a voltar a brandir uma espada. Mas praticar comigo possivelmente sim que lhe seja útil.

Lacey não podia discutir seu raciocínio, embora isso não significava que gostasse.

— Posso ver enquanto praticam? — perguntou.

— Não.

— por que não?

— Devlin prometeu a seu irmão que teria intimidade, sobre tudo ao princípio, pois Penn terá

que lutar com a mão esquerda. Ter espectadores só o porá mais difícil.

Lacey aceitou a inapetência sua derrota.

— De acordo, mas te assegure de que esta tarefa adicional não interfere em seu trabalho no laboratório. E recorda que temos programada outra visita às montanhas amanhã.

— Estou desejando ir. Tenho lido e ouvido muito sobre o monte St. Helens. Será um prazer conhecê-lo em pessoa.

Barak segurou sua tabuleta e voltou a anotar dados.

Ele não era o único que se sentia excitado pela excursão do dia seguinte. O trajeto até o centro turístico mais alto, de onde se podia contemplar a impressionante e colossal montanha, era largo. Além disso, o monte Rainier e o monte Baker eram vulcões, embora ocultassem bem sua fúria.

Resultaria interessante ver a reação do Barak ante a Dama como ele chamava à montanha. Lacey o contemplou durante uns segundos antes de retornar a seu escritório. Desde que tinham baixado aos túneis, uns dias atrás, ela tirava o chapéu a si mesmo contemplando-o com muita frequência.

Nenhum dos dois tinha mencionado seu breve beijo ou a chamada Telefônica que tinham compartilhado aquela noite. E resultava impossível ler os pensamentos de Barak. Era o colega de trabalho perfeito: amável, pontual, diligente...

Ela não tinha nada do que queixar-se, mas, de repente, sentiu desejos de brigar com ele. Entretanto, cada vez que criticava seu trabalho, ele assentia com a cabeça e realizava as retificações oportunas sem pigarrear. Sempre a seguia com o olhar quando acreditava que ela não se dava conta, mas Lacey não havia dito nada a respeito.

Barak era o inimigo de seu irmão, mas não o dela. Desde que o conheceu, Lacey se deu conta de que não encaixava na imagem de um Outro com a que ela tinha crescido. Mas justo quando começava a pensar nele como em um amigo, recordou-o sorrindo junto aos cadáveres dos túneis e pensou que, provavelmente, Barak tinha matado a muitos guardas e Paladinos.

— A quantos dos meus mataste? — perguntou-lhe bruscamente.

A pergunta tinha permanecido latente entre eles desde o começo. E não se arrependia de havê-la formulado. Só esperava não arrepender-se da resposta.

Barak a contemplou com seus estranhos olhos claros e ficou em pé com lentidão. Então se aproximou dela com resolução, quase a obrigando a manter-se firme ou retirar-se do seu escritório.

A doutora avançou um passo para o Barak. Ele se deteve tão perto dela que sentiu o calor de seu corpo e seu aroma lhe alagou os sentidos.

— Por que quer sabê-lo? — perguntou a sua vez.

Barak inclinou a cabeça para um lado e examinou o rosto da Lacey.

— Passamos muito tempo sós — repôs a doutora. — Acredito que tenho direito ou seja que tipo de homem é.

— Já estou aqui algum tempo, Lacey. Por que de repente preocupa com sua segurança? Se sente ameaçada por mim em algum momento?

Barak franziu o sobrecenho, o primeiro sinal de mau gênio que dirigia para ela.

— Não, mas... — começou a dizer a doutora.

— É pelo do túnel? Se não tivesse matado a aqueles homens, Trahern ou Bane o teriam feito. Teria-te resultado mais fácil de aceitar que um humano matasse a outro?

Barak se aproximou ainda mais ao Lacey e sua irritação chegou até ela em feitas ondas.

— Não, não é por isso.

Mas sim que o era, e por muitas coisas mais.

— Tem medo de que faça mal a seu querido irmão? — continuou Barak. — Se fizer um

esforço, recordará que sempre foi ele quem começou as brigas, não eu.

Barak abriu os braços para ela e seu repentino movimento a fez estremecer-se. Sabia que não lhe faria mal, mas o tinha pressionado até onde ela podia agüentar.

Barak segurou a Lacey pelos braços, mas não tão forte.

— Não te dei nenhuma razão para que tenha medo de mim, Barak-lhe disse. — Quer que responda a sua pergunta? De acordo. — Aproximou-a dele e a olhou com seus olhos claros. — Matei até que só pensar nisso me punha doente, e vi morrer o meu povo nas mãos de seus Paladinos pela cor de seus olhos como única causa.

Lacey se estremeceu pelo horror da imagem que Barak transmitia com suas palavras.

— Eu não pensei que... — murmurou.

— Exato, você não pensou. Ninguém o faz. Quão único nossos povos conhecem é uma morte e um açougue sem fim.

Barak a soltou com a mesma rapidez com que a tinha agarrado.

A dor que refletia sua voz fundiu o coração da Lacey quem, ao ver que ele se dirigia para a porta, chamou-o:

— Pare Barak.

Lacey acreditou que ignoraria sua petição, mas Barak se voltou para olhá-la. Algo, em sua apaixonada expressão, deu a Lacey a coragem de acrescentar:

— Vêem.

— Por quê? Para que possa me fazer mais perguntas? Por que, em lugar de fazê-lo, não pergunta a seu irmão a quantos de minha gente trespassou com sua espada ou por que está tão ansioso de matar a mais? — Barak inalou fundo e se estremeceu. — Ao menos, eu me afastei daquela loucura.

Barak deu alguns passos para a porta, mas Lacey o alcançou antes que pudesse abri-la. Barak fixou o olhar na mão que Lacey tinha apoiado em seu braço.

— Se me tocar, assume o risco, Lacey — Lhe disse. — Dei-te tempo para que adapte ao que aconteceu entre nós no túnel, mas estou cansando de esperar. Assim retrocede ou aceita as consequências.

Santo céu, não podia retroceder! Aquele era o homem equivocado, o momento equivocado, o tudo equivocado; mas não pensava deixá-lo partir.

Lacey subiu a mão pelo braço do Barak até seu ombro, sentindo a fortaleza de seus músculos e desfrutando dela. Depois se colocou entre ele e a porta e lhe dedicou um amplo sorriso tremente. A tensão do Barak se desvaneceu enquanto a rodeava com os braços e apertava sua boca contra a dela. Um guerreiro reclamando seu prêmio.

Seu beijo se suavizou, deixando que a paixão crescesse a seu próprio ritmo. Lacey deixou que sua língua brincasse com a dele e sorriu ao notar que gemia de prazer. Barak sussurrou uma aprovação enquanto ela deslizava os dedos por seu longo cabelo, que caía até os ombros. Tinha o tato da seda selvagem.

As mãos do Barak também exploraram por sua conta. Desceram pelas costelas de Lacey até sua cintura e, de ali, riscaram a curva de seus quadris. Quando agarrou as nádegas com ambas as mãos e apertou, Lacey acreditou que ia ter um orgasmo ali mesmo. Respirar se estava convertendo em uma coisa muito difícil. Barak interrompeu o beijo o tempo suficiente para levantar a Lacey, e sentá-la sobre a mesa.

Sem lhe pedir permissão, separou-lhe as pernas e se colocou entre elas. A altura da mesa era justa para que o centro do corpo de Lacey ficasse em contato direto com o dele. Barak flexionou o torso para lhe permitir sentir a intensidade de seu desejo e Lacey lhe correspondeu gemendo e trocando beijos apaixonados.

Barak deslizou uma mão entre seu corpo para explorar os peitos de Lacey. Ela não era uma

iniciante, mas nada do que tinha experimentado até então a tinha preparado para sentir semelhante intensidade da parte de um amante. Queria que ele tomasse naquele mesmo instante, ali mesmo, sobre a mesa do laboratório. Tratava-se de uma idéia louca e arriscada, mas não importava. Entretanto, quando procurou os botões da camisa do Barak, ele a deteve.

Barak respirava de uma forma entrecortada.

— Lacey, não podemos. Aqui não — ofegou.

Barak tinha razão, mas isso não o fazia mais fácil. Barak apoiou a testa na da Lacey agarrou as mãos para lhe dar uns doces beijos nos nódulos. Ao menos só estava contendo sua paixão, não a apagando de tudo.

— Quero-te, Lacey — declarou — passo muitas horas pensando no que sentiria te tendo nua entre meus braços enquanto te dou prazer de todas as maneiras. A idéia de lhe possuir me dói.

Seus olhos claros a tinham enfeitiçado, e o atraiu para lhe reclamar outro beijo. Antes que seus lábios se tocassem, Barak se deteve e acrescentou:

— Entretanto, antes que sigamos quero que te assegure de que isto é o que quer em realidade. Não serei o amante de uma mulher a quem lhe envergonhe ser vista em público comigo ou quem só me aceite em sua cama se estiver segura de que ninguém sabe.

Embora sua intenção fora protegê-los a ambos, suas palavras se cravaram no coração de Lacey. Barak tinha razão. Beijá-lo em um arranque de paixão ou inclusive para consolá-lo era uma coisa, mas permitir que todos os da organização, por não mencionar o seu irmão, soubessem que tinha convidado a seu inimigo a dormir em sua cama, constituiria um desastre.

Barak leu a mensagem em seus olhos, porque se separou dela e, depois de olhá-la fixamente, saiu do laboratório fechando a porta detrás dele. Lacey estava segura de que tinha feito o correto.

Então, por que lhe doía tanto?

A porta do ginásio se abriu. Barak agarrou a espada que tinha escolhido e se voltou para enfrentar-se a seu oponente. Não soube se sentir-se zangado ou aliviado ao ver que Penn Sebastian não tinha acudido sozinho. Evidentemente, Devlin acreditava que um deles necessitava uma babá para sua primeira sessão de treinamento.

— Barak — declarou Devlin a modo de saudação.

Penn lançou ao Barak um olhar furioso e permaneceu em silêncio. Estupendo! O encontro com Lacey no laboratório o tinha deixado extremamente irritável, e não existia melhor alvo para seu mau humor que o imbecil de seu irmão.

Devlin tirou a camisa e a lançou a uma esquina da sala. Penn fez o mesmo, assim Barak os imitou. No ginásio fazia muito calor e, conforme avançasse à tarde, a temperatura aumentaria.

Como de costume, Devlin tomou a iniciativa.

— Ontem ensinei ao Penn uns exercícios de levantamento de pesos para ajudá-lo a fortalecer seus braços — disse —, mas também necessitará ajuda para aprender a utilizar sua mão esquerda.

Barak assentiu e começou a realizar uns estiramentos para esquentar os músculos. Depois de uns segundos, Devlin e Penn deixaram de realizar seus próprios estiramentos para observar ao Barak, quem seguiu com os seus permitindo que a dança da morte absorvesse parte de sua raiva. Um lutador que permitia que suas emoções desequilibrassem sua concentração corria um grave risco de resultar ferido ou morto, inclusive em um enfrentamento de práticas. Depois de uns instantes, os Paladinos reiniciaram seus exercícios para que Barak terminasse os seus com tranqüilidade.

Barak ignorou ao Penn e se dirigiu ao Devlin:

— Quer que Penn exercite também sua mão direita ou prefere que nos centremos só na esquerda?

— Necessita as duas.

— Penn está aqui mesmo, Bane — interveio o aludido. — Se o Outro tem perguntas a respeito de mim, eu mesmo as responderei.

— Chama-se Barak, Penn. Chama-o por seu nome ou te cale. Barak realiza movimentos que eu não sou capaz de repetir. Possivelmente, se dedicasse menos tempo a ser um fodido e mais a observá-lo, poderia aprender uns quantos truques.

— Eu sei como matar aos de sua espécie, Bane. Esse é o único truque que necessito.

Penn segurou sua espada com a mão direita e com uma expressão beligerante na cara.

Barak não sabia a que jogava Bane enfrentando-o ao Penn, mas não gostava.

— Não necessito isto. Vou — declarou, e se encaminhou para a saída.

Devlin se interpôs em seu caminho com rapidez.

— Importa-me uma merda o que necessita e o que não necessita — Lhe disse. — O trato é que tem que ganhar o direito a estar por aqui e os Regentes terem dito que eu seja quem dita como. E o como significa que tem que ensinar ao Penn a lutar com a mão esquerda. Amanhã possivelmente dito outra coisa, mas hoje não sairá daqui até que eu diga que pode ir.

Penn o olhou com ar depreciativo.

— E se eu me nego a praticar com ele? — disse. — O enviará de uma patada ao outro lado da barreira, que é aonde pertence, ou o matará como deveria ter feito desde o começo?

— Basta! — Devlin soltou um reverso ao Penn que o enviou cambaleando-se à parede mais próxima. — Levanta sua espada!

Devlin saiu do ginásio com determinação, deixando que Barak e Penn os arrumassem sozinhos. Confiava neles até esse ponto ou o tinham pressionado tanto que não lhe importava se matavam entre eles?

A idéia era tentadora, mas, embora naquele momento estivesse muito zangado com Lacey, Barak se sentia incapaz de matar a seu irmão. Por ela, e não pelo Devlin, ensinaria ao Penn o que pudesse.

Barak agarrou a espada com a mão esquerda e a sustentou em alto como saudação.

— Então, o que, matamo-nos um ao outro e simplificamos a vida do Bane ou sobrevivemos a esta pequena farsa dele e seguimos mortificando-o?

Penn contemplou sua mão direita enquanto a flexionava várias vezes tentando fechá-la cada vez com mais precisão. Resultava óbvio que lhe doía, mas parecia decidido a consegui-lo. A seguir agarrou a espada com a mão esquerda e a sustentou em alto tentando atuar com a mesma destreza com que o teria feito com a mão direita.

— Ataca, Outro! — desafiou-o. — Estou preparado.

Capítulo 10

O único que gostou ao Barak daquele sombrio bar de subúrbio foi que as bebidas estavam geladas. Lançou um olhar ao Penn e se perguntou qual deles estava mais surpreso de que tivessem terminado compartilhando umas cervejas naquele lugar.

No ginásio se esgotaram um ao outro com sua desfilada arma. Fazia já algum tempo que não atuava como instrutor, mas não tinha esquecido aquela velha prática. A cada progresso do Penn, Barak o colocava mais a prova, e utilizou o lado ruim da espada para corrigi-lo quando se mostrou torpe ou descuidado.

Depois, quando saíam do edifício, Penn comentou que ia encontrar se com alguém no bar que havia um pouco mais acima, na mesma rua. O comentário não constituía, exatamente, um convite, mas quando chegaram ao bar, Penn se ofereceu a convidá-lo a uma cerveja.

Barak não sabia o que pretendia o Paladino, pois uma tarde praticando com a espada não significava que fossem amigos, sobre tudo se Penn descobria o que Barak tinha estado fazendo com sua irmã. Barak se reclinou no assento e bebeu um gole longo de sua cerveja. O frio líquido se deslizou por sua garganta acalmando sua sede, embora não conseguiu apagar o sabor do beijo da Lacey ou a lembrança de como tinha encaixado seu volumoso peito em sua mão.

Seu corpo se estremeceu ao recordar sua doce e apaixonada reação quando ele a tocou. Possivelmente tinha atuado como um estúpido ao não tomar o que lhe oferecia, mas Lacey merecia algo melhor que uma trepada rápida sobre a mesa do laboratório. Os dois mereciam algo melhor. Mas se tinha jogado pelos chãos sua única oportunidade de fazer amor com ela, nunca o perdoaria.

Penn estava muito ocupado vigiando a porta para dar muita atenção ao Barak. Quem ia reunir se com ele para que o áspero Paladino estivesse tão nervoso? Tamborilava com os dedos sobre a mesa e se endireitava cada vez que a porta se abria para poder ver o recém-chegado. Quando se deixou cair no assento pela terceira vez, Barak esvaziou sua cerveja e a deixou sobre a mesa.

— A quem está esperando? — perguntou.

Penn possivelmente respondesse a sua pergunta, embora o mais provável fosse que lhe dissesse que não era de sua incumbência. Antes que o Paladino decidisse qual seria sua resposta, a porta voltou a abrir-se.

— Já está aqui — disse.

Um homem de média idade e cabelo armado se deteve junto à porta, certamente esperando a que seus olhos se ajustassem a tênue luz do interior do bar. Transcorridos uns segundos, vislumbrou ao Penn, quem o fazia gestos do fundo do local. O homem se dirigiu para ali, mas seus passos fraquejaram quando viu que Penn não estava sozinho. Conforme se aproximava da mesa, esboçou um sorriso falso em sua cara.

Sentou-se ao lado do Penn e saudou o Barak com um gesto de cabeça.

— Sinto a tardança, mas a reunião do departamento se prolongou. — Estendeu o braço com certa inapetência. — Sou Ben, do departamento de Informática. Você deve ser esse tal Barak do que todo mundo fala.

— Esse deve ser eu — respondeu.

Barak estreitou a mão do homem. Era o medo ou outra coisa o que fazia que lhe suassem as mãos?

Algo naquele homem excitou os sentidos do Barak. Não o tinha visto nunca antes, mas, em certo modo, resultava-lhe familiar. Barak fechou os olhos uns instantes e inalou devagar e em profundidade, saboreando o ar. Tinha percebido o mesmo aroma de loção pós-barba no laboratório, quando descobriu que alguém tinha examinado e desordenado suas notas. Seus olhos se encontraram com o nervoso olhar do Ben e Barak sorriu levemente.

Não estaria mal medi-lo um pouco.

— Resulta-me familiar, Ben — Lhe disse. — Nos vimos antes? Possivelmente no laboratório de Geologia?

— Não! — Ben em seguida se deu conta de que tinha reagido com exagero a uma pergunta simples. — O sinto, não era minha intenção que soasse dessa maneira. Tive um dia muito duro e suponho que estou mais estressado do que acreditava. Queria dizer que não estive na sala de investigação há meses. — Tirou um lenço de seu bolso e se secou o suor da frente. — Que tal se pagar eu a próxima rodada?

Penn tinha estado observando a inter-relação do Ben e Barak com interesse.

— Isso seria fantástico — disse — , mas depois Barak e eu temos que ir.

Por que fazia que parecesse que tinha planos com o Barak? Barak não sabia nada de sua vida privada, mas era pouco provável que Penn e aquele tal Ben fossem bons amigos. Como norma, os Paladinos saíam com outros Paladinos, sobre tudo quando já levavam muitas mortes nas costas. Barak se perguntou se Penn suspeitava que Ben andava metido em algum assunto turvo.

Como roubar as pedras brutas azuis do mundo do Barak? Barak aceitou a segunda cerveja e estudou ao Ben enquanto ele e Penn cercavam uma larga e tortuosa discussão a respeito das possibilidades dos Mariners de ganhar a liga. Barak não sentia nenhum interesse pelos esportes aos que os humanos pareciam ser tão viciados.

De vez em quando, Lacey estava com uma camiseta com o logotipo de time estampada no peito e ele sempre tinha admirado o bem que lhe assentava, mas sabia pouco do time que pertencia. Possivelmente seria bom que estudasse os distintos esportes com mais detalhe para encaixar melhor nesta sociedade. Possivelmente, também pudesse convencer a Lacey para que o acompanhasse a algum jogo.

Entretanto, naquele momento, Penn quase tinha terminado sua segunda cerveja. Já era hora de que ele fizesse o mesmo. Enquanto se levava a garrafinha aos lábios, Penn, sem prévio aviso, levantou-se.

— É hora de ir-se — anunciou, e realizou um gesto com a cabeça em direção ao Bem. — Obrigado pela cerveja, Ben.

E se afastou deixando que Barak decidisse se queria segui-lo ou não. Como Barak não tinha nenhuma vontade de ficar ali, bebeu um último gole de cerveja e deixou a garrafinha na mesa.

— Eu também te dou obrigado — disse levantando-se.

Se ao Ben o surpreendeu que o deixasse sozinho de repente, dissimulou-o muito bem.

— De nada. Quando quiser, repetimos.

Barak duvidava de que aquela situação voltasse a repetir-se, mas dava o mesmo. Ao menos agora estava razoavelmente seguro de que Ben era a pessoa que tinha estado bisbilhotando no laboratório. O problema era o que fazer com essa informação.

Uma vez no exterior viu que Penn o esperava um pouco mais abaixo, na rua. O que estava passando? Penn se trazia algo entre mãos e só havia uma forma de descobrir do que se tratava.

Barak encurralou deliberadamente ao Penn contra a parede e lhe perguntou:

— por que enviou ao Ben a inspecionar o laboratório quando comecei a trabalhar com sua irmã?

Com as costas pega à parede, Penn se endireitou com os punhos apertados os punhos.

— De que demônios falas, Outro? — espetou. — Eu não o enviei a ninguém. Apenas o conheço.

Sua resposta parecia sincera. Assim Ben tinha estado inspecionando o laboratório por iniciativa própria. Barak de novo se perguntou o porquê.

— Pouco depois de começar a trabalhar no laboratório alguém trocou os meus papéis — disse Barak suavizando o tom de voz. — Até agora não sabia quem o tinha feito. Inclusive pensei que podia ter sido você.

Penn entreabriu seus olhos azuis antes de responder:

— Pois eu não fui.

— Como demônios sabe que o fez Ben?

— reconheci seu aroma: uma colônia doce e enjoativa mesclada com um excesso de suor.

Barak duvidou de que o Paladino acreditasse, mas isso não era problema dele.

Para sua surpresa, Penn assentiu com a cabeça e disse:

— Vamos embora antes que ele saia.

Barak adaptou seu passo ao do Penn enquanto se afastavam pela calçada.

— Ultimamente esteve rondando a meu redor sem nenhuma razão aparente. — Penn chutou uma pedra enviando-a pelos ares. — Anda procurando algo.

— Pelo visto está interessado em nós dois.

E devia estar relacionado com as pedras azuis, mas, de momento, não podia comentar-lhe ao Penn, pois só tinha sua palavra como garantia de que não tinha nada que ver com o que Ben se trazia entre mãos. Teria que consultá-lo com o Devlin; o chefe dos Paladinos não queria que se estendesse a voz sobre o roubo que se estava produzindo no mundo do Barak.

Penn seguiu caminhando em silêncio. Ao final se deteve e se voltou para o Barak.

— Se fizer algo que faça mal ou ponha em perigo a minha irmã é homem morto — Lhe disse. E se afastou enquanto Barak ficava olhando-o.

— Quase chegamos.

Lacey logo que pôde evitar que sua voz refletisse a emoção e o alívio que experimentava, pois a longa viagem com o Barak fazia que o interior da caminhonete resultasse pequeno e estreito. Adorava estudar os vulcões de Washington, mas o monte St. Helens resultava especial. Observou a seu silencioso companheiro perguntando-se o que estaria pensando enquanto avançavam pela sinuosa estrada que os conduziria ao centro turístico mais próximo à montanha.

Ao perceber tensão no rosto do Barak, Lacey franziu o sobrecenho.

— Encontra-te bem, Barak? — perguntou-lhe. — Espero que não sofra de mal de altura outra vez.

Barak sacudiu levemente a cabeça sem separar a vista da estrada e dando ocasionais olhadas à montanha.

— Estarei bem. — Barak contemplou o íngreme precipício que chegava até o vale. — Depois de ver as zonas replantadas, surpreende-me que uma zona tão extensa, ao redor da montanha, siga tão árida. Dói-me na alma vê-lo.

Lacey tratou de imaginar-se como devia vê-lo ele e assentiu com a cabeça.

— No centro de visitantes exibem um filme da explosão de 1980 — explicou. — Se quiser, pode vê-la, não dura muito. E é incrível.

— Pensarei-o.

Barak estirou o pescoço para olhar para trás deixando que o silêncio se assentasse de novo entre eles. Embora não era homem de vastas conversações, tinha permanecido silencioso desde que saíram do laboratório. Isso preocupava a Lacey mais do que ela estava disposta a admitir, porque suspeitava que devesse ao que tinha acontecido entre eles.

Também não tinha conseguido dormido por pensar muito na maravilhosa explosão de paixão que tinham compartilhado? Inclusive quando por fim conseguiu adormecer-se, os sonhos de Lacey estiveram infestados de imagens dos olhos claros do Barak e de seu sério sorriso. O que não era precisamente o tipo de imagens que produziam sonhos tranqüilos e relaxantes. Embora em estranhas ocasiões se maquiasse, esse dia Lacey o tinha feito para ocultar as negras sombras em suas pálpebras inferiores. A montanha que tinham em frente recordava ao Barak em alguns aspectos. De momento, o vulcão só expulsava umas quantas volutas de vapor, um silencioso aviso do poder e o calor que se escondia detrás de sua enganosa fachada. Entretanto, ninguém, na ladeira noroeste, esqueceria nunca a violência que a montanha era capaz de alcançar. E Barak, apesar de seu caráter reservado, também era capaz de viver algumas experiências com grande intensidade.

A última tinha deixado a Lacey tremente durante várias horas. Como resultado, tinha passado boa parte da noite anterior refletindo sobre se era ou não adequado levar ao Barak com

ela a aquela excursão. Mas ela não era uma covarde e, se não podiam ser amantes, de alguma forma teriam que aprender a serem amigos.

Tomou a última curva e entrou no estacionamento que havia ao final da estrada.

– Descarreguemos os equipamentos e depois decidiremos se tivermos tempo de ver o filme – disse.

Barak parecia uma estátua enquanto contemplava paralisado a montanha. Finalmente fechou as pálpebras e inalou várias vezes de forma lenta e profunda.

– Encontra-te bem? – perguntou-lhe ela.

Lacey já tinha formulado antes essa pergunta, mas o certo era que a atitude do Barak começava a preocupá-la.

– Deixa de me envenenar, Lacey – Lhe soltou ele sem abrir os olhos. – Já te disse que estou bem. Só me estou adaptando à montanha.

Adaptando? O que queria dizer com isso? Pois bem, ela também podia ser arredia.

– Está bem, de acordo – replicou. – Você sente-se aqui e faz o que tenha que fazer. Enquanto isso eu desempacotarei os aparelhos que prometi aos universitários.

Mas quando chegou à parte traseira da caminhonete, Barak estava ali para ajudá-la a baixar o equipamento. Em determinado momento, ambos agarraram a mesma caixa, e as mãos do Barak se apoiaram sobre as de Lacey. Uma vez mais, um estremecimento percorreu os nervos da dela fazendo que retrocedesse sobressaltada. Ao princípio, a doutora teve a impressão de que Barak não se deu conta do efeito que lhe tinha causado o contato de suas mãos ou que não lhe importava, mas depois o olhou aos olhos e soube que estava equivocada. Barak o tinha notado e, como ela, esforçava-se em conter a quebra de onda de calor que experimentava.

– Sinto muito, Barak.

Não se referia a seu breve contato acidental, mas sim a que nenhum deles se pudesse permitir ceder à tentação.

Barak seguiu descarregando as caixas como se Lacey não houvesse dito nada. E a ela sua reação já ia bem. Vá que sim.

– vou pedir um carrinho de mão aos guardas florestais – disse Lacey. – Em seguida volto.

Enquanto se afastava, teria jurado que notou o olhar do Barak seguindo-a passo a passo. Quando chegou à porta do Centro, arriscou-se a dar uma rápida olhada para trás para comprová-lo: Barak estava de costas a ela, tirando outra caixa da caminhonete. Sua dedicação ao trabalho era digna de admirar; ao menos um deles parecia ser capaz de agüentar a atração que sentiam o um pelo outro.

Ao Barak surpreendeu a quantidade de pessoas que estavam interessadas em visitar a montanha. Os humanos não tinham a mesma afinidade que ele para as pedras, mas ninguém podia contemplar aquele entorno e não dar-se conta da tendência destrutiva do vulcão. Barak estava perto dos sismógrafos, cujas agulhas registravam os movimentos da terra. Só uns minutos antes, as agulhas tinham oscilado como loucas de um lado a outro, indicando um ligeiro terremoto. Barak estendeu a mão rastreando aquela energia até sua origem. Enquanto murmurava algo em voz baixa absorveu parte da tensão e a estendeu a uma zona mais ampla. Depois de uns segundos, as agulhas diminuíram seu amalucado vaivém e adotaram um ritmo mais pausado.

Barak se apoiou em um balcão próximo, simulando interesse pelos artigos que se expos ali, enquanto recuperava o fôlego. Fazia muito que não trabalhava com as pedras e a última vez tinha sido em seu mundo. Enquanto se esforçava em adaptar-se a aquele mundo novo, inclusive as técnicas mais singelas como acalmar um espasmo momentâneo da terra o deixavam esgotado.

Mesmo assim, sentiu-se bem ao exercitar uns músculos que não tinha utilizado desde fazia

tempo. Quando recuperou o fôlego, procurou Lacey com o olhar. Viu-a o outro lado, falando com um grupo de meninos a respeito das aranhas, umas máquinas engenhosas que utilizavam os vulcanólogos para monitorar os vulcões. Em concreto, que Lacey lhes mostrava tinha resultado danificada quando o monte St. Helens sofreu uma de suas explosões.

Lacey se agachou para falar com uns meninos. Justo naquele momento, escutava com atenção a uma menina. A doutora franziu levemente o sobrecenho e, com um olhar que denotava inteligência, respondeu a pergunta da menina com uns termos que ela pudesse entender.

Ele poderia observá-la durante todo o dia, enquanto transmitia a aquela menina o amor que sentia para a profissão que tinha escolhido. Tinha idéia de quão formosa era? De algum modo, Barak o duvidava. Mas, inclusive através de uma local abarrotada de gente, ele podia sentir a calidez dela, desejando que a fizesse dele.

Em uma ocasião ouviu de passada a um Paladino alardear de uma conquista recente e descrever a noite que tinha passado com ela queimando os lençóis. Isso era, exatamente, o que passaria se conseguia convencer a Lacey de que compartilhasse sua cama.

Como se tivesse percebido a intensidade de seu olhar, Lacey olhou na direção do Barak. Seu sorriso tremeu levemente enquanto o olhava com olhos intrigados. Ele ocultou a paixão que sentia e, depois de saudá-la com um breve gesto da cabeça, voltou-se para outro lado. Tentava lhe dar tempo para que se adaptasse a sua presença, mas cada vez custava mais esperar. A amizade da Lacey era uma espada de dobro fio. Eram tantas as coisas que tinha que ocultar...! Embora, ao mesmo tempo, necessitava desesperadamente que ela confiasse nele o suficiente para deixá-lo aproximar-se dela.

Barak tinha segredos que proteger, isso era certo. Mas, maldita seja! doía-lhe estar tão sozinho.

A pequena sala de exposições era fresca e confortável... Para ela. Barak, por sua parte, apertava os braços que separava os assentos com tanta força que tinha os nódulos brancos. Dizendo-se a si mesmo que nada de mal tinha nisso, Lacey separou a mão do Barak do braço e entrelaçou seus dedos com os dele, percebendo sua frieza.

Lacey podia entender a reação do Barak ao filme sobre a erupção do monte St. Helens de 1980: era a natureza desatada e destrutiva além de qualquer descrição. Mas tinha passado perto de trinta anos atrás. Por que lhe afetava tanto?

A tela ficou às escuras e as cortinas que ocultavam as janelas se abriram, mostrando a montanha em toda sua mortal beleza. O coração da Lacey deu um salto, como por volta de sempre ante a visão de toda aquela fúria logo que contida. Ela sempre se perguntou até que ponto resistiria o cristal em caso de que o vulcão decidisse voltar a entrar em erupção.

A mão do Barak apertou a da Lacey quase até o ponto de lhe fazer dor, embora ela duvidasse de que ele fosse consciente do que fazia. Barak ficou em pé com lentidão, sem afastar os olhos da montanha, e Lacey permitiu que lançasse dela enquanto se aproximava da janela.

Quando Barak se inundou no feixe de luz que entrava pelos cristais, a doutora se surpreendeu ao ver que torcia os lábios em um leve sorriso. Barak inalou fundo e deixou escapar o ar com lentidão enquanto a tensão de seu corpo desaparecia. Só então se deu conta da força com que apertava a mão do Lacey.

— Sinto-o — se desculpou.

Barak se levou a mão da Lacey aos lábios.

A calidez de seu fôlego acalmou e, ao mesmo tempo, enviou uma comichão pela mão dela, mas causou um efeito muito distinto no resto de seu corpo. De uma forma instintiva, ela se voltou para ele desejando que a apertasse entre seus braços.

— pensaste no que te disse? — perguntou Barak em um sussurro.

A lembrança da eleição que ainda tinha que fazer foi para Lacey como um vaso de água fria que a fez retroceder uns passos. Não, não o tinha pensado, o que demonstrava a cômoda que se sentia com ele apesar de sua natureza. Quando retrocedeu, Barak o permitiu sem pronunciar nenhuma queixa. Ela procurou algo que dizer, algo que aliviasse a renovada tensão que tinha surgido entre eles.

— Temos que ir — disse ao fim. — Temos um longo caminho de volta a casa.

Durante todo o trajeto até o estacionamento de seu edifício, onde Lacey o deixou, Barak se mostrou frio e zangado. Enquanto desciam da montanha, amaldiçoou-se a si mesmo em silêncio, amaldiçoou a compreensível reserva de Lacey a aceitar a paixão que ele podia oferecer e, por cima de tudo, amaldiçoou ao vulcão. Aquela manhã cedo prometeu a si mesmo que se esforçaria para estar tranqüilo e relaxado com o Lacey.

Sabia, de antemão, que estar encerrado na pequena cabine da caminhonete com ela dificultaria que controlasse a crescente atração que sentia para ela. Lacey lhe transmitia calidez em formas que ele acreditava que tinham desaparecido de sua vida para sempre. Se tivessem estado em seu mundo, ele teria sabido como cortejá-la, como atraí-la a sua cama.

Preocupava-lhe havê-la afastado dele definitivamente com sua terminante afirmação de que, entre eles, tinha que ser tudo ou nada. Essa era a simples verdade, mas poderia ter suavizado suas palavras para não feri-la tanto. O fato de que, quando estavam aproximando-se da montanha, ela se preocupasse mais por ele que por ela mesma, dizia muito de sua bondade inata.

Barak fechou os olhos e pensou no vulcão. Ele já sabia que o vulcão estava ativo, mas não tinha imaginado a intensidade com a que conectaria com ele. Havia sentido seus murmúrios, procedentes de seu interior, do mais fundo das ladeiras, como se os tocasse com suas próprias mãos.

O filme também o tinha extasiado, fazendo que se deleitasse no poder das rochas e as pedras que formavam o coração da montanha. E aqueles loucos humanos a olhavam como se fosse outra fantasia de efeitos especiais. Lacey e os guardas florestais que trabalhavam na montanha eram tão únicos compreendiam o perigo que corriam ao estar tão perto do inconstante vulcão.

Barak subiu as escadas que conduziam a seu apartamento desejando encontrar a forma de liberar a energia que crescia em seu interior. Outra boa briga com o Penn o ajudaria, mas não podia chamar o Paladino para lhe dizer que ou brigava com ele ou se deitava com sua irmã. Imaginou a resposta do irascível Paladino e sorriu pela primeira vez em muitas horas.

Devlin e Trahern compreenderiam os intensos sentimentos que experimentava um homem por uma mulher a que queria só para si mesmo. Mas era pouco provável que aceitassem que Barak pretendesse a uma humana, sobre tudo se era a irmã de um de seus companheiros Paladinos.

Quando chegou à porta de seu apartamento, ouviu que o telefone estava soando. Correu até a cozinha e despreendeu a toda pressa.

— Barak.

— Olá, Barak. — A voz acalmada de Laurel Young suavizou parte da tensão que tinha ido acumulando durante o dia. — Parece que te falta o fôlego. Liguei na hora errada?

— Nunca é um mau momento para falar contigo, Laurel.

Barak aproximou um tamborete ao telefone e se sentou disposto a falar com sua amiga tanto como o fosse possível.

— Perguntava-me se desejaria jantar amanhã de noite — disse Laurel. — Devlin, Trahern e Brenna também virão.

Barak percebeu que Laurel continha o fôlego esperando sua resposta.

— Sim, irá bem sair de casa — respondeu. — Está segura de que os outros não importarão que eu vá?

— Se não quisesse que viesse, não perguntaria isso.

Além disso, se os dois Paladinos se negaram rotundamente a que o convidasse, ela não o teria chamado. Se é que se tinha incomodado em perguntar-lhe Laurel jogou sua última cartada:

— Se por acaso influi em sua decisão, também convidei a Lacey Sebastian.

Inteligente mulher: tinha-o apanhado. Se agora repelia seu convite, Laurel saberia que algo passava.

— Estou seguro de que a Lacey adorará jantar contigo, Laurel — disse Barak. — Em certa maneira, recorda a você.

— Assim é teimosa e brilhante?

Suas palavras continham uma boa dose de humor.

Barak sorriu entre dentes.

— ia dizer que as duas são encantadoras, mas não discutirei sua afirmação — acrescentou Barak, e agradou ver que seu comentário arrancava uma risada a Laurel.

— Eu adorarei voltar a verte, Barak. Amanhã às sete.

Enquanto pendurava o telefone, Barak refletiu sobre o significado de que Lacey tivesse aceitado o convite. Laurel era uma mulher inteligente e boa em matemática. Ao jantar assistiriam seis pessoas, três homens e três mulheres. Três casais. Seria interessante.

Ben Jackson se secou a frente pela terceira vez em dez minutos. O fracasso misturado com o medo faziam que um homem suasse inclusive em um clima frio. Os ponteiros de relógio avançaram até que não teve mais remédio que telefonar. Seu colega conspirador lhe pagava bem, mas esperava resultados em troca de seu dinheiro.

Ben não tinha nenhum resultado que lhe oferecer, e isso era algo mau, possivelmente realmente mau. Sua única missão consistia em descobrir o que os Paladinos sabiam a respeito da operação das pedras azuis. Ben acreditou que Penn Sebastian era o melhor candidato para obter essa informação, mas, de momento, o mal-humorado Paladino se mostrou elusivo.

Quando o convenceu para que se encontrasse com ele depois do trabalho no bar, acreditou que por fim tinha realizado algum progresso. Mas Penn o tinha pegado despreparado ao ir ao encontro com aquele horripilante Outro. O que significava aquilo?

Era pouco provável que Penn e Barak estivessem confabulados, mas coisas mais estranhas se viram. Por outro lado, se tivesse deslocado o rumor a respeito das pedras azuis, que melhor sócio que um daqueles bastardos de olhos claros que procediam do outro lado da barreira? Depois de tudo, o que tinha que perder Penn? Passou-se os últimos meses sentado sobre seu traseiro em um beco fedorento. Se isso era o melhor que os Regentes podiam fazer por um dos seus, como mínimo Penn seria vulnerável aos subornos.

Mas, justo quando acreditava que as coisas funcionavam, de uma forma inesperada, a situação do Penn tinha trocado. Ben voltava a estar como ao princípio: procurando uma greta na armadura dos Paladinos.

Voltou a secar a frente desejando dispor de uma desculpa para não marcar aquele número. Odiando a forma em que lhe tremia a mão, pulsou a tecla de marcação rápida e rogou para que se conectasse a secretária eletrônica de voz. A sorte estava de sua parte, mas era toda má.

— Chama tarde — disse a voz do outro lado.

Humilhar-se não serviria de nada, mas mentir tampouco.

— Ao menos chamei.

O pesado silêncio que se produziu indicou que sua pequena ostentação não tinha ajudado a melhorar o estado de ânimo de seu interlocutor.

– Mas tarde – insistiu. – Já falamos disso. O que tem para mim?

– Tomei uma cerveja com o Penn Sebastian. É a primeira vez que acessa a algo assim.

Claro que Penn logo que tinha pronunciado umas palavras em todo o momento que estiveram no bar. Sobre tudo, Penn e ele tinham estado falando da liga de baseball1.

– Tirou-lhe algo sobre o que os Paladinos sabem ou suspeitam a respeito de nossa operação? – perguntou a voz.

– Não. O Outro estava com ele. Esse tal Barak. – Ben se estremeceu. Aquele alienígena tinha posto os cabelos de ponta. – Com o Barak ao lado era impossível falar com o Penn desse tema.

– Como é? Refiro-me ao Outro.

A voz de seu chefe refletia um interesse renovado.

Ben refletiu.

– Estava calado, mas despedia a mesma tensão que despedem os Paladinos jovens. Já sabe, antes de aprender a ocultar o que são. A não ser pela estranha cor de sua pele, poderia ter passado por outro cara que se estava tomando uma cerveja ao sair do trabalho. – Ben franziu o sobrecenho. – Quando entrei no bar, ele e Penn estavam sentados juntos, mas não me deu a impressão de que houvesse camaradagem entre eles. Quão último ouvi é que Penn está zangado porque Barak trabalha com sua irmã. E não acredito que isso tenha trocado.

– Então essa é uma debilidade que pode aproveitar. Isso e sua mão ferida. Ouvi dizer que não melhora.

Como podia sabê-lo? Supunha-se que não trabalhava na mesma zona que os Paladinos e, embora o fizesse, eles não eram dados às fofocas, sobre tudo quando se tratava de más notícias.

– Seguirei tentando-o – disse Bem. – Mas se o pressionar muito, poderia suspeitar de mim em lugar de mostrar-se amistoso.

– Temos que averiguar o que é o que sabem. É você quem tem que averiguá-lo. Tenta-o com mais ímpeto ou encontrarei a alguém mais que o faça.

Ben voltou a suar. Ninguém podia abandonar sem mais sua pequena empresa. Ou estava dentro ou estava morto. Não havia meio termo.

O silêncio ao outro lado da linha não pressagiava nada bom Ben fechou os olhos enquanto tentava desesperadamente pensar em algo que aplacasse a aquele homem. Tinha ao Penn, ao Outro e à irmã do Penn...

A irmã do Penn... Era uma possibilidade! Lacey Sebastian estava bem considerada dentro da organização. Os Paladinos locais a tratavam como a um mascote, assim ameaçá-la seria como pô-los no fio de uma navalha. Os Paladinos perseguiriam a qualquer que a pusesse em perigo com as espadas em alto, mas não se arriscaria a que ela sofresse nenhum dano.

Possivelmente, se tinha muito cuidado, podia trocá-la por informação. Depois teria que sair a correr, mas de qualquer modo esse dia tinha que chegar. Ferir uma mulher não era seu estilo, mas tinha que ganhar tempo.

Inspirou ar e se preparou para o pior.

– O que lhe pareceria se...?

Capítulo 11

— Olá, Barak, entra.

Laurel sorriu, fez-se a um lado e deu a bem-vinda ao Barak a sua casa.

Entregou a garrafa de vinho que tinha comprado.

— Espero que você goste — Lhe disse. — O tio da loja me assegurou que é de uma colheita muito aceitável.

Laurel lhe sorriu.

— Te escute! Cada dia que passa te parece mais a um washingtoniano. Estou impressionada. Devlin apareceu detrás dela.

— Maldita seja, Barak, tenho-te dito que não flerte com minha mulher!

Devlin deslizou um braço pelos ombros de Laurel e atirou dela para ele para lhe dar um beijo no pescoço.

Laurel realizou um esforço para lhe franzir o sobrecenho a seu amante, embora fosse evidente que não podia estar zangada com ele durante muito tempo.

— Não estava flertando — resmungou. — Só comentava o bem que se está adaptando a nosso mundo.

Em opinião de Barak, Laurel estava sendo otimista, mas assim era ela. Ninguém mais teria assumido a difícil tarefa de convencer ao Devlin e ao resto dos Paladinos para que permitissem que seu inimigo de toda a vida se movesse entre eles como se tal coisa fosse normal.

— Levarei o vinho à cozinha — acrescentou Laurel. — Tenho que ver como está o jantar.

Devlin esperou a que ela tivesse saído da habitação para lançar ao Barak um olhar de cumplicidade.

— Certamente precisaremos beber tanto como podemos. Laurel não cozinha muito frequentemente. — Baixou a voz e se estremeceu. — Por sorte! Os vegetais não encontram muito risco, mas a carne mais vale evitá-la.

Barak reprimiu um sorriso.

— Escolherei o que como com cuidado.

— Do que estão falando vocês dois aí fora?

Laurel apareceu à cabeça da cozinha.

Antes que Devlin tivesse inventado uma resposta acreditável, o timbre da porta voltou a soar.

— Provavelmente sejam Trahern e Brenna — disse.

A sala estava a ponto de encher-se de gente, assim Barak entrou no salão esperando dispor de uns segundos de solidão. Mas resultou que não tinha sido o primeiro em chegar: Lacey levantou a vista da revista que estava folheando e esboçou um sorriso indeciso.

— Olá, Barak. Espero que não te importe que esteja aqui. Laurel insistiu muito em que viesse.

— Não, claro que não — repôs ele. — Já hei dito antes que acreditava que você e Laurel seriam boas amigas. E Brenna Nichols também.

Sentiu-se orgulhoso de si mesmo ao perceber a firmeza de sua voz. Estava acostumado a ver Lacey vestida com jeans e camiseta no trabalho e não estava preparado para vê-la com um vestido que acentuava maravilhosamente suas curvas femininas. Suas pernas eram largas e esbeltas, e suas sandálias de salto alto ressaltavam seus magros tornozelos e seus bonitos pés. Estava preciosa com aquele vestido tão elegante e ele quão único desejava era lhe arrancar todas as peças de roupa que levava vestida.

Prometeu-se a si mesmo de tratá-la igual à Laurel ou Brenna, ou seja, com cortesia e uma serena distância. Mas não havia nada de serenidade em como se sentia naquele momento, sobre tudo quando Lacey se inclinou para deixar a revista sobre a mesa lhe permitindo ver brevemente seu decote. Possivelmente deveria ir-se enquanto pudesse.

Trahern entrou na sala.

— Olá, Lacey!. — Disse. — O que faz você aqui?

Lacey olhou um instante ao Barak aos olhos antes de voltar-se para o Trahern:

— De vez em quando me permite sair do laboratório, pedaço de bruto. Eu gostaria de saber quem sujeitará sua correia esta noite. A pobre Brenna já se deu conta de que ainda está por domesticar?

Uma sorridente Brenna Nichols apareceu detrás do Trahern.

— Estamos nisso. Alegro-me de voltar a verte, Lacey. E a você também, Barak.

Barak duvidava de que fosse certo, mas se eles estavam dispostos a guardar as aparências, ele também o faria.

— Segue passando isso bem nos arquivos, Brenna? — perguntou-lhe.

— Sim, embora prometi ao Blake que não aborreceria a todo mundo com o assunto — respondeu Brenna simulando fazer bico ao Trahern.

— O que vou fazer se a ele e a seus colegas gostam de manter tudo em um ar de mistério e trevas!

Lacey soltou uma risada.

— Resulta difícil considerá-los misteriosos quando tiveste que compartilhar o banho com um deles durante a infância — apontou.

Trahern olhou para o teto e exclamou:

— Né, Bane, necessito reforços! Brenna e Lacey a tomaram comigo!

Barak desfrutou de suas brincadeiras desejando poder participar. Ele tinha crescido pensando que os Paladinos eram uns monstros assassinos, mas cada vez lhe custava mais lembrar-se de como pensava antes, sobre tudo quando os via com suas mulheres, felizes e relaxados. Quem teria imaginado alguma vez que duas belas mulheres estivessem tirando o sarro a um tipo tão duro como Blake Trahern e que ele o curtisse?

— E você como está, Barak? Que vai o trabalho com a Lacey no laboratório de Geologia? — Brenna estava ao lado do Trahern e tinha rodeado os ombros com o braço. — Laurel me disse que a geologia te interessa muito.

Essa era a desculpa que ele e Devlin tinham dado a Laurel, mas era mais certa do que o líder dos Paladinos acreditava.

— Desfruto aprendendo a dirigir sua tecnologia, e ontem a doutora Sebastian me apresentou ao monte St. Helens — repôs Barak.

Sabia que soava formal e tenso utilizar o tratamento de Lacey, mas necessitava a pequena distância que esse formalismo lhe proporcionava. Não queria que ninguém pensasse neles como um casal, embora, se fosse um humano, teria animado a todo mundo a acreditá-lo. Sobre tudo a ela.

Laurel se uniu ao bate-papo.

— Eu nunca estive ali, mas tenho entendido que a vista é impressionante. Sempre penso em ir, mas nunca encontro o momento. Além disso, a única vez que o mencionei ao Devlin, olhou-me como se estivesse louca.

Devlin assentiu com a cabeça.

— E por uma boa razão — esclareceu — .Por ter passado a maior parte do tempo lutando porque essa maldita montanha não sabe estar-se quieta. Cada vez que fica em ação, acabo até as orelhas de...

Laurel deu uma cotovelada nas costelas fazendo que o Paladino se interrompesse de repente.

«... “Até as orelhas de sangue de Outros.» Todos eles sabiam que os rugidos da montanha obrigavam aos Paladinos a cercar, uma e outra vez, batalhas sangrentas com os que eram como Barak.

Laurel rompeu o silêncio com uma voz muito estridente.

— Devlin, quero verte na cozinha. — Reparando no tom de seu comentário, acrescentou — : Necessito que me ajude.

Devlin pôs cara de haver-se tragado algo asqueroso, mas seguiu a Laurel de todos os modos. Trahern esperou até que seu amigo saiu da sala para tornar-se a rir.

— Eu gosto tanto de ver que alguém põe firme ao Devlin de vez em quando...! — burlou-se.

— Ouvi-te, Trahern! — gritou Devlin da cozinha. — Segue falando assim e amanhã, durante o treinamento, farei-te morder o pó.

Trahern soltou uma gargalhada. Por isso Barak tinha visto, os dois homens eram bastante parecidos lutando, com armas ou sem elas. Mas Barak nunca teria desejado enfrentar-se ao Trahern em uma batalha. Não é que **infravalorizasse** suas próprias habilidades, mas Trahern lutava com a mesma determinação mortal que ele.

Trahern, sem deixar de sorrir, olhou ao Barak.

— Inteirei-me que Devlin fez que lute com o Penn — Lhe disse.

— Como vai?

Lacey se aproximou do Barak esperando ouvir sua resposta. Sem dúvida estava preocupada com seu toco irmão. Barak hesitou antes de responder, sobre tudo porque Devlin queria que os treinamentos fossem algo confidencial. Entretanto, estava claro que ao Bane não importava que Trahern soubesse, e Lacey era a irmã do Penn.

— De momento, só treinamos um dia — explicou. — Começamos como o cão e o gato, embora isso era de esperar. Sua mão direita ainda está débil, mas a coisa esta indo bem. Nunca tinha lutado com a mão esquerda, mas está aprendendo.

Lacey sorriu com indecisão.

— Essa é uma boa notícia, Barak — Lhe disse. — Penn possivelmente não lhe diga isso, mas estou segura de que te agradece que o treine.

Barak se pôs-se a rir.

— Eu não estou seguro. Devlin estava tão zangado conosco que se foi com ar inoportuno e nos deixou a sós para ver se nos matávamos. Mas Penn e eu decidimos que nos matando só conseguiríamos simplificar a vida do Devlin e preferimos seguir por aqui para pentelhá-lo um pouco mais.

— Isso também o ouvi! — exclamou Devlin enquanto entrava no salão. — Laurel diz que podemos nos sentar à mesa. O jantar está preparado.

Devlin cravou o olhar ao Barak lhe recordando o que lhe havia dito antes a respeito da forma de cozinhar de Laurel. Barak farejou o ar com suavidade e decidiu que Devlin tinha razão. A julgar pelo ligeiro aroma de carne queimada, seria mais seguro aceitar só vegetais.

Além disso, a comida não importava muito. Aquela noite formava parte de um estreito grupo de amigos que se divertiam juntos enquanto jantavam. Só desejava que ele e Lacey Sebastian partissem juntos ao acabar da noite.

A noite tocava a seu fim. Lacey tinha que trabalhar pela manhã, embora não se deu nenhuma pressa em partir. Laurel e Brenna desejaram ao Penn que encontrasse a alguém que contribuísse com felicidade a sua vida.

Mas o que foi mais importante para ela foi a forma em que as duas tinham aceitado ao Barak. Laurel tinha sido primeira em defender sua causa, e Brenna parecia sentir-se muito cômoda em sua presença. Lacey ignorava qual era a razão de que isso fosse tão importante para ela, mas o era.

Possivelmente porque percebia uma grande solidão no Barak. Inclusive rodeado de gente, parecia estar ausente. Possivelmente, simplesmente, ele era assim, mas tinha que resultar difícil para ele ser o único de sua espécie fosse aonde fora. Ela, por sua parte, quase todo o tempo se esquecia de que ele era distinto.

Salvo pela forma em que sua presença a afetava. Lacey se perguntou se Laurel suspeitava que seus sentimentos para o Barak fossem mais profundos que o mero afeto que podia sentir-se por um colega de trabalho, sobre tudo tendo em conta que Barak e ela eram os únicos convidados sem casal. Embora Laurel não tivesse atribuído os assentos aos convidados, os dois casais escolheram de forma natural assentos juntos, de forma que o Lacey e Barak não tiveram mais remedeio que sentar-se juntos eles também.

— Obrigado outra vez por me convidar, Laurel. Passei-me isso muito bem — declarou Barak uma vez na porta.

— Me alegro de que viesse — respondeu a doutora.

O carro do Trahern impedia a saída da caminhonete de Lacey, assim que ele e Brenna partiram primeiro para que ela pudesse sair. Enquanto jantavam tinha começado a chover, embora a temperatura ainda era temperada.

Quando Laurel viu como chovia, deteve o Barak.

— Me dê um minuto para pegar a bolsa e acompanharei a sua casa — se ofereceu.

Devlin não pensava permitir-lhe.

— Se alguém for acompanhá-lo, esse serei eu — atravessou.

Lacey interveio na conversação:

— Não, deixem a mim. Não tem sentido que saiam com este tempo quando eu vou nessa direção.

— Não quero ser um incômodo para ninguém. Não me fará mal caminhar — asseverou Barak, e passou junto a Lacey disposto a inundar-se na garoa.

Ela o agarrou por braço.

— Eu quero fazê-lo. — Disse. — Não é nenhuma incômodo para mim.

Barak esquadrinhou brevemente seu rosto antes de assentir com lentidão.

— De acordo, então. Obrigado. — voltou-se para Laurel e Devlin e ofereceu um de seus escassos sorrisos. — Obrigado de novo por me convidar.

— Os dois nos alegramos de que viesse, Barak — declarou Devlin.

— Nos vemos amanhã pela tarde no ginásio.

— Leva sua espada. Assim, se tiver uma vítima com a que praticar, poderei ensinar ao Penn como deveria lutar.

Devlin rompeu a rir.

— Quererá dizer um voluntário.

Barak arqueou uma sobrancelha.

— Isso dependerá de qual dos dois ganhe. Vamos ver amanhã.

Continuando, Lacey encabeçou a marcha para a caminhonete. Uma vez mais, a cabine se fez pequena com o Barak no interior, mas não se arrependia de o acompanhar. Quase desejou que ele vivesse mais longe para alargar o tempo que ficava para estar juntos. À manhã seguinte voltariam a interpretar seus rôl de colegas de trabalho.

Quando se detiveram em um semáforo, Lacey se voltou para olhar a seu silencioso companheiro.

— Passei tão bem...! — disse-lhe. — Tenho que dar de presente algo bonito a Laurel por me convidar. Estava encantada de que tivesse levado o vinho.

— Laurel é muito amável.

Lacey hesitou antes de tirar colação o nome de seu irmão:

— Quero te dar as obrigado por treinar ao Penn.

— Não é nada.

Barak se voltou para o guichê, dando a entender que preferia evitar aquele assunto.

— Não, sim que é algo — continuou ela. — Sei que tem que ser duro para você ajudá-lo a recuperar sua destreza tendo em conta como a utilizará quando a recuperar.

Lacey pôs sua mão sobre a do Barak, dando um pouco de apoio que podia lhe dar. Ele em seguida a agarrou e a apertou levemente.

— Laurel não é a única amável — disse.

Pouca coisa podia responder Lacey a seu comentário, assim percorreram o resto do trajeto em silêncio. Quando chegaram ao edifício do Barak, Lacey estacionou a caminhonete e aguardaram uns instantes em silêncio.

Barak não se deu pressa em abrir a porta. Quando se voltou para olhar com seus pálidos olhos a Lacey, ela teve a impressão de que acariciava o rosto. Fora, a chuva de verão parecia isolá-los do resto do mundo, deixando-os sozinhos, muito afastados um do outro. Lacey estava jogando com fogo enquanto esperava a ver o que ocorria a seguir.

Só desejava que acontecesse logo, antes que perdesse toda sua coragem e saísse correndo para sua casa.

— Lacey...

Barak pronunciou seu nome como em uma prece e possivelmente foi isso.

— Barak... — murmurou ela.

Então se pôs-se a rir, em parte pelos nervos e em parte porque pareciam estar representando o princípio de uma cena de amor de um velho folhetim.

— Eu gosto de sua risada. — Barak abriu o braço e lhe pôs o cabelo detrás da orelha. — Quero te beijar.

Tratava-se de uma provocação? Barak deslizou a mão detrás da cabeça dela para aproximá-la a ele, e deixou fazer de bom grado. Deslizou-se pelo assento de uma peça até que sua coxa roçou o do Barak, o que enviou uma quebra de onda de calor a seu peito e, de ali, a quebra de onda se expandiu inundando-a em uma intensa sensação de desejo.

— As coisas não trocaram, Lacey — disse ele. — Não quero ser um segredo carregado de culpa para você.

Barak roçou os lábios da Lacey com os seus sem chegar a beijá-la.

Era isso o que ela queria? «Sim.» Saborear a paixão que brilhava nos olhos do Barak compensava os riscos que implicava? Lacey não sabia nem lhe importava. Naquele momento e naquele lugar, isso era o que desejava.

Mas ela também tinha seu orgulho e não lhe mentiria.

— Barak, não sei como conduzir isto — disse — ; nem sequer sei se poderei conduzir. Mas se te conforma com o que posso te dar esta noite, me convida a entrar em sua casa.

Sem esperar resposta, Lacey sentou em seu colo. Dando leves beijos em seu pescoço, tentou-o e provocou até que ele, de repente a beijou introduzindo sua língua na boca dela. Barak levantou, sentou-a escarranchado sobre suas pernas e se deslizou para baixo no assento até que sua ereção roçou, diretamente, o centro do Lacey.

O sabor do Barak era mais embriagador que o vinho que tinham bebido na casa de Laurel, e a Lacey a cabeça deu voltas devido ao calor que estavam gerando. Quando ele separou a boca, ela gemeu desejando mais do mesmo.

— Se só for te ter esta noite, Lacey, quero fazê-lo bem — disse Barak. — Entra comigo em casa.

Lacey deslizou os dedos pelo cabelo do Barak, que levava solto depois de que lhe tirasse a borracha, e apoiou a testa na dele.

— Me leve a sua cama, Barak. Por favor.

Ele a tirou das mãos.

— Pegue a sua bolsa e entremos — repôs.

A natureza prática do Barak fez que Lacey risse enquanto descia de seu regaço e agarrava a bolsa e as chaves da caminhonete. Barak já tinha dado a volta ao veículo para abrir a porta. Por sorte, seu apartamento só estava a uns passos de distância, dando pouco tempo para pensar no que estavam a ponto de fazer.

Uma vez no interior do apartamento, Barak agarrou a bolsa da Lacey e deixou em uma cadeira.

— Quer um chá ou um café? — perguntou-lhe.

Que encantador! Mas não, ela queria mais do que tinham saboreado na caminhonete. Introduziu-se entre seus braços e ficou nas pontas dos pés apoiando-se em sua fortaleza. Uma onda vibrou no peito do Barak.

— Tomarei como um não — disse.

Lhe ofereceu um sorriso de mulher, o tipo de sorriso que dizia que estava faminta de seu homem. Baixou uma mão pelo peito do Barak e titubeou um instante antes de continuar pela parte frontal de suas calças para acariciá-lo.

— Pode tomar isto como um sim — sussurrou.

O sorriso que Barak esboçou foi totalmente masculino e prazeroso.

— Meu dormitório está por ali — indicou.

Ela o agarrou da mão e o conduziu para o dormitório, sentindo-se atrevida e desejada. Quando cruzaram a soleira da porta, Barak voltou a beijá-la sem contenções, introduzindo sua língua profundamente na boca dela. Barak deslizou as mãos pelos quadris para agarrar o bordo de seu vestido e levantar-lhe. Depois colocou as mãos em suas nádegas. Os joelhos dela fraquejaram, e teve que abraçar ao Barak pelo pescoço para evitar cair ao chão. Barak introduziu uma mão por debaixo do tecido e baixou um pouco as calcinhas pelos quadris. OH, céus, estava ardendo!

— Quero te deitar e te beijar por toda parte — disse com voz rouca, e com a língua pelo contorno da orelha.

Agarrou-a em seus braços surpreendendo-a com sua força. Lacey não era muito pequena, mas se sentiu muito feminina nos braços do Barak. Ele a deixou no bordo da cama e se ajoelhou a

seus pés, acariciando-lhe enquanto lhe tirava as sandálias.

Sustentando o olhar da Lacey com o seu, Barak subiu as mãos pela panturrilha dela, por suas coxas, e voltou a agarrar sua calcinha, esta vez para tirar-lhe de tudo. Lacey tirou o vestido pela cabeça e o lançou ao chão. Barak se encarregou de seu sutiã, manipulando com estupidez o fechamento dianteiro. Quando por fim o fechamento cedeu, os peitos dela se esparramaram em suas espectadoras mãos.

Como sabia Barak lhe excitar os mamilos exatamente como lhe gostava?

– Ainda está vestido – protestou Lacey.

– Isso tem fácil acerto.

Barak tirou a camisa com rapidez enquanto ela murmurava sua aprovação, mas quando se dispunha a desabotoá-los, ela o deteve.

– me deixe – disse.

Lacey colocou suas cálidas mãos no peito do Barak e foi baixando até chegar ao cinturão, tomando-se seu tempo, como se queria memorizar seu contorno e o tato de sua pele. Desabotoou-lhe o cinturão e depois, sem apartar o olhar de seu rosto devagar, ufl, Muito devagar, baixou-lhe o zíper. Barak fechou os olhos durante uns instantes esforçando-se em ser paciente e suspirou de alívio quando ela terminou. Logo tirou a calças e a cueca, contente de haver-se liberado do obstáculo que supunha a roupa.

Aquele momento, quando se deitaram pela primeira vez juntos, pele com pele, tinha que saborear-se. Barak se inclinou sobre Lacey, deu-lhe um beijo na testa e reclamou sua boca. Nessa ocasião, o beijo não teve nada de inocente e suas línguas se entrelaçaram em um movimento rítmico de avanços e retrocessos.

O aroma do crescente desejo da Lacey perfumou o ar. Ela se sentou mais para o centro da cama atirando do Barak. Durante muitas noites ele tinha permanecido convexo naquela mesma cama, sonhando tendo a Lacey ali, a seu lado, mas sua imaginação ficou totalmente curta.

A pele de Lacey era como seda viva, beijada pelo sol até adquirir uma cor dourada; era suave, flexível e cálida ao tato. E seus peitos... Barak poderia passar-se horas explorando seu peso e seu sabor. Inclinou-se para ela, afundando o nariz no ouro de seu cabelo, e inalou fundo antes de beijá-la ao longo da mandíbula, até chegar ao ponto que pulsava da base de seu pescoço.

– me diga o que é o que quer, Lacey – Lhe sussurrou.

– A você. – respondeu ela enquanto se voltava para ele e levantava seus peitos para oferecer-lhe. Barak os beijou desfrutando da forma em que seus mamilos se inchavam e endureciam. Deslizou a língua ao redor do mamilo que tinha mais perto e, ao final, acessou à muda petição da Lacey de sugar-lhe com seus dentes e lábios. As pernas dela se agitaram quando a mão do Barak seguiu a leve curva seu ventre até o ninho de cachos de mais abaixo.

Lacey levantou os quadris, lhe pedindo, sem palavras, que continuasse. Beijou-lhe o ventre e a acariciou antes de introduzir um dedo no mais profundo de seu escorregadio canal. Barak sorriu. O corpo de Lacey estava preparado para união.

– Quero mais – gemeu ela. Tinha os olhos semi-aberto e seu olhar ardia. Sobre o colchão e ela ficou deitada sobre o peito do Barak.

Ela se moveu de um a outro lado, esfregando os bonitos extremos de seus peitos contra o torso do Barak, e gostou que Lacey não fosse uma amante passiva. Colocou as mãos nas axilas e segurou para poder lhe lambar os peitos com rápidas lambidas, e depois os sugou com força.

Em um movimento rápido, Lacey se sentou escarranchado sobre o Barak, colocando seu úmido calor justo em cima da ereção dele. Barak respirou entrecortadamente enquanto a necessidade de possuí-la, de unir-se a ela, ameaçava acabando com o pouco controle que ficava.

Barak se deu a volta arrastando a Lacey com ele.

Ela enrugou o nariz e tentou voltar a pô-lo de barriga para cima, mas Barak lhe agarrou as

mãos e as sujeitou por cima da cabeça.

— Estamos muito perto. Preciso de amparo — disse.

O que mais desejava naqueles momentos era penetrar no receptivo corpo do Lacey, com apenas o calor úmido e escorregadio de sua pele entre eles, mas nenhum dos dois podia permitir-se ter um filho. Barak abriu a gaveta da mesinha de noite e tirou a caixa de camisinhas que tinha comprado o dia que conheceu Lacey.

Ela alargou o braço e lhe disse:

— deixe a mim.

Em lugar de abrir imediatamente o pacote de papel de alumínio, Lacey o deixou sobre o estômago do Barak e dirigiu sua atenção a seu pênis, conseguindo que Barak se comportasse como um prisioneiro de bom grau. O delicado roce de suas mãos fazia que Barak se agarrasse com força aos lençóis enquanto esperava para ver o que faria ela a seguir.

Lacey sorriu a seu amante desfrutando do poder que lhe tinha dado. Inclinou-se e deslizou a língua por seu corpo, percebendo o esforço que realizava para estar-se quieto. Seu corpo era todo músculo esculpido, superfícies planas e múltiplas cicatrizes que demonstravam que sua vida não tinha sido fácil. Parecia um guerreiro bárbaro, com seu cabelo estendido sobre o travesseiro.

E naquele momento, ela queria o poder que todos aqueles músculos prometiam. Lacey tirou a camisinha do pacote e o deslizou com suavidade pela impressionante longitude do pênis do Barak. A seguir subiu e baixou sua mão pelo membro. Uma vez. Dois...

Barak voltou a deitar Lacey de costas, ajoelhou-se entre suas pernas e abriu os braços para apoiar seu peso neles.

— me olhe, Lacey — Lhe disse. — Quero ver seus olhos quando nos unirmos.

Ela separou as pernas como convite.

— Agora, Barak. Tome agora.

Com dois rápidos empurrões, Barak se afundou no mais profundo de Lacey. Ela se sentiu alargada pela longitude e largura de seu membro, e ele se mordeu o lábio enquanto tentava lhe dar tempo para que se ajustasse a seu tamanho. Barak se balançou com lentidão, tirou um pouco seu pênis e voltou a introduzi-lo. Ela gemeu de prazer, mas queria mais, mais depressa e com mais força.

— Não te contenha, Barak — Lhe rogou.

Ele voltou a balançar-se e respondeu:

— Não quero te machucar.

— Não me fará isso.

Tomou a palavra e gostou que o fizesse. Colocando-lhe as pernas por cima de seus ombros, começou a penetrá-la depressa e com força enquanto ela se agarrava aos travesseiros e se preparava para a cavalcada.

— Barak...

Lacey gritou o nome do Barak. Ele a encheu como nenhum homem o tinha feito antes. Sua força e seu calor a penetravam mais e mais fundo, enchendo lugares que ela não sabia que estavam vazios.

De repente diminuiu o ritmo e quase saiu do interior dela por completo antes voltar a penetrá-la profundamente.

— Barak! Não me torture!

Sorriu-lhe.

— Você não gosta assim? — E repetiu aquele movimento.

OH, sim que gostava, mas a tensão que sentia em seu interior aumentou até que acreditou... (necessitou) explorar. Lacey levantou os braços para tê-lo mais perto. Baixou-lhe as pernas até a cintura e se inclinou para beijá-la, repousando o corpo sobre seus peitos.

Lacey lhe baixou as mãos pelas costas e lhe agarrou o traseiro enquanto ele voltava a penetrá-la. OH, sim, aquilo era o que ela necessitava! O calor e a força de um relâmpago cresceram em espiral em seu interior esperando o toque exato para explodir. Pele suarenta escorregando sobre pele suarenta, e a pressão seguiam aumentando.

Então Barak se incorporou levemente e olhou entre seus corpos.

— Olhe onde estamos unidos, Lacey.

Ela fez o que lhe pedia e, ao vê-lo entrar e sair de seu corpo sorriu. Barak bombeou seu corpo contra o dela em um movimento circular e aquela fricção fez que Lacey ofegasse com antecipação. Então ele voltou a fazê-lo e, em meio de uma explosão de luz e cores, Lacey gozou enquanto gritava o nome do Barak.

— Sim, Lacey, sim! — respondeu ele.

Barak a penetrou com força e seu corpo se sacudiu enquanto elevava sua própria liberação no mais profundo do Lacey.

O mundo demorou um, possivelmente dois segundos, em colocar-se de novo em seu lugar. Ao final, Barak levantou a cabeça e voltou a beijá-la, nessa ocasião com delicadeza. Seu sorriso refletia certo cansaço, mas esquentou o coração dela.

— Está bem? — perguntou Barak.

Era típico dele perguntá-lo, e ela respondeu com sinceridade:

— Não recordo me haver sentido tão bem em toda minha vida.

Ele se retirou do corpo dela se tombou de costas sobre a cama aproximando-a a ele. Então a beijou no cocuruto.

— Estupendo — disse — porque, por muito bom que fosse não é mais que o princípio.

Várias horas mais tarde, Lacey se agitou e olhou com olhos sonolentos o relógio que havia sobre a mesa de noite de Barak. Ele soube que algo não ia bem, porque ela ficou em tensão e se separou dele tentando não incomodá-lo. Barak lutou contra a necessidade imperiosa de arrastá-la aonde pertencia: a sua cama, entre seus braços.

Mas ainda havia muitas coisas pendentes de dizer e esclarecer entre eles. Tinha sido aquela única noite e, se agora lhe pedia mais, quão único conseguiria seria arruinar o que tinham compartilhado.

Uma tênue luz entrava pela janela e Barak contemplou o corpo de Lacey, que agora lhe resultava tão familiar como o seu, enquanto vestia o vestido com sigilo e agarrava suas sandálias. Barak a olhou enquanto se detinha os pés da cama e lhe devolvia o olhar. No que estava pensando Lacey?

Barak já esperava que ela se arrependesse; os dois tinham boas razões para evitar uma relação séria. Embora não se imaginava que, quando partisse, doeria-lhe tanto.

Esperou até que ouviu fechar a porta de seu apartamento. Então apartou os lençóis e se dirigiu à janela. Abriu as cortinas o suficiente para ver sua bonita amante subir à caminhonete e seguiu observando-a até que as luzes traseiras do veículo desapareceram pela esquina.

Um movimento no outro extremo do estacionamento chamou sua atenção. Barak teve a sensação de que alguém estava as escuras sombras que havia além dos carros. Observou atentamente todos os veículos, procurando um sinal que lhe indicasse que alguém estava escondido entre eles, mas nada se moveu, nada humano nem de outro tipo. Fora o que fora, já se tinha ido. Provavelmente, só se tratava de um gato ou um cão, ou de um de indigentes rondavam pelas ruas de Seattle de noite.

Entretanto, a próxima vez, se é que havia uma próxima vez, e se Lacey tinha que ir-se na metade da noite, ele a acompanharia até a caminhonete.

Barak retornou a sua cama e afundou a cara nos lençóis, que seguiam cheirando a Lacey. O sono demoraria para chegar.

Capítulo 12

Barak chegava tarde. Lacey se mordeu o lábio inferior e tentou concentrar-se na última série de dados procedente dos sensores que tinham colocado nos túneis. Fazia só uma semana daquilo? Após tinham acontecido tantas coisas que parecia que tivesse passado muito mais tempo.

Por que chegava tarde Barak? Voltaria sequer?

Lacey se concentrou de novo nas leituras. Os dados pareciam estáveis e só variavam ligeiramente de hora em hora e dia a dia. Quando tivesse suficientes dados daqueles remotos túneis, retiraria os instrumentos e os colocaria mais ao sul, perto das placas tectônicas ou inclusive do monte St. Helens.

Teria que subornar ao Devlin com uma coisa realmente boa para que lhe permitisse acessar às zonas mais instáveis, que eram as que estavam mais perto da barreira. Chocolate? Uísque?... Dispunha-se a passar a página das leituras quando acreditou ouvir alguém ao outro lado da porta do laboratório.

Céu santo! Barak tinha retornado. Lacey não sabia se isso era bom ou mau. Como podia olhá-lo ao rosto depois de ter desfrutado de horas do melhor sexo que tinha experimentado alguma vez, continuando, escapulir-se de seu lado ao amanhecer sem sequer despedir-se dele?

Sentiu as bochechas vermelhas e acaloradas, justo como as tinha tido durante a noite, quando Barak lhe fez amor não uma nem dois, a não ser três vezes. Agora, entretanto, a causa de seu aquecimento não era a paixão a não ser a vergonha. Já tinha ido duas vezes ao lavabo de senhoras, que estava ao final do corredor, para salpicar as bochechas com água fria.

De momento tinha tido sorte, porque não se cruzou com seu irmão nem com Ruthie, a secretária do departamento. Lacey podia enganar a qualquer outra pessoa, mas esses dois com um só olhar saberiam que algo lhe passava. Além disso, Ruthie faria o impossível por lhe surrupiar inclusive os detalhes mais obscenos.

Penn, por sua parte, assumiria seu papel de irmão maior, exigindo saber se o homem comprometido era digno de sua irmã pequena. Normalmente, Lacey ria dele aceitando aquela pesada característica dela, mas aquele dia isso não resultaria, porque tinha cometido o engano de lhe contar do jantar. Claro que não lhe comentou nada sobre o apaixonado sexo que desfrutou com o Barak.

Se Penn chegava a deduzir o que tinha ocorrido, tanto ela como Barak estariam metidos em uma boa confusão. E, se todo mundo se inteirava, provavelmente ela teria que renunciar a trabalhar para os Regentes e Penn perseguiria o Barak com a intenção de matá-lo. Então seu pior pesadelo se faria realidade: seu irmão contra seu amante. Não importava qual dos dois vencesse, pois sua vida estaria igualmente arruinada. Os Regentes não permitiriam que o vencedor sobrevivesse.

No que estaria ela pensando quando se deitou com o Barak? Lacey se reclinou na cadeira e

olhou para o teto enquanto umas visões da noite anterior rondavam por sua mente. Ali estava, horas mais tarde, e a lembrança do bonito e musculoso corpo Barak movendo-se por cima e dentro dela seguia provocado que se agitasse inquieta no assento. Nenhum outro amante tinha elevado a aqueles topos.

Céu santo! O que tinha feito? A tentação de por si já era bastante má, mas ceder a ela era, possivelmente, o engano maior que tinha cometido em sua vida.

A porta exterior do laboratório se abriu. Lacey se inclinou para diante e aguçou os ouvidos para captar qualquer sinal que lhe indicasse quem tinha entrado. O silêncio era total, até que ouviu um rangido revelador: Ruthie, estupenda secretária e bisbilhoteira do departamento, aproximava-se.

Tinha que haver alguma desculpa que Lacey pudesse inventar para justificar seu aspecto de esgotamento e sua cara ruborizada. O termostato? Quando Ruthie chegou à porta do laboratório, Lacey estava de pé frente ao termostato, olhando-o como se fora seu pior inimigo.

— Lacey?

A doutora lhe deu um golpe ao termostato para reforçar o efeito que queria conseguir e estampou um sorriso surpreso em sua cara antes de voltar-se para a mulher de meia idade.

— Entra, Ruthie, embora não posso te prometer que esteja cômoda aqui dentro. Parece-me que o termostato se danificou. Um minuto faz muito frio, e ao seguinte, muito calor. — Lacey se deixou cair na cadeira de seu escritório e bebeu um gole comprido de água. — O que te traz por aqui?

Ruthie não o trouxe. Absolutamente.

— Aqui está bem, Lacey. — Disse. — Está segura de que não está com uma infecção ou algo assim? A gripe faz sentir frio e calor em um segundo. Claro que o mesmo faz a menopausa, mas esse é meu problema, não o teu.

— Não, estou bem. De verdade.

A porta exterior do laboratório voltou a abrir-se e fechar-se. Nessa ocasião, quase seguro que era Barak. Lacey fez o possível por ignorar sua silenciosa aproximação e se concentrou em Ruthie.

— E o que te traz para minha pequena parte de mundo? — Ruthie arqueou uma sobrancelha, advertindo a Lacey de que o tom de sua voz tinha divulgado muito alegre. Lacey voltou a tentá-lo — : A sério o que posso fazer por você?

Ruthie deixou cair um expediente no já abarrotado escritório de Lacey.

— Sua majestade quer um relatório detalhado do horário de trabalho do Barak aqui, no laboratório — respondeu. — Pelo visto, sua majestade se inteirou de que Devlin Bane o chamou para uma coisa relacionada com os Paladinos. Nosso dono e senhor não quer que paguemos essas horas ao Barak com nosso pressuposto.

Lacey sempre se perguntava se o doutor Louis, seu chefe, tinha idéia de quanto o menosprezava Ruthie. Em realidade, não acreditava que ele não pudesse sabê-lo, mas por que o agüentava? Depois de tudo, ele era o chefe. Lacey agarrou o expediente. Grande perda de tempo!

— Por isso eu sei — prosseguiu Ruthie — , Barak só esteve no departamento dos Paladinos em duas ocasiões. Uma antes e outra depois do horário trabalhista.

Nenhuma delas se deu conta de que Barak estava na soleira da porta até que ele falou dirigindo-se a Ruthie:

— Exato, senhora. Devlin se encarregou de que fosse assim. Entretanto, estarei encantado de informar sobre todas as horas que não dedique a minhas tarefas com a doutora Sebastian, aqui no laboratório.

De momento, apenas tinha dado uma rápida olhada a Lacey, por isso ela se sentiu aliviada e, ao mesmo tempo, enfurecida. Doutora Sebastian? A quem tentava impressionar Barak?

Barak era muito mais alto que Ruthie e utilizou essa espécie de sua solenidade a velho uso

para deslumbrar à secretária. A Lacey não pareceu mal, embora desejou que utilizasse parte daquela atitude com ela, em lugar de ignorá-la.

Lacey interveio na conversação:

– Então, Ruthie, tenho que preparar um relatório em toda regra ou será suficiente com uma simples nota ao final de cada período de pagamento?

Ruth deu um suspiro, como se tivesse esquecido de que Lacey estava ali, enquanto estava ocupada contemplando ao Barak. Certamente era a primeira vez que estava tão perto dele. O que via quando o olhava? Seus preciosos olhos claros? A forma em que seu cabelo negro e grisalho emoldurava seus rasgos cinzelados?

Ou a um dos inimigos legendários dos Paladinos e do resto da humanidade?

– Senhor Q’Young, por que não anota os dados mais recentes e os introduz na base de dados? – adicionou Lacey.

Ela também podia jogar a ser formal.

Barak por fim a olhou diretamente, com os olhos brilhantes por alguma intensa emoção que o embargava e soprando pelo nariz. Então assentiu bruscamente e respondeu:

– Assim o farei, doutora Sebastian. Se me desculpar, senhorita Prizzi.

Lacey não conseguiu respirar fundo até que Barak desapareceu atrás do muro que formavam as máquinas. Aquele simples olhar tinha feito que seu traidor corpo desejasse o do Barak. Lacey entrelaçou as mãos em cima do escritório tentando, sem êxito, acalmar seu pulso.

– Ruthie, como averiguou o doutor Louis que Barak estava realizando um trabalho para o Devlin Bane? – perguntou.

Ruthie contemplou o laboratório uns instantes antes de voltar sua atenção para Lacey. Sua expressão preocupou à doutora, pois teve a impressão de que Ruthie estava fazendo algumas pergunta que nem Lacey nem Barak poderiam responder com sinceridade.

– O doutor Louis, Ruthie, como se inteirou? – insistiu Lacey para atalhá-la.

– Alguém de Informática passou pelo departamento para atualizar uns dados dos computadores. Chama-se Ben não sei o que. Embora, agora que o penso, como é que sabia o que Devlin fazia e por que foi contar ao doutor Louis?

Boa pergunta. Pergunta que Lacey tinha intenção de indagar. Possivelmente Devlin sabia algo. Normalmente o teria perguntado ao Barak, mas não naquele momento. O Outro havia tornado a aparecer e Lacey o observou enquanto trabalhava com sua habitual e silenciosa eficiência. Ao final teria que voltar a falar com ele, mas ainda se sentia muito vulnerável pelo da noite anterior.

Além disso, tampouco queria despertar as suspeitas de Ruthie a respeito do Barak.

– Possivelmente esse tal Ben só o disse de passada e não se deu conta de que podia causar problemas a alguém – disse Lacey.

Ruthie não o tragou.

– Acredito que é mais provável que estivesse tramando algo, mas, certamente, nunca saberemos o que. – Ruthie se levantou. – Será melhor que volte para o escritório. Sua majestade fica de mau humor se tiver que responder ele mesmo o telefone, já sabe.

Lacey sorriu com cumplicidade a sua amiga.

– Quer que telefone para lhe dizer que está a caminho e que já decidimos como repartir as horas do Barak? – disse-lhe.

Ruthie se pôs-se a rir.

– Será melhor que não acossemos à fera, querida, mas te agradeço a oferta. – deteve-se junto à porta e contemplou ao Barak uns segundos. Como é ele, Lacey? Refiro ao Barak.

Lacey escolheu suas palavras com cuidado, tentando falar como uma colega de trabalho em lugar de uma amante. Sobre tudo, uma amante de uma só noite. Com um pouco de esforço, foi

capaz de empurrar essa idéia ao mais fundo de seu ser, onde não lhe doesse muito.

— É pontual, metódico e eficiente — repôs. — Ainda tem muito que aprender sobre como fazemos as coisas, mas quando lhe ensina algo, em seguida o apreende.

Barak rompeu seu lápis em dois e chiou os dentes. «Metódico?» «Pontual?» referia-se a ele como se fora uma simples máquina. Ao menos tinha reconhecido que aprendia com rapidez! Acaso quando o disse estava pensando na noite anterior, quando tinha dado tanta atenção a quão gemidos ela emitia quando a acariciava da forma adequada?

Barak voltou para ver como ia a secretária enquanto contava os segundos que faltavam para que ele e Lacey estivessem a sós. Pensou em expor a questão em seu escritório, mas não queria que se sentisse encurralada. Não, esperaria-a ali, no laboratório.

Passaram outros dez minutos antes que Lacey se levantasse de sua mesa. Não era o tipo de mulher que evitava os problemas, e se dirigiu diretamente para ele com uma estranha expressão que ele não soube decifrar. Normalmente, as expressões dos humanos eram fáceis de interpretar, inclusive quando a pessoa em questão tentava com todas suas forças ocultar o que sentia. Os pequenos detalhes da linguagem corporal ou o olhar estavam acostumados a delatar seus estados emocionais, mas naquele momento Lacey era um enigma. Antes de reagir a sua presença, Barak terminou de anotar os dados.

— Conhece alguém chamado Ben que trabalha no departamento de Informática? — disse Lacey, com o sobrecenho franzido e apoiando um quadril na mesa.

— Apresentaram-me, mas não diria que o conheço — respondeu ele. O outro dia convidou a uma cerveja o seu irmão e a mim.

Aquilo captou a atenção de Lacey, que arqueou as sobrancelhas surpreendida.

— Você e Penn... tomaram... uma... cerveja? — Pronunciou as palavras como se cada uma delas fora uma frase em si mesmo.

— Quando foi e por que não me tinha contado isso?

— Foi o dia que treinamos depois do trabalho. Penn já ficou com o Ben e, por alguma razão, quis que eu o acompanhasse. Não tinha mencionado isso porque só estivemos meia hora e não me pareceu importante.

Lacey enrugou os lábios e entreabriu os olhos.

— Bom, possivelmente não parecesse isso então, mas esse tal Ben é quem contou ao doutor Louis que passava tempo com o Penn e Devlin Bane — explicou.

— Estou quase seguro de que não comentamos nada sobre os treinamentos. De fato, já estávamos no bar quando Ben chegou, assim não podia saber com segurança que Penn e eu tivéssemos chegado juntos. — Barak se levantou. — Tenho que contar isto ao Penn, mas antes irei falar com o Devlin.

Lacey o segurou pelo braço. Quando se deu conta do que tinha feito, retirou a mão de repente, como se ao tocá-lo se tivesse queimado.

— Não irá até que me tenha contado por que é tão importante que vá falar com o Devlin imediatamente. — Disse. — Ele é quem nos meteu nesta encrenca.

Barak avançou um passo para Lacey encurralando-a contra a mesa. Uma breve sopro de medo cruzou pelos olhos dela, o que zangou ainda mais ao Barak. — Maldita seja, Lacey, não faça isto! Depois do que passou ontem à noite, como pode pensar, sequer por um segundo, que poderia te fazer mal?

Como não lhe respondeu, Barak saiu do laboratório.

Barak conseguiu reunir suficiente autocontrole para não dar uma portada, o que chamaria a indesejada atenção de todos os que estivessem pela zona. Mas ansiava ferir algo. Os Paladinos sempre andavam procurando briga; possivelmente encontrasse a um e conseguisse cravá-lo para intercambiar uns quantos muros.

Entretanto, pela primeira vez a zona ao redor do escritório do Devlin estava deserta. Os Paladinos não podiam estar em túneis, porque, se a barreira se apagou, ele o teria percebido. Inclinou a cabeça e prestou atenção se por acaso ouvia vozes. A sorte estava com ele: alguns Paladinos se aproximavam. Reconheceu ao DJ, ao Cullen e, sim, também ao Trahern. Se Bane vinha com eles não estava falando.

Cullen foi o primeiro em aparecer pela esquina, e DJ ia detrás dele. Como Barak esperava, quando este viu que estava sentado no seu escritório jogando com a curiosa coleção de brinquedos que guardava ali, ficou feito uma fúria e avançou contra ele. Cullen e Trahern tiveram que unir forças para contê-lo.

Barak sentiu decepcionado. Então sorriu ao DJ, sabendo que seu gesto o acenderia de novo.

— te largue de meu escritório, filho da puta! — disse o Paladino.

— Não o estava utilizando — respondeu ele. Sentou-lhe bem provocar a seu inimigo, apesar de que já não podia considerar o DJ seu inimigo.

Os olhos do Trahern se voltaram de gelo.

— Não sei a que está jogando, Barak — Lhe espetou — , mas retorna ao laboratório, que é aonde pertence.

Barak se levantou devagar. Aquela era uma boa ocasião para vencer ao DJ; possivelmente inclusive ao DJ e ao Cullen juntos. Trahern era outro refrão, embora naquele momento era o de menos. Tinha que encontrar uma saída para sua raiva contida. Se tal coisa implicava receber uma surra, tentaria estar à altura.

— Não penso ir a nenhuma parte — asseverou.

Seu sorriso não era nada amistoso.

Trahern olhou ao Cullen.

— Encerra ao DJ sob chave e depois procura o Bane e lhe diga que deva recolher os pedaços do mascote de Laurel — Lhe disse.

Cullen tentou levar-se ao DJ, mas este gritou:

— Ao menos me deixe olhar! Nada eu gosto mais que ver sangrar a um deles.

Barak contemplou como Cullen arrastava a seu menos amigo pelo corredor. O barulho não atraiu muito público: possivelmente aqueles homens estavam acostumados às explosões ocasionais dos Paladinos. Quando estiveram a sós, Barak se voltou para o Trahern.

— Começamos? — perguntou com ironia ao Paladino de olhar de gelo.

Trahern o olhou com um leve sorriso nos lábios.

— Algo tirou sua paciência, Outro. Embora tenha temperamento, Devlin confia em que normalmente sabe mantê-lo sob controle. — Uma alegria maligna iluminou sua cara. — E eu diria que o que te tirou sua paciência é uma mulher. Lacey Sebastian possivelmente?

Aquilo foi o detonante. Barak avançou contra Trahern contente ao ter, por fim, um alvo no que descarregar suas frustrações. Entre murro e murro do Trahern, Barak conseguiu dar uma boa patada. Então alguém o agarrou do pescoço e atirou dele para trás. Barak se revolveu e arrastou a seu novo oponente ao chão com ele.

Devlin Bane deu uma cambalhota desembaraçando-se do Barak e voltou a ficar em pé.

— Que demônios está acontecendo aqui? — inquiriu.

Trahern esboçou um desagradável sorriso e se secou uma gota de sangue da boca com o dorso da mão.

— Encontramos ao Barak aqui sentado, como se estivesse em sua casa. — Disse. — Quando

Lhe perguntei o que acontecia, atacou-me.

Passou junto ao Devlin e ofereceu a mão ao Barak para ajudá-lo a levantar do chão.

— Encontra-te melhor? — perguntou-lhe.

Barak refletiu uns segundos.

— A verdade é que sim.

...A pesar da dor na mandíbula e a espetada aguda que sentia nas costas.

— Estupendo. Agora, se me desculparem, irei com o Cullen para ajudá-lo a acalmar ao DJ.

— antes de partir, Trahern voltou e lançou ao Barak um duro olhar, isso fica entre nós, Outro. Está claro?

Barak assentiu com a cabeça e contemplou como se afastava o Paladino.

— Algo do que diz este homem tem sentido? — perguntou-lhe com ironia ao Bane.

— Tanto como o que tem você ao brigar com ele aqui, todos os da organização podem lhes ver. — Bane entrou no seu despacho deixando que Barak o seguisse a seu próprio ritmo. — E agora sente-se e me conte o que te ocorre.

Se Trahern não pensava contar sobre Lacey, ele tampouco.

— vim a te dizer que alguém está demonstrando um interesse incomum por meus assuntos — explicou.

Fora o que fosse o que Devlin ia reprovar a respeito da briga, ficou esquecido.

— Me dê um nome — disse em troca.

— Ben. Quando o conheci, não me deu seu sobrenome, mas padece de sobrepeso e está ficando calvo. Pelo visto, encontrou uma desculpa para trabalhar no computador do doutor Louis. Enquanto estava ali, comentou que você me tinha pedido que treinasse ao Penn Sebastian.

— Filho da puta! Como pode sabê-lo?

Aquela era a parte da que Barak não queria falar, mas não podia arriscar-se a ocultar informação importante. Perguntou-se se era sensato contar ao chefe dos Paladinos que Penn tinha apresentado ao Ben. Mas, mesmo assim, isso não garantia que Penn lhe tivesse mencionado que treinavam juntos.

Não, esperaria a falar primeiro com o Penn. Não acusaria a ninguém de atuar mal até que tivesse provas. Era suficiente com que Devlin soubesse o do Ben.

— Não estou seguro, mas o que sei é que, justo quando comecei a trabalhar com a Lacey, Ben entrou às escondidas no laboratório e bagunçou entre meus papéis — disse Barak.

— Viu-o?

O mau gênio do Devlin estava começando a acender-se.

— Não, cheirei sua colônia no ar. — Saboreei era um término mais adequado, mas Devlin era um humano e, possivelmente, não compreenderia o que Barak queria dizer com aquela palavra. — No momento não soube a quem pertencia à colônia, mas a reconheci quando conheci o Ben.

Devlin balançou para trás sua cadeira e olhou ao teto.

— Encarregarei a um de meus homens que faça algumas averiguações no departamento de Informática. — Disse. — Não demoraremos em saber quem é e no que anda metido. — De acordo. Agora tenho que voltar para o trabalho.

— ... Barak.

E agora o que queria?

— Sim?

— Laurel esteve encantada de que aceitasse nosso convite. — Então pareceu um pouco desconcertado. — Toda a noite resultou muito divertida.

Se ele soubesse...!

— Assim é — respondeu Barak. — Obrigado por me permitir ir a sua casa.

– Agradeça-lhe a Laurel. Foi idéia dela.

– Sim, mas se você não tivesse negado a que eu fosse a sua casa, ela teria convidado a comer em algum outro lugar. Não tinha por que fazê-lo em sua casa.

– Sim, bom. Vai antes que DJ retorne.

Provavelmente, o Paladino se sentia mais confortável com uma espada na mão que aceitando um simples agradecimento.

A caminho do laboratório, os passos do Barak eram mais ligeiros do que tinham sido durante todo o dia.

– Tem um aspecto de mil demônios.

Ben levantou a vista do sanduíche e lançou um olhar irado a seu superior.

– Obrigado, isso é justo o que precisava ouvir. Meu chefe já me esteve dando a bronca por alguns enganos que hei cometido esta manhã. Não podia contar que tinha estado escondido no estacionamento do Outro até altas horas da madrugada para averiguar quanto tempo passa em seu apartamento a irmã menor do Penn Sebastian.

Estremeceu-se enquanto dava outra dentada ao sanduíche. Depois de tragar o bocado, bebeu um sorvo de seu refresco para eliminar o mau sabor da noite passada.

– Imagina a uma mulher transando com aquele animal? – disse.

– Viu-os?

Ben pôs os olhos em branco.

– Não, mas a julgar pelas luzes que tinha acesas, não ficaram todo o momento no salão.

O outro homem riu de uma forma desagradável.

– O que ocorre, Ben, tem ciúmes? – perguntou.

O comentário fez que Ben se engasgasse com o sanduíche.

– Demônios, não! Ela nem sequer no passado me teria visto duas vezes. Está bem, de acordo, sou muito velho, muito calvo e muito gordo. Mas que se rebaixou a abrir as pernas por um tipo como ele... É asqueroso.

– Possivelmente deveria contar a seu colega Penn o que viu.

A sugestão parecia razoável e, de fato, Ben a tinha considerado, mas, pelo que sabia do Penn Sebastian, era do tipo que assassinava ao mensageiro.

– Não, ainda não. – Disse. – Não posso demonstrar nada e é mais provável que acredite em sua irmã mais que a mim. E também não me imagino a ela reconhecendo que deu uma trepada com o inimigo de seu irmão.

– depois de tudo, possivelmente se tratou de algo inocente.

Ao Ben não fez graça seu sarcasmo, embora poucas coisas gostava daquele homem. Quando cobrasse o pagamento seguinte, por fim poderia saldar suas dívidas com seu corretor de apostas e poderia pôr ponto e final a aquele assunto. Não mais espionagens a meia-noite não mais pedras azuis, não mais nada que arriscasse sua vida.

Seu superior agarrou a conta.

– Bom, será melhor que vá – anunciou. – Eu convido.

Ben ocultou sua surpresa bebendo outro gole.

– Obrigado.

Seu superior nunca o tinha convidado a comer antes, o que proveniente significava que necessitava que fizesse algo perigoso.

– Nossos benfeitores me estão pressionando muito para que lhes dê mais informação sobre o que os Paladinos sabem – prosseguiu seu superior. – Entre todos nós, você é quem tem mais possibilidades de consegui-la.

— E como se supõe que vou conseguir?

Ao Ben não importou se soou de saco cheio . Estava-o.

— Coloque escuta em seus telefones — insistiu seu superior.

— Rastreia as chamadas do Bane ou Barak. Invente algo, mas depressa. Não é só seu traseiro o que está em jogo. O meu também. E se eu me afundo, você te afundará comigo.

Então se levantou e partiu.

Ben apartou a um lado o que ficava de seu sanduíche. Estava muito nervoso para comer. Chamaria o trabalho, diria-lhes que se encontrava mal e iria a sua casa. Depois de uma longa sesta, possivelmente ocorresse alguma idéia sobre como salvar seu traseiro.

Embora o duvidasse.

Capítulo 13

Revisoras

— Algo passou a um dos instrumentos que instalamos nos túneis. Já não transmite dados.

Lacey deixou sua caixa de ferramentas sobre a mesa, perto de onde estava Barak. No laboratório havia muitos outros lugares onde podia havê-la deixado, mas já não agüentava mais o contínuo silêncio do Barak e tinha que fazer algo.

— Pois chama o Devlin e lhe peça uma escolta para ir comprovar-repôs Barak. — Possivelmente Trahern te acompanhe. A última vez parecia muito contente de te ajudar.

Barak deu as costas girando o tamborete e se levantou para comprovar as últimas leituras do monte St. Helens. A doutora jogou uma olhada a sua tabuleta os últimos dados que tinha apontado eram de só cinco minutos antes.

Lacey sorriu. Pelo visto, Barak não era tão imune a sua presença como gostaria de fazer acreditar nela. Tinha chegado a hora de cravá-lo um pouco. Lacey se situou com rapidez entre o Barak e o tamborete e esperou a que ele se voltasse. Não teve que esperar muito.

Com sua habitual agilidade, Barak passou junto a ela para reclamar seu assento.

— Acreditei que foste chamar a seu amigo Trahern — disse secamente.

De todas as respostas possíveis, Lacey optou pela verdade.

— Não quero ao Trahern. Quero a você.

Lacey assumiu o risco de apoiar uma mão no ombro do Barak. Gostou da sensação de seus músculos por debaixo de camisa, justo onde lhe tinha deixado as marcas das unhas a noite anterior, quando lhe pedia mais. E mais.

Barak ficou tenso e deixou o lápis na mesa com uma lentidão deliberada.

Lacey sabia que, se jogava com fogo, podia queimar-se, mas sentia falta do calor de seus corpos quando tinham estado pele com pele. Barak contemplou a mão dela sobre seu ombro e depois a olhou aos olhos.

– O que você queira não importa, Lacey – Lhe disse.

Ao princípio, ela acreditou que se referia a eles, mas depois se deu conta de que falava das restrições que Devlin lhe tinha imposto para baixar aos túneis. Ao menos isso esperava ela.

– Telefonarei ao Devlin, mas sigo querendo que você seja quem vai comigo – repôs.

Barak retirou com delicadeza a mão da Lacey de seu ombro e disse:

– Não é sensato que passemos tempo a sós.

O pesar que refletiram seus olhos fez que seu rechaço fora mais doloroso.

– Barak... – começou a dizer ela, mas o ruído da porta do laboratório fez que Lacey se interrompesse e se separasse do Barak a tropicões.

Lançou-lhe um olhar intenso e se voltou deixando que ela recebesse ao recém-chegado. Lacey não queria que a vissem muito perto dele, e isso o enchia o saco.

O que faltava! Penn estava junto à porta do despacho da Lacey com os braços cruzados sobre o peito. Preparando-se para o toró, Lacey se dirigiu para ali.

– Olá, irmão, o que te traz hoje por aqui? – disse, apartando o de um leve empurrão e apressando-se a entrar em seu escritório para pôr a segurança de seu escritório entre eles.

Barak tinha ignorado durante toda a manhã possivelmente tinha toda a razão do mundo para fazê-lo. O coração pulsou com força enquanto dizia:

Barak, Penn e eu vamos comer um hambúrguer Quer vir?

Lacey manteve os dedos cruzados esperando que ele se negasse. A idéia de estar encerrada em sua caminhonete com os dois homens era mais do que podia agüentar naqueles momentos.

Como de costume, Barak pareceu ler seus pensamentos com grande exatidão:

– A verdade é que passo. Acredito que já tiveste bastante de mim.

Ela, definitivamente, tinha tido muito do Barak a noite anterior.

– Se quiser, podemos te trazer algo. Chocolate ou umas batatas – insistiu.

– Não, nada – respondeu ele sem levantar a vista. Então, como se tivesse ocorrido no último momento, acrescentou – : De todas maneiras, obrigado.

Era sarcasmo o que tinha percebido em sua voz? Seu acento gutural não era tão acentuado como de costume, mas às vezes dificultava que se pudessem interpretar as emoções que sentia. Embora, se ela não podia as interpretar, era duvidoso que Penn pudesse fazê-lo.

– Está preparada, irmã?

Penn estava a seu lado, fazendo soar as chaves do carro com impaciência.

– Sim, estou preparada.

Lacey não voltou à vista atrás.

Quando a porta do laboratório se fechou, Barak deixou o lápis e a tabuleta sobre a mesa. Beliscou-se a ponta do nariz e rezou para ter paciência e por que terminasse a dor de cabeça que levava padecendo toda a manhã.

A falta de sono estava fazendo mal a ele, mas se Lacey podia levar bem o dia depois da noite que tinham compartilhado, ele também poderia. O fato de que o ar que o rodeava levasse seu aroma e que cada vez que levantava a vista ela estivesse ali não o ajudava muito. Embora sua mente soubesse que ela voltava a estar fora de seu alcance, outras partes dele não o deixavam tão claro.

Como podiam entender-se tão bem na cama e estar tão em desacordo quando se tratava de palavras? Uma noite de paixão tinha recordado quanto precisava compartilhar sua vida com alguém, mas evidentemente Lacey ainda não estava preparada para assumir esse compromisso. E possivelmente não o estivesse nunca.

A verdade era que não a culpava. Depois de tudo, ele era o inimigo, o alienígena, o estranho,

o Outro. E, além disso, Lacey era igual a ele. Como podia lhe pedir que lhe confiasse sua vida quando ele mantinha em segredo uma boa parte da sua? Nem sequer tinha respondido quando lhe perguntou como se denominavam a eles mesmos os que eram como ele.

Sem Lacey, o laboratório pareceu frio e vazio. Tinha que sair um momento. Iria ver o Devlin outra vez e lhe comentaria que iria acompanhar Lacey aos túneis para arrumar sua querida maqui. A barreira se manteve estável durante os dois últimos dias, assim possivelmente pudessem ir à primeira hora da manhã. Ao menos, poderia oferecer isso a Lacey para fazê-la feliz.

Barak saiu do laboratório e fechou a porta com chave. Não gostava da idéia de que qualquer da organização tivesse acesso ao laboratório, e menos aquele tal Ben. Um guerreiro cuidava de sua mulher, fora qual fosse seu mundo de origem.

— Tem um aspecto horrível, irmã

Penn abriu o braço e molhou uma de suas batatas no ketchup da Lacey.

Seu irmão era único fazendo-a sentir-se pior.

— Ontem à noite não dormi muito — respondeu.

Por favor, que não lhe perguntasse por que!

— Você e o Outro se dão bem? — disse Penn, em troca. — Porque se te causar algum problema, quão único tem que me fazer é dizer isso

Não referia a isso. — Disse. — Ele não só está aprendendo como funciona nossa tecnologia, mas também como fazemos as coisas, como pensamos e atuamos. Quando não esta brandindo uma espada. Sempre é mais fácil vencer a um inimigo ao que entende.

Penn terminou seu hambúrguer e lançou a última parte de pão às famintas gaivotas. Depois de comprar a comida, sentaram-se a uma mesa de picnic em um parque próximo. A calidez do sol era muito agradável, embora Lacey tivesse que colocar os óculos de sol para que a luz não a deslumbrasse.

— Sim, trabalha duro e se pôs ao dia com nossa tecnologia mais depressa do que eu esperava — respondeu, e bebeu um gole comprido de seu refresco desejando que Penn trocasse de assunto.

Ele contemplou a mesa durante uns segundos antes de voltar a olhar ao Lacey. Seus olhos refletiam preocupação.

— Não estou convencido de que seja uma boa idéia lhe ensinar nada — prosseguiu — , embora também sei que formo parte de uma minoria. O que lhe impediria de voltar para seu mundo e levar-se com ele tudo o que aprendeu aqui?

— De que forma ajudaria aos Outros saber como funciona um sismógrafo e um microondas?

Lacey sorriu e pôs suas batatas fora do alcance do Penn quando ele tentou lhe agarrar uma.

Penn a olhou indignado, envolveu os restos de sua comida no guardanapo e colocou tudo na bolsa de papel.

— Bom, isso funciona em ambos os sentidos. Acaso não nos utilizaríamos também tudo o que aprendêssemos dessa gente?

— Isso, justamente, ao que me refiro. Sei como luta Barak, mas isso é tudo o que aprendi com ele. O que aprendeste você?

Lacey procurou algo seguro que dizer e, ao final, decidiu-se pelos pequenos detalhes:

— Acredito que seus olhos são mais sensíveis à luz que os nosso e seu olfato possivelmente é um pouco mais fino.

Penn conseguiu lhe tirar uma das poucas batatas fritas que ficavam.

— Não se pode dizer que seja uma informação muito transcendental, Lacey. Eu também tenho um bom olfato e o da vista não é nenhuma novidade. Por isso sabemos, seu mundo é

escuro.

Está bem, mas que mais podia lhe contar? Certamente, nada que revelasse a forma íntima em que conhecia os atributos físicos do Barak. Ou quanto os admirava. Uma risada ameaçou escapando de sua garganta e Lacey se esforçou em dominá-la.

— Acredito que é vegetariano — adicionou. — Ontem de noite não comeu carne na casa de Laurel.

O bom humor do Penn se desvaneceu em um instante.

— Ontem de noite jantou com o Barak?

— Não a sós. Já te disse que a doutora Young tinha organizado um jantar. Resultou que Barak era um dos convidados. — Lacey consultou seu relógio e se levantou. — Agora, se tiver acabado com o interrogatório, tenho que voltar para trabalhar.

Era óbvio que Penn queria seguir discutindo, mas não lhe deu a oportunidade de fazê-lo.

— Quer que te leve? — perguntou a doutora.

— Maldita seja, Lacey, não quero que esteja com ele nem um minuto mais do necessário! — Penn a seguiu pisando em forte. — Ele não é humano! Demônio sabe melhor que a maioria das pessoas como os de sua espécie afetam a nosso mundo! Sua asquerosa natureza nos causa todo tipo de problemas.

Várias pessoas do parque levantaram a vista de sua comida para contemplar o falatório que Penn estava armando. Lacey se perguntou o que pensariam sobre o que Penn havia dito, mas finalmente decidiu que não lhe importava o que seu irmão pensasse, muito menos uns completos desconhecidos.

— Te cale, Penn, e entra no carro! — espetou-lhe. — Está chamando muito a atenção.

Ele baixou a voz e entrou na caminhonete, mas não se calou:

— Digo-o a sério, Lacey. Algo está acontecendo e ele poderia estar comprometido. Se tudo saltar pelos ares, não quero que te veja apanhada entre dois fogos.

— O que é o que vai saltar pelos ares? De verdade crê que Devlin Bane teria deixado viver tanto tempo ao Barak se não confiasse nele? Pelo amor de Deus, que Barak trabalhou com Laurel!

Produziu-se um oco no tráfico e Lacey se incorporou à circulação.

Penn soltou um grunhido de indignação.

— Mas fixa te — continuou — : à primeira oportunidade que encontrou, Devlin conseguiu que o transferissem a seu departamento.

Lacey se deteve em um semáforo em vermelho e olhou a seu irmão.

— Não fique paranóico, Penn. Devlin me viu crescer. Se Barak fosse tão perigoso, sabe muito bem que não arriscaria minha vida mais do que arriscaria a de Laurel. E, embora o fizesse, o resto dos Paladinos locais me defenderiam. Você sabe. Eles também são teus amigos.

— Antes o eram. — Penn contemplou sua mão e a flexionou várias vezes. — Desde que me feriram, não estou tão seguro. A maioria deles não sabe como reagir quando estou perto.

Uma demonstração de lástima não faria mais que piorar as coisas para o Penn.

— Possivelmente os treinamentos com o Devlin e Barak lhe ajudem a recuperar sua habilidade na luta — Lhe disse Lacey.

— Acredito que Barak não é perigoso? Deveria vê-lo com uma espada na mão! Pode que pareça tranquilo e calado, mas de vez em quando explode.

Penn contemplou a sua irmã como se a desafiasse a discutir-lhe Ela pôs a primeira e voltou a arrancar a caminhonete.

— Se esquece de que vi o Barak usar sua espada e sei que é aterrador. — Disse. — Não posso negar que tive uns quantos pesadelos depois de vê-lo partir em dois a aqueles homens nos túneis. Mas sabe uma coisa? Fez-o para me salvar. Não o esqueça.

Realizaram o resto do trajeto até o Centro em silêncio.

— Ainda não sei como consegui convencê-lo.

Lacey trocou a caixa de ferramentas de mão e teclou o código de segurança.

Barak se sentia muito orgulhoso. Tinha tido que utilizar grande dose de persuasão para que Devlin lhes permitisse realizar uma rápida incursão nos túneis com a desculpa de arrumar ou substituir o equipamento de Lacey. E desfrutou da expressão da Lacey quando o contou.

Por não mencionar o fato de que ela o rodeou com os braços lhe dando um grande abraço. O abraço não tinha sido nada sexual, mas foi fantástico poder tê-la perto outra vez durante uns segundos. Esse era um novo passo para conseguir que Lacey se acostumassem a sua contínua presença em sua vida.

Quando entraram no elevador, Barak comprovou que sua espada se deslizava com suavidade em sua nova capa. Embora a barreira tivesse permanecido estável ultimamente, a outra vez que baixaram aos túneis descobriram que podiam não ser os únicos em perambular pelos metrô da cidade. A insistência do Devlin, Lacey voltava a levar uma pistola.

Barak lhe recordou que só podiam permanecer ali abaixo durante um tempo limitado.

— Prometi ao Devlin que comprovaríamos como estava o equipamento e nada mais. — Disse. — Se não puder arrumá-lo em questão de minutos, levamos ao laboratório.

— Sim, papai — brincou Lacey.

A via preciosa com os olhos brilhantes de excitação e naquele estado de ânimo brincalhão. Barak não queria desanimá-la, mas tinham que estar alerta e ir com cuidado.

— Digo-o a sério, Lacey — acrescentou. — Ao primeiro sinal de que aí embaixo há alguém mais além de nós, retornamos ao elevador para pedir ajuda. Devlin me disse que encarregaria a dois Paladinos que estivessem preparados se por acaso os necessitávamos.

Saíram do elevador justo onde Barak tinha matado aos dois homens quando baixaram a outra vez.

A Lacey lhe foram os olhos diretamente às manchas marrons que havia no chão de pedra e seu sorriso se desvaneceu.

— Eles me atacaram primeiro — Lhe recordou Barak.

Normalmente não justificava suas ações, mas vê-lo matar tinha assustado a Lacey.

— Sei. — A doutora esboçou um leve sorriso e o agarrou pelo braço.

— Vamos, tartaruga! Não dispomos de muito tempo antes que Devlin mande às tropas.

Barak se deixou levar desfrutando da sensação da mão da Lacey em seu braço, o que lhe impedia de concentrar-se. Confiando em que ela não permitiria que me chocasse contra uma parede, Barak fechou os olhos e aguçou seus outros sentidos.

Nos túneis não se ouviam mais pulsos além dos dele e Lacey. Entretanto, um ligeiro sabor que percebeu no ar o fez deter-se de forma repentina.

— O que ocorre? — perguntou Lacey baixando a voz até convertê-la em um sussurro.

Barak levantou uma mão em um gesto para que esperasse. Voltou-se em todas as direções e respirou o ar com breves inspirações tentando voltar a encontrar o rastro. E o localizou na direção que eles estavam seguindo.

Ben tinha estado nos túneis, e não fazia muito, pois ainda se percebia sua colônia. Que assuntos tinham ele ali abaixo? Nada legal, isso seguro.

Barak retirou a espada.

— Alguém esteve aqui. Não recentemente, mas, mesmo assim, sugiro que saiamos daqui o antes possível.

— Quem? — perguntou a doutora.

— Alguém que não tinha por que estar aqui. Sigamos.

Lacey queria conhecer mais detalhes, mas vendo a preocupação de seu companheiro preferiu obedecer sem fazer mais pergunta de momento.

O primeiro aparelho que tinha instalado funcionava adequadamente, mas o segundo não só tinha deixado de funcionar, mas também alguém o tinha golpeado até o ponto de que o mais provável era que as peças tivessem ficado imprestáveis.

Lacey deu um chute a uma das peças com frustração.

— Estas coisas não são baratas — se queixou. — Por que faria alguém algo assim? — Agarrou uma das marcações e franziu o sobrecenho enquanto contemplava a fatia do cristal. — Sua gente faria algo assim?

— É possível, se o encontrassem, mas o duvido. Normalmente não passamos por aqui. É mais provável que o tenha feito um humano zangado porque matamos a algum dos seus.

Barak embainhou a espada e ajudou ao Lacey a recolher os pedaços disseminados pelo chão.

— Sinto-o — disse ela. — Não deveria ter culpado a sua gente desta maneira, mas demorei meses em dispor do dinheiro necessário para substituí-lo. Supõe-se que os Paladinos são quão únicos patrulham por esta zona e não têm nenhuma razão para destruir meus instrumentos de medição, pois sabem que os utilizo para predizer os terremotos e outros fenômenos que podem afetar à barreira.

Barak evitou olhá-la para que não percebesse seu mal-estar por não compartilhar com ela o dom que lhe permitia predizer os terremotos muito antes que qualquer aparelho. Graças a esse dom, os Paladinos poderiam estar melhor preparados quando a barreira se apagasse, o que implicaria que mais dos seus morreriam.

Barak lhe tinha dado as costas a seu mundo, mas não às pessoas que o habitava. Possivelmente era fiar muito fino, mas era a única forma que tinha de viver consigo mesmo.

Colocou as partes do aparelho na carcaça e o agarrou do chão.

— Possivelmente possamos recompor algumas peças e restaurar alguns dos sensores — disse.

Lacey não pareceu muito convencida, mas recolheram de bom grado algumas partes que Barak tinha passado por cima. Quando os introduziu na carcaça, surpreendeu ao Barak ficando nas pontas dos pés e lhe estampando um rápido beijo na bochecha.

— Agradeço-te que faça tudo isto — lhe disse.

Seu aroma embriagou os sentidos do Barak, enviando uma quebra de onda de desejo ardente por seu corpo.

— Tome cuidado, Lacey — a advertiu. — Isto não é tudo o que quereria fazer contigo.

Deixou que seu desejo se refletisse em seu olhar, repassando a da cabeça aos pés e detendo-se em seus lugares favoritos.

O fato de que Lacey não se sentisse intimidada disse muito em seu favor. Pelo contrário, alargou os braços para agarrar o aparelho quebrado que Barak sustentava e ele o entregou. Então ela o deixou no chão e se lançou a seus braços.

O frio dos túneis desapareceu no doce calor do beijo de Lacey. Barak fechou os olhos e usaram as mãos para rascar, as curvas do corpo dela. Com a respiração entrecortada, inalou o aroma e o sabor da Lacey incorporando-os a sua alma.

O dela os mantinham a muita distância. Barak se separou dela o suficiente para introduzir a mão entre os dois e poder chegar ao zíper, mas ela foi mais rápida. Enquanto murmurava sua aprovação, Barak deslizou as mãos pela curva da cintura do Lacey, separou sua calcinha de seus quadris e os baixou até o chão.

Continuando, Barak se levantou com lentidão e Lacey sussurrou junto a sua boca:

— Agora toca a você.

Aquilo era uma loucura, e os dois sabiam. Mas ao Barak não importava e, pelo visto, a ela

tampouco. Possivelmente ele não era o único que se esteve morrendo de frustração durante os dois últimos dias.

Como não se confiava em si mesmo, Barak agarrou sua carteira e tirou a camisinha que levava sempre.

— Cara preparado — observou ela.

Lacey lhe demonstrou sua aprovação tirando a camiseta e o prendedor.

Ele conservou o suficiente controle para tirar a camiseta, desabotoar as calças e colocar a camisinha antes de voltar a agarrar a sua amante entre seus braços. A pressão da pele nua da Lacey contra a dele fez sentir-se de novo em casa.

— Este chão não será muito cômodo — disse.

Lacey se pôs-se a rir com uma voz rouca de desejo.

— Esse será seu problema, porque tenho planejado estar em cima — repôs.

Barak não o discutiu. Não lhe importava a posição que escolhessem sempre que ele estivesse dentro dela logo. De maneira que se deitaram ao chão. Se a pedra era fria e incômoda, Barak deixou de notá-lo assim que lhe apresentou seus grandes peitos exigindo sua atenção.

Quando ele sugou um de seus inchados e erguidos mamilos, ela se sentou escarranchado sobre seu corpo esfregando e balançando seu úmido centro contra o pênis dele. Barak estendeu a mão sobre seu traseiro animando-a a mover-se mais depressa e com mais força.

Uns segundos mais tarde, Lacey se deteve. Olhou ao Barak com olhos quentes e necessitados e o cabelo alvoroçado.

— Barak, quero-te dentro de mim. Forte e fundo.

— Será um prazer.

Barak atirou dela e a ajudou a colocar-se de modo que o membro dele ficasse justo à entrada de seu corpo. Depois, em um movimento coordenado, ela baixou até que seu corpo cobriu por completo o membro do Barak.

Lacey se balançou para diante e os dois soltaram um gemido. Barak dobrou os joelhos para sustentá-la enquanto ela apoiava as mãos abertas no peito dele e iniciava uma larga e lenta ascensão seguida de uma brusca baixada.

Lacey o estava matando. Mas morreria feliz.

Barak deixou que ela marcasse o ritmo, desfrutando do olhar de poder sensual que refletiam seus olhos. Seus bonitos peitos expulsavam com cada movimento tentando-o outra vez. Barak os cobriu com suas mãos apertando-os, massageando-os e desfrutando de como lhe enchiam as mãos.

— Mais forte! — pediu ela.

Barak obedeceu, lambendo seu mamilo até que o colheu com seus dentes e seus lábios. Lacey jogou a cabeça para trás, entregando-se a crescente quebra de onda de paixão que os embargava.

Barak era tão grande...! Enchia-a e encaixava com ela à perfeição, como não o tinha feito nenhum de seus anteriores amantes. Adorava como a olhava com seus olhos claros, como se ela fora a única mulher naquele mundo ou no dele que pudesse fazê-lo sentir-se daquela maneira.

Nenhum deles tinha demonstrado ter o menor sentido comum ao ceder ao impulso de fazer o amor ali abaixo, nos túneis, mas a necessidade tinha ido crescendo entre eles do momento em que ela abandonou a cama dele. Mas não era momento para pensar, sentindo era suficiente. E senti-lo era perfeito. Duro, quente, exigente e extremamente cuidadoso com ela.

O relógio do Barak emitia um assobio sobressaltando-o e fazendo que soltasse uma maldição.

— O que ocorre? — perguntou ela.

Barak soltou uma risada frustrada.

— Conectei o alarme para que não nos passássemos de tempo e puséssemos sair em uma

missão de resgate – repôs.

– Quanto tempo fica?

Barak surpreendeu ao Lacey fazendo-a girar de forma que ele ficou em cima dela. Com um sorriso sem dúvida malicioso, inclinou-se e a beijou antes de dizer:

– O suficiente.

Então lhe demonstrou tudo o que um homem podia conseguir, com grande empenho, em um curto espaço de tempo.

Devlin os esperava na sala dos arquivos.

– chegou atrasado – Disse-lhes.

– Alguém destruiu parte do equipamento. Tomou certo tempo reunir os pedaços – explicou Barak, e deixou para que Devlin os inspecionasse.

– Filho da puta! – declarou Devlin em um arrebatamento de mau gênio. Então se lembrou de que Lacey estava ali e se desculpou. – O sinto, Lacey.

Ela o olhou surpreendida como se lhe tivesse crescido uma segunda cabeça.

– Menino, depois de tudo, Laurel vai conseguir te civilizar! – disse-lhe ela. – Possivelmente poderia continuar com o Penn.

Barak os observou divertido, enquanto Devlin chegava inclusive a ruborizar-se.

– Só me recordo que você merece ser tratada com mais respeito – Acrescentou o Paladino.

– Embora crescesse rodeada dos Paladinos, já vai sendo hora de que nos demos conta de que não é um menino mais.

Barak podia dar testemunho de primeira mão a respeito, mas, em um alarde de sabedoria, guardou-se essa informação para si mesmo. Se os Paladinos tinham sido tão cegos como para não dar-se conta de que tinham a uma formosa mulher entre eles, era seu problema, não o dele.

Lacey, intranquã, trocou o peso de perna. Evidentemente o comentário do Devlin a tinha incomodado. Barak a entendia. Ele também tinha tido que redefinir quem era durante os últimos meses e não lhe tinha resultado nada fácil.

Devlin voltou a dirigir sua atenção à aranha:

– Quando deixou de funcionar?

– Faz um par de dias – respondeu a doutora. – Se necessitar uma hora e um dia exatos, terei que consultá-lo no registro do laboratório.

Lacey introduziu as mãos nos bolsos traseiros de suas calças, inconsciente de como essa postura enfatizava a generosa curva de seus peitos.

Devlin reparou nisso e lançou um olhar iracundo ao Barak por ter feito o mesmo.

– me chame assim que saiba – disse a Lacey. – Então possivelmente possa fazer algumas comprovações para averiguar se estava programado que alguém baixasse aos túneis nesse momento.

– De acordo – repôs ela, e se dirigiu à porta que ficava ao outro extremo da sala dos arquivos. Barak se atrasou um par de passos e fez um gesto ao Devlin para que também ele ficasse atrás. Quando caminhavam a certa distância de Lacey, sussurrou ao Devlin:

– Esse tal Ben esteve nos túneis recentemente. Não posso te dizer quando, mas senti seu aroma perto de onde se produziram os danos.

Devlin assentiu dando-se por informado e ambos aceleraram o passo para alcançar a Lacey antes que chegasse à porta. Barak a adiantou para abrir-lhe e lhe agarrou a carcaça da aranha para que ela não tivesse que transportá-la escada acima.

Lacey lançou um olhar que o advertia de que sua artimanha para passar informação ao Devlin não tinha passado inadvertida. Lástima. Quanto mais soubesse, maior perigo correria. Até

que tivessem alguma idéia sobre o que Ben tramava e com quem trabalhava, Devlin fazia bem mantendo aquele assunto em segredo.

Sem dúvida, Lacey interrogaria ao Barak sobre sua artimanha, embora possivelmente pudesse distrai-la. E ele sabia exatamente como fazê-lo. De fato, estava impaciente por pô-lo em prática.

Penn passeava pelos corredores, fazendo tempo até que Barak se apresentasse para o seguinte treinamento. No melhor dos casos, odiava, esperar. Mas esperar ao Barak realmente enchia o saco. Claro que, ao menos, o Outro o tinha telefonado para lhe dizer que chegaria tarde.

E por que?

Porque havia tornado a baixar aos túneis com Lacey. Eles sozinhos. Acaso Devlin se tornou louco? Como mínimo deveria ter enviado a um ou dois Paladinos como escolta. Mas não, Bane tinha crêdulo em que Barak manteria ao Lacey a salvo tanto dos humanos como dos Outros. Tinha isso algum sentido?

Além disso, quem protegeria Lacey do Barak? Tudo aquilo o punha doente. Já era bastante mau que sua irmã passasse todo seu horário de trabalho com aquele bastardo! E, de novo, a sós! O que ocorreria se aquele monstro de olhos pálidos decidia que queria ter uma amante humana? Ao Penn gostava de pensar que sua irmã tinha suficiente sentido comum como para não confiar naquele bastardo, mas, por isso tinham visto, as mulheres tratavam ao Barak como a um bichinho perdido que tinham recolhido da rua, em lugar do desumano assassino que era debaixo de sua magra capa de comportamento civilizado.

Penn aferrou o punho da espada, pois a necessidade de lutar o invadiu com mais intensidade do habitual. Mas se obrigou a relaxar o braço e fez o possível para parecer acalmado e sob controle. Ali, onde podia tropeçar-se com um tutor ou um Regente, era de vital importância que não deixasse que seus nervos o delatassem. Ninguém era mais consciente que ele de que o observavam, avaliavam-no e o julgavam.

Por isso ele sabia, o jurado ainda estava deliberando. Ainda podia ter um futuro com os Regentes. As alternativas eram inaceitáveis: ou o enviavam a uma zona inóspita longe da barreira para que se passasse o resto da vida vegetando, ou o executavam.

E isso não só mataria a ele, mas também a Lacey.

O som de uns passos chamou sua atenção e voltou a aferrar-se ao punho de sua espada. Por fim chegava seu oponente!

— Disse que chegaria um pouco tarde, Outro. Eu não gosto que me façam esperar — espetou.

Barak adotou um ar depreciativo.

— Como se tivesse algo mais que fazer! Estava ajudando a sua irmã a montar uma de suas máquinas.

Maldição, Penn odiou a visão que aquelas palavras criaram em sua mente! O Outro e Lacey, com as cabeças juntas e trabalhando em uma puta parte de metal!

— Ela trabalhava muito bem só antes que você aparecesse — Lhe recordou.

Barak não fez caso do comentário e fechou de um empurrão a porta do ginásio.

— Estamos aqui para treinar, assim nos ponhamos mãos à obra — disse.

— Encantado, Outro.

Barak tirou a camiseta e lançou seus sapatos a uma esquina a patadas. Penn seguiu seu exemplo, colocou-se perto dele e imitou os primeiros movimentos do aquecimento do Barak. Sua rotina de estiramentos lhe sentava surpreendentemente bem e, pouco a pouco, ia aprendendo a dança, como Barak a chamava.

Depois de ter esquentado bem os músculos, chegou a hora das espadas. Embora só tivesse treinado uns dias, o domínio do Penn da mão esquerda já tinha melhorado muito. Entretanto, fazia poucos progressos com sua mão direita. Só o tempo diria se ser um lutador canhoto ajudaria ou seria um estorvo para aqueles que lutassem junto a ele defendendo a barreira.

Barak brandiu sua espada de praticar várias vezes. A folha da arma refletiu a luz e pareceu um relâmpago em forma de arco que cortasse o ar. Em lugar de esperar às formalidades, Penn carregou contra o Outro de um lado e sem prévio aviso.

A dança tinha começado.

Capítulo 14

Uma hora mais tarde, os dois se sentaram com as costas apoiada contra a parede do ginásio, exaustos e ofegando. Barak tinha ganhado a competição.

Assim é como Devlin os encontrou.

— Como foi? — perguntou enquanto lançava toalhas para eles.

— Não vejo sangue, embora sim uns quantos hematomas espetaculares.

— Vai ao inferno, Bane! — Penn ficou em pé. — Barak esperou a que Penn recolhesse suas coisas. Devlin esperaria sua sincera opinião, mas o Outro não queria que Penn ouvisse o que tinha que dizer.

— Sua mão esquerda funciona bem — disse quando estiveram sozinhos. — Definitivamente, melhorou. E a direita está melhor. Pode que Penn não gostasse do Barak, mas respeitava seu desejo de ser o guerreiro que tinha nascido para ser.

— Não, não está bem — confessou.

— Maldita seja, já me temia isso! Laurel me advertiu isso, mas esperava que você visse algo que ela não tivesse visto.

— Quero continuar com o treinamento. Penn poderia nos surpreender. — Barak limpou com esmero sua espada de praticar antes de devolvê-la a estante. — Se não me necessitar, acredito que um bom banho quente me sentará de maravilha.

— Acompanharei a sua casa. Temos que falar.

Estava claro que o chefe dos Paladinos queria lhe dizer algo. Barak não estava especialmente interessado em ouvi-lo, mas sabia que não ganharia nada esquivando-o.

— Estupendo, mas você compra as pizzas e as cervejas — disse.

— Já encarreguei uma vegetariana extra grande para você e uma pizza de verdade para mim. Trahern se reunirá conosco em sua casa e levará as cervejas. — Lançou-lhe um olhar zombador. — Ele compartilhará sua pizza.

Barak duvidou de que Blake Trahern tivesse comido nada vegetariano em toda sua vida. Aquele cara tinha a palavra «carnívoro» escrita na frente. Mas ainda lhe resultava mais interessante o fato de que Trahern fora a sua casa. Devlin não se incomodou em lhe perguntar se tinha outros planos ou se ia bem que Trahern se reunisse com eles.

Por sorte, Lacey tinha outro compromisso, se não teria que ter encontrado a forma de adverti-la de que não se apresentasse em sua casa.

Barak agarrou sua jaqueta e disse:

— nos ponhamos em caminho.

O trajeto até o edifício do Barak transcorreu em silêncio. Ele ainda se estava recuperando do dia que tinha passado com os irmãos Sebastian; ambos tinham proporcionado caminhos diferentes a sessão de exercício. Lacey era uma amante enérgica, uma das muitas coisas que gostava dela. Penn carecia do encanto de sua irmã, mas também tinha contribuído ao bom humor do que Barak gozava naquele momento.

Bom humor que só duraria até que Devlin por fim soltasse o que queria lhe dizer e que fazia que segurasse o volante com todas suas forças.

— Está tenso — se decidiu a comentar Barak. — Seja o que seja que tenha que me dizer, simplesmente, solta-o. Não tenho mais remédio que estar a suas ordens.

Barak odiava esse fato e deixou que se refletisse em sua voz.

— Nesta ocasião, sim que tem eleição. — Devlin falou sem o menor rastro de brincadeira em sua voz. — Tem a eleição de participar. Entretanto, uma vez tenha decidido fazê-lo, não haverá volta atrás.

Barak apareceu pelo vidro do carro perguntando-se se a morte da que tinha escapado estava a ponto de alcançá-lo.

Assim que Devlin chegou ao estacionamento e deteve o carro, Trahern surgiu das sombras. Outro Paladino estava um pouco mais atrás, o que dificultou que Barak o reconhecesse, mas, a julgar por sua estatura, devia ser Cullen. Cada um deles levava um pacote de doze cervejas.

Barak desceu do carro e os saudou com um gesto da cabeça.

— Acredito que deveria ter encarregado mais pizzas — disse ao Devlin.

Devlin já tinha tirado seu celular. Um par de minutos mais tarde fechou o celular e seu olhar se encontrou com a do Barak por cima do teto do carro.

— Sinto ter montado uma festa em sua casa sem haver consultado isso antes — Lhe disse. — Pensei que era o lugar mais seguro para nos encontrar.

— Porque ninguém vem para ver-me?

Aquilo era certo, salvo pelas escassas ocasiões em que Devlin o visitava ou a noite que Lacey compartilhou sua cama.

— É filho da puta, sei. Mas assim é, essa é a razão — respondeu Bane.

Barak andou em direção ao seu apartamento. Uma vez em seu interior, acendeu as luzes e colocou a espada em seu lugar de honra, em cima da chaminé. Normalmente, seu salão parecia espaçoso, mas com três Paladinos hospedados no sofá e as poltronas tinha deixado de parecê-lo.

Ao menos, tinham-lhe deixado sua poltrona favorita para ele. Justo quando se estava sentando, alguém bateu na porta. Barak foi até ali e comprovou quem era pela mira. Ao ver que se tratava do DJ, arqueou uma sobrancelha em direção ao Devlin.

— Tinha-te esquecido de quantos convites tinha enviado? — disse-lhe.

DJ entrou levando duas caixas grandes de pizza em equilíbrio sobre uma mão.

— Quem me vai pagar isso? — perguntou aos pressente.

— DJ, de verdade acredita que lhe vamos afrouxar a massa quando você já pagaste generosamente por elas? — declarou Trahern com ironia.

— Demônios! Deveria ter deixado que o menino lhes entregasse as pizzas ele mesmo. — O contrariado Paladino deixou as caixas sobre a mesa que havia frente ao sofá e se sentou no tapete, à distância de um braço das pizzas. — Onde estão os pratos e os guardanapos?

Todas as olhadas se voltaram para o Barak.

— De acordo, eu os trago — soltou Barak. — E garfos também, para os que não sejam uns completos bárbaros.

Seu comentário fez rir a todos menos ao Trahern, mas inclusive ele sorriu. Apesar das moléstias, resultava agradável ter a aqueles convidados, por inesperados que fossem.

Enquanto agarrava os pratos, os garfos e os guardanapos, Barak viu que a luz de sua

secretária eletrônica piscava. As únicas pessoas que telefonavam eram Laurel e Devlin. Acaso Laurel tentava localizar ao Devlin? Não, pois o teria chamado ao celular.

Sua mão titubeou sobre a tecla de reprodução. Não queria ouvir a mensagem com Devlin e os outros perto, embora a idéia de que se tratasse da Lacey o enterneceu. Escutaria a mensagem sozinho para saborear o som de sua voz.

— Né, Barak, que a pizza se esfria! — chamaram-no do salão.

— Mantenham os dedos longe de minha pizza vegetariana — respondeu levantando a voz.

— Estou seguro de que Devlin estará encantado de compartilhar sua pizza de verdade com vós.

— E uma merda! — disse Bane. — Trahern pode agarrar uma parte mas vocês dois terão que esperar à segunda entrega, DJ se fez o ofendido:

— De acordo, mas não cream que vou pagar também por essas.

Devlin deu uma dentada a uma parte de sua pizza com exagerado prazer. Depois de tragar-lhe disse:

— Tem razão, DJ, não seria justo. Cullen pagará a tua.

Continuaram brincando enquanto comiam. Depois de que DJ e Trahern repartissem o último pedaço da pizza do Barak, o estado de ânimo dos Paladinos trocou. Devlin foi o que ficou mais tenso. Se Barak interpretava adequadamente sua atitude, o chefe dos Paladinos se sentia envergonhado e decidido de uma vez.

E ambas as atitudes eram por ele.

Barak começou a recolher as latas vazias de cerveja e os utensílios da comida.

— Agora que te encheste de pizza e cerveja, Bane, já pode me dizer o que te faz parecer tão desagradável-disse Barak.

— Bane sempre parece lúgubre. Só varia o grau.

A pequena brincadeira do Cullen não conseguiu limpar as escuras sombras que se haviam peneirado sobre o grupo.

Devlin se limpou a boca com um guardanapo e lançou a parte de papel ao interior de uma das caixas vazias de pizza.

— Os esforços que estamos realizando para deter o contrabando das pedras azuis que procedem de seu mundo não nos estão levando a nenhuma parte — explicou.

Trahern interveio na conversação:

— estive seguindo ao Ben Jackson, do departamento de Informática, e DJ esteve controlando todos seus contatos através do computador, mas de momento não podemos culpá-lo de nada.

Barak jogou um montão de desperdícios em uma bolsa de lixo.

— Pois eu estou seguro de que estive no laboratório de Geologia e nos túneis — disse.

Devlin assentiu com a cabeça.

— E eu te acredito, Barak. Todos acreditam.

Barak se debateu entre um sentimento de surpresa e o prazer de saber que confiavam nele.

— Então, por que viestes?

— O rastro a este lado da barreira se esfriou — prosseguiu Devlin— Precisamos saber se alguém, no outro lado, tem alguma informação que possamos utilizar para descobrir a esses bodes.

De repente, Barak soube o que era o que queriam dele. Para conceder uns segundos antes de responder, sentou-se e agarrou outra lata de cerveja. Mas a bebida não conseguiu eliminar o sabor amargo do medo em sua boca.

— Quando vai me enviar de volta a meu mundo? Ou esta é a parte em que eu posso opinar?

Por favor, que não fosse essa mesma noite. Se ia morrer, queria ter a oportunidade de despedir-se da Lacey. E de Laurel. Ou possivelmente seria mais considerado, simplesmente, desaparecer de suas vidas? Barak desejou saber como funcionava o coração das mulheres daquele

mundo.

Devlin se inclinou para diante.

— Barak, nenhum de nós sabe o que empurra a sua gente a abandonar seu mundo para vir ao nosso. E você não quis compartilhar essa informação conosco. Não perguntamos isso porque, no fundo, não tem importância. Invadem-nos; nós lutamos. É assim simples.

Não era simples, e eles sabiam.

— O que querem que faça exatamente, Devlin? — pergunto o Outro — Embora retornasse a meu mundo não serviria de nada, porque então eu estaria ali, e vocês, aqui.

A ironia do caso era que ele tinha esperado morrer ao leste da barreira, não ao outro.

— Não lhe estamos pedindo que fique ali, Barak. O que preciso saber é se pode estabelecer contato com alguém do outro lado sem ficar apanhado ali. Se não pode, diga-o e pensaremos em outra possibilidade.

Devlin se encostou em seu assento e esperou.

Não queriam envia-lo de volta definitivamente?

— Há alguém — repôs Barak. — Possivelmente ela possa nos ajudar.

Se queria! Conhecendo sua irmã, ela não levantaria um só dedo para ajudar a ele ou aos humanos; entretanto, ela também odiava a loucura que empurrava aos de sua espécie a cruzar a barreira. Se acabar com o comércio ilegal da luz azul diminuía aquele êxodo, sua consciência a empurraria a ajudá-los.

— Ela? — perguntou Cullen com toda sua atenção concentrada no Barak. — Que aspecto tem essa mulher?

O que importava a ele que aspecto tinha ela?

— Tem, mais ou menos, a mesma estatura que Lacey; o cabelo comprido e de uma cor parecida a minha, e poderia lhes pôr em um aperto com uma espada.

DJ soltou um sopro de incredulidade, mas Cullen assentiu como se Barak lhe tivesse confirmado algo que já sabia. Teria encontrado Cullen com sua irmã? Ela patrulhava a barreira ao outro lado e não havia nenhuma razão para que aqueles homens a tivessem visto nunca. Entretanto, a julgar pelos estranhos olhares que Cullen e Devlin lhe lançavam, podia estar equivocado.

— Como pode te pôr em contato com ela? — perguntou Bane.

Barak refletiu antes de responder:

— Quando a barreira volte a apagar-se, poderia passar ao outro o tempo suficiente para lhe fazer chegar à mensagem de que se unisse comigo.

— Como saberia se a barreira se manteria apagada o tempo suficiente para que pudesse contatar com ela e voltar?

A pergunta procedia do Trahern, que o olhava com os olhos entre abertos em apenas uma fresta e a expressão séria.

— É um risco que terei que assumir — respondeu Barak. — Sei que alguns Paladinos sabem reparar a barreira, assim pedirei que não se dêem pressa em fazê-lo.

— Grande merda de plano, Barak! — estalou Bane. — Quanto mais tempo esteja apagada a barreira, mais pessoas de ambos os lados morrerão.

— Você me perguntaste minha opinião, Devlin, e isto é o melhor que me ocorre.

— E o que vais fazer, ficar nos túneis esperando a que a barreira se apague? Poderia estar horas. Inclusive semanas.

— Pois me ofereça uma alternativa.

O silêncio pareceu prolongar uma eternidade. Finalmente, Barak expôs uma última sugestão:

— Se lhe escrevesse uma nota e a lançasse ao outro lado quando a barreira flutuasse, há

muitas possibilidades de que chegasse a suas mãos. Seus homens patrulham certas zonas com regularidade. Se escrevessem umas quantas cópias, vários de nós poderíamos as lançar em distintos lugares. Assim ninguém fica apanhado ao outro lado e ninguém tem que esperar indefinidamente junto à barreira até que se apague.

Ao cabo de um momento, Devlin assentiu com a cabeça.

— De acordo. Está-se fazendo tarde. Por que não prepara um rascunho da nota e me traz isso amanhã pela manhã?

— Não confia em mim para que escreva uma simples nota?

A raiva cresceu no estômago do Barak. Apresentaram-se em sua casa sem ser convidados, pediam-lhe um impossível e ainda por cima não confiavam nele para fazer o trabalho!

Cullen, quem era sempre o mais tranquilo, respondeu:

— Quando trabalhamos em equipe, Barak, trabalhamos em equipe. E não deixamos de lado um dos nossos. — ficou em pé. — Foi um dia muito longo, cavalheiros. Vou a casa. Vamos, DJ, leve-te.

DJ saltou sobre seus pés. Era o único do grupo que não parecia que necessitasse uma boa noite de sono.

— De acordo, vamos. — Disse. — Bonito apartamento, Barak.

— Obrigado.

Ao DJ lhe acabava alguma vez a energia? Com apenas vê-lo, Barak se sentia cansado.

Enquanto DJ seguia com decisão ao Cullen para a porta, Devlin perguntou:

— Quer que te leve, Blake?

— Não, irei caminhando — respondeu o Paladino. — Boa noite, Barak. Obrigado por compartilhar sua pizza vegetariana.

O fornido Paladino desapareceu e Barak e Devlin ficaram sozinhos.

— Prepararei um rascunho e levarei ao escritório amanhã a primeira hora — declarou Barak. Não tinha nem idéia do que podia dizer para eliminar a brecha que existia entre ele e aqueles aos que tinha deixado atrás, mas, se não o tentava, não poderia viver consigo mesmo. — Se o da nota funciona, podemos especificar um lugar para nos encontrar, embora não possamos concretizar uma hora.

Devlin lhe deu uma palmada no ombro.

— Obrigado.

O telefone não estava quebrado. Lacey sabia porque o tinha comprovado em três ocasiões durante a última hora. Tinha que deitar-se, do contrário, o dia seguinte lhe resultaria difícil de agüentar. Já era bastante mal ter que enfrentar-se ao doutor Louis pela manhã para lhe apresentar seus últimos requisitos orçamentários sem ter umas olheiras descomunais.

Possivelmente pudesse conseguir uns minutos extra de sono se preparava a comida antes de deitar-se e programava a cafeteira para que tivesse o café justo preparado quando se levantasse. Já tinha escolhido a roupa que colocaria, que não era a que vestia habitualmente. O vestido que tinha escolhido acentuava suas melhores partes e dissimulava as que não eram tão boas.

Entretanto, se Penn a via, pediria-lhe explicações, e Lacey duvidava de que se tragasse que tinha posto aquele vestido para impressionar a seu chefe. Não, teria que esperar uma oportunidade melhor para luzi-lo diante do Barak.

O telefone continuava em silêncio. Lacey sabia que tinha deixado sua mensagem na secretária eletrônica adequada, porque tinha reconhecido a voz grave do Barak. Vá, sentia-se como uma colegial de secundária perdidamente apaixonada pelo capitão da equipe de atletismo! Acaso Barak se arrependeu do que tinham feito nos túneis? Estava louca por acreditar que

poderia atrai-lo para repetir o evento?

Não, ele o tinha desfrutado. Os dois o tinham desfrutado. Pode que ela não tivesse muita experiência, mas, sem dúvida, tinha conseguido que se desenhasse um sorriso na cara do Barak. E outra enorme na dela.

Mas o telefone seguia ali, silencioso e preocupante. Para manter-se ocupada, Lacey preparou outro sanduiche e agarrou outra maçã para o Barak, se por acaso comiam no trabalho. Enquanto lubrificava o pão com uma capa dupla de manteiga de amendoim, contemplou o telefone desejando que soasse.

Quando por fim o fez, Lacey quase duvidou de que estivesse soando de verdade. Se tratava do Barak, por que tinha esperado até que fora quase meia-noite para chamá-la? Não tinha direito a pensar que ela esperaria acordada indefinidamente até que ele encontrasse um oco em sua abarrotada agenda.

— Diga — respondeu secamente.

A voz grave do Barak lhe chegou através da linha:

— Lacey, espero que não seja muito tarde para chamar. Surgiu algo e acabo de ouvir sua mensagem.

— Ah!

Lacey se reclinou na mesa e cruzou as pernas. Explicaria-se Barak?

Ele captou sua indireta.

— Uns amigos passaram por aqui. O último acaba de ir-se — disse.

— Não sabia que tinha amigos. — Deus santo, que coisa mais horrível acabava de dizer!. — OH, Barak, não pretendia dizer isso! — apressou-se a acrescentar — : Deve ser o cansaço!

— Não é necessário desculpar-se quando se diz a verdade — respondeu Barak com um deixo de humor na voz. — Comer pizza e cerveja com quatro Paladinos não é algo que me ocorra com frequência.

Lacey experimentou um grande alívio e voltou a relaxar-se, até que compreendeu que o que tinha estado sentindo até então era o monstro dos olhos verdes: ciúmes. Como podia ter pensado que ele estivesse com outra mulher? Seu irmão podia acreditar que ela estava louca, mas sabia de coração que Barak era um homem de honra.

— Suponho que não — murmurou. — Era uma espécie de reunião de caras? Pizza, cerveja e baseball?

Penn e alguns dos moços eram seguidores ardentes dos Seattle Mariners, mas não se imaginava ao Barak gritando à televisão cada vez que um árbitro apitasse uma falta com a que não estivesse de acordo.

— Mmm... sim — repôs o Outro. — Devlin e Cullen me estão ensinando as regras do jogo.

Lacey olhou o telefone como se pudesse ver a expressão do Barak através da linha Telefônica. A que se devia aquele hesitação? Possivelmente estivesse equivocada, mas tinha parecido como se ele se agarrou ao comentário do baseball sem ser verdade.

— É tarde. Será melhor que te deixo — disse finalmente.

— De acordo.

Ela esperava uma conversa larga até altas horas da noite, mas estava claro que isso não ia ocorrer. O que tinha mudado desde que se separaram?

— Boa noite, Lacey. Que durma bem.

— Boa noite, Barak. — Lacey tentou, uma vez mais, encontrar aquela intimidade especial que tinham compartilhado nos túneis. — O de hoje foi... Bom, maravilhoso.

Produziu-se outro breve silêncio.

— Sim, foi — respondeu Barak. — Se os meninos vão seguir aparecendo por aqui sem prévio aviso, terei que ter mais cervejas em casa. Bom, já te deixo.

O estalo que produziu o telefone quando Barak pendurou, ressonou no coração de Lacey. Piscou várias vezes com rapidez enquanto se dizia a si mesmo que o ardor que sentia nos olhos se devia ao tarde que era. Depois de tudo, embora Barak e ela tinham feito amor nos túneis, não significava que tivessem uma relação séria. Além disso, isso não era o que ela queria. A vida rodeada dos Paladinos já era de por si uma aventura sem ter que complicar tomando a um Outro como amante.

Depois de tudo, ela tinha um propósito na vida. Se conseguia prever os terremotos e as erupções vulcânicas, seu trabalho podia salvar a vida de alguns Paladinos. Odiava a vida que se viam obrigados a levar pelo bem da humanidade. Eles não se queixavam, bom, sim que se queixavam, mas seguiam brandido suas espadas em primeira linha.

E ela estava mentindo a si mesmo. Sim, seu trabalho era importante para ela, mas Barak também, inclusive mais do que deveria. Tinha-a interpretado mal a propósito? E, de ser assim, por que?

Sobreveio-lhe um enorme bocejo, aviso do tarde que era. Apagou as luzes da cozinha e percorreu o corredor arrastando os pés em direção a sua solitária cama. Não tinha sentido que se amassasse tentando averiguar o que acontecia com Barak. Ele estaria no laboratório ao dia seguinte. Então teria tempo de descobri-lo.

— Aqui está sua nota.

Barak a deixou em cima do escritório de Devlin, que fez a um lado o relatório que estava lendo e agarrou a breve nota.

— Está em inglês — comentou. — Essa mulher sabe ler nosso idioma?

Barak não queria revelar a menor informação a respeito de sua irmã. Algo que os Paladinos aprendessem, poderiam utilizá-la como arma contra seu mundo. Evitou responder à pergunta dizendo:

— Supus que quereria lê-la. Como não sabemos quando chegará a suas mãos, pensei que seria boa idéia que ela tivesse que responder antes de fixar um encontro.

Devlin o estudou com o olhar, mas não insistiu naquela questão.

— De acordo — assentiu. — Necessito que me mostre no mapa quais são os melhores lugares para passar a nota ao outro lado. Provavelmente esta missão é uma loucura, mas a este lado não estamos conseguindo nada. Faz meia dúzia de fotocópias da nota na foto copiadora que há ao final do corredor. Se não souber como funciona, peça ao Cullen ou ao DJ que lhe ensinem.

— Tenho que fazer as cópias à mão. Ela não confiará em nada que não esteja escrito por mim pessoalmente. Só demorarei uns minutos para escrever.

Barak queria pedir um favor ao Devlin, um favor que não estava seguro de que fora a lhe gostar de:

— Pode telefonar a Lacey e lhe dizer que me necessita durante um momento?

— Problemas no paraíso? — respondeu Bane, adotando a expressão de um autêntico guerreiro Paladino, por isso ao Barak resultou impossível adivinhar o que estava pensando.

— Não, fizemos verdadeiros progressos aperfeiçoando as máquinas que utiliza para estudar as montanhas. Seu trabalho é muito importante para ela. No fundo espera que salvará ao Penn e a outros.

Devlin compôs uma careta.

— A vida não é fácil para as mulheres que estão a nosso lado — refletiu. — Como a Laurel, a Lacey resulta especialmente difícil porque se preocupa com você. É complicado.

Barak o olhou aos olhos tentando não revelar as profundas emoções que Lacey despertava nele. Era possível que Devlin o suspeitasse, mas não estava seguro, e Barak o queria manter assim.

— Enfim, por que não a chamas você? — prosseguiu Bane. — Embora te advirto que não gostará.

— Tomará melhor se você o diz.

Aquilo não era certo. Chamasse quem chamasse, ao Lacey não gostaria que se ausentasse do trabalho.

Devlin desprendeu o telefone. Antes de marcar a extensão de Lacey, perguntou:

— E durante quanto tempo te necessito desesperadamente?

— Todo o dia seria muito pedir?

— Se der uma explicação não. — Devlin pendurou o telefone e se reclinou em sua cadeira. —

O que ocorre entre vocês dois?

Aquela era uma pergunta que Barak não queria responder. Possivelmente fosse suficiente com que lhe contasse outra verdade:

— Minha vida aqui é precária. Sobre tudo se tiver que voltar para meu anterior mundo. Não me interessa me apegar muito às pessoas deste lado.

— E até onde te apegaste à encantada Lacey Sebastian?

Devlin o observou com seu melhor olhar tipo: «Posso cheirar uma mentira a cem metros de distância.»

Barak lhe devolveu o olhar e perguntou:

— vai telefonar ou não?

— Merda, Barak, você gosta de viver perigosamente, não? Já sabe que Penn te tirará as tripas com uma espada oxidada se tocar a sua irmã pequena.

— Não poderá me estripar se já estiver morto, Devlin. Agora chama-a. Eu vou escrever suas notas.

Barak saiu sem olhar atrás. Devlin via muito e não tinha por que ser testemunha de quanto doía separar-se de Lacey.

DJ levantou a vista de seu computador.

— Né, Outro! — disse-lhe. — O que está fazendo em nossa zona do edifício?

Pelo visto, a noite anterior tinha trocado a atitude hostil dos Paladinos para o Barak.

— Necessito papel, uma caneta e um lugar para trabalhar durante uns minutos — respondeu Barak, examinando a abarrotado escritório.

— Utiliza a mesa do Cullen. Estará fora durante um par de horas. Tem papel e canetas na gaveta superiora direito.

— Obrigado.

Barak começou a laboriosa tarefa de copiar a carta que tinha preparado em seu próprio idioma.

Não podia traduzir palavra por palavra, mas o sentido seria muito aproximado. Acrescentou uma mensagem privada para sua irmã sabendo que só ela reconheceria a menção de um jogo que estavam acostumados a compartilhar durante a infância. Possivelmente assim a convenceria de que se reunisse com ele. Embora, de qualquer modo, Barak teria organizado o encontro entre as duas culturas, a oportunidade de voltar a ver sua irmã constituía um incentivo adicional. E, no fundo, esperava que ela também o visse dessa forma.

Quando estava terminando a décima cópia da carta, percebeu que havia alguém a seu lado. Fora quem fosse, aproximou-se sem que Barak notasse o menor ruído. Semelhante descuido podia ser uma boa forma de acabar morto. Barak levantou a vista com lentidão e ficou pasmado.

— O que é tão tremendamente importante para que não possa realizar seu trabalho? — Lacey não se incomodou em falar em voz baixa.

— Estou recebendo muitos dados importantes que têm que ser estudados. O que te mandou Devlin que faça? Escrever os convites a sua festa de aniversário?

Seus olhos azuis despediam as mesmas faíscas que no dia anterior, quando se lançou a seus braços nos túneis. Embora, naquele preciso momento, Barak duvidava de que ela valorasse positivamente a comparação. Barak lhe deu a volta à carta, embora de todos os modos sua companheira tampouco poderia ler a mensagem.

— Lacey, voltarei para seu departamento quando as circunstâncias me permitam isso. — Sempre que não terminasse morto ou capturado ao outro lado da barreira. — Estou seguro de que Devlin te explicou a situação.

Lacey cruzou os braços sobre o peito e apertou os lábios.

— E uma merda me explicou isso! — espetou. — O único que fez foi me deixar uma mensagem de voz me dizendo que tinha sido resignado a seu escritório durante um tempo indefinido.

Lacey estava claramente furiosa e disposta a lutar. Barak reparou em que DJ franzia o sobrecenho enquanto os observava, e decidiu levar aquela discussão a algum lugar mais privado. A possibilidade mais próxima era o despacho do Devlin.

— Vêm comigo — Lhe disse.

De uma forma automática, Barak agarrou o braço de Lacey, mas ela se soltou com brutalidade.

— Posso andar sozinha, Barak. Sou uma mulher, algo que a estas alturas já deveria saber.

Seu aborrecimento estava afetando seu sentido comum. Nenhum dos dois queria que se estendessem rumores a respeito da natureza de sua relação.

Barak lhe sussurrou ao ouvido:

— Pode gritar quanto queira, Lacey, mas aqui não.

— Muito bem, mas te prepare, porque tenho a intenção de gritar bastante — replicou ela, e o seguiu ao interior do despacho do Devlin.

A inesperada interrupção fez que o chefe dos Paladinos levantasse o olhar da tela de seu computador. Assim que viu Lacey, olhou para o teto, como se lançasse uma prece para ter paciência e sabedoria.

— Sim, certamente, entra, Barak, e também pode dizer a Lacey que entre — disse com sarcasmo. — Apesar de minha reputação de disparar primeiro e perguntar depois, em realidade não espero que outros batam na porta antes de entrar em meu escritório.

— Te cale, Devlin! Você também forma parte deste problema, assim não te faça o inocente e o surpreso. — Lacey se deixou cair em uma das cadeiras que havia frente ao escritório do Devlin. — Agora me conte por que Barak está aí fora escrevendo a lista da compra, ou o que seja que você lhe encarregaste, em lugar de apresentar-se a trabalhar no laboratório. — Lacey lançou um olhar iracundo a ambos os homens. — E não minta!

Barak se sentou na outra cadeira e tomou a palavra:

— Devlin, deixei as listas da compra na mesa do Cullen. Não estou seguro de onde quer que as archive.

Devlin se levantou.

— Em outras palavras — disse — , quer que me perca durante uns minutos.

— Isso, exatamente, o que queria dizer.

O musculoso Paladino saiu do despacho e Barak ouviu o suave estalo da porta ao fechar-se.

— Devlin me necessitava para um projeto especial — declarou. — Isso é verdade.

— E o resto? O de que estaria fora indefinidamente? Isso também é verdade?

Ele era responsável pela dor que refletia o olhar da Lacey e odiava a si mesmo por isso.

— Também é verdade que necessitará que o ajude mais vezes neste projeto, mas não sei quanto durará nem quando me precisará — explicou.

Parte do aborrecimento da Lacey desapareceu e foi substituído pela decepção que sentia

para o Barak.

— Por alguma razão, não quer estar perto de mim, mas ontem não percebi nenhuma queixa — Lhe disse.

Seria muito mais fácil para ambos permitir que acredite naquela mentira, mas Barak não podia fazê-lo. Alargou o braço para apoiar a mão sobre a de Lacey, mas ela a apartou fora de seu alcance.

— O problema é — respondeu Barak com calma —, precisamente, justamente o contrário. O problema que quero estar perto de você com muita intensidade. Já te disse que não pensava ser um segredo vergonhoso. A quantas pessoas falaste de mim? A quantas lhes contaste que quer que seja uma parte importante de sua vida?

Barak conhecia a resposta inclusive antes que Lacey retirasse o olhar.

— Já me parecia isso. — Barak suspirou desejando que tudo aquilo fora mais fácil. — Nem sequer te culpo, Lacey, mas quanto mais tempo trabalhemos juntos, pior irá a coisa.

— Sabe o que é o que eu não gosto, Barak? Eu não gosto que outros decidam o que é melhor para mim. Pode que não esteja preparada para ir pela rua cantando e gritando que estou saindo com um Outro, mas ao menos não fechei a porta a essa possibilidade. — Lacey ficou em pé — Espero que você e Devlin sejam felizes juntos, embora suspeite que Laurel seja do tipo ciumenta. Não gostará de formar parte de um trio.

Lacey partiu com as costas erguida.

As armas que penduravam da parede do Devlin vibraram em seus suportes quando a doutora fechou a porta de repente. Barak queria ir detrás dela e fazê-la voltar para converter seu aborrecimento em outra forma de paixão mais prazerosa. A imagem que essa idéia lhe provocou foi tão real que, quando a porta se abriu, Barak estava meio convencido de que Lacey tinha trocado de opinião.

Mas era Devlin quem retornava para reclamar seu escritório. O Paladino nem sequer tentou ocultar seu sorriso.

— Não sei o que tem feito para estar na lista negra dessa mulher — disse —, mas, pelo amor de Deus, não permita que eu o faça nunca.

— te cale, Devlin! Não fomos justos com ela — replico Barak.

— Ah, não?

— Obrigamos-la a aceitar minha presença. Ela o único que quer é fazer que este mundo seja um lugar mais seguro para seu irmão. Não deveria ver-se obrigada a dormir com o inimigo para conseguir suficiente dinheiro para realizar seu trabalho.

Suas palavras não tinham sido as mais acertadas, mas nem por isso deixava de ser verdade.

Devlin alargou o braço e agarrou ao Barak pela lapela da camisa.

— E é certo que dormiu com o inimigo, Barak? — perguntou-lhe. — Te enviei ali para que aprendesse o trabalho, não para que seduzisse o seu chefe.

O fato de que Devlin o agarrasse pela camisa foi o detonante de toda a raiva e a frustração que Barak experimentava. A superioridade de tamanho do Paladino não supunha grande coisa para um homem que tinha perdido tudo: casa, família, amante...

Barak lançou seu punho para cima estampando-o na mandíbula do Devlin e produzindo um satisfatório rangido. Logo se liberou de sua mão e lhe lançou uma patada entre as pernas.

Mas o Paladino não se passou a vida lutando sem aprender uns quantos truques sujos. Bloqueou o chute de Barak com outra das suas, lançando a seu oponente sobre uma cadeira que se rompeu por causa do peso. Barak ignorou a dor que sentiu nas costas e se levantou com rapidez com a intenção de dar murros ao Devlin.

Nenhum reparou em que a porta se abria, enquanto tentavam colocar-se na melhor posição, procurando uma debilidade nas defesas de seu oponente. Achavam-se girando em círculo quando

uma mulher se colocou entre eles. Barak deu dois passos antes de dar-se conta de que se tratava do Lacey.

— Vai, Lacey! — disse-lhe.

Barak sabia que não gostava de receber ordens, mas aquele não era o momento para conversas amáveis.

— Não penso ir a nenhuma parte — respondeu a doutora.

Lacey avançou um pouco mais para seguir interpondo-se entre os dois homens.

— Maldita seja, mulher, sai do meio! — bramou Devlin.

— Não!

A mulher afiançou os pés no chão e se manteve firme. Vendo-a ali, com os braços cruzados e desafiando-os com o olhar, resultava fácil deduzir que o sangue dos guerreiros corria pelas veias de sua família. Lacey estava irresistível: uma mulher cheia de energia, disposta a apresentar batalha a quem fora com tal de proteger a aqueles que lhe importavam.

Os dois homens não tiveram mais remédio que ceder. Nenhum deles se arriscaria a feri-la acidentalmente, e ela sabia. Quando Barak e Devlin retrocederam e deixaram pendurar os braços aos lados, Lacey sorriu.

— E agora, querem me explicar a que se deve esta exibição de estupidez? — perguntou, e tamborilou o chão com o pé esperando uma resposta.

— Tivemos uma pequena discrepância — comentou Barak.

Lacey contemplou a cadeira quebrada e o cesto de papéis que tinham atirado pulverizando o lixo pelo chão.

— Ah, sim? Pois eu não gostaria de nada ver o que ocorreria se algum dia determinasse realmente brigar por algo.

Devlin se limpou o sangue que brotava de seu lábio partido.

— Assim o que, Lacey, esqueceste algo? — perguntou-lhe.

— Sim. A meio caminho do laboratório recordei que me tinha deixado algo que me pertence aqui, em seu escritório.

Barak olhou a seu redor, mas não viu nada.

— Não vejo nada.

— Isso é porque não está te olhando em um espelho. — Lacey lhe deu um leve empurrão para a porta. — Vamos! Tem trabalho que fazer.

— Mesmo assim, necessitarei-o. — Devlin os seguiu ao exterior de seu escritório. — Temos em marcha um projeto especial e precisamos sua destreza.

— Sim, e já vejo quanto bem trabalham juntos — respondeu Lacey com ironia. — Me Chame e o negociaremos.

Trahern apareceu pelo outro extremo do corredor. Como de costume, via muito.

— Vá, Devlin, volta a discutir a murros?. — Disse. — A última vez que o fez quase me rompeu a mandíbula; Cullen e DJ tiveram que mover-se com cuidado durante dois dias.

Barak e Devlin lhe disseram ao unísono que se fora ao inferno o que provocou as risadas de todos. Continuando, Barak fez possível por ignorar aos dois Paladinos, reuniu toda a dignidade da que foi capaz e seguiu a Lacey pelo corredor.

Mas não podia estar muito zangado. Diante do mais imponente e feroz dos Paladinos, Lacey tinha admitido que Barak lhe pertencia.

— Né, Penn! Como vai tudo?

Penn não levantou o olhar de sua bebida, enquanto se perguntava se pedir ou não outra cerveja. Se ia nesse momento, chegaria a tempo de ver o princípio da partida de pré temporada de futebol.

Mas a inesperada chegada do Ben Jackson o fez decidir-se. Quão último queria naqueles momentos era permanecer sentado escutando as merdas queixa do Ben a respeito de seu trabalho. Resultava irônico que Ben tivesse um trabalho que detestava e que podia abandonar quando quisesse e que, pelo contrário, Penn tivesse um trabalho que adorava e de que foram jogá-lo em qualquer momento.

Os últimos dois treinamentos com o Barak não tinham ido nada bem. Penn não necessitava a compaixão do Outro, mas cada vez que a mão direita lhe falhava, percebia-o na expressão do Barak. Sua mão esquerda, sem lugar a dúvidas, estava-se fortalecendo, mas nunca chegaria a sentir-se confortável lutando com essa mão.

Barak não deixava de lhe dizer que se desse tempo, mas Devlin lhe tinha deixado muito claro que dispunha de um tempo limitado, Barak afirmava que percebia certas melhoras, o que podia outorgar ao Penn certa margem, mas estar em dívida com um Outro o tirava totalmente a paciência.

Ao menos não estava tão bêbado como para não dar-se conta de que a inesperada aparição do Ben não tinha sentido. Aquele bar não era o que estava perto do Centro. De fato, estava bastante longe de onde os dois homens trabalhavam e tampouco estava perto de onde Penn vivia. Ele podia sentir-se um mais entre a tosca clientela do bar, mas Ben estava, claramente, fora de seu ambiente.

Com uma expressão neutra, Penn contemplou a seu indesejado companheiro. Ben estava nervoso e o dissimulava muito mal. Algo ia mal, mas o que? Ou quem? Fora o que fosse não tinha por que repercutir no Penn, mas o fazia. Do contrário, Ben não seguiria perseguindo-o e lhe impondo sua presença nervosa e suarenta em seu tempo livre.

— O que quer, Ben? — perguntou-lhe, sem incomodar-se em mostrar interesse ou amabilidade.

Ben realizou uma careta e esboçou um sorriso hesitante que, não sem esforço, conseguiu estabilizar.

— Quero uma cerveja — repôs. — Além disso, não tenho pensado nada.

— Porque lhe passe isso bem.

Penn se levantou do banco e realizou um gesto ao garçom lhe indicando que queria pagar.

— Que pressa tem, Penn? Acabo de chegar e eu gostaria de ter companhia. — Ben se dispôs a agarrar ao Penn pelo braço para lhe impedir que se fora, mas este lhe lançou um olhar iracundo e Ben trocou de idéia. — Ao menos tome uma comigo.

— Sinto muito, mas não posso — replicou o Paladino.

Penn decidiu não seguir esperando a conta e se dirigiu ao bar para pagar ali diretamente.

— Acaso tem algo importante que fazer? — insistiu Ben, e o seguiu até ao bar.

— Não, mas, de repente, este lugar perdeu todo o atrativo que tinha.

Possivelmente a verdade afetasse aquele idiota.

A julgar pela forma em que Ben se ruborizou, seu propósito tinha dado no prego.

— O que te passa, Penn? — perguntou indignado. — É muito bom para confraternizar com um simples mortal?

Estupendo, quão único necessitava Penn era que chegasse aos ouvidos do Devlin que tinha

incitado a aquele porco suarento a ficar contra os Paladinos! Já estavam chamando muito a atenção. Penn tentou agarrar ao Ben com a intenção de arrastá-lo ao exterior, mas, com um movimento surpreendentemente rápido para sua constituição e tamanho, Ben ficou fora de seu alcance.

— Vai para casa, Penn, e bebe você sozinho — Lhe espetou. — Não me importa uma merda. Ben se sentou em um tamborete e agarrou a cerveja que o garçom lhe tinha servido.

Antes de voltar-se para ir-se, Penn esperou um par de segundos para assegurar-se de que Ben não ia provocar mais. Quando por fim se voltou, e antes que se afastou mais de dois passos, Ben lhe lançou uma última provocação.

— Claro que, se minha irmã estivesse trepando com um Outro eu também beberia. — Ben se pôs a rir como se tivesse contado uma piada fantástica. — Suponho que, no caso de sua irmã, ele sim que é um sortudo.

Penn desejou matar a aquele bastardo ali mesmo, mas sua lealdade para os Paladinos lhe recordou que, por cima de tudo, inclusive por cima de defender a honra do Lacey, estava manter o segredo de sua existência. Já chegaria seu momento. Por sorte, aquele não era o tipo de bar que pusesse objeções a que seus clientes resolvessem suas diferenças com os punhos. Sempre que o fizessem no exterior.

— Vamos, Ben, assegurarei-me de que chega a sua casa — disse — Me está pedindo a gritos uma briga, mas não te darei esse gosto.

Penn lhe fez um gesto ao garçom para lhe indicar que se levava a discussão a outra parte e agarrou ao Ben empurrando-o para a porta.

Entretanto, Ben acabava de dar-se conta de que tinha aberto sua boca e tinha esquecido quão fortes eram os Paladinos, sobre tudo quando estavam com vontades de briga.

Ben tentou soltar-se da mão do Penn.

— Sinto muito, Penn — balbuciou. — Foi o álcool o que falou, juro-lhe isso. — Avançou a tropicões suplicando clemência. — Como ia ou seja que você aprovava ao novo amante de sua irmã?

Aquilo era o último. Penn deu um bom gancho de esquerda, empurrando-o até o assento traseiro de seu próprio carro. Ao Penn havia trazido para o bar outro Paladino, assim não tinha que preocupar-se com levar dois veículos de volta a seu bairro. Agarrou as chaves do Ben e arrancou o veículo.

Depois de conduzir durante muito tempo, Penn estacionou o carro e pulsou a tecla de marcação rápida do Devlin em seu celular.

Bane respondeu à segunda chamada. Não parecia estar muito contente, claro que nunca o parecia.

— E agora o que quer, Penn?

— Quero te fazer uma pergunta, Bane. Prometeu minha irmã ao Outro se deixava em paz a sua mulher? Porque se o fez, matarei-te.

Penn odiou notar que as mãos lhe tremiam.

— Não, certamente que não! — gritou Bane tão alto que Penn teve que apartar o telefone de sua orelha. — Sinto muito respeito por sua irmã para lhe fazer algo assim. Embora tenha a um idiota como irmão. De onde demônio tirou essa estúpida idéia?

Penn não estava seguro de se acreditava no Paladino ou se só queria acreditá-lo.

— Ben Jackson me seguiu até um bar de outro bairro tentando, de novo, fazer-se meu amigo — continuou. — Quando lhe deixei claro que não estava interessado em sua amizade, há-me dito que Barak está fudendo minha irmã.

— Filho da puta! Onde estão agora? Sua voz deixava claro que não estava brincando.

— Antes de sair correndo, tirei-o do bar. Agora mesmo está vomitando no assento traseiro

de seu carro.

— Telefonarei ao Trahern e nos reuniremos com vocês no Jackson'S. Possivelmente, se o levarmos a seu apartamento e o embebedamos, quando despertar acreditará que tudo foi um pesadelo.

— Salvo, quando tiver acabado de lhe tirar todas essas mentiras a golpes.

Penn baixou o vidro do carro para dissipar o aroma azedo a álcool que despedia Ben no assento traseiro.

— Penn! — protestou Devlin ao telefone.

— Só brincava. Mais ou menos. Penn leu a direção em voz alta enquanto voltava a arrancar o carro.

— Obrigado — respondeu Devlin. — Nos quinze minutos e nos vemos ali

— De acordo.

Claro que não seria culpa dela se Ben se fazia danificar ao sair do carro ou ao subir a seu apartamento. Mas não, esperaria até comprovar se era certo que Barak tinha estado trepando com Lacey. Se for mentira, então Ben mereceria que lhe desse uma boa surra que quase acabasse com sua miserável vida. Mas, se Ben dizia a verdade, então acabaria com a vida do Barak de uma vez por todas.

Depois de dar uma olhada a seu repugnante passageiro, Penn decidiu que, em qualquer caso, mataria ao mensageiro.

Quando a porta do laboratório se abriu e Devlin Bane entrou na sala com uma expressão sombria no rosto, Barak levantou o olhar. O fato de que o Paladino aparecesse justo depois de que Lacey saísse para reunir-se com o doutor Louis parecia muito oportuno para ser uma coincidência. O que ocorria agora?

Devlin deixou cair um envelope a cadeira e esperou a que Barak fizesse também. Ao Barak bastou um olhar para saber que procedia do outro lado da barreira. Passou os dedos pelas letras e reconheceu a escritura furiosa de sua irmã.

Barak sorriu, imaginando -a expressão carrancuda de sua irmã enquanto respondia a sua petição. De todos os membros de sua família, ela tinha sido a única que se havia oposto lhe rogando que trocasse de opinião. Mas quando a honra do Barak lhe impediu de acessar ao desejo de sua irmã, lhe deu as costas e fechou os olhos dando a entender que ele já não existia em seu mundo. Nem em nenhum outro.

Consciente da impaciência do Paladino, quem o observava a suas costas, Barak abriu o envelope. O papel do interior procedia, sem lugar a dúvidas, de seu mundo e, fora o que fosse o que sua irmã tivesse escrito em seu rol de comandante, Barak se sentiu feliz de voltar a encontrar com ela.

— Deixa muito claro que não pensa confiar em ninguém deste mundo — traduziu Barak, — Entretanto, reunirá-se comigo. Quer que cruze ao outro lado pelo mesmo lugar que cruzei a este mundo. — Barak levantou o olhar para o Devlin. — Me permitirá ficar ali só até que a barreira volte a flutuar o tempo suficiente para que eu possa retornar a este lado.

Devlin deu uma palmada na mesa.

— Não! — protestou. — É ela quem tem que vir aqui. Não permitirei que arrisque sua vida dessa maneira.

— Ela se encarregará de que não me ocorra nada.

Ao menos o tentaria, mas não tinha sentido que deixasse entrever ao Devlin que duvidava da capacidade de sua irmã para proteger o das facções violentas de sua gente.

Devlin percorreu de um lado a outro a habitação enquanto se passava os dedos pelo cabelo

em sinal de frustração.

— O que te faz acreditar que podemos confiar em sua palavra?

— E a tudo isto, quem é essa mulher?

— Chama-se Lusahn. — Barak voltou a deslizar os dedos por seu nome. — É uma líder entre os meus. E é minha irmã.

Evidentemente, Devlin não o esperava. Agarrou um tamborete e se sentou ao lado do Barak.

— Não falamos nunca da razão pela que abandonou seu mundo — disse lentamente.

— Não, e tampouco vamos fazer o agora. Tenho minhas próprias razões e não penso trair a minha gente.

Antes morreria, apesar de que o mundo do Devlin lhe tinha dado novas razões para viver.

— Suponho que posso aceitá-lo — respondeu o Paladino. — Sei que está disposto a retornar a seu mundo pelo assunto das pedras, Barak, mas não te pedirei que o faça sem te dar a oportunidade de pensar isso. Ultimamente, a barreira esteve muito instável e há muitas probabilidades de que só tenha que estar ali durante um período curto de tempo, possivelmente só um par de horas...

Barak o interrompeu:

— Mas também poderiam ser uns dias ou umas semanas. E quanto mais tempo passe ali, maior será o risco. Sei.

— Ponha de novo em contato com ela e lhe diga que é imperativo que nos encontremos aqui. Se não, não há nada a fazer.

— Ela não virá. Já irei eu. Terá-nos mais em consideração se assumirmos também algum risco. — Barak deslizou a carta para o Devlin. — O farei por minha gente, Devlin.

— Quando tiver terminado seu trabalho, te reúna conosco em meu escritório. Possivelmente os guerreiros ocorram alguma idéia.

— De acordo, ali estarei.

Devlin agarrou a carta e a introduziu em seu bolso.

— Uma coisa mais, Barak. Ben Jackson se embebedou um pouco ontem de noite e disse ao Penn que você e Lacey deitavam juntos. Há alguma razão para que tenha chegado a essa concussão?

Um sentimento de apreensão se afiançou no peito do Barak.

— Não, não sei por que o haverá dito — respondeu. A menos que estivesse no certo quando acreditou ver alguém espiando seu apartamento a noite que Lacey ficou a dormir. — O que há dito Penn?

— Não matou ao estúpido bastardo, coisa que teria feito se tivesse acreditado que Penn dizia a verdade. — Os olhos verdes do Devlin adquiriram uma expressão de frieza. — O que você e Lacey façam não é de minha incumbência, mas...

Barak ficou em pé e se enfrentou, cara a cara, com o duro olhar do Devlin.

— Tem toda a razão — Lhe disse. — E Lacey não merece ser objeto de falatórios.

— Não, não o merece. Mas se seu nome se vê vinculado ao teu, sua vida será um autêntico inferno, por não mencionar a tua. Os dois por aqui estão justo começando a acostumar-se a verte entre eles.

Devlin não estava dizendo nada que Barak não soubesse. Embora ele esperava que esse dia tivesse chegado mais tarde que cedo.

— Sua gente não pode nos culpar do tempo que passemos juntos no trabalho — alegou Barak. — Lacey me acompanhou a casa. Também fomos juntos às montanhas por questão de trabalho. Isso e as duas vezes que descemos aos túneis é ao que alcança nossa relação.

Devlin não o tragou.

— Eu não sou seu juiz nem seu jurado, Barak, mas, ao menos, atua com discrição. Ben tem

que ter visto algo, se não, não se teria atrevido a ir-se da boca com o Penn. Suspeitamos que esse cara tenta obter alguma coisa do Penn, mas não sabemos o que. E, certamente, não se ganhou nenhum ponto soltando essas acusações para os ouvidos do irmão da Lacey.

Os dois estavam tão concentrados em sua conversação que não ouviram que Lacey entrava no laboratório.

— Que acusações chegaram aos ouvidos de meu irmão?

Devlin murmurou uma maldição antes de voltar-se para Lacey. Era a segunda vez em dois dias que estavam em lados opostos de uma discussão.

— Se pode contar ao Barak, também pode contar isso. Ele não é meu protetor — acrescentou Lacey.

— Não, a questão é se é ou não seu amante — repôs Bane.

Barak teria podido enganar ao Devlin, mas a expressão desolada da Lacey tinha a verdade escrita em sua cara. O Paladino em seguida soltou uma réstia de maldições.

— Bane, fecha a boca! — recriminou-o Barak. — Apesar do que saiba, faz o favor de não falar assim diante da Lacey.

Requeria-se outra briga para convencê-lo, Barak estava preparado para começar a dar golpes.

Lacey passou junto ao Devlin e se colocou ao lado do Barak procurando seu apoio.

— Quem lançou essas acusações, Barak? Quem sabe? — inquiriu.

Devlin respondeu a sua pergunta:

— Ben Jackson, do departamento de Informática, tentou convencer ao Penn de que vocês dois estão vivendo uma aventura. Penn não tomou muito a sério, embora certamente não custasse muito convencer o de que o que disse Ben era só produto de sua imaginação.

Barak esperou a que Lacey o negasse tudo. Ele teria apoiado sua mentira, mas, em troca, ela se voltou para o Barak com seus olhos azuis cheios de lágrimas.

— por que esse bastardo não nos deixa em paz? — perguntou-lhe.

— Porque está desesperado. Ao nos assinalar com o dedo, desvia a atenção de si mesmo. — quanto mais pensava Barak nessa possibilidade, mais acertada lhe parecia. — Eu diria que ele não dá o tipo para dirigir uma operação deste calibre. Possivelmente seus superiores estão preocupados com o que averiguamos graças aos disquetes que Trahern conseguiu do juiz Nichols.

O celular do Devlin soou.

— Bane à fala... Sim, diga ao coronel Kincade que me reunirei com ele em seu escritório dentro de um quarto de hora.

Devlin cortou a comunicação e contemplou ao Barak rodeado de um frio silêncio.

— Agora mesmo, não necessito este tipo de complicações o Outro-lhe disse. — Lembrei a Laurel que podia ficar contigo sempre que não causasse problemas.

Lacey se enfureceu.

— Ele não é uma mascote que possa guardar em uma jaula, Devlin! Além disso, eu tampouco vejo que você siga as normas. Todo mundo sabe que os tutores não devem deitar-se com seus pacientes. Onde lhes deixa isso a Laurel e a você? E o que tem que o Trahern e Brenna? Está permitido o acesso de civis ao Centro? Não acredito.

Barak contemplou aquela mulher com admiração. Era a segunda vez que plantava cara ao Devlin Bane, algo que muitos homens evitariam fazer.

Bane sacudiu a cabeça.

— Todos sabemos que Penn nunca considerará que ninguém é o suficientemente bom para você — disse —, mas, neste caso, compreendo seu ponto de vista. — antes que Lacey pudesse voltar a explodir, Devlin levantou uma mão. — Não me interpretem mal. Quando consegui superar o que Barak é, cheguei a respeitá-lo como pessoa, mas enfrentar a uma árdua tarefa se crie

que podem convencer aos daqui de que uma mulher humana esteja com um Outro.

Já tinham o bastante.

— Devlin, foste muito longe. Saia de uma vez — ordenou Barak.

Devlin não se amedrontou.

— Irei quando me der à maldita vontade, Outro.

— Irá agora ou levaremos esta discussão a um nível completamente diferente. — Barak estava farto daqueles exagerados ares de importância que se davam os Paladinos. — Em qualquer caso, você não tem nenhum direito a opinar sobre o que há entre Lacey e eu. É possível que você não goste, mas isso não me importa.

Barak empurrou seu tamborete para trás e se colocou diante da Lacey, por isso pudesse passar.

Então ouviu que Lacey sorvia pelo nariz tentando conter as lágrimas. Era uma mulher forte, mas ele e Devlin estavam fazendo viver um inferno. Barak se voltou de costas para o zangado Paladino e abriu o braço para lhe oferecer à doutora o consolo de seu contato. Não gostou muito que ela o rechaçasse, mas tampouco a culpou por fazê-lo.

— Devlin, já nos causaste muitos problemas por hoje, assim vai — disse Lacey. — Barak se tiver alguma pergunta sobre os dados que te dei antes, estarei em meu escritório.

Só seu orgulho lhe permitiu guardar a compostura enquanto saía do despacho.

— A coisa piorará — advertiu Devlin ao Barak.

Embora ao Barak não gostasse de admiti-lo, Devlin não dizia nada que ele não soubesse.

— O que quer que faça? — replicou. — Deixaria você a Laurel se os Regentes ordenassem isso?

Devlin apoiou uma mão no ombro do Barak.

— Me faça um favor. Ao menos, tome cuidado.

— Barak agarrou a carta de sua irmã. — Direi a Lacey que logo necessitarão meus serviços. Até então, assegurarei-me de que ninguém nos veja juntos fora do laboratório.

Devlin voltou a consultar seu relógio.

— Merda! Chego tarde. Me diga quando quer cruzar ao outro lado.

— Como mínimo, não antes de um par de dias.

A barreira permaneceria estável durante esse tempo, a não ser que algo externo causasse algum problema. Barak não tinha estado perto das placas tectônicas o tempo suficiente para saber qual era sua pauta de funcionamento, mas o vulcão sim que estaria em calma uns dias.

— De acordo — disse Devlin. — Como certo, Laurel quer que jante de novo conosco logo. Tornou a procurar novas receitas.

Devlin realizou uma careta, expressando seu temor em relação aos experimentos culinários de sua amante.

Barak se tomou seu comentário como o que era, uma oferta para fazer as pazes.

— Obrigado pela advertência — respondeu. — Como me disse, os vegetais eram bastante comestíveis.

Quando Devlin partiu, Barak refletiu sobre qual seria a melhor maneira de aproximar-se de Lacey. Aproximou-se da porta de seu escritório e se sentiu aliviado ao ver que estava trabalhando em seu computador. De momento, o melhor seria deixá-la sozinha. Entretanto, antes que pudesse retornar a sua zona de trabalho, ela levantou a cabeça e o viu.

— Não ronde por aqui, não te morderei. Nem chorarei. — Lacey conseguiu sorrir, embora tivesse os olhos um pouco vermelhos.

— Prometi ao Devlin que nos asseguraremos de que ninguém nos veja juntos fora do trabalho — disse Barak.

— Não permitirei que ninguém me dê ordens do que tenho que fazer com minha vida. Nem

sequer você, Barak. Se quiser verte, farei-o.

Uma parte do Barak era tão egoísta para dar valor positivamente sua determinação, mas não queria que Lacey resultasse prejudicada.

— Possivelmente você queira te arriscar, mas eu não — acrescentou Barak, e se voltou para seu lugar de trabalho.

Ao dar as costas a Lacey, sentiu-se como se cravou uma adaga em seu próprio peito. Então retornou ao laboratório, agarrou sua tabuleta e simulou trabalhar.

Malditos homens! Todos! De qualquer tipo! Paladinos, Outros, irmãos, chefes... Desde menina, Lacey se tinha centrado em um único objetivo: encontrar a forma de fazer que a vida do Penn fora melhor, mais segura. Por sorte, a geologia e a vulcanologia adorava. Se não lhe tivessem gostado, teria encontrado outra disciplina que lhe permitisse ajudar aos Regentes de alguma forma.

Entretanto, naquele momento estava a ponto de mandá-lo tudo ao diabo e encontrar a gente com a que trabalhar. E possivelmente também alguns possíveis pretendentes que não soubessem por onde se agarrava uma espada e, muito menos, lutar com ela.

Tinha tentado sair com homens que não estivessem conectados com a organização, mas isso implicava que tinham que vigiar todas suas palavras para não revelar informação secreta. Os poucos homens, membros do guarda, com os que tinha saído, tinham tanto medo do Penn que fizeram pouco mais que acompanhá-la até a porta de sua casa. Por outro lado, eram estranhos os Paladinos que tinham irmãos, mas parecia haver entre eles um acordo tácito que os obrigava a manter-se afastados das irmãs de qualquer deles.

E, quando por fim tinha encontrado a alguém cujo contato acendia sua paixão, tinha que ser um Outro. Naquele momento, Lacey não estava segura de com quem estava mais zangada, se com o Penn, com o Barak ou com o Devlin. Embora não importava. Desde que Devlin saiu do laboratório, Barak tinha atuado como se ela não existisse.

Pois bem, aquilo ia trocar imediatamente. Deteve-se para comprovar seu aspecto desejando haver colocado o vestido sexy em lugar de seus habituais jeans e a camiseta de rigor. Se Barak não se aproximava dela, ela iria ao Barak.

Barak deu um suspiro quando ouviu que Lacey se aproximava dele. Estupendo, assim não era imune a ela, por muito que tentasse simulá-lo. Tinha chegado a hora de jogar. Lacey deslizou os braços ao redor dos ombros do Barak e se inclinou para ele pressionando os peitos contra suas duras costas. Ele seguiu trabalhando, mas o pulso lhe acelerou.

Ela o beijou no pescoço e subiu com seus beijos até a orelha, provocando um visível estremecimento no corpo do Barak. Continuando, Lacey deslizou as mãos pelo peito e sussurrou:

— Preparo uma lasanha de vegetais de primeira. O que te parece jantar em minha casa?

Barak ficou gelado.

— Não ouviu o que há dito Devlin, Lacey? Não podem nos ver juntos.

— Ouvi-o, mas não me importa. Assim, ou vem a minha casa para jantar esta noite ou me apresentarei em seu apartamento. Você escolhe.

Lacey conteve o fôlego esperando que ele não a rechaçasse.

Barak se voltou para ela pouco a pouco. Embora não sorria, Lacey acreditou ver um diminuto rastro de bom humor em seu olhar.

— É uma mulher muito teimosa — disse Barak.

— Surpreende-te? Se não tivesse aprendido a me fazer valer, Penn e seus amigos me teriam envolvido em uma bolha para que não me passasse absolutamente nada.

— Culpa-os por isso?

Lacey se pôs a rir.

— Não, provavelmente não, mas não se pode viver escondido. O que me traz de volta a esta noite. Sua casa ou a minha?

Barak a olhou um momento e com um olhar intenso antes de tomar sua decisão:

— A tua. Irei assim que tenha escurecido.

— Mas há luz de dia até as dez da noite! — Lacey deslizou os dedos pela acentuada linha da mandíbula do Barak. — Não quero esperar tanto.

— Então janta sem mim.

Barak agarrou a caprichosa mão de Lacey e a manteve quieta sobre seu peito.

A ela ainda ficava uma mão livre para bisbilhotar.

— Não referia ao jantar — murmurou. Barak agarrou a outra mão.

— Para já! O que aconteceria se alguém entrasse neste momento? — Apesar da dureza de suas palavras, seu tato era amável. — Estarei ali assim que acredito que é seguro.

— Manterei tudo quente e preparado para você.

Lacey deslizou a ponta da língua por seu lábio superior.

— Estupendo, mas agora mesmo tenho que ir passar um momento com seu irmão no ginásio — disse Barak.

— Saúda o de minha parte — repôs Lacey enquanto ele se levantava e se dirigia à porta. — E, Barak, possivelmente queira levar sua escova de dentes a minha casa. Amanhã temos que subir às montanhas e economizaremos tempo se não passarmos por sua casa.

Barak ia protestar, mas se deu conta de que era uma batalha perdida que, de todos os modos, tampouco queria ganhar. Quando saiu do laboratório, Lacey foi consciente de que ficou olhando fixamente uma porta fechada com um sorriso enorme e estúpido na cara. Aquela noite seria especial. Mais que especial.

Se dava pressa, podia terminar seu trabalho de forma que lhe desse tempo para ir ao centro comercial de caminho a sua casa. A maioria das vezes dormia vestida com uma das velhas camisetas do Penn, mas de repente sentiu desejos de ficar algo muito mais sexy. Possivelmente algo negro e apertado.

Sim, isso seviria como luva.

O aroma de lasanha enchia a cozinha. A mesa estava posta as velas, acesas; e a cama, preparada. Tudo estava preparado; sobre tudo ela. Mas, de momento, não havia nem rastro do Barak. Prometeu-lhe que iria assim que fosse seguro, assim possivelmente por isso se estava atrasando. Ou teria ocorrido algo durante o treinamento? Não, Barak teria telefonado, ou teria pedido ao Devlin que o fizesse.

Olhou pela janela e se alegrou ao ver que começava a escurecer pelo oeste. Logo chegaria seu amante e começaria a farra noturna.

Um casal de idade que vivia um pouco mais acima, na mesma rua que ela, passou pela calçada passeando com seu cão. Iam agarrados pelas mãos, desfrutando do ar do entardecer. Lacey sorriu. Cada vez que os via, sem dúvida apaixonados depois de tantos anos, sentia uma pontada de inveja.

As mulheres sonhavam encontrando a um homem que as amasse e que passeasse com elas de mão ano atrás ano. Mas o que ocorria se escolhia ao homem equivocado? Se for um homem que sua família e seus amigos alguma vez aceitariam? Valia à pena renunciar a tudo e a todos por amor? Era muito cedo para saber até que ponto seus sentimentos pelo Barak se fortaleceriam. Possivelmente só se tratava de um capricho passageiro.

Não, ela não arriscaria seu trabalho, o respeito de seu irmão e todo o resto por um homem

pelo que só estivesse deslumbrada. Tinha superado amplamente a etapa do simples desejo, mas não estava preparada para pensar quanto mais à frente tinha ido. Já lhe dava suficiente medo saber que tinha iniciado um caminho desconhecido e que possivelmente seria um caminho solitário.

Um suave golpe na porta traseira de sua casa a tirou de seu sonho. Não tinha deixado a luz exterior acesa por razões óbvias, mas quando se aproximou reconheceu o escuro contorno do homem que estava no pequeno alpendre. Abriu a porta e se lançou diretamente aos braços de seu amante.

O beijo do Barak fez que lhe curvassem os dedos dos pés sobre o tapete e que os ossos lhe derretessem. Ele foi devagar. Foram caminhando até a cama, mas não tinham nenhuma pressa em chegar. As mãos do Barak acariciaram as costas da Lacey da nuca até o traseiro, avivando o fogo que já ardia entre eles.

Com firmeza, Barak retrocedeu um pouco, deixando só a largura de uma mão entre os dois.

— O que tem posto? — perguntou-lhe com um ofego.

Barak seguiu a curva do peito dela através do tecido negro de encaixe e cetim.

— Comprei-o para esta noite, assim espero que você goste.

A evidente aprovação do Barak estava pondo em tensão a parte dianteira de suas calças.

Lacey girou sobre si mesmo para mostra-se um pouco.

Barak a atraiu para si e a apertou contra seu peito.

— Eu adorei.

Ela inclinou a cabeça para trás para lhe dar um beijo no pescoço e agarrou suas mãos para por sobre seus peitos. Como sabia ele a quantidade exata de pressão que se precisava para que ela gemesse pedindo mais? Lacey deslizou uma mão entre eles para acariciar o membro do Barak.

— Segue assim e não chegaremos nem a sua cama — disse ele.

Apertou o membro com suavidade e soltou uma risada ao perceber a imediata resposta do Barak.

Ele a agarrou em seus braços e a levou pelo curto corredor até seu dormitório. Deixou-a lentamente sobre a cama e se tirou a roupa. A suave luz das velas que Lacey tinha acendido envolveu seu corpo de guerreiro em uma cálida luz permitindo que o admirasse.

Um segundo depois, Barak estava a seu lado. E depois em seu interior. E tudo foi perfeito.

— Não pense tanto, Barak. — Lacey levantou a cabeça do peito do Barak, onde estava acurrucada. — Se não, darei-te algo no que pensar que não te faça estar tão carrancudo. — Baixou a mão por seu peito até o estômago e mais à frente. Barak fechou os olhos e sorriu enquanto lhe rodeava o membro com a mão e apertava com delicadeza. — Como isto. Assim vai bem?

— Sim.

— E assim? — brincou Lacey enquanto acariciava repetidas vezes o pênis do Barak.

— Assim também.

Então Barak inverteu os papéis e explorou a ela. Lacey soltou um gemido e se rendeu à força superior do Barak.

— Tome, Barak — gemeu. — Tome outra vez.

Ele se incorporou pela metade e se colocou no acolhedor oco de suas pernas.

— É tão formosa...! — disse-lhe com admiração.

Lacey sabia que não era verdade, mas assumiu que Barak acreditava que era certo. Cada movimento que ele realizava, cada carícia que lhe prodigalizava fazia que Lacey se sentisse mulher. Barak se inclinou para beijá-la e sua língua e seu sabor excitaram mais e mais a Lacey até que tudo o que existiu foi ele.

— Honra-me com sua acolhida, Lacey — murmurou Barak perto do ouvido dela.

A paixão fazia que seu acento gutural se acentuasse mais do normal, provocando estremecimentos de prazer pelo corpo de Lacey.

Enquanto a possuía, Lacey lhe rodeou a cintura com as pernas e as apertou contra ele com todas suas forças enquanto os dois cavalgavam sobre as ondas encrespadas da paixão.

— Sim, assim! Assim! — ofegou ela enquanto ele a enchia com sua força.

— Goza por mim, Lacey — pediu ele enquanto seus corpos, quentes e escorregadios pelo suor, deslizavam-se o um sobre o outro.

— Só se você gozar comigo — respondeu ela enquanto tentava tomar mais, mais e ainda mais dele.

Então a noite se fez pedacinhos a seu redor em uma explosão de luz, calor e júbilo.

Capítulo 16

— Não posso! Não me permitirá me aproximar dele.

Ben afrouxou o pescoço da camisa para aliviar o nó que lhe apertava a garganta. Os que estavam nos escalões mais altos da cadeia alimentar lhe tinham ordenado que encontrasse um ponto débil entre os Paladinos e, embora ele tivesse feito o que tinha podido, aqueles temíveis guerreiros não estavam dispostos a fazer-se amigos dos que eram como ele.

Nem sequer o bastardo do Penn Sebastian, a quem não tragava. Quem era ele para desprezá-lo? Uma coisa era dar-se de importante quando um brandia uma espada e trespassava a aqueles fetos dos Outros só por diversão, mas Penn estava fora de jogo, o que não o fazia melhor que ninguém. Pior ainda, porque ao menos Ben podia realizar o trabalho pelo que os Regentes lhe pagavam. Não era culpa deles que não ganhasse o suficiente para financiar sua afeição ao jogo.

Mas estava claro que à voz que procedia do outro lado da linha Telefónica não lhe importava nada de tudo aquilo. Um guarda e um Regente já tinham morrido por não cumprir com sua missão. Ben tinha que o ter presente.

— Verei o que posso fazer.

Evidentemente, isso não era suficiente. Ben afastou o telefone de sua orelha e deixou que aquele homem destrambelhasse um pouco mais. Não era uma questão de receber mais dinheiro; não valia a pena perder a vida por nenhuma quantidade de dinheiro, mas o frio medo que sentia nas vísceras lhe gritou que era muito tarde também para isso. Ou convencia ao Penn para que espiasse aos Paladinos em seu nome ou ele morreria. Mas, se Penn não era o elo débil que eles acreditavam que era, ele morreria de todos os modos. A questão era quem o faria sofrer mais.

Ben se estremeceu, consciente de que não tinha a ninguém a quem recorrer.

— Sim, senhor, compreendo-o, senhor. Conseguirei que se una a nós. O prometo. Embora possivelmente necessite ajuda.

A julgar pela oferta imediata de nomes e números de telefone, por fim tinha conseguido fazer algo bem. Depois de receber umas quantas instruções mais de último minuto, Ben pendurou o telefone. Pedir ajuda tinha sido uma genialidade. Agora só necessitava um plano para utilizar a seus novos lacaios.

Não podia arriscar-se a cometer outra falha como a da noite anterior. Suas lembranças estavam envoltas em uma espécie de neblina, mas ele despertou com uns quantos calombos que

não tinha quando saiu do trabalho. Recordava com clareza os três primeiros bares aos que tinha ido enquanto procurava o Penn Sebastian não se sentiu nada feliz ao vê-lo. Isso era indubitável. Se a memória não lhe falhava, Penn se tinha levantado com a chegada dele. O medo misturado com muitas cervejas deve ser uma má combinação e Ben suspeitava que deu com a boca a respeito da Lacey Sebastian.

Embora fosse certo que estivesse trepando com o Outro, seu irmão não tinha querido ouvir falar dessa possibilidade. Se é que Ben realmente o tinha comentado! Moveu a mandíbula de um lado ao outro e realizou um gesto de dor. Se de verdade tinha sido tão estúpido para dizer ao Penn, tinha sorte de continuar com vida.

O que de verdade não recordava era ter conduzido até sua casa e ter subido as escadas até seu apartamento. Um par de garrafas vazias junto a sua cama podiam ser as responsáveis por isso. Mas agora isso não importava. O que agora tinha que fazer era elaborar um plano para obrigar ao Penn Sebastian a trair os seus colegas Paladinos.

Se o conseguia, seria uma vitória histórica. Nunca se tinha produzido nenhum escândalo protagonizado pelos Paladinos.

Com o tempo, o trambique das pedras azuis do mundo dos Outros sairia à luz. À larga, Devlin Bane ou qualquer daqueles bastardos averiguaria o que estava acontecendo e decidiria acabar com aquele assunto.

E Deus os ajudasse a todos quando isso acontecesse!

Mas, de momento, Ben tinha que encontrar a melhor maneira de utilizar os pontos débeis do Penn Sebastian. Por isso ele sabia, a única pessoa pela que Penn se preocupava era sua irmã.

Se alguém a ameaçasse, Penn faria o que fora para salvá-la. Algo. Agora só tinha que encontrar a maneira de utilizar essa informação. Possivelmente, depois de tudo, ainda não fora homem morto.

Lacey exalou um suspiro e se apoiou no Barak. Pareciam incapazes de caminhar mais de uns poucos minutos sem tocar-se, beijar-se e respirar cada um a essência do outro. Ali, ao limite da natureza selvagem, eram livres de ser só um casal mais. As poucas pessoas que se encontraram subindo a montanha lhes tinham sorrido ou saudado com a mão, centrados em seu próprio desfrute daquele bonito dia.

— me beije! — disse Lacey, levantando o olhar para o Barak e sorrindo com os olhos cheios de uma promessa ardente.

Ele agarrou uma mecha solta de seu cabelo e o colocou detrás de sua orelha desfrutando-se em sua calidez. Sua amante era uma mulher maravilhosamente exigente. Quando seus lábios se uniram, Barak procurou a doçura da boca da Lacey com sua língua. Os murmúrios de incitação da Lacey o agradaram e uma energia renovada o percorreu da cabeça aos pés. Então o chão vibrou debaixo deles e Barak esteve a ponto de cair de joelhos. Ficou gelado, esperando, contra toda razão, que a repentina sacudida procedesse da intensidade paixão que compartilhava com Lacey.

Mas um homem sábio nunca mente para si mesmo, sobre tudo a respeito de algo que poderia lhes custar a vida a ambos. Barak interrompeu o abraço com suavidade desejando poder confiar a Lacey seus segredos. Mas não podia. Se ela se inteirava, esperaria que ele utilizasse sua percepção dos estados da montanha para ajudar aos Paladinos a gastos dos de seu mundo e sua honra.

O dilema o punha mais doente que o movimento das rochas debaixo de seus pés.

— Será melhor que voltemos? — disse, lhe dando ao Lacey um leve empurrãozinho na direção adequada: para baixo e longe da fúria da montanha.

— Que pressa tem?

Lacey tentou voltar para proteção de seus braços, para desespero do Barak.

– Quanto antes retornemos a sua casa, antes poderemos comer os restos da lasanha – insistiu ele.

Lacey sorriu.

– Está seguro de que a lasanha é o único no que está interessado?

Não era momento para brincadeiras, mas Barak não pôde resistir.

– Está procurando adulações, Lacey?

– Sim, é possível.

Seus olhos brilharam com bom humor e com a satisfação de uma mulher que sabia que seu homem a queria.

– Bom. Prepara uma lasanha estupenda. – disse.

A risada dela ressonou no ar do verão.

– Oooh, que adulator! Com este tipo de adulações conseguirá uma parte de lasanha fria e pouco mais.

Lacey lhe deu um beijo na bochecha e, obediente mente, começou a descer pelo caminho diante do Barak, rebolando um pouco mais do habitual como presente.

Barak, desejando estar equivocado, esperou até que Lacey tomou uma curva do caminho para tocar uma rocha próxima. A conexão sempre era maior se mantinha os olhos fechados. A rocha em seguida lhe contou a verdade.

A montanha trepidava com uma energia tenebrosa. Estava a ponto de soltar parte de sua fúria lançando pedaços dela mesma para o vale. Barak resmungou entre dentes desejando que suas palavras pudessem acalmar o terreno sob seus pés.

Entretanto, naquele momento, os desejos não iriam ajudar lhe muito.

Barak soltou a rocha e agarrou sua partedo equipamento. Pensou em deixá-la ali mesmo para poder correr mais depressa, mas isso despertaria perguntas que não podia responder. Quando alcançou a Lacey, seus sentidos vibravam pela crescente pressão que fazia tremer o chão.

Não conseguiriam chegar abaixo a menos que pusessem-se a correr imediatamente. Devia arriscar a segurança dos dois por culpa de seus segredos? Nem sequer tinha sentido expore essa pergunta.

Barak deixou no chão a geladeira e a caixa de ferramentas.

– Lacey, deixa o equipamento e põe-se a correr!

Ela o olhou com evidente confusão.

– Por que? – perguntou.

Barak agarrou o equipamento que Lacey sustentava e atirou dele.

– Solta-o e te ponha a correr – repetiu. – Explicarei isso mais tarde.

Embora não seria necessário. Se não andasse logo naquele mesmo instante, seria muito tarde para explicações.

– Corre!

Só tinham percorrido uma curta distância quando a primeira quebra de onda de energia explodiu no topo da montanha, provocando um deslizamento de cascalho pela ladeira.

– O que ocorre? – gritou Lacey, embora já sabia, porque finalmente se decidiu a pôr-se a correr tão depressa como o permitiu o íngreme atalho.

A segunda quebra de onda de energia estalou justo quando o caminho realizava um giro pronunciado. Barak e Lacey escorregaram pela levantada ladeira. Barak conseguiu cravar os pés no chão, mas ela não teve tanta sorte e caiu por um desnível aterrissando bruscamente sobre um tornozelo. Barak segurou seu braço para conter a queda. Não tinham tempo para fugir. A melhor opção era encontrar um refúgio longe das pedras rodantes e as árvores que resultassem arrancados pela raiz. Barak ajudou a Lacey a levantar do chão, deslizou um dos braços dela ao

redor de seus ombros e voltaram aos tropicões ao caminho, que mais adiante passava junto a uma pequena saliência. Barak em seguida caiu sobre Lacey e protegeu seu corpo com o seu. Encostaram contra a parede de rocha e esperaram a que a montanha se apaziguasse.

A seguinte sacudida foi menor, apedrejando-os com uma lacerante chuva de pedrass, mas em seguida se acalmou. A montanha permaneceu silenciosa durante vários minutos. Barak voltou a fechar os olhos e tocou a rocha para perceber o estado de ânimo da montanha. Experimentou um grande alívio quando quão único notou foi o murmúrio das últimas rochas hospedando-se em seus novos alojamentos.

Barak se sentou com lentidão e colocou o pé da Lacey sobre suas pernas.

— Me deixe examinar seu tornozelo — Lhe disse. — Parece que está quebrado?

Barak o moveu brandamente a ambos os lados e ela realizou uma careta de dor.

— Não, acredito que só é um entorse — respondeu a doutora.

— Poderei caminhar sempre que formos devagar.

Lacey se dispôs a levantar, mas Barak a deteve:

— Espere aqui enquanto vou procurar o equipamento.

Possivelmente, se não paravam de mover-se, ela não se perguntaria como tinha sabido Barak quando tinham que pôr-se a correr para escapar do deslizamento de pedras. Barak subiu penosamente pelo caminho, consciente de que cada segundo que estivesse longe ela o empregaria em pensar no ocorrido, mas não podia fazer nada salvo dar-se pressa.

A geladeira estava tombada, embora em bom estado. A caixa de ferramentas se abriu e umas quantas peças se pulverizaram pelo chão. O equipamento mais frágil, que era o que Lacey transportava, não tinha saído tão bem parado. Dois dos sensores se converteram em meras partes de plástico quebrado e cabos retorcidos, pois estavam no caminho que tinha seguido uma rocha bastante grande. A Lacey não gostaria de ter perdido dois instrumentos tão valiosos como aqueles, mas ao menos o monitor estava intacto.

Barak não podia levar tudo e, ao mesmo tempo, ajudar a caminhar a Lacey. Teria que acompanhá-la primeiro à caminhonete e retornar para segurar a equipamento. Não gostaria de deixar as coisas ali, mas não tinham mais remédio. Ao menos, quanto mais zangada estivesse, menos predisposta estaria a lhe fazer perguntas.

Barak sentiu um formigamento na pele, resultado da mescla do suor, o pó e o medo pelo que ia acontecer. Quando tomou a última curva do caminho antes de chegar aonde tinha deixado Lacey, soube que a sorte não estava de sua parte. Durante o curto espaço de tempo que ele tinha estado longe, teria se passado somando detalhes e chegando a uma única conclusão.

Lacey se levantou do chão, apoiou-se na parede da saliência e voltou seus zangados olhos azuis para o Barak.

— Você sabia, não é certo? — disse. — De algum modo, sentiu o terremoto antes de que acontecesse. Por isso tentava me convencer para que descêssemos da montanha.

O sentimento de ter sido traída se refletia em seus olhos, e Barak teve a tentação de negá-lo tudo. Podia fazer ver que não entendia o que lhe dizia, mas já não lhe importava que soubesse.

— Sim, sabia — confessou.

— Como?

Barak deixou o equipamento a um lado do caminho.

— Não responderei a essa pergunta. Agora quero te tirar daqui — disse.

Tentou agarrá-la pelo braço como antes, mas ela se separou dele, embora seu repentino movimento lhe fez mal. Lacey tentou manter o equilíbrio.

— Não... Me... Toque.

— Lacey, usa a cabeça. Não pode baixar sem ajuda. Aos guardas florestais não gostará de subir para te buscar só porque está zangada comigo.

– «Zangada» é um termo muito suave para o que sinto.

Lacey avançou uns passos coxeando para agarrar o ramo de uma árvore e utilizá-la como fortificação.

– Lacey...

– Não! Maldita seja, Barak, o que está em jogo aqui é o trabalho de toda minha vida, não um simples entretenimento! Passei anos inteiros tentando encontrar a maneira de prever os terremotos e as erupções vulcânicas. Você esteve trabalhando comigo dia a dia, vendo como suplicava para conseguir o dinheiro que necessitava para fazer que meu equipamento fosse sequer um por cento mais sensível. E durante todo esse tempo, você já conhecia as respostas a minhas indagações.

Lacey tropeçou enquanto a raiva a invadia em feitas ondas sucessivas.

– Ano atrás de ano – prosseguiu – , meus irmãos e seus amigos viveram ao bordo de uma contínua batalha, morrendo uma e outra vez para defender meu mundo. Certamente, divertia-te me vendo tentar lhes salvar a vida como uma idiota! – Uma lágrima lhe escorregou pela bochecha e a secou com o dorso da mão. – Deus, e me deitei contigo! É o inimigo de meu irmão e me deitei contigo! E o mais triste de tudo é que pensei que valia a pena pagar o preço que implicava estar contigo. – Os olhos lhe arderam de raiva. – E sabe o que é o mais divertido? Que acreditei que era um homem de honra! Barak sentiu que a dor da Lacey lhe arrancava o coração do peito. Acaso acreditava que ele não compreendia o custo do sacrifício?

Barak alcançou a Lacey e se interpôs em sua cambaleante descida da montanha.

– Sim, Lacey, posso sentir como se move a terra – Lhe disse. – Sim, sei quando um vulcão vai entrar em erupção. E sim, antes que o pergunte, às vezes sei quando e aonde vai se apagar a barreira. E sabe o que esse conhecimento me deu? Tudo, Lacey se estremeceu; entretanto, naquele momento Barak queria era seu ódio, porque ele se odiava a si mesmo tanto como ela o odiava.

– Nunca te contei por que abandonei meu lar – continuou – , onde minha habilidade era cobiçada porque ajudava aos que queriam ir-se dali. Os muito loucos acreditavam que tinham a possibilidade de estabelecer-se neste teu mundo. – Olhou a seu redor. – Tem idéia do que se sente ao perceber a calidez deste mundo depois de viver toda uma vida na fria escuridão do meu? Imagine o orgulhoso que sentia de jovem ao saber que contava com esse dom, com essa carga. Era insofrível. – Os pulmões lhe doíam pela necessidade que experimentava de abrir à purulenta e profunda ferida de seu interior. – Mas imagine, também, como me senti quando descobri que quão único encontravam a este lado era uma morte segura. Escolhi ser desprezado e me neguei a utilizar meu dom. Compreendo sua dor ao pensar em como poderia terminar a vida de seu irmão, mas se me neguei a utilizar meu dom para minha gente, como poderia utilizá-lo para a tua?

Barak separou a um lado, deixando o passo livre a Lacey. Como não lhe permitia tocá-la, agarrou seu pesado equipamento e a seguiu devagar montanha abaixo.

Lacey parou a caminhonete e a deixou em ponto morto. O tráfego total na interestadual era o final perfeito para um dia como aquele. O que queria era que Barak sáísse de sua caminhonete e de sua vida. Entretanto, tinham ficado apanhados juntos e durante o tempo que lhes levasse o trajeto a uns poucos metros por hora.

A traição do Barak tinha causado umas gretas enormes em seu interior e Lacey duvidava de que cicatrizassem alguma vez. Tinha entregado seu corpo, seu coração e, o que era pior, sua confiança. Ele sabia, sabia o que seu trabalho significava para ela.

Evidentemente, ele tinha tido que pagar um preço por seu segredo, mas, fora qual fosse esse preço, ao menos tinha sido uma decisão que tinha tomado por si mesmo como consequência de

um fato. Mas que lhe tivesse oculto a ela aquela informação evitando que realizasse importantes progressos que permitiriam salvar a vida de muitos Paladinos era cruel e injusto. E, se estava sendo egoísta, má sorte.

Os carros que tinha diante voltaram a mover-se. Lacey esperou até que avançaram o suficiente para que lhe compensasse trocar de marcha. Como a auto-estrada realizava uma curva um pouco mais adiante, Lacey pôde ver, por fim, onde terminava o engarrafamento. A menos que se produziu outro acidente mais adiante, logo poderiam circular com normalidade.

— me deixe no Centro e descarregarei o equipamento. — sugeriu Barak sem olhar ao Lacey.
— Irei para casa.

— Não quero que volte a entrar em meu laboratório nunca mais — respondeu ela bruscamente. — Já deixarei a equipamento amanhã.

— Logo que pode caminhar. Ao menos me deixe fazer isto por você.

Seu acento gutural se acentuou, denotando que as emoções que experimentava ainda eram muito intensas.

— Está bem. Deixa a chave sobre o balcão quando sair. — Lacey abandonou a auto-estrada na seguinte saída e conduziu o resto do percurso pelas ruas da cidade. — Encarregarei-me de que Ruthie te envie seu cheque por correio.

O silêncio que se assentou entre eles pareceu absorver até o último sopro de ar que ficava no interior da caminhonete. A dor que Lacey experimentava no peito piorou quando finalizou o trajeto. Barak saiu em silêncio da caminhonete e descarregou o equipamento. Antes que ela voltasse a arrancar o veículo, ele se aproximou da janela.

Negar-se a baixar o vidro era uma reação infantil e imatura, mas, naquele momento, Lacey não podia suportar a dor que lhe produziria falar com ele, ou fazer planos para o dia seguinte sem ele, ou pensar em como explicaria a todo mundo por que já não o queria em seu laboratório...

Outros lhes fariam perguntas, perguntas que nenhum dos dois queria responder. Lacey conduziu até sua casa sem pensar em nada mais que dar uma ducha quente e dormir chorando.

— te reúna comigo no ginásio. Agora!

Barak cortou a comunicação imediatamente para não dar ao Devlin a oportunidade de negar-se. O telefone voltou a soar em seguida, mas Barak não fez caso da chamada, recolheu o resto de suas coisas e saiu do laboratório.

Se não encontrava um alvo adequado para toda a raiva que sentia, faria algo estúpido. Como arrastar-se até a casa da Lacey prometer tudo se lhe permitia voltar a formar parte de sua vida. Ele se tinha agarrado a sua honra porque era tudo o que ficava, mas, sem ela, a honra era um frio acompanhante.

Não se arrependia do tempo que tinham passado um nos braços do outro, mas como poderia seguir com sua vida sabendo com exatidão o que tinha perdido?

Faria- um último favor ao Devlin retornando de novo à escuridão, mas realizaria uma pequena mudança de planos: quando convencesse a sua irmã de que tinha que cooperar com os Paladinos na questão das pedras azuis, entregaria-se às autoridades de seu mundo. Com sorte, a ordem vigente de execução se levaria a cabo com rapidez.

Sentiu-se aliviado ao ver que Devlin o estava esperando no ginásio. Em outro tempo e em outro lugar, teria se considerado afortunado por ter ao Devlin Bane como amigo. E, se podia julgar a um homem pela fortaleza e a honra de seus inimigos, sem dúvida Barak era muito afortunado.

Aproximou-se do Paladino desejando que as coisas se desenvolvessem de uma forma distinta.

— Um último duelo antes que leve a cabo minha missão para você? — perguntou-lhe. Bane o observou durante vários segundos, certamente vendo muito. Por sorte, não formulou nenhuma pergunta.

— Claro! — disse em troca. — Irá bem um pouco de treinamento.

Os dois homens ficaram em calças de esporte e desembainharam as espadas. Nessa ocasião utilizariam as de verdade. Barak realizou uma saudação e carregou contra Devlin sem prévio aviso, sem aquecimento, sem precauções. Bane retrocedeu até ficar fora de seu alcance, recuperou o equilíbrio e se lançou ao ataque. Barak foi vagamente consciente de que vários Paladinos se alinhavam pelas paredes procurando não estorvá-los. Proferiram exclamações de ânimo, a maioria a favor do Devlin, mas um ou dois animaram ao Barak quando realizou um bom ataque.

O aroma de tantos inimigos em uma mesma habitação embriagou ao Barak menosprezando sua habitual contenção quando se tratava de um combate de treinamento. Jogou uma olhada ao Devlin e a si mesmo no espelho que cobria uma das paredes do ginásio; ambos sorriam enquanto se recuperavam para voltar a atacar com todas suas forças.

Ao final, Bane teve a sorte de rechaçar um bom golpe e arrancou ao Barak a espada da mão, enviando-a dando botes pelo chão. Mas o Outro o investiu disposto a vencê-lo com as mãos.

Devlin retrocedeu dando ao Trahern e ao DJ a oportunidade de imobilizar ao Barak no chão. O Outro brigou contra os dois Paladinos lançando ao DJ a um lado, mas Trahern o assegurou contra o chão lhe fincando seu pesado joelho no peito.

Devlin se dirigiu ao resto dos espectadores:

— Seguro que todos têm algo melhor que fazer que nos olhar. Isto é só entre o Barak e eu.

Quando o ginásio se esvaziou, Trahern aliviou a pressão de seu joelho.

— Agora me vou levantar, Outro. — Disse. — Não me obrigue a te demonstrar quem dos dois sairia vencedor nesta briga.

Barak assentiu com a cabeça sabendo que sua briga não era contra Trahern; nem sequer contra Devlin Bane. Fechou os olhos e esperou a que sua respiração se normalizasse. Devlin lhe concedeu seu tempo e, quando ao fim pôde sentar-se lentamente, lançou-lhe uma garrafa de água.

— Agora quer me contar de que demônios ia isto? — perguntou-lhe.

— Não — disse Barak secamente, e bebeu de repente meia garrafa de água. Enquanto estivesse bebendo, não podia responder perguntas.

Devlin se agachou a seu lado.

— Quando baixará aos túneis para esperar a que a barreira flutue

— Quando sair daqui.

— Isso é antes do que eu esperava. — Devlin deixou que transcorressem uns segundos. — O que aconteceu para que troque seus planos?

Barak fixou o olhar na parede de frente evitando olhar ao Devlin aos olhos, pois era muito hábil descobrindo o que ocorria aos que estavam a seu redor.

— Não vejo a necessidade de demorá-lo — respondeu ao fim.

— Quanto mais espere, mais de meus morrerão na suas mãos.

Barak sentia o peso de todas aquelas almas perdidas. Aquela era sua carga, e não tinha direito a pedir ao Devlin que a compartilhasse com ele.

— Lacey me telefonou justo depois de que me convidasse a me reunir aqui contigo — disse Devlin, deslocando-se para olhar ao Barak aos olhos.

— Diz que posso utilizar seus serviços indefinidamente. De fato, permanentemente.

Maldição! Ele esperava que Lacey não decidisse nada, ao menos até a manhã seguinte, quando tivesse um maior controle sobre suas emoções. Estava claro que ao Devlin não tinha gostado de nenhuma daquelas chamadas.

— Acredito que funcionaria bem na lavanderia, não acredita? — Barak conseguiu esboçar

um leve sorriso. — As meias três - quartos você gosta dobrados ou enrolados?

— Maldita seja, Barak, não tem graça! Sabe muito bem que, assim que Laurel descubra que Lacey não quer que trabalhe com ela, pressionará-me para que volte com ela. — Devlin passou os dedos por seus cabelos. — E nenhum de nós quer que isso aconteça.

— Não seria nenhum problema — repôs Barak.

Sua afirmação era certa, mas inoportuna.

— Barak, o que você está escondendo? Apostaria meu último centavo a que Lacey tinha estado chorando, e você parece um morto vivente. Que demônios passou? Não posso resolver o problema se não saber no que consiste.

— Este problema não pode resolver, Devlin, assim nem sequer o tente. Não é justo para Lacey. Você mesmo o disse.

Barak bebeu o resto da água.

— E eu que demônios sei? Tampouco acreditava que Laurel me necessitasse em sua vida e olhe como acabou a coisa. — Devlin sorriu entre dentes. — Sigo esperando que ela se dê conta de que eu tinha razão, mas te asseguro que não serei eu quem o diga.

— Laurel é uma mulher inteligente, Devlin. Você a faz feliz.

— Eu a volto louca.

— Isso também. — Barak ficou em pé. — Não pressione a Lacey, Devlin.

Devlin agarrou a garrafa vazia do Barak e a esmagou.

— Eu não gosto que me dêem ordens, Outro. E você menos que ninguém — Lhe soltou.

— Então faz ver que sou um amigo teu que te pede um favor.

Barak agarrou a espada de seu pai e a levantou para que refletisse a luz. Não tinha nenhum herdeiro masculino a quem ceder-lhe, mas sua irmã a utilizaria com a honra que a espada merecia. Essa idéia o fez sentir-se bem.

Bane apoiou sua grande mão no braço com o que Barak sustentava a espada.

— Então, como favor a um amigo, não pressionarei a Lacey. — Disse. — Vamos tomar banho e, durante o jantar, elaboraremos os planos definitivos para que cruze ao outro lado.

As palavras do Paladino diminuíram a escuridão que rodeava ao Barak.

— Parece bem — respondeu. — Acredito que, inclusive, acreditarei-te.

Lacey queria morrer. A cabeça lhe doía até o ponto de lhe provocar náuseas e tinha os olhos inchados de tanto chorar. Considerou a possibilidade de beber até sumir-se em um torpor etílico, mas não havia nada mais patético que um bêbado choroso. Salvo por um bêbado choroso vomitando. Essa sim que era uma imagem penosa.

Envolveu-se o cabelo em uma toalha e vestiu suas calças de moletom favoritas. Estavam um pouco desgastados em alguns lugares e se mereciam o retiro, mas eram muito cômodas para apartar os da circulação. Além disso, naquele momento, a comodidade era o que mais necessitava.

«Barak.» Seu nome era suficiente para que a dor a rasgasse por dentro. A sensação era inclusive atroz. Levava três horas sem ele, por isso só ficava o resto de sua vida. Possivelmente deveria elaborar uma tabela e ir tachando as horas conforme fossem passando.

Quando deixariam de lhe doer sua perda e sua traição? Uma semana? Um ano? Uma eternidade?

Agarrou um lenço de papel para secar outra inundação de lágrimas. Aquilo era uma estupidez. Ao fim, não o conhecia há tanto tempo. Mas sim que o conhecia bem, ou, ao menos, enganou-se a si mesmo acreditando-o. Até que descobriu que ele tinha as respostas a todas as perguntas que ela se formulava a respeito da natureza da barreira e as coisas que provocavam seus blecautes periódicos.

Possivelmente, depois de uma noite de descanso, estaria melhor preparada para decidir aonde lhes levava tudo aquilo. Não é que fossem a nenhuma parte, ao menos não juntos. Seu chefe possivelmente não respaldasse sua decisão unilateral, mas ela estava decidida a manter-se firme nesse assunto.

Com pressuposto ou sem ele, Barak era história. Fora. Acabado. Adeus.

Enrugou o lenço e o atirou ao cesto de papéis. Depois se foi à cama.

Nada mais de entrar no dormitório, girou sobre si mesmo e se dirigiu ao sofá do salão. Não pensava dormir no matagal de lençóis que ainda conservavam o aroma do Barak.

Agarrou um DVD ao azar e ligou a televisão. O apresentador do canal local informava sobre o terremoto e dizia que o tinham notado até no Spokane, embora, segundo as últimas informações, não tinha havido nenhum ferido. Evidentemente, os corações quebrados não contavam.

Por fim começou o filme. Enquanto passavam os créditos, Lacey viu que tinha eleito A Bela e a Fera. Grande ironia! Duvidava de que, naquele momento, estivesse muito bela, mas Barak, definitivamente, era uma besta. Ela se tinha aproximado dele e o tinha aceito como amigo e como amante, e ele tinha traído sua confiança.

Barak tinha boas razões para manter seus segredos e ela compreendia as lealdades contrapostas às que se enfrentava, mas como podiam ter algum tipo de relação se ela não podia confiar em que lhe contasse a pura verdade sobre quem e o que era?

Lacey exalou um suspiro tremente. Tinha que reconhecer que Barak tinha tentado adverti-la, mas ela se negou a escutá-lo. Por que não o tinha pressionado mais para que lhe dessa informação sobre seu mundo? E por que o tinha abandonado?

Voltou a centrar-se em sua raiva. Se permitia vacilar, começaria a ficar do lado do Barak. De acordo, nunca antes tinha vivido uma relação tão intensa. Além disso, ele estava em um mundo estranho de estranhos costumes. Devia haver tantas coisas em sua nova vida que Barak considerava desconcertantes...!

Entretanto, os valores como a confiança e a honestidade foram além das fronteiras e, se ela não podia as compartilhar com o homem que amava, então tudo o que ficava era uma relação construída com hormônios. Desviou o olhar para o dormitório. As suas tinham sido uns hormônios muito potentes, mas não eram suficientes, nem muito menos.

Envolveu-se os pés na manta, pois estava gelada até a medula dos ossos. Tinha por diante uma noite larga e solitária, e o dia seguinte não parecia que fora a ser muito melhor. Fechou os olhos com determinação e se concentrou em relaxar os nervos que lhe oprimiam o estômago.

Como não se deu conta alguma vez de quão incômodo era o sofá? ficasse como ficasse, não encontrava uma posição confortável. Possivelmente dormiria melhor na cama do quarto de hóspedes. Teria que tirar as caixas dos adornos natalinos que ainda não tinha guardado mas não demoraria muito em fazê-lo.

Entretanto, antes de chegar ali, o telefone soou com seu assobio agudo e estridente. Com o coração em um pulso, Lacey contou os tons até que saltou a secretária eletrônica. Se era Penn, responderia a chamada. Tinha a garganta dura, mas convenceria a seu irmão de que estava agarrando um resfriado, assim não se apresentaria para ver o que lhe passava. Se tratava do Devlin lhe devolvendo a chamada, faria-o calar, diria-lhe que a deixasse tranquila e desligaria o telefone.

Mas não, como não, não era nenhum dos dois. A voz do Barak ressonou no vazio de seu coração. Sua voz áspera aumentou a pressão interior até que acreditou que a cabeça lhe ia explorar. Era tão grande a tentação de desprender o telefone, de lhe permitir que se explicasse e aferrar-se a qualquer desculpa que lhe oferecesse para acalmar sua dor...!

Mas, embora não era um Paladino, Lacey encontrou sua própria força de guerreira e se

conteve. Ou possivelmente não respondeu por covardia. Escutou as palavras do Barak e, continuando, o som de sua respiração entrecortada enquanto esperava a que ela atendesse.

Ao ver que a espera era inútil, Barak exalou um suspiro carregado de arrependimento e de dor.

— Sinto muito, Lacey. — Disse. — Oxalá tivesse sido diferente. Oxalá eu pudesse ter sido diferente. — produziu-se outra pausa prolongada e Lacey temeu que terminasse com sua determinação. Ao final, Barak prosseguiu — : Espero que algum dia possa olhar atrás... Ao que nós... Recorde parte do que vivemos sem arrependimento. Adeus.

Então Barak desligou, e Lacey chorou.

Capítulo 17

— Essa é ela. — Ben assinalou a Lacey Sebastian e voltou a ocultar-se.

Seus dois companheiros pareceram muito indignados. O mais alto dos dois, e que levava um palito entre os dentes, respondeu à pergunta:

— Se quiser, podemos agarrá-la agora mesmo. Assim nos economizamos tempo.

Os valentões que lhe tinham proporcionado não se sentiam nada impressionados pelo Ben, mas não lhe importava, sempre que fizessem seu trabalho. A fim de contas, era ele quem tinha o dinheiro. Ou faziam o que lhes ordenava ou não receberiam.

Embora, tendo em conta o número tatuado que testemunhava que tinham estado na prisão, Ben duvidou de que tivesse as bolas de não lhes afrouxar a massa. Os olhos daqueles homens eram totalmente inexpressivos, de uma aparência quase réptil. Se não estivesse tão desesperado, inclusive teria sentido lástima pela Lacey Sebastian.

— me dêem meia hora antes de fazer o trabalho — lhes disse. — E levem ao lugar que lhes mostrei no mapa. Quando sair do trabalho, reunirei-me ali com vocês. É importante que siga minha rotina habitual.

O outro pôs-se a rir com ironia.

— Sim, não queremos que ninguém acredite que você tem as mãos sujas, não? Está bem. Jack e eu nos ocuparemos do assunto.

Jack assentiu com a cabeça e perguntou:

— Importa-lhe se nos entretemos um pouco com ela quando a tivermos a boa cobrança?

Quando Ben compreendeu o que lhe estava pedindo aquele homem, respondeu:

— Não! Não tem que sofrer nenhum dano, entendido?

Claro que tampouco podia fazer grande coisa para impedir-lhe. Um ar frio o percorreu por dentro gelando-o até os ossos. Já era bastante mau que estivesse conspirando contra um Paladino ameaçando a sua própria irmã. Mas que aqueles valentões queriam fazer mal a Lacey Sebastian simplesmente por passar o tempo...! Não queria nem pensá-lo! Tragou saliva com dificuldade e tentou desfazer o nó que tinha no estômago.

— Raptam-na, levam-na ao túnel e me esperam ali. Isso é tudo. Nada mais.

Jack se encolheu de ombros.

— De acordo, nada mais. — Deslocou o palito ao outro extremo de sua boca e sorriu. — Mas isso lhe custará mais caro. Ódeio me aborrecer.

— De acordo. — Ben separou cinco bilhetes de vinte dólares do montão que guardava no bolso. — Quando comprovar que a doutora Sebastian está ilesa, subirei a gorjeta.

Bom, já tinha feito tudo o que podia fazer para manter a salvo a aquela mulher. Por sorte, sua consciência se foi atrofiando anos de mentiras e enganos para pagar às enormes dívidas acumuladas por causa do jogo. Mas não era necessário sentir respeito pelas pessoas mesmo para ter um forte sentido da auto proteção. Tinha que decidir entre Lacey Sebastian e ele, o resultado estava claro.

Má sorte para ela!

Barak contemplou a parede vazia que tinha em frente.

Estava claro que Lacey se arrependia da relação que tinham mantido. Ele sentia muito que ela tivesse sofrido, mas não lamentava sequer um minuto dos que tinha passado com ela. Possivelmente poderia lhe ter contado seu segredo, mas então os dois teriam tido que viver com esse sofrimento. Ela se haveria sentido destroçada, dividida entre o amor que sentia pelo Barak e o que experimentava por seu irmão e o resto dos Paladinos.

Uma chamada à porta o devolveu à presente.

Barak agarrou sua espada e apagou as luzes. Sabia que devia ser um dos Paladinos. A barreira se estava debilitando outra vez. A energia tinha estado emitindo zumbidos com alguma que outra cacofonia ocasional, sinal indubitável de que estava a ponto de apagar-se.

Cullen Finley tinha levantado o punho para voltar a chamar quando a porta se abriu, e o Paladino teve que apartar-se para que Barak pudesse sair e fechar a porta detrás dele.

— Devlin me pediu que te recolha — disse Cullen. — Agradeço-te que me leve.

Barak seguiu ao Cullen escada abaixo e ao exterior, onde os esperava um esportivo de uma viva cor vermelha. Barak se deteve para examinar o veículo. Gostou do desenho e a forma em que anunciava, a gritos, poder e velocidade. Contemplou ao Cullen e tentou associar o que sabia do Paladino com a imagem que transmitia aquele carro.

Não encaixavam muito. Cullen era conhecido por ser o Paladino calado e pensativo. Todos iam a ele quando necessitavam uma opinião sensata. Mas também era um guerreiro. Possivelmente o fato de que conduzisse aquele carro não fora tão surpreendente.

Cullen se inquietou um pouco.

— Acabo de comprá-lo. — Disse. — O que opina?

Barak rodeou o carro assentindo com a cabeça ante o que via.

— Invejo-te por poder desfrutar dele, Cullen.

Cullen curvou a boca em um sorriso furtivo.

— Devlin me disse que te apanhasse e te levasse a barreira, mas não me indicou a rota que tinha que tomar. O que te parece darmos uma volta?

— Será uma honra — respondeu Barak com sinceridade.

Se aquele ia ser seu último dia em Seattle, gostaria de poder despedir-se com estilo. Sentou-se no assento do passageiro e se reclinou disposto a desfrutar da viagem.

O túnel estava repleto. Barak esperava que estivesse Devlin, e possivelmente também Trahern, mas Cullen tinha baixado com ele junto ao DJ e Lonzo.

Quando ouviram que se aproximavam, Devlin e Trahern deixaram de falar e observaram ao Barak. Acreditavam acaso que tinha trocado de opinião em relação à missão? Se seu conhecimento limitado a respeito das emoções humanas não estava equivocado, o que percebia em seus rostos era arrependimento.

Devlin em seguida tomou a iniciativa:

— Eu não gosto dessa idéia, Barak. Tem que haver uma forma de fazer que ela venha para nosso lado da barreira.

Embora essa forma existisse, Barak não arriscaria a vida de sua irmã fazendo-a cruzar a este mundo. A transição já tinha sido bastante difícil para ele, e ele o tinha feito por vontade própria. Ela odiaria ver-se apanhada ali.

— É mais fácil assim — respondeu.

Entregaria a mensagem e se submeteria ao destino que aguardasse, fora qual fosse.

Trahern se inclinou para o Barak.

— Não faça nada heróico nem estúpido — Lhe advertiu.

O tom de sua voz indicava claramente que ambos os términos eram intercambiáveis.

— Sim, senhor!

Barak se permitiu esboçar um leve sorriso. Os outros permaneciam a seu redor, esperando a que algo acontecesse. Barak desejou que se fossem. Se sua irmã o estava esperando, não sentaria nada bem vê-lo rodeado de seus inimigos.

— Tenho cotado tudo o que sabemos, pois supus que alguém do outro lado poderia traduzi-lo a seu idioma. Se te parecer que a barreira não vai permanecer apagada o tempo suficiente para que explique em pessoa, e traz seu traseiro de volta a casa a toda velocidade.

«Casa.» Aquela palavra ardeu com calidez no coração do Barak.

— Obrigado, Devlin — respondeu. — Por tudo. Agora, me deixe fazer o trabalho.

O fornido Paladino franziu o sobrecenho lhe estendeu a mão. Barak aceitou seu gesto. Trahern o olhou aos olhos e o saudou com um gesto da cabeça. DJ lhe deu uma palmada amistosa no ombro e seguiu, com o Lonzo, ao Devlin e ao Trahern. Barak e Cullen contemplaram em silêncio como se afastavam seus companheiros.

— Não tem por que esperar comigo — disse Barak, apoiando-se contra a parede do túnel em um vão intento de parecer relaxado. Tinha as vísceras encolhidas pelo que ia passar, por isso ia perder e pelo que já tinha perdido.

No passado estava acostumado a contemplar a barreira desde seu mundo durante horas, pois adorava o jogo de luzes e cores. Entretanto, desde este lado era distinto. Possivelmente porque em seu mundo a barreira se considerava o portal a um lugar melhor. Ao retornar ali, enfrentava-se a mesma dor que o tinha empurrado a abandoná-lo em um princípio.

Cullen se sentou no chão deixando claro que não tinha intenção de ir-se.

— Devlin não queria que estivesse sozinho — declarou. — Não gosta de tudo isto.

— E a você ?

O silencioso Paladino se encolheu de ombros.

— Por isso sei, sempre estivemos em guerra. Até que você chegou, nunca duvidamos de que assim era como tinha que ser. Tudo isto me resulta inquietante.

— Eu não sou distinto aos que morrem por suas espadas.

O certo era que também ele podia sentar-se. Era possível que passassem horas, inclusive dias antes que a barreira se apagasse. Barak fechou os olhos e aguçou seus sentidos para se aprofundar nas paredes de rocha que os rodeavam. Não, não demoraria.

Cullen sacudiu a cabeça.

— não me trago isso, Barak — prosseguiu. — Possivelmente você o veja dessa forma, mas é impossível que nós vermos como você. Vimos muitos loucos enfurecidos carregar contra nós com

a morte refletida nos olhos.

– Segundo seus próprios cientistas, você e eu temos gens em comum. Na história de seu mundo, alguns dos teus deviam aceitar a alguns dos meus.

Barak esperava ser um exemplo mais deste fato.

A conversa tinha chegado a um ponto morto, pois nenhum estava de humor para bate-papos banais enquanto esperavam. Ao cabo de um momento, Cullen tirou um baralho de cartas e começou às baralhar para entreter-se. O suave sussurro das cartas ressonava acima e abaixo do túnel.

– Então... A mulher com a que te vais encontrar... Conte-me mais a respeito dela – disse Cullen. Ao falar, mantinha o olhar fixo nas cartas, o que, unido ao tom cuidadosamente neutro de sua voz, despertou a suspeita do Barak.

– por quê? O que quer saber dela? – inquiriu.

Cullen baralhou e baralhou as cartas. Depois as colocou formando um desenho que só tinha sentido para ele, e finalmente levantou o olhar.

– Acredito que a vi em uma ocasião. – Sua mão se deslocou até roçar uma pequena cicatriz que tinha a um lado do rosto. – Não muito antes que cruzasse a este lado, produziu-se uma grande batalha algo mais ao sul de onde estamos agora. Lonzo resultou ferido e quase o perdemos. Seja como for, estávamos recolhendo aos mortos e os feridos quando uma mulher e vários homens dos teus carregaram contra nós do outro extremo do túnel. Devlin se enfrentou aos homens, mas a mulher me desafiou. – Cullen lançou um olhar ao Barak. – E quase me matou! Fora quem fosse, era uma lutadora fantástica.

– Não sabia que ela tivesse cruzado a barreira alguma vez. Empurrou-a de volta ao outro lado?

Deuses! Embora sua irmã fosse muito boa lutando, os Paladinos eram melhores que ela. Poderia ter morrido!

– Em realidade, não – respondeu Cullen. – Acredito que ela e seus companheiros se viram apanhados neste lado enquanto tentavam retornar a seu mundo. Quando a barreira voltou a flutuar, retornaram sem titubear ao outro lado. Só a vi nessa ocasião.

Em realidade, Cullen parecia desiludido. Barak lutou contra a necessidade de dizer ao Paladino que sua irmã estava fora do alcance dos que eram como ele. Mas quem era ele para dizer algo assim? Penn Sebastian sentia o mesmo a respeito do interesse que ele sentia por sua irmã, e Barak se negava a ter em conta seus sentimentos.

O ruído das portas do elevador fez que os dois homens se incorporassem com as espadas em mão. O mais provável era que se tratasse de um dos Paladinos, que se tinha esquecido algo, mas nem Cullen nem Barak pensavam arriscar-se atuando com despreocupação. Ou possivelmente Devlin enviava um pouco de comida. Um ato assim era típico dele.

Mas não. Barak olhou ao Cullen e lhe perguntou:

– Esperava ao Penn?

Cullen parecia tão surpreso pela aparição do Paladino lesado como Barak.

– Ainda está em serviços restringidos – respondeu. – Nada de baixar aos túneis. Parece de saco cheio, mas isso é normal nele ultimamente.

Barak tinha um mau pressentimento. Durante os treinamentos, Penn tinha chegado a mostrar-se mais civilizado com ele. Entretanto, a julgar por sua expressão naquele momento, voltavam a representar seus velhos papéis de inimigos a morte. Barak se preparou para um ataque iminente e esperou com a mão apoiada no punho de sua espada.

Penn se dirigiu diretamente a ele, com os punhos apertados e os nódulos brancos:

– Você, maldito Outro! O que tem feito com a Lacey?

Barak ficou paralisado enquanto refletia sobre o que responder, o que permitiu ao Penn

aproximar-se dele até alcançar uma distância de escassos centímetros. Barak fazia muitas coisas com a Lacey, mas não tinha vontades de comentar nenhuma delas com o Penn.

Cullen interveio, interpondo-se entre eles:

— te largue, Penn! Barak está aqui cumprindo ordens do Bane, que é muito mais do que posso dizer de você.

— Vai a merda, Finley! — replicou Penn. — Quero saber o que tem feito este bastardo com minha irmã.

Deu ao Cullen um forte empurrão, mas o Paladino se girou contra ele com ímpeto.

— Maldita seja, Sebastian! — exclamou. — Cai fora daqui e deixa de te comportar como um filho da puta! E se tiver algum problema com o Barak, diga ao Devlin. Se seguir agindo desta maneira, terá sorte se não lhe injetarem uma boa dose de toxinas no corpo.

Pouco ficava do comportamento tranquilo do Cullen. Penn voltou a empurrá-lo.

— Vai você falar com o Devlin! — espetou-lhe. — E, de passagem, peça que te explique como é que ele confiou este bastardo a minha irmã para mantê-lo afastado de sua querida tutora. E agora Lacey desapareceu. Alguém a raptou, e o único que me contam é uma merda a respeito de umas pedras azuis que procedem do outro lado da barreira.

Penn voltou a arremeter contra eles e, depois de lançar ao Cullen a um lado, agarrou ao Barak pelo pescoço. O Outro estava muito aturdido pelas palavras do Penn para oferecer resistência.

Apesar da pressão das mãos do Penn em sua garganta, conseguiu dizer com voz entrecortada:

— Quem raptou a Lacey, Penn? E o que tem que ver isso com as pedras azuis?

— diga-me isso você! — bramou Penn. — A julgar pelo estado de sua cozinha, ela resistiu, mas agora não está. Quão único deixaram seus raptos é uma nota me dizendo que, se não averiguar quem está tentando interferir no comércio das pedras azuis através da barreira, matarão a Lacey. — Seus olhos brilharam de raiva. — Como você é o único bode que conheço do outro lado da barreira, imagino que deve estar comprometido neste assunto até as sobrancelhas. E agora me diga: onde está minha irmã?

— Maldito seja Penn, se não o deixa respirar, não te pode responder! — Cullen conseguiu separar uma das mãos do Penn da garganta do Barak.

Barak conseguiu inalar uma baforada de ar e tossiu.

— Eu nunca faria mal a sua irmã. — Disse. — A quero muito.

Deu-se conta de seu engano assim que as palavras saíram de sua boca. A reação do Penn não se fez esperar. O punho do Paladino subiu como um meteorito e golpeou a cabeça do Barak, enviando-o contra a parede de pedra que tinha detrás.

— Deixa de falar assim de minha irmã, bode! — gritou Penn. — Será melhor que me diga onde a tem seqüestrada antes que te abra as tripas aqui e agora!

O furioso Paladino apertou a mão que ainda mantinha no pescoço do Barak e este acreditou que o sangue desaparecia de sua cabeça, dificultando que respirasse e inclusive que pensasse. Alguém tinha seqüestrado a Lacey? Mas com que motivo? Ela não tinha nada que ver com as pedras azuis.

Barak sacudiu a cabeça para limpar-se. Nenhum deles poderia ajudar a Lacey a menos que pensassem com clareza, mas Penn não atenderia a razões até que Barak o obrigasse a fazê-lo. Fazendo caso omissos dos esforços do Cullen por tranquilizar ao Paladino, Barak contra-atacou lançando-se contra o duro chão de pedra. O impacto lhe sacudiu a espinha, mas conseguiu dar a volta e reter o Penn com o peso de seu corpo.

— me solte! — bramou Penn, enquanto tentava tirar-se o Barak de cima.

— Não te soltarei até que me escute. — Barak deslocou o peso de seu corpo apoiando com

firmeza um joelho no peito do Penn. — Eu não raptei a Lacey. Nunca lhe faria mal!

Ao menos não dessa forma.

— Vai ao inferno! Encontrarei-a e, depois, matarei-te!

— Deixarei-te tentá-lo, se isso for o que necessita para entrar em razão, mas eu não seqüestrei a Lacey. Temos que averiguar quem o fez e onde a têm antes que a matem.

A idéia de que estivesse ferida e assustada o enfurecia.

Ambos os homens se olharam com fúria aos olhos, conscientes de seu mútuo ódio e de seu desejo de proteger a Lacey. Penn fez esforços por controlar-se e seu corpo começou a relaxar-se.

— Quem mais pode havê-la seqüestrado? — disse ao fim. Sua voz soou rasgada pela dor e o medo ao pensar que podia ter acontecido algo a sua irmã.

— Se te solto, poderemos analisar a situação juntos — repôs Barak.

Esperou a que Penn assentira antes de levantar-se. Logo lhe ofereceu a mão para ajudá-lo a incorporar-se, mas não surpreendeu que o Paladino se negasse a aceitar sua ajuda.

Penn limpou o sangue que lhe brotava do lábio e olhou com raiva ao Barak e ao Cullen.

— Se não estão implicados nisto, por que estão os dois aqui embaixo? — perguntou.

Barak olhou ao Cullen, quem se encolheu de ombros deixando que Barak decidisse o que lhe contar e que não lhe contar ao Penn. Não era o momento de andar-se com segredos. Não, estando à vida da Lacey em jogo.

— Alguém esteve contando a minha gente que podem comprar sua entrada a este mundo com umas pedras azuis do outro lado — explicou — O guarda que seqüestrou a Laurel Young estava envolto na trama, e também o Regente que assassinou ao juiz Nichols com um carro bomba. Devlin esteve tentando seguir o rastro da corrupção para detê-la, mas com escassos resultados. — interrompeu-se para ver se Penn o seguia ou se Cullen queria acrescentar algo. Como nenhum dos Paladinos disse nada, continuou — : vou retornar a meu mundo para me pôr em contato com alguém que pode nos ajudar do outro lado. Cullen está esperando comigo até que a barreira se apague.

Penn não se incomodou em ocultar sua surpresa:

— Que retorna a sua casa? Lacey sabe?

— Pelo que sabemos ninguém mais está sabendo. Esperávamos que pudesse cruzar ao outro lado e retornar aqui sem que ninguém me sentisse falta.

Bom, isso é o que Devlin esperava, mas Barak nem sequer pensava tentá-lo.

— E por que foram contra minha irmã? Sua única conexão com este assunto é sua relação contigo. — Penn se passou os dedos pelo cabelo enquanto dava uns passos e voltava sobre estes com nervosismo. — Tem que haver algo mais.

Cullen se agachou para recolher suas cartas, que estavam pulverizadas pelo chão.

— Devlin me encarregou que penetrasse no computador do Ben Jackson. — Disse. — É possível que ele tenha algo que ver em todo este assunto.

Penn se voltou para o Barak de repente.

— Ben esteve me seguindo ultimamente, embora não saberia dizer a que se deve esse repentino interesse por ser meu amigo!

— Se Ben Jackson está submerso nesta trama, alguém pode lhe haver apertado as bolas para que fizesse um relatório sobre o que sabemos a respeito da conspiração — refletiu Cullen.

Barak realizou uma careta.

— Todo mundo conhece como são Unidos os Paladinos. — Disse. — Só um louco acreditaria que um deles trairia ao resto.

Penn ficou pálido.

— A menos que um dos Paladinos já não funcionasse como Paladino, como eu, por exemplo. Jackson podia pensar que sou vulnerável e, ao ver que não me tragava ser seu amigo, decidiram ir

por minha irmã.

Barak pensou no pouco que sabiam do Ben Jackson.

— Não acredito que Ben atuasse sozinho nisto — raciocinou. — É um homem ambicioso, mas Lacey cresceu entre guerreiros e está orgulhosa de suas habilidades como lutadora; habilidades que aprendeu de você, Penn. Apostaria algo a que teria vencido ao Ben com facilidade.

Penn voltou a caminhar de um lado a outro.

— Suponhamos que Ben conta com alguém que o ajude — admitiu.

— Mas isso não nos contribui com grande coisa. Poderia ser qualquer e poderiam havê-la levado a qualquer parte.

Ao Barak ocorreu uma idéia:

— Jackson terá assegurado de que não possamos inculpá-lo, assim ainda deve estar no trabalho. Se formos ali agora, poderemos segui-lo.

Justo então, a barreira flutuou. Umas franjas de feias cores subiram e desceram por toda sua longitude. Barak ficou paralisado. O que podia fazer com a missão? Se faltar à entrevista, não sabia se sua irmã estaria disposta a voltar a tentá-lo. Sem dúvida não compreenderia que ele tivesse escolhido ajudar a uma mulher humana por cima das necessidades de seu mundo.

Cullen o estudou com seu tranqüilo olhar, sabendo o dilema ao que se enfrentava. Esperou para ver o que decidia Barak. Mas não havia eleição possível. Penn estava a ponto de largar-se para resgatar a sua irmã e necessitaria ajuda. Quando a barreira se apagasse, o que ocorreria logo, Devlin e o resto dos Paladinos teria que ocupar seus postos para defendê-la.

— Tenho que ir com o Penn — disse Barak finalmente. Tirou o envelope que continha a mensagem do Devlin para sua irmã, rabiscou umas quantas linhas e o entregou ao Cullen. — Quando a barreira se apague, lança-o ao outro lado e, depois, faz o que tenha que fazer para defender seu mundo. Pode que Lusahm atue razoavelmente, mas pode que não. Quando Lacey esteja a salvo, voltarei a tentá-lo.

Cullen assentiu com a cabeça.

— Eu me encarrego. E chama o DJ, ele pode te dar um hábil aparelho eletrônico que permitirá seguir o rastro do Jackson.

Penn sabia qual era o carro do Ben, assim asseguraram ao chassi o pequeno artefato que permitiria segui-lo de longe. Estava comprometido no seqüestro, já estaria bastante nervoso e não era esta questão. Enquanto acreditasse que estava livre de toda suspeita, resultaria-lhes mais fácil lhe seguir os passos.

No interior do carro do Penn, Barak sentia incômodo. Cada segundo que transcorria lhe recordava o tempo que Lacey estava passando assustada, e possivelmente ferida. Pode que inclusive morta. Não, não podia pensar nessa possibilidade, se não, não poderia atuar adequadamente. Que tipo de bodes eram capazes de ameaçar a uma mulher? Uns bodes próximos à morte, se Barak e Penn punham as mãos em cima.

Durante a hora que levavam vigiando o edifício. Penn não tinha pronunciado mais de meia dúzia de palavras. O Paladino estava fundo no assento e esquadrinhava sem descanso a rua com olhos raivosos, como se com a mera intensidade de seu olhar pudesse fazer aparecer ao Ben Jackson. Entre eles reinava um silêncio espesso.

Barak agitou com intranqüilidade. A falta de ação esticava seus nervos até o limite. Ter a mão apoiada no punho da espada o ajudava, pois sabia que logo a empaparia com o sangue de seus inimigos. Essa idéia avivou sua necessidade de luta. Penn lhe tinha dado uma pistola, mas Barak estava pouco acostumado a esse tipo de armas. Seria mais útil com a espada.

Barak fechou os olhos imaginando o doce prazer que sentiria ao atravessar as tripas daqueles bastardos e pulverizar suas vidas pelo chão em meio de gritos sangue e dor. Era o mínimo que podia fazer para vingar a sua mulher. Embora Lacey já não fosse mais.

Algo se moveu entre dois carros estacionados e chamou sua atenção. Penn se incorporou com lentidão enquanto observava ao homem que acabava de sair do edifício. Ben Jackson por fim tinha aparecido. A julgar pela forma em que olhava incessantemente a um lado e a outro, eles tinham razão: Ben era culpado e estava preocupado. Má combinação.

– A esse filho de puta eu o matarei – grunhiu Penn.

– Devlin teria algo que dizer a respeito, porque Jackson é a primeira pista sólida que temos.

– Barak se voltou para o Penn. – Mas eu o sujeitarei enquanto você o estripa, parece-te bem?

Como resposta, Penn realizou uma careta que teria feito tremer de pés a cabeça ao mais bravo dos homens.

– Parece-me bem.

Jackson incorporou seu carro ao tráfico, olhando pelos espelhos retrovisores todos os poucos segundos. Se a situação não fora tão grave, teria resultado divertido vê-lo retorcer-se de nervos. Fazia bem em estar preocupado. E, quanto mais transtornado estivesse, mais provável seria que cometesse um engano. Preferivelmente um fatal.

Penn esperou até que Jackson tomou um beco, mais adiante, para pôr em marcha seu carro. Quando o carro do Ben desapareceu da vista, comprovaram a leitura do aparelho de rastreamento. De momento funcionava à perfeição. Sempre que se mantiveram a menos de três quilômetros de sua presa, o sinal seria estável.

O tráfico na interestadual e na direção ao sul era o bastante denso para lhes proporcionar uma boa cobertura e, ao mesmo tempo, permitir avançar a boa velocidade para seu desconhecido destino. Ao Penn preocupou que Jackson se dirigisse a sua casa, obrigando-os a permanecer sentados frente a seu apartamento durante horas. De repente, sem conectar as luzes de alerta nem realizar outro aviso, o carro do Ben cruzou a auto-estrada. Penn soltou uma maldição e diminuiu a marcha. Ou ao tipo lhe tinha surto uma necessidade urgente de comprar no centro comercial que havia ao lado da auto-estrada, ou queria despistar os seus possíveis seguidores. Por sorte, vários carros se deslocaram para tomar aquela mesma saída, o que proporcionou ao Penn a cobertura que necessitava para seguir ao Jackson.

– O ardiloso bode quase me pegou. – Penn colocou o óculo de sol.

Procurando na parte de atrás um par de boines de beisebol pelo chão.

Barak as encontrou, entregou uma ao Penn e se recolheu o cabelo na parte superior da cabeça antes de colocar a sua.

– Boa idéia. – Disse. – Pode que não te identifique, mas meu cabelo chama muito a atenção.

– Aí atrás também há uma jaqueta. Deveríamos trocar de aspecto tanto como possamos. Mais adiante pode te deslizar para baixo para que pareça que vou sozinho.

– Outra boa idéia. – Barak se ficou a jaqueta e a grampeou. – Esta é a estrada que sua irmã usa para ir ao monte Rainier.

– Sim. Começo a pensar que utilizaram um dos velhos túneis da montanha. A barreira se manteve estável nessa zona durante anos, assim não patrulhamos muito por ali. Direi ao Bane que deveríamos estender a vigilância às zonas mais remotas.

O tráfico se fez menos denso e o Paladino diminuiu a marcha para não assustar ao Jackson.

– Acredita que está em contato com os seqüestradores? – perguntou.

– Eu diria que sim, porque não acredito que confie em ninguém tanto como para não o ter vigiado. Mas se seus cúmplices estão no subsolo e perto da barreira, o uso do celular lhe resultará limitado. Nós teremos o mesmo problema se tivermos que chamar para pedir reforços.

Uma quebra de onda de energia percorreu o corpo do Barak e lhe revolveu o estômago, e teve que agarrar-se ao bordo de seu assento para não cambalear-se.

— A barreira se está debilitando — anunciou. — Não receberemos ajuda.

Penn lhe lançou um olhar inquisitivo.

— Como sabe?

Barak não se incomodou em lhe mentir.

— Não sei se é um dom ou uma maldição, mas posso senti-lo. Sobre tudo quando a barreira flutua e se debilita. E agora mesmo se está debilitando. Logo se apagará.

Barak fechou os olhos para dominar as náuseas crescentes que experimentava.

Penn soltou uma maldição.

— Lacey sabe que pode senti-lo? — perguntou . — Porque isso é o que ela esteve tentando conseguir durante todo o tempo, uma forma de predizer quando se apagará a barreira.

A primeira quebra de onda de energia se desvaneceu. Bem, a barreira só devia ter flutuado durante uns segundos! Barak refletiu a respeito de sua resposta.

— Ela o descobriu — disse.

Pela primeira vez, a risada do Penn soou genuína.

— Aposto-me algo a que tentou te chutar o traseiro por lhe ocultar esse pequeno detalhe. Minha irmã tem um gênio vivo e não é fácil acalmá-la. Claro que isso não é nada comparado com o que Bane dirá quando se inteirar de que guardou esse peculiar segredo para você.

— Não utilizarei meu dom a favor dos Paladinos. — Barak falava a sério, embora manter sua postura lhe custasse a vida . — Deixei meu lar para vir a este mundo, mas isso não significa que não me preocupe com os meus.

Fixou o olhar na pequena tela que monitorava os movimentos do Ben Jackson.

— tornou a trocar de direção — observou. — Segue uns dois quilômetros dos seus e depois gira à esquerda — ordenou ao Penn.

Endireitaram-se em seus assentos, pois sabiam que se aproximava o momento de enfrentar-se a seus inimigos. O monte Rainier se elevava no horizonte, com suas nevadas ladeiras cintilando à luz do sol poente. A estrada se estendia frente a eles e cada quilômetro os aproximava mais e mais a Lacey.

Barak deslizou os dedos pelas incrustações de sua espada e rezou pela segurança de sua mulher a todos e cada um dos deuses que queriam escutá-lo. Ela merecia algo melhor que morrer na fria escuridão dos túneis que havia no interior da montanha.

Barak fechou os olhos e recordou o cabelo dourado como o sol de Lacey e seus olhos azuis como o céu; uma mulher da luz que, durante um curto espaço de tempo, tinha esquentado sua fria e escura alma.

Capítulo 18

O medo tinha um sabor amargo que a fez tremer no interior do frio e úmido túnel. Lacey não fez caso do desconforto que sentia e se concentrou em seus punhos enquanto tentava livrar-se das ataduras. Tudo era melhor que pensar em como a tinham golpeado, e abandonado na escuridão.

Se ficar completamente imóvel, podia ouvir o som amortecido das vozes de seus seqüestradores que chegava até ela pelo túnel. Os dois homens tinham arreventado sua cozinha aproveitando que ela entrava com as bolsas da compra. Agora, um deles tinha um feio arroxeadado, pelo golpe que Lacey lhe havia jogado com uma lata de ervilhas. Pois o outro caminhava com um evidente desacerto pelo chute que Lacey lhe tinha dado.

Lacey só esperava viver o suficiente para poder lhe agradecer a seu irmão que lhe tivesse ensinado aquele feio golpe. Tinha tido que pagar por aquele chute recebendo uns quantos hematomas extra, mas havia valido a pena. O que lhe preocupava mais era que os dois valentões não se tinham incomodado em tampar a cara e ela havia visto suficiente na televisão para saber o que isso significava: Vou morrer. As únicas perguntas eram quando e por que.

O que tinha ou sabia ela que valia tanto como sua vida? Uma lágrima escorregou por sua bochecha. Tinha dedicado tanto tempo a encontrar uma maneira de salvar a vida de seu irmão, que lhe tinha ficado pouco para a aventura. Salvo o que tinha compartilhado com o Barak.

Inclusive pensar em seu nome lhe doía. Tinha mentido traindo tudo o que era fundamental para ela, mas isso já não importava. Ela o amava antes de averiguar o de sua traição e seguia amando-o depois. Quão único lamentava era haver-se dado conta muito tarde de que o queria. A menos que lhe escrevesse uma nota com o sangue que escorregava de suas mãos, Barak não saberia nunca.

E era uma autêntica lástima. Como ela era uma romântica inveterada, queria que ele soubesse que ao menos uma pessoa o queria. Do momento em que o conheceu, Lacey se deu conta de que ele levava com dignidade sua solidão inata, a qual formava parte dele tanto como seu cabelo negro e prateado e seus olhos claros. Barak tinha boas razões para não confiar em ninguém e, de uma forma gradual, tinha-lhe permitido a Lacey cruzar todas suas barreiras, salvo a mais importante.

Lacey ouviu uns passos que se aproximavam. Para tentar desatar-se, tombou-se de lado, mas não queria enfrentar-se a ninguém de uma posição de debilidade. Sentar-se não constituía uma grande melhora nesse sentido, mas era o melhor que podia fazer naquele momento.

O repentino resplendor de uma lanterna a cegou e Lacey voltou à cara concedendo tempo a seus olhos para que se acostumassem à luz. Quando outra vez voltou à cabeça para repreender a seu raptor, ficou boquiaberta. O homem que estava frente a ela era novo na festa. Durante uns segundos, Lacey acreditou que tinha ido salvá-la, mas então viu a pistola que sustentava na mão.

— Ben? Ben Jackson?

Lacey piscou várias vezes, pois acreditava que se estava imaginando a presença daquele homem. De todas as pessoas que conhecia, Ben era o último que teria imaginado que tomaria como refém a ponta de pistola. Ela não o conhecia muito, só de saudar-se quando se cruzavam no corredor. E, certamente, não o conhecia tanto como para ter feito algo que justificasse o ódio que brilhava em seus olhos.

— Diria-te que sinto tudo isto, Lacey, mas quando está em jogo minha próprio pele, temo-me que seu bem-estar fica relegado a um triste segundo posto — disse Ben.

A pistola tremia em sua mão e Lacey preocupou que ele disparasse por acidente antes de explicar o que estava passando.

— A que se deve tudo isto, Ben? — perguntou, e pensou que sua voz tinha divulgado extremamente acalmada, tendo em conta que tinha falado diretamente ao canhão de uma pistola.

— Esta é a única forma que tenho de conseguir a cooperação de seu irmão. Preciso sua ajuda.

O suor escorregava pela cara do Ben a pesar do frio que fazia no túnel. Era medo ou nervosismo o que fazia que estivesse tão tenso? Que tipo de ajuda necessitava do Penn? As respostas não trocariam a situação, mas, certamente, enquanto estivesse falando não apertaria o gatilho.

— Que tipo de ajuda? — inquiriu Lacey.

Ben se colocou a lanterna sob o braço com o que sustentava a pistola e utilizou sua mão livre para procurar no bolso de suas calças.

— Preciso saber o que Bane e o resto dos Paladinos sabem a respeito destas — disse, e lançou uma pedra azul do tamanho aproximado de um gude ao colo de Lacey. — Alguma vez seu irmão te mencionou algo a respeito dessas pedras? Ou esse Outro para o qual esteve abrindo as pernas?

Ben os tinha visto! A idéia fez que Lacey se sentisse furiosa e com náuseas.

— Está ciumento, Ben? Sei que Barak não é humano, mas é um homem, asseguro-lhe isso.

— te cale, porra!

Ben lhe aproximou do rosto o canhão da pistola.

— me obrigue se puder! — replicou ela, mas se arrependeu de suas palavras assim que saíram de sua boca. Como tinha as mãos ocupadas, Ben teve que contentar-se lhe dando um chute. Seu pé alcançou o lateral do joelho de Lacey com tanta potência que ela, entre pontadas de dor, ficou sem fôlego. Apesar da nova coleção de feridas, Lacey reuniu suficientes arrestos para voltar a endireitar-se e lançar ao Ben um olhar carregado de ira.

Tragando-se sua própria dor, grunhiu:

— Morrerá por isso, e sabe. Terá sorte se Penn deixar o suficiente de você para que o coronel possa recolhê-lo com uma esponja. E não será uma morte fácil. Acredito que poderiam durar horas, inclusive dias. A menos, claro, que Barak descubra o que tem feito. Então não haverá nenhum lugar na Terra, nem em seu mundo, que te afogue em seu próprio sangue enquanto te corta em pedacinhos. Vi-o matar. Não resultou agradável, e suas vítimas morreram suplicando por sua vida.

Aquilo não era de tudo certo. A velocidade com a que Barak havia matado com sua espada não tinha dado tempo para muitas conversações.

Ben lançou de novo seu pé para diante para dar outro chute.

— E pensar que ordenei a meus dois sócios que não lhe fizessem mal! Possivelmente deveria chamá-los para que se divirtam um pouco contigo antes que eu lhe mate. Pessoalmente, eu não gosto de desfrutar das sobras de um Outro. Quem sabe o que pode ter contagiado? — Assinalou com a cabeça os seus cúmplices quando apareceram pelo túnel. — Mas suspeito que eles não sejam tão suscetíveis.

Um novo temor fez que a Lacey esticasse todos os músculos. A ameaça de sofrer um abuso tinha estado no fundo de sua mente desde que a raptaram na cozinha e a introduziram na parte traseira de uma caminhonete. Mas parte desse temor se foi desvanecendo conforme passavam as horas e seus raptos não faziam o menor caso. Acaso só tinham estado esperando as ordens de Ben para...?

Não! Não permitiria que Ben lhe fizesse sentir pânico com suas ameaças! Eles podiam ter o controle sobre seu destino, mas ela controlava como reagia ante ele. Lacey levantou o queixo para olhar de frente a Ben, e ele retrocedeu um passo.

Ela sorriu antes de dizer:

— OH, sim, Barak e Penn se divertirão muito contigo! Possivelmente Trahern também os

acompanhe. Dizem que ultimamente se suavizou um pouco, mas eu se fosse você não contaria com isso. De fato, se eu fosse você, guardaria-me uma dessas balas para me voar os miolos antes que qualquer deles se aproximasse de menos de um braço de mim.

Ben olhou para trás por cima de seu ombro, como se já pudesse sentir o fôlego dos Paladinos em sua nuca. Lacey não sabia que o medo cheirava, mas Ben Jackson despedia esse aroma por todos seus poros. A doutora se mordeu o lábio inferior tentando decidir o que fazer ou dizer a seguir. Provocá-lo podia não ser a melhor tática, mas seu orgulho não lhe permitia acovardar-se.

— Agora a sério, Ben — declarou Lacey, utilizando seu primeiro nome, como aviso de que ela não era uma pessoa qualquer, a não ser alguém que ele conhecia e com quem trabalhava. — Não tem por que ficar com pânico. Se o tentarmos, podemos encontrar uma saída para tudo isto.

Ben considerou sua oferta durante um par de segundos antes de rechaçá-la.

— Você é uma puta, e seu irmão um invalido não moveriam um dedo por mim embora estivesse morrendo — disse —, mas agora eu tenho todas as cartas. Ou Penn me ajuda a averiguar o que preciso saber, ou você morrerá. — Inclinou a cabeça a um lado e acrescentou — : Em realidade, morrerá de todas as maneiras, mas ele não saberá até que seja muito tarde.

Ben partiu deixando a Lacey só na escuridão.

— Deteve-se. — Barak observou a pequena tela do aparelho durante um ou dois minutos mais antes de deixá-lo a um lado. — Seu carro deve estar aí diante, a pouca distância.

Penn dirigiu o carro à borda do estreito caminho de cascalho e desligou o motor.

— Será melhor que sigamos a pé — sugeriu. — Não podemos nos arriscar a que veja o carro e entre o pânico.

Barak assentiu enquanto agarrava a maçaneta da porta. Tinha um mau pressentimento. Ben Jackson era um homem débil, o que significava que podia deixar-se levar pelo pânico. Se o encurralavam no momento inadequado, Lacey podia morrer.

Penn se dirigiu à parte frontal do carro e esperou ao Barak. Comprovou o estado de suas pistolas enquanto o Outro fazia deslizar sua espada na capa.

— Seguro que não quer uma pistola? — perguntou-lhe.

Barak negou com a cabeça.

— prefiro minha espada me dou melhor com o aço.

Enquanto avançavam pelo caminho, mantendo-se à sombra das árvores, uma repentina quebra de onda de energia fez que Barak caísse de joelhos e se agarrasse ao tronco com todas suas forças. Penn, que não era consciente da força que se movia entre as rochas, voltou-se para o Barak com cenho.

— Deixa de tolices, Barak, não temos tempo para isto.

Barak conseguiu ficar em pé ao segundo intento.

— Não sou eu, a não ser a montanha — explicou. — O mesmo me ocorreu o outro dia quando Lacey eu estávamos por aqui.

Barak apoiou a mão em uma rocha. Com sorte, poderia absorver parte da energia que aumentava por momentos debaixo de seus pés e aliviar a tensão da montanha antes que alcançasse um nível crítico. Se funcionava, conseguiria uns quantos minutos mais a seu favor.

Mas era muito tarde. Sentiu como as rochas friccionavam entre elas empurrando-se em direções opostas. Naquele instante, não se tinha produzido a tensão suficiente para provocar uma erupção, mas se produziria, e então ninguém estaria a salvo.

— Terá que dar-se pressa. — Disse. — Não temos tempo para atuar com cautela.

— Faz tempo que não venho por aqui, mas se recordo, há duas entradas nos túneis. Alguém está justo diante de nós, e a outra, a uns trinta metros nessa direção.

Penn assinalou para o este.

Barak agarrou sua espada e alcançou ao Paladino enquanto ambos corriam pelo caminho sem preocupar-se.

— me diga onde está à entrada principal e você vai pela outra. Concederei-te dez minutos antes de entrar — disse Barak.

Penn soltou uma maldição.

— Demônio, Outro, não tem nem idéia de quantos são! Vai conseguir que lhe matem. Eu, ao menos, ressuscito de entre os mortos, mas você tem esse dom?

— Não importa. Enquanto os mantenho ocupados, você vai por detrás e resgata Lacey. Ela necessitará que lhe mostre a saída e eu não conheço estes túneis.

Penn diminuiu os passos e, ao chegar a uma curva, voltou a abandonar o caminho. Seguiram avançando, mas esta vez com mais cautela. O carro do Ben estava estacionado ao lado de uma caminhonete, debaixo de umas árvores. A porta lateral da caminhonete estava aberta, assim puderam comprovar que estava vazia. Uma jaqueta caía pendurando da caminhonete, quase até roçar o chão.

Era a jaqueta de Lacey. Ao vê-la, Barak experimentou emoções opostas de alívio e preocupação. Por um lado, implicava que tinham seguido ao homem correto, mas, por outro, por que não levava a jaqueta? Se estava nos túneis, necessitaria-a. Barak fechou os olhos e rogou aos deuses para que a jaqueta abandonada significasse que a aqueles homens importasse pouco o bem-estar de Lacey, e não que estivesse morta.

Ao ver a jaqueta, Penn apertou os lábios.

— Se lhe tiverem quebrado embora só seja uma unha, morrerão suplicando perdão — disse.

— vingaremos, com o sangue desses homens e a minha, se for necessário. Prometo-lhe isso, Penn Sebastian.

Barak levantou uma mão como garantia de sua promessa.

Penn não titubeou:

— Tirarei-a dos túneis e voltarei. Guarde-me um pouco de diversão.

— Tentarei-o. — antes que Penn se afastasse Barak o agarrou o braço. — Se não sair desta, lhe diga que eu...

A garganta lhe fechou antes de terminar a frase. Queria dizer tantas coisas a Lacey... Mas não havia tempo para palavras.

Penn assentiu com a cabeça.

— Assegurarei-me de que sabe, Barak — repôs. — E retornarei em sua ajuda.

Barak compreendeu que Penn falava de coração, embora nenhum dos dois soubesse onde se metia. Ben Jackson não estava sozinho naquele assunto e, se dispunha do dinheiro suficiente, podia ter contratado ao tipo de homens que matavam sem remorsos.

A única esperança de que seu precário plano de resgate tivesse êxito era que nem Ben nem seus cúmplices conhecessem a existência da segunda entrada. Se Barak conseguia mantê-los ocupados durante um momento, Penn poderia libertar a sua irmã. Mesmo assim, Barak temia que não conseguissem descer da montanha antes que a pressão subterrânea alcançasse o ponto crítico e o inferno mesmo caísse sobre suas cabeças.

Barak consultou o relógio que Penn lhe tinha deixado e contou os minutos que faltavam para que o Paladino estivesse em posição. Faltavam três para que Barak pudesse entrar no túnel. A pesar do desagrado que experimentava para as armas de fogo, tinha aceitado uma das pistolas do Penn. Embora sua pontaria não fosse boa, assim dispunha de outra arma para usar em caso de que o necessitasse.

Dois minutos.

Trocou o peso de perna tentando manter-se flexível e preparado para entrar em ação. Transcorreram trinta segundos durante os que comprovaram, uma vez mais, que sua espada saía com facilidade da capa. Vinte segundos. Comprovou o peso da pistola de Penn com a outra mão. Dez segundos. Olhou para o céu desfrutando da calidez do sol em seu rosto pela última vez.

Sua gente vivia na escuridão e ansiava ver a luz, mas para ele, o calor e a luz do sol empalideciam em comparação com a mulher que esperava no interior do túnel. O cabelo dourado de Lacey e seus doces olhos azuis tinham acabado com o último resto de frieza de sua alma.

Por ela, Barak retornaria à escuridão e lutaria por sua vida. E, se os deuses decretavam que devia morrer, ao menos morreria por uma causa que entendia e aceitava. Morreria pela mulher que amava e se consideraria um homem feliz.

Só tinha avançado uns passos quando ouviu que alguém corria a toda velocidade para onde ele estava. Barak se escondeu detrás de umas rochas, desencapou a pistola e esperou. Uns segundos mais tarde, Penn apareceu à vista. O Paladino um filho de puta nervoso.

Barak se levantou pouco a pouco para que o guerreiro pudesse reconhecê-lo.

— O que aconteceu? — perguntou. Penn pareceu aliviado ao vê-lo.

— O outro extremo do túnel se derrubou — disse. — Teremos que entrar os dois por aqui, embora eles estejam vigiando a entrada.

— Então verão aproximar-se da Morte.

Com uns fúnebres sorrisos, os dois homens penetraram na escuridão ombro com ombro.

— O que quer dizer com que não se pôs em contato contigo? Deixou uma nota para o Sebastian com o número do celular, não? — A voz do Ben chegou até ela pelo túnel, e se quebrou como a de um adolescente. — Te dava ordens muito concretas que até um idiota poderia entender.

Lacey se estremeceu. Não queria que Ben provocasse a seus seguidores incitando-os a matá-lo e deixando-a só com eles. Apesar de suas ameaças, Ben não tinha permitido que os dois valentões se aproximassem dela.

A discussão continuou, embora Lacey só conseguisse ouvir alguma outra palavra: algo a respeito de umas estranhas pedras azuis, dinheiro, Outros que cruzavam a barreira e dinheiro. Aparentemente, montões de dinheiro.

E, fora quem fosse quem tivesse o controle do dinheiro, tinha ao Ben Jackson morto de medo. Era um chorão covarde; um covarde que arremeteria contra todos se sentia ameaçado. Se Lacey queria continuar com vida até conseguir escapar ou ser resgatada, teria que ir com muito cuidado. A julgar pelo estado de histeria crescente do Ben, não se demandava muito para levá-lo a limite.

Ao final, ao estúpido chorão lhe acabou o fôlego e os três homens guardaram um inquietante silêncio. Lacey esperou até que ninguém falou nem se moveu durante vários minutos para reiniciar seus intentos de liberar-se de suas mãos.

Depois de um último esforço, conseguiu soltar as mãos. Sentiu-se muito bem por havê-lo conseguido e, sem fazer caso da dor nos pulsos, tentou desfazer os nós que imobilizavam seus tornozelos. Tinha os dedos intumescidos pelo frio, mas, depois de duas unhas quebradas e umas quantas maldições sussurradas, conseguiu livrar-se das cordas. Embora isso lhe servia de pouco, pois seguia apanhada entre a escuridão e a tênue luz que chegava até ela pelo túnel.

Lacey se reclinou contra a parede e fechou as pálpebras enquanto o esgotamento e a fria escuridão que a rodeava minavam suas forças. Uns minutos de descanso a ajudariam a restabelecer o equilíbrio. E necessitava todo seu equilíbrio para enfrentar-se ao Ben e seus

valentões.

Deu uma cabeçada e a sacudida fez que despertasse sobressaltada. Voltou-se de lado para apoiar melhor a cabeça, mas antes que voltasse a adormecer-se, uma pedrinha a feriu na bochecha. Lacey ficou paralisada. De onde tinha saído? Observou com fixidez a escuridão que a rodeava sem perceber mais que um vago detalhe de seu entorno.

Outra pedrinha chegou voando até ela e aterrissou em seu colo. A julgar pela trajetória, procedia de diante, de algum lugar próximo aonde seus raptos permaneciam tombados sobre o chão do túnel. Lacey esquadrinhou a profunda escuridão em busca de algum tipo de movimento. Ao final, uma figura destacou entre as sombras e se deslocou pouco a pouco para ela.

De forma automática, tentou retroceder, mas então se lembrou de que não tinha aonde ir. Se realizava o menor ruído, seus raptos acudiriam correndo e disparando a tudo o que se movesse.

Um sussurro chegou até ela flutuando na escuridão:

— Lacey!

Estava sonhando ou Penn estava realmente ali?

— Penn?

Seu irmão se aproximou dela surgindo da escuridão e materializando-se em algo sólido e confortável; inclinou-se para o Lacey e lhe sussurrou ao ouvido:

— Pode caminhar?

Ela assentiu com a cabeça e se levantou com dificuldade. Foi então quando viu uma segunda sombra detrás do Penn, uma sombra que reconheceu imediatamente. Só dois homens no mundo a queriam tanto como para arriscar sua vida para resgatá-la. Penn, seu irmão, e seu inimigo mortal, Barak.

Lacey se lançou diretamente aos braços dos dois homens. Penn lhe deu um tenso tapinha nas costas, a típica reação de irmão. Mas Barak a apertou contra seu peito compartilhando sua força com ela. Não podiam perder tempo, mas Lacey desfrutou durante uns segundos preciosos da tranquilidade que lhe transmitiram seus dois homens.

Barak tirou a jaqueta e a pôs sobre os ombros do Lacey, envolvendo-a com seu aroma e seu calor. Ela ficou nas pontas dos pés e o beijou sem importar se Penn o aprovava ou não. Tinha tido muito tempo para pensar no Barak e sabia que o homem era mais importante que seus segredos.

Penn atirou da Lacey e lhe sussurrou:

— Temos que ir antes que suspeitem algo.

Logo que tinham dado dois passos quando um ruído grave retumbou pelo túnel. Lacey não pôde conter um grito de sobressalto. Barak a empurrou contra Penn, quem conseguiu manter-se em pé com esforço.

Ben Jackson e seus comparsas gritaram assustados enquanto fragmentos de rocha se desprendiam do teto e caíam sobre eles. Quando o tremor se suavizou, Jack se voltou para dizer algo e de repente viu Penn e ao Barak. Em seguida se agachou para agarrar sua arma.

Barak já tinha a pistola na mão.

— Tira a daqui antes que isto se derrube por completo — disse ao Penn. — Eu posso realizar o processo e me encarregar desses homens.

Apoiou sua mão livre contra a parede com uma expressão séria.

— Não, Barak! — Lacey tentou liberar-se dos braços de seu irmão, mas Penn era muito forte.

— vamos irmã! — ordenou o Paladino. — Barak não poderá distraí-los durante muito tempo. Temos que sair daqui.

— Mas são três contra um! — O medo lhe rasgou o coração. — O matarão.

Penn soltou uma maldição e murmurou algo a respeito das mulheres teimosas.

— Maldita seja, ele é um guerreiro e conhecia os riscos que isto implicava! — disse. — Agora, me deixe te tirar daqui para que Barak não morra por nada. Quando estiver a salvo,

voltarei para ajudá-lo.

Lacey odiou que as palavras do Penn refletissem a opção mais sensata. Enquanto as pistolas rugiam a suas costas, Lacey olhou para trás pela última vez. Justo quando tomava a primeira curva, Ben Jackson os viu.

— Agarrem! — gritou Ben assinalando à doutora e a seu irmão, quem desapareceu correndo nas sombras.

— E uma merda, Jackson! Não vou receber uma bala por nenhuma quantidade de dinheiro!
— vociferou um dos seus capangas.

O resto da discussão ficou afogado em outra inundação de disparos e rugidos da montanha.

Penn acelerou o passo e Lacey teve que fazer um esforço por concentrar-se no lugar aonde se dirigia, nem tanto no que deixavam atrás. As lágrimas correram por seu rosto queimando a fria pele.

Então os disparos se interromperam com a mesma rapidez com a que tinham começado, e o silêncio que os seguiu foi um presságio pior que os mesmos disparos. O coração da Lacey deu um salto. Teria morrido Barak? Por favor, Deus, não! Sentiu o impulso de voltar atrás, de correr ao lado de seu amado, mas se conteve, pois sabia que se o fazia provavelmente cairia nas mãos do Ben. Assim seguiu correndo enquanto rezava pelo Barak a cada passo que dava.

Viram uma luz ao longe. O estrondo da montanha cresceu em volume e violência pisando enquanto eles saíam correndo da montanha. Quando por fim receberam a calidez do sol, a entrada do túnel se derrubou atrás deles em uma avalanche de pó e rocha. Lacey caiu de joelhos e se rodeou com seus braços enquanto um sentimento de medo e pesar profundo sacudia seu corpo.

— Não pode estar morto, Penn. Não pode estar morto — murmurou.

Ela não o toleraria. Nem sequer a montanha, com todo seu terrível poder se atreveria a apartar o dela.

«Por favor, Deus, que eu esteja no certo!»

Penn tirou seu celular, pulsou umas quantas teclas e voltou a guardá-lo no bolso. Então ajudou a Lacey a levantar-se com mais delicadeza da que tinha utilizado nunca com ela.

— Vamos, irmã — Lhe disse. — Temos que baixar até onde tenha cobertura para pedir ajuda ao Centro.

A mente da Lacey lhe dizia o que seu coração não queria, não podia acreditar.

— Não o deixarei aqui, Penn! — exclamou. — Diga o que diga Bane, quero trazê-lo de volta a casa.

— Sei. — respondeu seu irmão enquanto subiam ao carro.

— Depressa.

— Vamos.

Penn arrancou o motor e iniciou a descida pela montanha.

Quando cessou o tiroteio, Barak se surpreendeu de seguir com vida. Isso era muito mais do que tinha esperado quando ordenou ao Penn que pusesse a salvo a Lacey. Como muito, ele acreditava que poderia proporcionar uns minutos de vantagem, mas aí estava ainda, apanhado, mas respirando.

Por quê? Barak duvidava de que aos raptos lhes tivesse acabado a munição assim devia estar tramando algo. Fechou os olhos e aguçou seus outros sentidos tentando perceber alguma pista. Ainda se ouviam três corações pulsando, mas percebeu o aroma penetrante do sangue no ar. Bem! Tinha conseguido alcançar a um daqueles bodes.

Barak sorriu agradado pela potência que tinham os insultos no idioma inglês. Aqueles homens eram uns bodes, uns filhos da puta e todos outros insultos que lhe ocorressem. Tinham

posto em perigo a sua mulher e morreriam por isso. Se não por sua própria mão, sim pela fúria da montanha. A pressão subterrânea crescia além de sua capacidade para contê-la.

Agora estavam sussurrando, embora falavam muito baixo para que Barak distinguísse suas palavras por cima do ruído da fricção das rochas. Logo a montanha ensinaria a aqueles doentes o que era o verdadeiro poder. Lástima que nenhum deles fora a viver o suficiente para beneficiar-se desse conhecimento.

As forças do Barak se desvaneciam segundo a segundo. Só poderia absorver e dispersar uma pequena parte da energia da montanha antes que a erupção o esmagasse. Mas até o menor esforço nesse sentido serviria para conceder mais tempo ao Penn e Lacey.

Ao final soltou a arma deste mundo e agarrou a espada de seu pai. O tato do familiar objeto lhe transmitiu consolo e uma repentina rajada de energia renovada. Barak apartou a mão da fria parede do túnel. A montanha faria o que tivesse que fazer. Ele tinha que matar a seus inimigos e vingar a honra de sua mulher.

Barak avançou para os seqüestradores sem fazer caso dos rangidos e os movimentos do chão que tinha debaixo dos pés. Quando o viram chegar e perceberam a promessa de morte escrita na folha de sua espada e o ódio que refletia seu sorriso, o medo alagou os olhos daqueles homens.

Barak, um guerreiro apanhado entre dois mundos, desfrutou enquanto o sangue de seus inimigos brotava vermelha e quente, de seus corpos. Então a montanha se uniu à expressão de sua fúria e as rochas começaram a derrubar-se.

Enquanto cavavam na montanha, Lacey ia de um homem a outro lhes oferecendo água e sorrisos que esperava que fossem alentadoras. Não sentia nada, a dor e o sentimento de perda tinham arrasado, contudo, salvo com os pensamentos mais básicos. Respirava porque seu corpo a obrigava a fazê-lo. Comia porque seu irmão não permitiria não fazê-lo. E seu coração pulsava apesar de estar quebrado em milhares de pedaços.

A esperança também tinha morrido em todos eles. Lacey sabia pela lástima que percebia nos olhos dos Paladinos cada vez que algum a olhava. Assim que a barreira havia tornado a estabilizar-se, todos subiram rapidamente pela montanha para começar a cavar. Se seguiam fazendo-o, era como tributo à amizade que sentiam para ela. Apesar das horas de trabalho exaustivo, só tinham tirado uma pequena parte dos escombros que ocupavam o espaço do que antes era o túnel.

Mesmo assim, trabalharam durante todo o entardecer e até bem entrada a noite. Nem sequer o forte resplendor das luzes artificiais podia eliminar as sombras que invadiam a mente de Lacey. Se ao menos lhe deixassem fazer algo mais além de olhar, possivelmente as horas não transcorreriam tão lentamente para ela.

Devlin Bane surgiu da escuridão da noite.

— Lacey — disse — , por que não te deita no assento traseiro de meu carro?

— Possivelmente dentro de uns minutos — repôs ela.

Devlin há observou uns segundos e finalmente lhe deu uma palmada no ombro; o mesmo rude consolo que vários dos outros Paladinos lhe tinham dado. Devlin queria o melhor para ela, mas Lacey permaneceria acordada até que conseguissem chegar aonde Barak os esperava. Sem dúvida, todos acreditavam que baixariam um cadáver da montanha, o corpo sem vida de um inimigo que, além disso, era um herói que descansaria com honra entre os Paladinos mortos.

Embora a esperança se ia desvanecendo, isso não significava que tivesse desaparecido por completo. Cada pedra que tiravam, cada centímetro que avançavam a aproximava mais ao homem que amava, ao homem que necessitava em sua vida. Barak podia estar ferido e sangrando, mas Lacey tinha que acreditar que ele desejava viver por ela tanto como tinha desejado morrer

por ela.

Trahern passou penosamente por seu lado empurrando um carrinho de mão cheia de terra e pedras. Deteve-se e aceitou a garrafa de água que Lacey lhe oferecia.

— Acreditam que nos faltam uns trezentos metros para chegar à cova onde o viram pela última vez — disse Trahern, e desviou o olhar para onde Devlin e Penn estavam falando. — Devlin pediu a Laurel que venha, se por acaso Barak esteja ferido. Ela e Brenna chegarão a qualquer momento.

O mais provável era que o chefe dos Paladinos tivesse chamado às duas mulheres para que fizessem companhia a Lacey, mas, de todos os modos, lhe agradeceu a pequena mentira. Quem teria pensado que o duro Paladino era tão sensível?

— Obrigado, Blake — disse Lacey.

Trahern voltou a agarrar os braços do carrinho de mão e se dirigiu ao desnível pelo que jogavam os escombros, desejando poder servir de mais ajuda.

O ruído de um carro chamou sua atenção. Laurel e Brenna foram diretamente até Lacey e a abraçaram. As duas mulheres viviam com a ameaça constante de perder aos fortes guerreiros aos que amavam. Compartilhavam sua dor porque compartilhavam seu medo.

— Já o encontraram? — perguntou Laurel, que parecia especialmente afetada.

— Não — repôs Lacey. — Trahern diz que faltam uns trezentos metros. Têm que ir devagar porque não sabem até que ponto a montanha é estável nestes momentos.

Se tivesse seu equipamento com ela, possivelmente poderia lhes dizer se era seguro ou não ir mais depressa. Ao menos teria estado fazendo algo mais que olhar e esperar.

— Trouxemos sanduíches e mais bebida — disse Brenna. — Onde podemos deixar?

Lacey acompanhou de volta ao carro. Algo era melhor que contemplar a escura boca do túnel com o medo como única companhia.

Pouco antes do amanhecer, Penn se aproximou de Lacey. Seu rosto estava manchado de pó e sujeira, por isso resultava impossível decifrar sua expressão.

— Já estamos chegando, Lacey — a informou.

Ela se tirou a manta com a que alguém lhe tinha envolvido os ombros.

— Vou para lá.

— Acredito que deveria esperar até que saibamos algo mais — acrescentou seu irmão. — Ele não quereria que visse...

— Não, Penn. É para mim a quem ele precisa ver quando o encontrarmos. E eu preciso lhe dizer exatamente o que é o que sinto por ele. — Lacey inspirou fundo. — O quero, Penn. E se ele me aceitar, quero dedicar o resto de minha vida a ser feliz com ele.

— Sabe que não será fácil, irmã. Sempre existirá alguém que só o verá como a um inimigo. Mas, se significar algo para você, tem minha bênção.

— Significa-o tudo para mim. — Lacey se deixou abraçar pelo Penn. Significa tudo. Agora, vamos a sua busca.

Trahern esperava junto à entrada com um capacete protetor nas mãos.

— Não deveria entrar — disse Lacey.

— Se você estivesse aí dentro, Brenna entraria contra vento e maré — respondeu ela.

Era a pura verdade.

— Sim, sei, mas isso não significa que eu gostasse que ficasse em perigo por mim. — Trahern pôs o capacete nas mãos de Lacey. — Se for entrar, ponha isto e vá com cuidado.

Trahern abriu caminho pelo estreito passadiço que tinham aberto até onde Devlin e os Paladinos agarravam pedras com cautela e as passavam em filas separando a um lado. Quando abriram um buraco, Devlin iluminou o interior com uma lanterna e impediu que Lacey olhasse até comprovar o que havia.

Devlin se voltou com expressão sombria.

— vai procurar umas macas — disse. — Só vejo o Ben Jackson, ou o que restou dele, e a dois homens que não reconheço.

O terror que tinha ameaçado vencendo a Lacey diminuiu um pouco. Devlin seguiu separando as pedras. Quando o tamanho do buraco lhe permitiu passar os ombros, Devlin se arrastou por ele até o outro lado e desapareceu. Lacey só podia olhar e rezar.

Barak respirou. Uma vez. E outra. De novo, isso era mais do que tinha esperado depois de que a montanha deixasse de agitar-se a seu redor. Seus inimigos tinham morrido fazia momento. O medo ao terremoto evitou que oferecessem muita resistência à investida do Barak.

Embora possivelmente os afortunados tinham sido eles. A saída do túnel estava bloqueada por várias toneladas de rochas. Morreria de sede e de fome muito antes que conseguisse limpar o túnel. Quão único lamentava era não poder voltar a desfrutar da doce sensação de ter a Lacey entre seus braços.

Fechou os olhos. Sentia-se muito cansado para seguir consciente. Ao menos, em seus sonhos, ainda podia abraçar o seu amor e sentir seu corpo. Pouco a pouco, a dor que experimentava se desvaneceu e o sonho chegou para afastá-lo, amavelmente, da dura rocha que tinha sob as costas e da terra que o cobria como se fosse uma manta.

— Devlin, vou passar.

Lacey não esperou a receber o consentimento do Devlin, mas sim atravessou o buraco justo detrás dele.

Quando se encontrou frente a frente com um Ben Jackson muito, mas que muito morto, conteve um grito. Seus dois cúmplices jaziam escancarados sobre atoleiros de sangue, um pouco mais à frente. O horror que refletiam suas últimas expressões não falava de uma morte fácil.

— Toma esta lanterna, Lacey — Lhe disse Trahern. Logo começou a passar com dificuldade seus largos ombros pelo buraco. Devlin tinha chegado a uma parte do túnel que não se derrubou. Lacey o viu enfocar a lanterna de um lado a outro em busca de alguma pista do Barak.

Lacey avançou na direção oposta, para a esquerda. Devlin retornou sobre seus passos. Tinha-se encontrado ao Barak, não dava amostras de havê-lo feito. Em lugar de supor o pior, Lacey seguiu caminhando, com o olhar fixo no chão que tinha diante.

Algo que se sobressaía de um montão de pedras chamou sua atenção. Tratava-se de um sapato? Ou de uma bota? Resultava difícil reconhecê-lo na distância.

— Devlin! Blake! Aqui!

Os dois homens correram para ela enquanto Lacey apartava um montão de pedras e terra. OH, Meu Deus! O sapato ainda estava pego a uma perna. A perna do Barak!

— Barak!

Lacey não obteve resposta. Voltou a tentá-lo enquanto seguia aproximando-se de seu objetivo. Ficou de joelhos no chão e começou a tirar a punhados, terra e pedras do montão. Devlin a ajudou, Trahern sustentava em alto a lanterna para que pudessem ver o que estavam fazendo.

— Está...? — Lacey apoiou a mão na perna do Barak e quase desmaiou de alívio ao comprovar que sua pele estava quente. — Está quente, Devlin!

Não demoraram muito em abrir a capa de terra e pedras que cobria ao Barak da cabeça aos pés. Quando Lacey lhe tocou o rosto, Barak se agitou levemente e murmurou algo a respeito de uns sonhos. Sua voz foi o som mais doce que ela tinha ouvido em toda sua vida.

— Está vivo! — exclamou.

Devlin sorriu.

— vou procurar a Laurel.

Lacey cobriu a bochecha do Barak com sua mão e o chamou por seu nome.

— Barak, carinho, acordada. Temos que saber se está ferido gravemente.

Lacey agarrou a mão do Barak e a esfregou entre as suas. Trahern lhe estendeu sua jaqueta para que o cobrisse com ela.

Finalmente, Barak piscou e olhou a Lacey com os olhos semi-aberto. Seu sorriso eliminou os calafrios que durante as últimas horas tinham ocupado o coração dela.

— Lacey, sabia que sonharia contigo até a morte — disse.

— Não está sonhando, minha vida. Estou aqui de verdade.

— Está segura?

Barak tentou levantar a cabeça, e Trahern se inclinou até situar-se em sua linha de visão.

— Ela é real, Barak — Lhe disse. — Além disso, se estivesse sonhando, apareceria eu em seus sonhos?

Barak negou lentamente com a cabeça e abriu muito os olhos pela surpresa. As lágrimas que Lacey tinha estado contendo durante toda a noite se desataram enquanto apertava a mão do Barak entre as suas.

— Sei que não está acomodado, mas tenta te manter tranqüilo até que consigamos te tirar daqui — sussurrou Lacey.

— Tenho que te dizer...

A voz do Barak se apagou, cada vez mais seca e áspera.

Lacey procurou a garrafa de água que levava na mochila e a pôs nos lábios.

— Bebe devagar — Lhe disse. — Teremos tempo de sobra para falar mais tarde.

— Não, agora.

Para que estivesse tranqüilo, Lacey lhe sussurrou ao ouvido:

— Sinto me ter zangado pelo de seus dons. São teus e deve utilizá-los como queira. Isso não faz que te queira menos.

Os bonitos olhos claros do Barak procuraram os seus.

— Não imagino o mundo sem você, Lacey.

Trahern pigarreou.

— Né! Poderiam guardar as suscetibilidades até que estejamos fora daqui?

Laurel apareceu pelo buraco seguido do Devlin, quem transportava uma maca. Laurel examinou rapidamente as feridas do Barak e depois fiscalizou aos Paladinos enquanto o colocavam na maca. Lacey soltou a mão do Barak a inapetência enquanto começavam o delicado processo de transportar a maca pelas estreitas paredes do túnel.

Os Paladinos estavam alinhados um e outro lado do caminho e se afastaram para fazer avançar a maca do amor ferido de Lacey. Quando por fim o tiraram a luz do dia, cada um deles insistiu em lhe estreitar a mão ou lhe dar uns tapinhas no ombro, até que o introduziram na parte traseira da caminhonete. Um helicóptero esperava em um campo de mais abaixo para levá-lo às instalações médicas dos Regentes.

Antes que entrassem ao Barak no interior do helicóptero, Penn abraçou a sua irmã. Continuou segurando a mão do Barak.

— Estou em dívida contigo — Lhe disse — por salvar a vida de minha irmã e a minha. — Retrocedeu um passo. — Cuida de meu futuro cunhado, Lacey. Ainda tenho que receber umas quantas lições de luta dele.

— Em nenhum momento falamos que íamos casar, Penn! — protestou ela.

— Estaria louca se permitisse que te escapasse um homem que te quer tanto. — Penn lhe deu um empurrãozinho para a porta do helicóptero.

– Já me avisará quando tiver que alugar o smoking.

Enquanto Lacey entrava no helicóptero, Barak declarou:

– Diga-lhe que o alugue logo. Bom, se você me aceitar. Definitivamente, aquele era um dia de lágrimas e sorrisos.

– Aceitarei-te como é, Barak – repôs ela. – Quero-te.

Lacey se inclinou e, procurando não mover a seu guerreiro ferido, deu-lhe um beijo nos lábios; promessa de muitos anos que estavam por chegar.

Epílogo

Cullen contemplou a carta do Barak. A luz que despidia a barreira fazia que as letras titilassem e dançassem. Chamava-se Lusahn. Cullen seguiu o contorno do nome com os dedos e pensou na mulher que esperava ao outro lado. Enquanto aquela imagem ocupava todos os rincões de sua mente, sua mão subiu até a pequena cicatriz que tinha na bochecha.

O dia que lutaram, ela o marcou de outras formas que não se refletiam externamente. Inclusive agora, depois daquele enfrentamento, Cullen ainda podia vê-la movendo-se com a segurança e a potência de uma autêntica guerreira combinadas com a graça de uma formosa mulher. Seria igual apaixonada como amante que como competidor?

Cullen sorriu e supôs que ela o cortaria em pedacinhos só por pensar semelhante coisa.

A barreira voltou a debilitar-se. Cullen desejou que agüentasse um pouco mais, porque a maioria dos Paladinos ainda não tinha retornado de resgatar ao Barak. Os detalhes do que tinha ocorrido ainda eram escassos, mas, pelo visto, o inimigo mortal dos Paladinos tinha arriscado tudo para salvar a Lacey Sebastian. Sofreu feridas leves, mas Laurel se encarregaria de que recebesse os melhores cuidados.

O deviam, por salvar a uma dos seus. Sem lugar a dúvidas, a partir daquele momento já não seria só o Outro adotado por Laurel, a não ser um membro aceito e reconhecido de sua estreita comunidade. Seguro que, a curto prazo, não poderia cruzar a barreira.

O que deixava ao Cullen em seu lugar, esperando junto à barreira para lançar a carta ao outro lado. Mas alguém tinha que avisar à irmã do Barak de que seu irmão não iria ao encontro. Cullen olhou a ambos os lados do vazio túnel.

Sorriu e sacudiu a cabeça. Cruzaria a barreira para dizer a Lusahn que os dois mundos tinham que cooperar e pôr fim ao derramamento de sangue. Perguntou-se se viveria o suficiente para poder fazer algo mais que lhe entregar a nota. Isso esperava. Desejava com toda sua alma saborear a paixão daquela mulher.

A barreira flutuou, despediu um brilho e se apagou.

Ali estava ela, a escassa distância de Cullen, com seus pálidos e zangados olhos centrados somente nele. O Paladino a saudou com um gesto da cabeça, embainhou a espada e avançou uns

passos. A folha da espada dela se apoiou no pescoço do Cullen enquanto a barreira se restaurava, lhe fechando a única via de retirada possível.

Cullen sorriu sabendo que enfrentava a seu destino final ou a seu futuro. Abriu os braços e esperou para descobrir de qual das duas possibilidades se tratava.

* * *

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento e reconhecimento a todos os escritores e profissionais da indústria literária que conheci ao longo de minha carreira. Sua amizade e generosidade com seu tempo e conhecimentos têm feito que minha viagem seja ainda mais especial. Esta profissão resultaria muito solitária sem vós.

* * *

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Alexis Morgan nasceu no St. Luis e vive com seu marido em uma pequena cidade próxima a Seattle. Sempre foi uma leitora ávida que cresceu lendo novelas românticas góticas e do oeste. Possivelmente seja esta a razão de que desenvolvesse um autentico entusiasmo pelos heróis que se mantêm fiéis a seu código de honra, já seja enfrentando-se aos seus inimigos a ponta de pistola ou lutando ombro com ombro com seus companheiros, com as espadas em punho.

Alexis Morgan é autora de duas novelas anteriores da série dos Paladinos, O Protetor e O Defensor, ambas publicadas nesta coleção.

O GUERREIRO DA NOITE

Depois do O Protetor e O Defensor, Alexis Morgan continua sua série de novelas românticas paranormais para nos contar a história de um guerreiro misterioso e seu amor proibido por uma mulher que pertence ao mundo de seus inimigos mais acérrimos...

1. Dark Protetor (2006) / O Protetor (2008)
2. O Defensor (2006) / O Defensor (2008)
3. In Darkness Reborn (2007) / O Guerreiro da Noite (2009)
4. Redeemed in Darkness (2007)
5. Darkness Unknown (2009)

Alexis Morgan